



9 milímetros. Um herói a cada polegada.

UNFURRY DRAKE

**OS FILHOS DA
SCARLATTI**

"Um livro contagiante! Ação explosiva e maluquices.
Será que eles vão conseguir salvar o mundo?"

- *Mr. Ripley's Enchanted Books*

JOHN MCNALLY

#irado

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Sumário

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Dedicatória

ARQUIVO ULTRASSEGURO — NÃO DEIXAR REGISTRO

Epígrafe

Primeira Parte

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

SETE

OITO

NOVE

DEZ

Segunda Parte

ONZE

DOZE

TREZE

QUATORZE

QUINZE

DEZESSEIS

DEZESSETE

DEZOITO

DEZENOVE

VINTE

VINTE E UM

Terceira Parte

VINTE E DOIS

VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

Quarta Parte

TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO

TRINTA E CINCO

TRINTA E SEIS

TRINTA E SETE

TRINTA E OITO

TRINTA E NOVE

QUARENTA

QUARENTA E UM

QUARENTA E DOIS

QUARENTA E TRÊS

QUARENTA E QUATRO

QUARENTA E CINCO

QUARENTA E SEIS

QUARENTA E SETE

QUARENTA E OITO

NOTAS

JOHN MCNALLY

9 milímetros. Um herói a cada polegada.



INFANT Y BRANKE

**OS FILHOS DA
SCARLATTI**

Tradução
Paulo Polnozoff Jr.

#irado

Título original: *Infinity Drake – The sons of Scarlatti*

Copyright © John McNally 2014

Copyright © 2014 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2014

Produção editorial:
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

McNally, John

Infinity Drake - Os filhos de Scarlatti / John McNally ; tradução Paulo Polzonoff Junior. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2014.

Título original: The sons of Scarlatti.

ISBN 978-85-8163-509-5

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-03514 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 – Parque Industrial Lagoinha

14095-260 – Ribeirão Preto – SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para meus filhos, Rose, Huw e Conrad, com amor eterno e um terço de participação nos meus direitos autorais*.

* dependendo das condições

ARQUIVO Nº: GNTRC 9437549 ██████████ CC/ DRAKE

ULTRASSECRETO — CONFIDENCIAL — ██████████ RESTRIÇÃO ULT9

RESUMO DO ARQUIVO: (.1) NARRATIVA EM PONTOS DE VISTA MÚLTIPLOS DA OPERAÇÃO

SCARLATTI COM BASE EM ██████████ ANÁLISES E ENTREVISTAS COM TODOS OS PARTICIPANTES. ENTREVISTAS CONDUZIDAS E EDITADAS POR ██████████nn.

DADOS TÉCNICOS DE APOIO DAS FONTES GNTRC ██████████

██
██
██
██
██
██

RELATOS INCLUEM: DETALHES OPERACIONAIS COMPLETOS, TOMADAS DE DECISÕES. n ██████████ CONTEXTO PSICOLÓGICO/EMOCIONAL COMPLETO.

ATUALIZAÇÃO —

ATUALIZAÇÃO DO ARQUIVO ██████████ (.2) PARA REFLETIR O TESTEMUNHO E INTERROGATÓRIO DE ██████████

██
██

ACESSO RESTRITO: PRIMEIRO-MINISTRO/ SECRETÁRIO DE GABINETE/ SECRETÁRIO DE DEFESA DO ESTADO/ CHEFE DO ESTADO-MAIOR/ PRESIDENTE GNTRC.

ACESSO RESTRITO PARA SEMPRE: A. ALLENBY/ DRAKE.

ACESSO DE ESTUDO RESTRITO (VERSÃO REDIGIDA: NÍVEL DE LIDERANÇA E COMANDO TÁTICO ULT).

ARQUIVO ULTRASSEGURO — NÃO DEIXAR REGISTRO

Porque, se não deixares ir o meu povo, eis que enviarei enxames de moscas sobre ti, e sobre os teus servos, e sobre o teu povo, e às tuas casas; e as casas dos egípcios se encherão desses enxames, e também a terra em que eles estiverem.

Êxodo, 8:21

Considere-se com sorte. Até aqui.

Soldados de seis pernas — usando insetos como armas de guerra,
Jeffrey A. Lockwood, OUP, 2008



Primeira Parte



UM

— Isso é exatamente o que aconteceu a Liz e Lionel quando Kismet desapareceu em seu ano sabático...

A avó de Finn ficou diante do portão de embarque, irritada.

— Vovó! Ele está no prédio. Ele estará aqui a qualquer momento — disse Finn.

Estavam esperando que o tio Al aparecesse. Ele deveria assumir o lugar da vovó enquanto ela tirava uma folga merecida — voando para Oslo para um “cruzeiro de tricô” ao redor da Escandinávia com mais cem entusiastas grisalhas dessa arte.

Al prometera aparecer na casa da vovó na noite anterior.

Depois Al prometera encontrá-los no aeroporto, sem falta.

Depois Al prometera — agora mesmo, pelo telefone — encontrá-los no portão de embarque.

Mas Al... bem, Al era Al, e nada era certo, e o jeito de a vovó lidar com a irritação que seu filho lhe causava, desde quando era bebê até agora, trinta e dois anos mais tarde, era encher a atmosfera com uma torrente incansável de palavras ansiosas.

— ... Kismet o mais velho com as tatuagens eles tiveram de voar para Kinshasa custando cinco mil libras coitadinha ela perdeu o telefone era não saber se ela estava morta ou viva você não pode imaginar o que isso faz a um pai — *onde está ele?* — eu cuidei dos gatos deles mesmo problema de bexiga de um tigre...

— *Última chamada, passageira Violet Allenby, voo 103 para Oslo, por favor, siga imediatamente para o portão 15,* anunciou a voz no sistema de alto-falantes.

— ... John muito solícito me levou até o jovem veterinário Woking da Nova Zelândia adorável menina comida úmida com tratamento homeopático...

— Vovó! Por favor!

— Posso pegar o próximo voo...

— Nããããão, vovó! — Finn deu meia-volta, frustrado.

— Infinity! — gritou ela. — *Não vou sair daqui.*

(Infinity. Tudo o que Finn sabia sobre seu pai — tudo o que ele precisava saber — era o seu próprio nome. Quem batizaria o filho numa referência a um conceito matemático? Exatamente o tipo de homem que se era de imaginar — diria a mãe de Finn, se divertindo, dizendo que foi o que ela conseguiu fazer para impedir que ele fosse batizado de $E=mc^2$).

— Al está *aqui!* Vou ficar *bem!*

— Não está! Uma coisa da qual se pode ter certeza é que nunca se pode contar com Al. Ele diz que “está no prédio”, mas isso pode não significar nada. Pode significar um edifício imaginário, pode significar um edifício noutro continente ou planeta...

— Vovó, pegue seu voo!

— Tenho minhas responsabilidades. Você é uma *criança...*

— Sou *quase um adolescente.*

— ... e se você acha *mesmo, se ele acha* que vou abandoná-lo num aeroporto cheio de germes, fugitivos e terroristas internacionais...

E então, graças a Deus, ali perto, parecendo que tinha acabado de cair da cama, surgiu Al.

Um metro e oitenta e sete e magro como um graveto, parte músculo e parte ossos, parte arame, jaqueta de camurça e uma calça de veludo tão gasta que quase se desfazia, cabelos escuros, olhos ainda mais escuros, óculos de marca grudados com uma fita adesiva, o braço erguido num cumprimento surpreso, como se estivesse apenas passando e tivesse nos visto por acaso.

— Alan! Onde é que você estava?

— Ah...? Estava no meio de uma coisa. — Ele achava que isso bastaria. — Por que você ainda está aqui?

Au!

Numa coleira ao lado de Al estava um vira-lata alegre e alto (uma espécie de cruzamento entre um canguru hiperativo e um spaniel, Finn sempre pensava).

— O que você está fazendo com o Yo-yo? Não se pode entrar com cachorros aqui!

— Eu o vi *preso do lado de fora*. Ele estava *chorando*.

Os policiais do outro lado do salão já começavam a notar.

— Maravilhoso! Agora vamos ser todos presos... — disse a vovó.

— Temos de tirá-la daqui — disse Finn para Al.

Com isso, Al pegou a vovó no colo como se ela fosse um bebê, deu-lhe um beijo no rosto e a colocou no chão de novo, apontando na direção certa.

— Pelo amor de Deus, tenho sessenta e três anos!

Finn lhe entregou a mala de rodinhas e, junto com Al, ele a acompanhou pelo portão de embarque como um relutante animal de

fazenda.

— Você falou com a Senhorita Jennings? Ela concordou em levar e trazer Finn da escola.

— A Senhorita Jennings e eu nos falamos o tempo todo — confirmou Al.

— Vá, vovó.

— Você está mentindo! — reclamou ela. — Todas as refeições estão no freezer, marcadas...

— Todas as refeições estão no freezer, todas as facas e garfos estão nas gavetas, há portas e janelas que permitem acesso ao espaço... — interrompeu Al.

— As chaves!

— ... as chaves que estão no bolso de Finn, bolsos que são um apêndice de tecido costurado no alto da sua calça. Vamos lá, mamãe! Eu consigo aquecer lasanha e fazê-lo se comportar por uma semana!

— Duvido muito!

Agora ela estava sendo incentivada a prosseguir por um funcionário de rosto avermelhado do aeroporto.

— Amo você, vovó, divirta-se!

— Você também, querido, mas tome cuidado. Al? Alan?

— Prometo que ele ficará bem. Vá!

Enquanto a vovó finalmente desaparecia no setor de imigração, Finn se ajoelhou de alívio, Yo-yo lambendo seu rosto.

Al olhou para Finn, intrigado, e disse:

— Ela mencionou *escola*?



Quinze minutos mais tarde, vovó estava no ar e Finn e Al saíam de Heathrow e entravam na M25 no De Tomaso Mangusta 1969 cinza prateado de Al, o carro mais extraordinário construído artesanalmente na Itália, barulhento e baixo, um cupê V8 monstruoso com 221 cavalos de potência. Yo-yo uivava e amava. Finn *adorava* o carro. A vovó achava que era um carro ridículo e mais um bom exemplo da irresponsabilidade financeira de Al.

— Cansei de roupas caras e não consigo pensar em nada melhor pra gastar meu dinheiro — Al lhe dizia, algo que Finn sabia ser apenas em parte verdade, porque mais de uma vez ele encontrara cheques de Al na bolsa da vovó, e eles pareciam enormes. Por mais estranho que fosse o comportamento de Al, as pessoas ainda assim queriam uma parte dele — empresas precisando de conselhos técnicos, indústrias farmacêuticas procurando reconstituir moléculas, governos sem saber como solucionar o problema do lixo nuclear. Todos procuravam Al.

Ele administrava um pequeno laboratório no centro de Londres e era um “tipo de cientista”: um químico atômico com uma mente criativa que considerava difícil se adequar a uma só categoria — na ciência e na vida.

Ele era a única pessoa, pelo menos era o que dizia, a ter sido demitida da Universidade de Cambridge, Inglaterra, e Cambridge, Massachusetts, no *mesmo semestre* (por questionar o Modelo Padrão da física nuclear por meio do Paradoxo do Neutrino do Tau e por derrubar peixe quente num economista de direita durante um jantar, respectivamente).

Al via isso como prova de sua fibra moral. A vovó via isso como prova de insanidade e rezava para que não fosse uma praga de família. Depois de criar duas crianças totalmente indomáveis, ela resolvera proteger seu único neto em dezesseis tons de lã de algodão.

Finn já tinha o mesmo físico magro e descoordenado de Al, mas tinha cabelos loiros que cresciam em várias direções ao mesmo

tempo (“do seu pai”), e olhos profundamente azuis (“da sua mãe”), e agora a vovó temia que ele tivesse herdado uma tendência a ter suas “próprias ideias” sobre as coisas também (rejeitando todas as comidas amarelas, exceto tortas, mencionando o “comportamento belicoso” de uma professora numa recente reunião de pais e citando seus “problemas com a religião” com um vigário, *durante um funeral*).

Não que Finn quisesse irritar alguém. Ele estava apenas tentando estar um passo à frente do tédio, o que significava — como ele afirmou no seu perfil no Facebook — “não estar no mesmo planeta que a escola”. Ele adorava a vovó e se esforçava ao máximo para não lhe causar qualquer sofrimento desnecessário — evitando esportes perigosos, conflitos no parquinho e passatempos potencialmente letais (e ao mesmo tempo mantendo seu direito à autodefesa, claro. E quem podia resistir à ideia de fabricar fogos de artifício em casa? Ou andar de skate na piscina do vizinho ou praticar saltos mortais no concreto ou...).

Quando Finn estava com Al, não havia regras.

Os tios das outras pessoas jogavam golfe. Os tios das outras pessoas podiam lhes dar dez libras no Natal. Al ficava feliz em ver cada momento como uma oportunidade de descoberta e entretenimento e *nunca dizia* não. Até mesmo Finn percebia que isso podia ser uma loucura, mas estar com ele era realmente muito empolgante.

— Eu o estou treinando — dizia Al sempre que a vovó reclamava.

— Para quê? — perguntava ela, aterrorizada (porque sabia que ele às vezes vivia num mundo secreto). Para a vida, achava Finn, confiando completamente no treinamento de Al, já que, se a cabeça de seu tio estava sempre nas nuvens, seu coração estava sempre no lugar certo. Sim, ele era instável e irresponsável, sim, ele podia ter “uma relação difícil com as coisas” (o que incluía estacionar, perder coisas e uma inabilidade com a limpeza), mas ele preenchia a lacuna

entre a vida cotidiana e a vida como ela deveria ser — impulsiva e instrutiva e cheia de coisas que explodiam.

Ele aparecia a cada duas semanas, às vezes ficando por uma semana durante o período de festas ou durante todo o verão, depois que a mamãe morreu.

— Você arrumou a mala? — Al perguntou de repente.

— Sim!

— Pegou seu passaporte, viu a data de validade?

— Sim.

Au!, acrescentou Yo-yo.

— Preparou todas as coisas?

— Na garagem, todas enfileiradas.

— Armas? Você sabe que eles ainda têm lobos?

— M60 com lançador de granada.

— Ah! Isto não é um jogo de Xbox, é vida ou morte. Protetor solar?

— Protetor solar, óculos de sol, barraca, roupas, instrumentos à prova d'água, canivete suíço, barra de chocolate, tocha, isqueiro, GPS de mão. Tenho até mesmo um travesseiro explosivo.

“Confie em si mesmo” era uma das Três Grandes Regras da Mamãe. *“Você nem sempre pode confiar nas outras pessoas”*.

As coisas de Finn pesavam 6,5 quilos numa elegante mochila.

Ele estava preparado para qualquer situação.

— Aposto que você só se lembrou de que iríamos esta manhã! Aposto que você nem tomou banho! — Finn provocou Al.

Al se fingiu de ultrajado.

— Ei! Tenho cartões de crédito, um guia de restaurantes e meio

tubo de Pringles. Agora vamos carregar e ir em frente.

Dia 1, 7h33 (horário de verão). Hook Hall, Surrey, Reino Unido

Seis carros em um comboio estacionaram silenciosamente do lado de fora do Hook Hall.

Eles eram esperados. Pouco se disse.

Num dos veículos estava o Comandante James Clayton-King (Harrow, Oxford, Marinha Real, Ministério da Defesa, Serviço de Inteligência, Presidente do G&A), chamado simplesmente de Rei. Não o Rei alegre das canções de ninar, e sim o rei cruel e poderoso. Pele clara, queixo proeminente, inteligência profunda. Ele não era tão ameaçador quanto seus olhos ocultos sugeriam, mas gostava de parecer assim.

Dois oficiais do Serviço de Segurança saíram do carro, um manteve a porta aberta. Dos carros atrás, mais importantes personagens surgiram da mesma forma, incluindo o General Mount do Estado-Maior, três ajudantes o acompanhando.

Eles foram levados pelo complexo até chegarem à Câmara de Análise do Campo Central (CACC), um armazém gigantesco de concreto onde os pesquisadores podiam recriar e controlar qualquer clima ou ambiente imaginável, dos desertos lunares até a floresta tropical, e golpear ou explodir ou envenenar as coisas só para ver o que acontecia. Em essência, era um gigantesco tubo de ensaio e apenas um dos centros de pesquisa assim existentes no mundo^[1].

Eles subiram na ponte de aço até uma galeria de vidro reforçado e concreto que margeava o espaço. Outros já estavam lá: uma mistura eclética de soldados, cientistas, engenheiros e pensadores.

Um grupo de especialistas de óculos de um instituto de pesquisa em Salisbury Plain estava timidamente reunido. Pareciam homens que não haviam dormido.

Houve apertos de mão e meneios de cabeça, mas nenhuma empolgação. Ofereceu-se chá e café, tudo recusado. Uma seleção de biscoitos permanecia intocada.

O Comitê Global Não Governamental de Resposta a Ameaças (popularmente conhecido apenas como G&A) foi formado em outubro de 2002 para responder a ameaças extraordinárias à segurança mundial e ao tecido que compõe a civilização ocidental. Ele continha quatorze membros especialistas e um núcleo de tomada de decisões de cinco pessoas, incluindo o Comandante King como presidente. Haviam sido obrigados a se encontrar apenas três vezes na última década^[2], e sabiam que, qualquer que fosse o motivo para estarem aqui, era algo sério.

Mortalmente sério.

Um técnico disse:

— Pronto quando o senhor estiver.

— Bom. Feche a sala — disse o Comandante King.

Ele esperou que as portas e cortinas fossem fechadas.

— Agora... Vocês devem estar se perguntando por que foram chamados.

Sua voz era grossa e habituada a dar ordens — controlada, direta e, ainda assim, bastante teatral.

— Bem, um dos nossos cientistas está desaparecido. E *parece* que ele lançou... isto...

O técnico acionou uma chave e, na tela, numa escala enorme, apareceu uma imagem...

DIA UM, 7h41 (horário de verão). Willard's Copse, Berkshire, Reino Unido

Matar matar matar matar matar matar matar matar...



DOIS

— Lâmpada anti-insetos? — disse Al.

— Certo — disse Finn.

— Redes?

— Certo.

— Armadilhas?

— Certo.

— Pinos?

— Certo.

— Potes?

Au!

— Cachorro idiota.

Eles estavam de volta à velha casa da vovó, repassando as coisas que Finn reunira para a viagem.

— Acetato etílico?

— O Agente da Morte? — brincou Finn. — Certo.

— Cartões e spray fixador?

— Certo! Está tudo aqui, vamos!

Au!, concordou Yo-yo (particularmente alegre, já que “vamos” significava “correr para fora com Yo-yo”), saltando em Finn tão empolgado que o fez derrubar uma caixa de sapatos cheia de soldados de plástico da estante, espalhando-os pelo chão da garagem.

— Ah, legal — disse Finn, tendo de recolhê-los um a um.

— Deveria haver molinetes de pesca por aqui... — disse Al, procurando em meio a uma década de tralhas acumuladas nos fundos da garagem.

Finn participou de uma procura semelhante em seu primeiro verão na casa da vovó, quando descobriu os instrumentos da coleção de insetos da infância de Al atrás de um defunto Mini. Ele e Al montaram a lâmpada anti-inseto, um aparato brilhante, no quintal dos fundos, e ficaram lá durante boa parte da noite coletando e catalogando vários insetos atraídos pela luz.

A vovó não viu aquilo como a maneira mais adequada de sofrer a morte de uma mãe, uma irmã e uma filha. Mas eles eram homens, e homens eram diferentes quando se tratava de emoções, principalmente emoções fortes, e, se organizar insetos mortos os ajudava, que fosse. Ela também sabia que sua filha, onde quer que estivesse, estaria aprovando o fato de os dois formarem uma união tão estranha e inquebrável.

A segunda das Três Grandes Regras da Mamãe para Finn era: “*Seja você mesmo*”.

Finn nunca soube ao certo o que isso significava, mas terminou com 108 espécies diferentes de insetos nativos em vários estados de conservação grudados em dois cartões A3 sobre a lareira do seu quarto.

Bombus lucorum, *Bombus terrestris*, *Bombus lapidarius*
(mamangavas de nomes tão curiosos que faziam sua boca se

divertir); formigas cortadeiras, mineradoras e carpinteiras; besouro-de-igreja, bicho-da-farinha e besouros comuns; carochas grandes e pequenas; joaninhas; sínfitos (você deveria ver as asas deles), moscas; incríveis libélulas e donzelinhas (algumas irritadas); traças e mais traças — quase todos os tipos de vespas; e borboletas suficientes para uma galeria de arte — borboleta-de-concha-de-tartaruga e borboleta-vermelha e Camberwell, borboleta-zebra e borboletas-brancas.

A escrita nas etiquetas era infantil, e alguns dos alfinetes e tachinhas faltavam, mas as amostras em si ainda estavam ótimas. Ele sabia tudo sobre os insetos; ele lera todos os livros e artigos. Ele podia recitar todos os seus nomes e características.

Finn se perguntava se seu interesse era apenas natural ou algo que ele estava forçando para criar uma conexão com seus pais, que tinham sido cientistas, os dois (logo depois de nascer, ele perdera seu pai, Ethan, num acidente de laboratório, e a mãe mais recentemente, para um câncer). De qualquer forma, era bom. E, quando Al lhe perguntou o que ele gostaria de fazer em sua “folga” da vovó, Finn imediatamente soube que queria aumentar sua coleção de insetos.

— Ótima ideia. Que tal os insetos cegos dos Pirineus? — perguntou Al. — Esquisitos *Ungeheuer* sem olhos encontrados nas mais profundas cavernas nas montanhas, insetos que evoluíram durante vinte milhões de anos em total escuridão!

— Pirineus?

— É uma cadeia de montanhas entre a França e a Espanha.

— Sei onde é, mas a vovó...

— Nunca conte nada para a vovó; isso só a deixa preocupada e depois você não consegue calá-la.

Antes que Finn percebesse, a viagem estava acertada.

— Vamos pegar a estrada — disse Al, reaparecendo dos fundos da garagem com dois molinetes e dois potes velhos de tabaco. —

Temos de chegar à balsa até as três.

Finn estalou os dedos e Yo-yo correu feliz para a parte de trás do Mangusta, porque tudo o deixava feliz. Hora do banho. Ficar preso do lado de fora na chuva. Ouvir bronca. E, agora mesmo, sendo levado para um termo de encarceramento no canil.

No caminho, Al ligou para a secretária da escola de Finn, Srta. Jennings, dizendo, com uma cara totalmente séria, que ele era o dermatologista “Dr. Xaphod Schmitten, com X-A-P-H...”, e que estava levando Infinity Drake para sua clínica particular por causa de um “caso sério de dermatite seborreica”.

— É absolutamente necessário dar início à esfoliação.

Se tudo corresse bem, o menino teria alta em uma semana — continuou Al —, apesar de ele poder ficar completamente careca, e, neste caso, qual era a política da escola sobre “usar um véu ou peruca por razões médicas?” — A secretária, alarmada, o deixou na espera para consultar uma autoridade maior e depois voltou ao telefone para perguntar se ele poderia citar seu nome de novo. — Claro — disse Al —, *Herr Doktor Xaphod Schmitten, com X-A-P...* — e daí fingiu que a ligação caiu por falta de sinal.

— Isso tem que dar certo.

Ele freou bruscamente diante do canil.

— Solte o cão. Vamos.

Finn respirou fundo.

— Vamos, Yo-yo.

O cachorro saiu do banco de trás e seguiu Finn até o canil, empolgado com os barulhos e cheiros dos outros cachorros. Depois de preso em sua gaiola, porém, Yo-yo se sentou e começou a uivar.

A mãe o comprara para Finn assim que percebeu que estava doente. Era obviamente uma terapia, e deu certo.

Finn tocou seu peito. Arranhou a pedra. Apesar de não compreender totalmente o conceito de “alma” da sua mãe, ele havia muito tempo decidira que, se havia uma coisa assim, então a alma vivia na pedra que pendia de um colar de couro em volta de seu pescoço. Parecia algo tolo, mas, na verdade, era uma pedra que se chamava esfalerita que sua mãe sempre usava. Quando você a arranha — com sua unha ou qualquer coisa —, ela brilha. Triboluminescência, chamava-se esse fenômeno, mas nem a ciência sabia ao certo como funcionava ou por quê. Em parte era por isso que Finn adorava a pedra. Era misteriosa e científica e era da sua mãe e tinha um nome legal. Se um dia ele tivesse uma filha, ela ia se chamar Esfalerita Triboluminescência.

Finn se aproximou e fez uma última carícia no pescoço de Yo-yo.

Yo-yo achou que o cruel jogo do “tranque-seu-cachorro” tinha acabado e se deitou de costas, oferecendo a barriga para ser coçada.

Que idiota.

Era em momentos como esse que Finn se lembrava da terceira e última Grande Regra da sua mãe, dita nos seus últimos dias de vida, quando não parecia que ela estava morrendo, e ela lhe dava muito afeto e instruções.

— Se você estiver em dúvida, faça o que seu coração mandar, e, o que quer que aconteça... *siga em frente.*

Al observou, pasmo, enquanto no minuto seguinte Finn saiu do canil — seguido por Yo-yo.

— O que...?

Au!

Finn entrou na frente, Yo-yo se sentou atrás.

— Mamãe... — Finn começou a dizer. E Al sabia o que viria em seguida: — *A mamãe não o deixaria assim.*

— Por que você...?

Era uma regra emotiva e completamente absurda entre eles, nunca explícita, a de que, se Finn ou Al invocasse a mãe dele, o outro tinha de obedecer. A regra era estrita e sujeita ao abuso (“*Minha irmã o teria amado por me preparar outra xícara de chá...*”, “*Minha mãe teria adorado o FIFA 14 no PSP...*”), mas era uma regra que Finn não tinha nenhuma intenção de cancelar. Seria preciso que Al bancasse o adulto e quebrasse o encanto para colocar fim à loucura, mas Al não era nem um pouco assim.

Com isso, seis minutos mais tarde eles estavam do lado de fora da igreja.

Christabel Coles, vigária da Igreja de São Tiago e São João na vila de Langmere, Bucks, gostou de Finn desde que — em meio ao funeral da sua mãe, com onze anos — ele estendeu a mão para parar o culto e exigiu saber o que *exatamente* era uma “alma” e, se a alma existe, então *exatamente* onde estava sua mãe agora? Christabel fez uma pausa e disse:

— Boa pergunta.

E se sentou com suas vestes, ignorando a congregação reunida, para discutir o assunto com Finn. Foi interessante, esclarecedor e inconclusivo, mas ajudou os dois a atravessarem o dia, e eles se tornaram grandes amigos e se permitiram várias conversas como essa desde então, sempre na companhia desse... abençoado cão, que Christabel não teve coragem de contar a Finn, mas considerava uma das criaturas mais difíceis criadas por Deus.

Finn disse que não podia mais deixar Yo-yo preso em canis.

— ... tanto quanto você deixaria um rico passar pelo olho de um camelo ou coisa assim. Sabe de uma coisa, Christabel? Você pode cuidar dele? Virei à igreja na semana que vem, de verdade...

Ela aceitou.

— Farei o meu melhor.

— Maravilhoso! Comida úmida pela manhã, seca à noite, e só lhe dê um cobertor para se deitar. Ah, e o leve para passear sempre que

puder, mas isso é fácil, só o deixe caminhar à vontade.

— E não o mate — acrescentou Al.

— Mas vou ter de contar isso à sua avó!

— Não se preocupe, Al fará isso. Ele já está encrencado mesmo.

Ela ficou olhando Finn dar meia-volta ao lado de seu tio incrivelmente belo e deixou escapar um suspirinho.

Al acelerou, e o Mangusta saiu apressadamente, Yo-yo perseguindo-os pela rua.

Confie em si mesmo.

Seja você mesmo.

Siga em frente.

Não era exatamente um legado, mas era tudo o que ele tinha.

— Podemos sair de férias agora? — perguntou Finn.

— Podemos sair de férias agora — respondeu Al.

O sol estava brilhando e eles corriam pelo interior da Inglaterra num carro esportivo italiano, indo até o continente num dia de aula com vários equipamentos científicos, uma barraca, dois molinetes, meio tubo de Pringles e nada com o que se importar.

Nada poderia ser mais perfeito...

O monstro atacou a lateral do texugo várias vezes.

Foi um ataque tão enfurecido, veneno pingava da barriga do monstro, respingando no esconderijo do animal.

Os efeitos do armazém frio e da anestesia o deixaram tonto por boa parte da manhã, mas, assim que ele prendeu sua mandíbula na carne do texugo, o sangue tomou conta dos sentidos do monstro e uma única coisa se apoderou de seu sistema nervoso louco...

Matar matar matar matar matar matar...

Três Tyros^[3] observavam.

Dois ficaram para trás usando coletes a prova de bala. Totalmente mascarados.

O mais velho, que não tinha nem dezesseis anos, ficou mais perto, usando apenas um casaco e calça jeans.

Foi ele quem posicionou o texugo, ferido mas vivo, no lado norte do bosque. Um animal de fazenda teria servido, mas, diante da remota possibilidade de alguém encontrar o corpo, uma vaca morta poderia gerar preocupação e telefonemas para um fazendeiro, enquanto um animal selvagem morto era apenas... a natureza.

Ele segurou o monstro que acordava. Ele o tocara: o monstro sentiria o cheiro dele, mas não atacaria.

Ele o soltara cuidadosamente, diretamente ao lado do texugo. Agora ele observava enquanto o monstro se fartava.

Depois de oito minutos, o monstro abriu sua mandíbula. A fêmea de texugo estava inconsciente. Em poucos minutos ela estaria morta.

O monstro, gordo e apalermado pelo sangue, sentiu uma vontade instintiva enquanto sua barriga se enrijecia e as células se dividiam e se estendiam numa corrida para se tornarem ovos completos e viáveis.

Os Tyros recuaram, como planejado, e se separaram sem dizer nada.

Não sobrou nada da operação de soltura, a não ser um olho eletrônico escondido numa árvore próxima.



TRÊS

*"Ajude-me, Srta. Murphy — venha me ajudar!
Você vai tirar o pino da minha granada do amor!
Digo boom — digo explosão — digo quem — digo nós!"*

— Eu escrevi isso. Eu estava numa banda. Você entende? Não. Porque lhe falta experiência de vida para apreciar a grandeza de...

— Vê aquele helicóptero? — interrompeu Finn, olhando pelo vidro de trás do Mangusta.

— O quê?

Al acreditava nos prós e contras de vigorosos debates em longas viagens, por isso ele e Finn passaram boa parte da manhã discutindo sobre turbinas eólicas, futebol, se o Concorde podia ser ressuscitado e adaptado para voar no espaço, se a neve era melhor do que aviões e se, no caso de os nazistas terem ganhado a guerra, quais dos amigos da vovó teriam se tornado colaboradores.

Eles haviam acabado de começar a discutir a afirmação de Al de que "rock é ruim para os jovens" quando Finn notou o helicóptero pela primeira vez.

Ele esticou o pescoço para dar uma boa olhada para trás, na estrada. Al tentou localizá-lo pelos espelhos.

A estrada era sinuosa, e as árvores cobriam boa parte do céu quando eles se aproximaram da Floresta Nova, mas, inegavelmente, menos de algumas centenas de metros atrás e acima deles, um helicóptero ia para a frente e para trás, seguindo a forma da estrada, descendo cada vez mais.

— Está descendo muito — disse Finn. — O que você acha que eles estão fazendo?

— Espero que não seja o inspetor da sua escola... — disse Al, deixando a piada no ar porque estava preocupado.

O helicóptero estava se aproximando mais rápido agora, quase tocando na copa das árvores. Dois carros atrás deles diminuíram a velocidade e encostaram.

Al continuou — afinal, o helicóptero não tinha o símbolo da polícia —, mas, à medida que eles passavam por uma colina até o campo aberto, o helicóptero se aproximou, grande e barulhento, colocando-se bem acima do Mangusta.

— O que *eles* estão fazendo? — disse Al.

Depois uma voz ecoou pelo alto-falante na barriga do helicóptero.

— DOUTOR ALLENBY, PARE O CARRO.

— Eles *conhecem* você? — gritou Finn, impressionado.

Al parou bruscamente. O helicóptero quase pousou na estrada à frente.

— O que é isso? O que está acontecendo? — disse Finn.

Al parou por um instante.

— Não sei ao certo, mas sem dúvida são maus modos.

E repentinamente acelerou. O carro saiu em disparada. Depois Al deu um barulhento cavalo de pau, fazendo com que eles voltassem pelo mesmo lugar de onde tinham vindo. O motor V8 roncou, e Finn

se sentiu pressionado contra o assento de couro com a aceleração — não havia dúvida alguma, esses carros foram feitos para correr.

— Por que você não está parando? — gritou Finn.

— Podem ser agentes de outro país... Pode ser uma velha namorada tentando me matar... Mas, não se preocupe, podemos despistá-lo na floresta aqui perto.

Ele estava brincando? Ele só podia estar brincando. Então Finn notou que os nós dos dedos de Al estavam todos brancos onde ele segurava o volante. Finn se encolheu todo no assento, o coração batendo forte.

— Mais rápido, Al.

— Certo.

Eles estavam se aproximando das árvores, mas o helicóptero estava quase em cima deles.

De novo ouviu-se a voz do alto-falante do helicóptero:

— ENCOSTE, DOUTOR ALLENBY, POR ORDEM DO COMANDANTE KING.

Al xingou, pisou no freio e parou o Mangusta bruscamente de novo, bem perto das árvores. O helicóptero pousou lentamente num descampado ao lado deles.

Finn estava paralisado.

— Al...? — ele começou a perguntar, mas seu tio, furioso demais, simplesmente cruzou os braços e esperou.

Mais à frente na estrada, dois quatro por quatro da polícia se aproximavam. Dois homens do Serviço Secreto desceram do helicóptero e caminharam até o motor desligado do carro.

— O senhor tem que vir...

— Agradeça ao comandante — interrompeu Al —, mas diga-lhe que estou de férias, diga que estou "na estrada" e que ele vai ter de entrar em contato comigo na semana que vem e que ele não precisa

se dar a este trabalho todo, estou no meu e-mail, Facebook ou até mesmo ao telefone. Ah, e não se esqueça de lhe dizer que *ele vai ter que se arrastar até mim* enquanto...

— Senhor, fui instruído a informá-lo que o assunto diz respeito ao Projeto Boldklub.

Projeto Boldklub? Finn riu. Que nome bizarro.

— Quem é? Algum viking? — Ele olhou para Al.

A expressão de Al de repente ficou séria.

DIA UM, 12h38 (horário de verão). Sibéria, Rússia

A raposa do Ártico o confundiu com um lemingue a princípio, mas o cheiro logo se tornou mais exuberante e doce.

A temperatura era de 2°C. Verão. Brejos e poças caracterizavam a superfície nessa época do ano, a ilusão do degelo. À medida que a raposa se aproximou do cheiro, os tons doces e salgados se acentuaram, tornaram-se irresistíveis, deixando seu sistema nervoso louco.

E então viu algo que não compreendia.

Um homem.

O homem ergueu um braço. Disparou. Depois continuou a comer seu cachorro-quente.

O impacto jogou a raposa numa vala. Enquanto o sangue encharcava seu pelo branco, ela sentiu um último instinto de sobrevivência e se contorceu e levou a boca à ferida.

Um disco de sangue congelado se formou na superfície da tundra. Insetos e micro-organismos, adaptados ao ambiente extremo, se aproximaram para se fartar do sangue.

Quatorze metros abaixo, num abrigo com isolamento térmico e um ambiente tropical simulado, David Anthony Pytor Kaparis acionou

seu pulmão de aço^[4] e esperou.

O pulmão se expandiu. O pulmão se contraiu.

Aquilo o envolvia como um caixão, deixando apenas sua cabeça exposta, e ele estava cercado por espelhos automatizados e aparelhos ópticos que permitiam que ele olhasse livremente sem perturbar seus músculos no pescoço arruinado. Esses espelhos e lentes se agitavam o tempo todo, entortando e distorcendo os reflexos do seu rosto de modo que ele parecesse apenas um monte de pontos e um observador jamais pudesse ter certeza de onde aqueles olhos se deteriam em seguida. Olhos de gelo preto, azedos e sepultados.

Acima dele, uma tela panorâmica exibia vários dados, notícias e relatórios de inteligência. O comando óptico significava que ele era capaz de manipular tudo com o olhar — navegar pela Internet, analisar dados, planejar uma ideia, visitar qualquer lugar na Terra e até mesmo (se olhares matassem...) ordenar um ataque com um drone.

A reunião no CACC no Hook Hall foi transmitida para ele em tempo real por meio de uma câmera digital de 816 microns escondida nos óculos do seu agente. Ela transmitia imagens primeiro para um microprocessador preso ao couro cabeludo do agente por um circuito elétrico e depois por meio de minúsculos pulsos de dados adaptados entre lâmpadas de baixa energia instaladas no complexo de Hook Hall e de lá via o satélite Scimitar Intelcomms 8648 até a Sibéria. Atraso de transmissão até Kaparis: 0,44 segundo.

Era um sistema engenhoso.

Seus níveis de serotonina deveriam ser satisfatórios. Mas Kaparis estava intensamente irritado. As imagens da reunião tremiam porque o agente constantemente colocava os óculos para cima e para baixo. Apesar dos dezoito meses de esforços e planejamento detalhado gastos nessa operação complicada, ninguém pensou em lhe dar óculos de grau.

- 1. Fazer apenas seu trabalho era assim tão difícil?*
- 2. Seria ele a única pessoa a se importar com detalhes?*
- 3. Como é ser uma pessoa comum?*

— Heywood? — disse Kaparis, chamando seu mordomo com um forte sotaque inglês.

— Senhor?

— Descubra quem deu as lentes incorretas para os óculos.

— Sim, senhor.

— Depois arranque os óculos deles. E os salgue.

— Sim, senhor.

Matar seria demais. Era importante manter um senso de proporção.

Na tela, um helicóptero apareceu. A imagem tremeu novamente, provocando sua paciência.

— Heywood?

— Senhor?

— Grave os gritos.



QUATRO

DIA UM, 12h51 (horário de verão). Hook Hall, Surrey

A primeira visão que Finn teve do Hook Hall foi do alto: uma enorme e velha casa de campo com um jardim formal, cercada por um complexo de prédios ultramodernos. Do lado de fora do maior desses prédios, à medida que eles pousavam, Finn conseguia ver um grupo de oficiais e cientistas com guarda-pós brancos atraídos ao heliponto como formigas atraídas por sorvete.

Al tirou seu capacete quando eles pousaram e indicou que Finn deveria fazer o mesmo.

— *Ainda* estamos de férias enquanto eu disser que estamos, certo?

— Se é o que você diz! — gritou Finn, ainda empolgado com o voo curto e já tendo decidido se deixar levar pelos acontecimentos. Ele saiu do helicóptero atrás de Al e avançou timidamente em meio ao vento do rotor, semissurdo, rumo ao pequeno comitê de boas-vindas.

Um velho baixinho e gordinho foi o primeiro a cumprimentá-los, aparentemente surpreso por conhecer...

— Doutor Allenby! Que honra! Professor Channing. Eu revisei seu trabalho sobre cinestesia anticoncêntrica.

— Maravilha. Este é o Finn — disse Al.

— Oi — disse Finn.

— O hotel fica deste lado? — perguntou Al.

— Ahn...? — disse o professor, confuso.

Enormes contêineres cheios de equipamentos estavam enfileirados do lado de fora do maior edifício esperando passar pelas portas do tamanho de um hangar.

— Que hotel incomum. Tem serviço de quarto? — perguntou Al.

— Ahn...?

— O Finn gosta de salgadinho, não é, Finn?

— Ou batata frita — explicou Finn, sem saber ao certo por que isso era relevante.

— Temos uma cantina... — tentou o professor.

Al viu os caminhões enfileirados.

— Para quê tudo isso? É um desfile?

Agora o Professor Channing estava totalmente confuso.

— Não, são... todas as centrífugas, laser e aceleradores magnéticos que conseguimos. Isto acabou de chegar de Harwell, parte do novo Acelerador Woolfson, e...

— Ah, meu Deus, acho que vi um velho amigo! — disse Al, caminhando pelos contêineres enfileirados, o Professor Channing trotando para acompanhá-lo.

O instinto de Finn lhe dizia para ficar longe, mas Al o puxou consigo, determinado a fazer um escândalo, levando todos a acompanhá-lo enquanto ele procurava em meio aos caminhões como um consumidor de fim de semana nos corredores da loja de móveis Ikea.

Ao entrarem na Câmara de Análise do Campo Central, Finn sentiu que estavam entrando num jogo, o nível “fácil” de um mate ou morra — uma construção industrial em concreto, salas de controle de vidro, armações em aço e equipamentos científicos gigantescos: uma visão estranha de um futuro não tão distante. A grande diferença aqui é que seguranças humanos carregavam armas de verdade: grandes, pesadas e assustadoras.

— Aha! — gritou Al. — É você, Gordinho?!

Al parecia estar se dirigindo para um grande veículo. Mas, ao darem a volta nele, Finn viu o que havia dentro. Enormes partes de um enorme círculo de metal, cada parte do tamanho de uma casa, estavam sendo tiradas do contêiner por uma empilhadeira gigante, um espelho de aço perfeitamente polido do lado de dentro, uma confusão de sistemas hidráulicos e fios do lado de fora, exibindo canos domésticos e fita adesiva — uma incrível peça de engenharia que parecia montada num celeiro: bem coisa do tio Al.

Finn viu seu reflexo distorcido na superfície interior impecável e se lembrou de uma noite em casa no ano passado quando Al apareceu inesperadamente à porta para exigir a salsicha assada com mostarda da vovó (prato tradicional da família). Ele praguejara e falara alto à mesa, dizendo coisas como “eles me roubaram” e “eles têm o Gordinho malandro”. Não havia muitos indícios de quem eram “eles” ou “o Gordinho”, mas o ódio e desconfiança gerais de qualquer pessoa no Comando ficaram evidentes antes que ele bebesse demais e caísse de sono diante do *Match of the Day*.

— Ah, sim, o Grande Acelerador em Forma de Rosquinha que você desenvolveu em Cambridge! — disse o Professor Channing.

— Roubado de mim há um ano no meio da noite! — disse Al.

— Ah... foi mesmo?

O Comandante King apareceu na ponte sobre eles como um vampiro que se materializara de repente.

Al fingiu não notar.

— Tirado do meu peito ainda vivo e enviado para os militares por aquele pérfido, arrogante, mentiroso, belicoso...

Dr. Allenby.

— Ah... Lord Vader.

King se permitiu exibir um sorrisinho seco (ninguém mais ousou) e desceu lentamente da ponte. Finn se escondeu atrás do Professor Channing.

— Pelo que me lembro, encomendamos um estudo preliminar sobre o potencial defensivo somente depois que você se recusou a cooperar, escondeu os códigos de sequenciamento e fez o que minha babá costumava chamar de pirraça.

— Porque eu disse NÃO ao uso bélico.

— Mas você já havia trabalhado com os militares, não é mesmo?

— Somente com meus colegas, e nós estávamos nos divertindo. Sua babá nunca o ensinou a se divertir, comandante?

— Claro que não. Ela nos ensinou Limpeza, Religiosidade e a Ignorar Meninos Malvados.

— Então o que estamos fazendo aqui? Porque eu o alerto: se você estiver de férias também, não vai poder nadar na piscina.

— Precisamos de você, Doutor Allenby. Ou, ao menos, do seu ótimo senso de humor.

Havia uma conexão fria entre os dois, um espectro de respeito mútuo.

— Então conte tudo — disse Al.

Sem nem olhar para Finn, King disse:

— Não na frente das crianças.

Oh-ou.

Finn se encolheu ainda mais atrás de Channing.

— Elas são seres humanos perfeitamente normais, só menores e sem cheiro. Diga oi, Finn. Você está deixando King com medo.

Finn saiu de trás de seu esconderijo.

— Oi. Senhor. Finn. Quero dizer, eu sou Finn. Não o senhor. Não o senhor, o senhor é o senhor. Sou apenas...

— Oi, Infinity, sinto muito por interromper sua viagem. Temos uma cantina. Lá tem televisão e algumas revistas. Por que você não vai com Nigel e ele lhe mostrará...

— Acho que vou ficar e ver as coisas!

(Cantina. Televisão. Nigel. Exceto por sua absurda facilidade para a ciência e matemática, Finn era mediano e perdido na maior parte das outras coisas, mas ele tinha, sim, um Grande Senso de Temor — uma das grandes vantagens de ser órfão. *Siga em frente.*)

King, não acostumado a ser interrompido, arqueou a sobrancelha.

— Ele acha que vai ficar e observar — confirmou Al, puxando Finn para ser apresentado formalmente. — Conheça o filho da minha irmã, meu único herdeiro, meu DNA. Eu lhe prometi uma aventura e prometi à minha mãe que cuidaria dele por uma semana — e é exatamente isso o que eles terão. Aonde quer que eu vá, ele vai também.

Por um instante Finn se sentiu à vontade, até orgulhoso, até que Al continuou:

— Ele pode parecer um menino sujo e não muito bem coordenado, de um ponto de vista simples...

— Ei! É uma *academia*. Tem *status de academia*.

— ... mas ele se destaca em ciência e matemática e foi instruído por mim em física teórica, mecânica de foguetes e explosão de coisas. Mais importante, ele tem uma alma profunda, um sorriso enorme e é de absoluta confiança.

Finn achou que seu tio podia estar exagerando um pouco, mas não conseguiu deixar de completar:

— E duas cartas minhas foram publicadas no *Amateur Entomologist*. É uma revista especializada.

— Você me surpreende — disse King, secamente, e dando um passo à frente, de modo que ele e Al estavam olhando um no olho do outro. — Esta é uma situação extraordinária, uma ameaça grave à vida humana que exige uma reação mundial por meio da G&A e a *reconstituição de Boldklub*...

Al lhe respondeu com um sussurro:

— *Ele já sabe.*

O Comandante King ficou pálido, de um branco não conhecido na natureza.

Um tom assassino.

Al bateu nas costas de Finn e o fez subir a ponte.

— *O que é que eu sei?*— sussurrou Finn.

— *Cale a boca e me acompanhe* — sussurrou Al.

Na sala de controle, Finn já não sentiu que estava num *video game*. Aqui era mais como a ponte de comando de uma espaçonave num filme. Havia computadores e mostradores e uma janela de observação de um lado a outro da sala e que dava para o enorme CACC abaixo.

— Uau!

Para além dos enormes caminhões que transportavam os aceleradores e os instrumentos de física, Finn podia ver mais caminhões chegando, pintados em cores militares. Ele conseguia distinguir as formas cobertas por lonas do que achava que eram veículos, e talvez até mesmo um helicóptero. Havia sinais por todos os lados que alertavam que o acesso era restrito e estava sujeito a ordens superiores.

Al se dirigiu diretamente para dois soldados — um enorme e outro pequeno e mirrado —, que se levantaram para cumprimentá-lo: o primeiro, como um velho amigo e o segundo, resignado.

— Kelly e Stubbs! Meus meninos! O velho time reunido de novo!
— riu Al.

O Capitão Kelly usava um distintivo do Serviço Aéreo Especial e era como um herói de ação de histórias em quadrinhos: um metro e noventa e oito e cem quilos de músculo e força. Ele cutucou o peito de Al num tom zombeteiro de acusação (quase quebrando seu esterno): — Eles *o* deixaram voltar? — ... antes de rir e lhe dar um abraço de urso.

— E *Major* Leonard Stubbs! Senhor! — disse Al, depois de se libertar.

Stubbs riu, e Kelly despenteou seus cabelos.

— Ele está feliz — insistiu Kelly. — Está balançando o rabinho.

Com o corpo e o charme de uma tartaruga derrotada, o engenheiro Stubbs estava tecnicamente aposentado e passara da idade de receber pensão, mas, como um gênio menor em sistemas mecânicos e de informação, *capaz de consertar qualquer coisa*, ele havia recebido uma comenda honorária aos sessenta anos e a permissão para permanecer em serviço — o que, considerando que ele jamais atraiu uma Sra. Stubbs, era uma bênção. Nitidamente, não era dado a abraços e emoções, o que, é claro, fez com que Al o beijasse no rosto como um francês.

— Pelo amor de Deus...

Al apresentou Finn.

— Meu sobrinho... Infinity Drake.

— Por favor, apenas Finn.

— Estou cuidando dele durante uma semana. Ele é uma versão menor de mim, sem a aparência, cérebro ou charme...

— Ele sempre diz isso.

Stubbs suspirou como se soubesse o que Finn tinha mesmo de suportar.

— Podemos matá-lo para você. Sério — disse Kelly, esmagando os dedos de Finn com seu aperto de mão.

— Ai!

— Não ouça nada que estes homens dizem — disse Al. — Ninguém sabe como eles chegaram aqui.

— Sentem-se — mandou o Comandante King.

Eles se sentaram. Técnicos estavam instalando vários projetores digitais, lidando com cabos e digitando em teclados.

Enquanto Al se sentava, Finn se sentou ao lado dele e sussurrou:

— Por sinal, Al?

— Sim?

— O que está acontecendo e por que todas estas pessoas acham que você é uma espécie de...

— É só o que eu faço. Às vezes.

— Mas o que você faz?

— O lado secreto. Tem de ser segredo, Finn, para proteger os inocentes.

— Mas como...? Quando...? Por que você não me contou antes?

— Você com *onze* anos? O que é que é isso? Quem contaria a um menino de *onze* anos uma coisa dessas?

Isso desconcertou Finn.

— Agora vá se esconder — disse Al, apontando para uma lacuna entre duas estações de computadores, fora do campo de visão.

— Por quê? — perguntou Finn.

— Ah, você vai ver — disse Al.

As telas se acenderam.

Líderes mundiais começaram a aparecer.



CINCO

- Senhor presidente.
- Comandante King.
- Primeiro-ministro.
- King. Senhor presidente.
- Primeiro-ministro.
- *Guten Tag*, Frau chanceler...

King cumprimentou a todos.

Finn pensou: *Eu tinha de estar na aula de geografia a esta hora.*

O presidente dos Estados Unidos usava camisa de mangas curtas — o Salão Oval era um ambiente familiar, se bem que um pouco menos arrumado do que aparece nas suas versões televisivas. O primeiro-ministro britânico estava numa enorme sala cheia de livros — não o primeiro-ministro tranquilo dos boletins de notícias, e sim um homenzinho alarmado. A chanceler alemã estava sentada num “banquinho ergonômico” de pinheiro, enquanto o presidente da França surgiu na tela falando diretamente do belo Palácio Élysée.

— Allenby está aí? — perguntou o presidente dos Estados Unidos.

Al apareceu em um quadro e acenou para que os líderes do mundo livre pudessem vê-lo.

— Caras — disse Al.

Caras?, pensou Finn.

— Então. O que temos, Comandante King? — perguntou Al.

A sala ficou em silêncio. As luzes diminuíram.

— Slide — ordenou King.

Uma projeção digital acendeu uma tela gigante e mostrou... nada.

Ou pelo menos um nada branco com um pontinho preto no meio.

King disse:

— Aumente a escala.

A lente se aproximou do ponto e de repente a criatura apareceu na tela.

Projetado do tamanho de um ser humano, um monstro preto e amarelo com pontinhos vermelhos, recém-saído de sua última troca de pele. Seu exoesqueleto se expandiu; seu tórax como um punhado de vigas mestras; sua cabeça feito uma atrocidade; suas asas pretas e prateadas ainda grudadas ao abdômen que, colorido e distendido, pendia do tórax como uma enorme gota de veneno. E, no fim, um grupo feio de três ferrões.

Finn ficou paralisado, e os pelos de sua nuca se eriçaram. Por um instante ele sentiu o gosto do seu próprio medo. O medo da morte que ele às vezes sentia quando pensava em sua mãe. Uma sensação de algo terrível, imbatível e desconhecido. Ele engoliu em seco.

Um clique de mouse e a próxima imagem apareceu. A parte de trás do inseto, com uma visão melhor dos ferrões emergindo do abdômen bulboso.

Clique. A parte de baixo, como uma armadura preta. *Como essa coisa voa?*, pensou Finn.

Clique. Na imagem seguinte, a resposta: asas prateadas e pretas totalmente abertas, longas como as de uma libélula, porém mais largas.

Uau.

Clique. A cabeça e a boca, as antenas e a tromba. Finn sentiu seu estômago revirar. Ele não queria olhar, mas ao mesmo tempo não conseguia tirar os olhos da imagem.

Clique. A bolsa de ovos e o órgão reprodutor.

As seis patas.

O todo preto e amarelo e pontilhado de vermelho, como deve ser uma bala de revólver disparada... Quem sabe o quê?

E o som?, pensou Finn. Que zumbido maligno estas asas produzem?

Al observava, a expressão congelada, e King agradavelmente surpreso ao notar que até mesmo ele se espantara com a visão.

— Conheçam Scarlatti — disse King. — Batizada em homenagem ao compositor italiano do século XVIII, conhecido por ter escrito quinhentas e cinquenta e cinco sonatas para piano, porque ela atingiu a pontuação de quinhentos e cinquenta e cinco na escala Porton, empregada para medir o potencial letal de organismos usados como armas. Uma única Scarlatti pode, teoricamente, matar quinhentos e cinquenta e cinco seres humanos.

— *Sacré bleu*^[5]... — disse o presidente francês, sem qualquer ironia.

— Durante a Guerra Fria, todos os lados desenvolveram e produziram armas biológicas. Um dos principais ramos de estudo do nosso instituto de pesquisa em Porton Down era a entomologia, o estudo dos insetos, e como eles podiam ser adaptados para carregar e transmitir doenças. Em 1983, um geneticista acidentalmente desenvolveu um genótipo totalmente novo de inseto expondo o

embrião de uma vespa transmissora de um tipo grave de varíola, a *Vespula cruoris*, à radiação gama. O resultado foi... Scarlatti.

Uma velha gravação em vídeo apareceu na tela, mostrando Scarlattis vivas sendo estudadas num laboratório.

— A Scarlatti é um ser assexuado que se autodivide e que, com o suprimento adequado de proteína — o corpo de um mamífero morto, por exemplo, pode depositar até cinquenta ovos. É resistente a pesticidas, tem setenta e cinco milímetros de comprimento (do tamanho de um beija-flor ou de um dedo humano) e é praticamente indestrutível. Ela abriga uma forma fatal de varíola nos sacos de veneno do seu abdômen. O desenvolvimento acelerado significa que um único ovo pode se transformar num inseto capaz de voar em quatro dias. Assim, um único inseto pode produzir um enxame de cinquenta indivíduos em quatro dias. E elas formam enxames mesmo, por causa da quantidade de proteína que têm de consumir durante sua fase de ninfa ou hemimetabolismo rápido. Cada enxame produz várias novas colônias, cada qual se reproduzindo a cada quatro dias e assim por diante, até o infinito. Ou até que o suprimento de proteína acabe.

Finn podia sentir o gosto de algo doentio.

*Ele quer dizer pessoas quando fala em "suprimento de proteína".
Ele quer dizer... nós.*

Na tela, o vídeo ficou feio. Camundongos brancos foram colocados na câmara de teste e submetidos às Scarlattis. Elas pareciam preparadas para matar, aferroando as pobres criaturas mesmo depois de elas estarem paralisadas ou mortas.

— O horrível projeto foi imediatamente interrompido, as últimas ninfas foram congeladas e depois incineradas ao fim da Guerra Fria, de acordo com a Convenção sobre Armas Biológicas. Mas dois espécimes sobreviveram. Um foi enviado para os Estados Unidos, de acordo com o Acordo de Compartilhamento de Tecnologia Hixton-Fardale, e foi supostamente destruído. Um segundo espécime foi secretamente congelado e guardado em Porton Down pelo governo

da época, “para o caso de precisarem”, ou, como gostamos de dizer mais formalmente, “por Razões de Segurança Nacional”.

O Comandante King permitiu que seus olhos se fechassem para evitar os olhares dos outros membros do comitê. Então ele respirou fundo.

— Um de nossos colegas pesquisadores de Porton Down, o Doutor Cooper-Hastings, parece que enlouqueceu, e encontrou uma forma de ter acesso à área de armazenamento e... soltou a última Scarlatti remanescente.

Houve quem engasgasse.

— Ele fez *o quê?* — perguntou o presidente dos Estados Unidos.

King se virou para a tela.

— O Doutor Cooper-Hastings lançou o espécime na atmosfera, senhor.

Uma foto tipo três por quatro de um cientista de meia-idade apareceu na tela. Óculos grossos. Olhos vazios.

— Ele ficou até mais tarde trabalhando, tendo saído às dez horas. Uma busca foi iniciada seis minutos mais tarde, quando um algoritmo descobriu um código de controle de acesso escondido no cartão funcional dele. Um cilindro criogênico vazio acabou por ser encontrado do lado de fora do seu carro abandonado às 3h32 desta manhã perto da vila de Hazelbrook, quase sessenta quilômetros ao norte daqui.

Um mapa de Hazelbrook apareceu na tela, juntamente com uma foto do carro abandonado.

— A área em torno do vilarejo foi declarada zona de perigo e evacuada. Estamos realizando uma investigação completa, e todos os funcionários de todas as agências estão envolvidos na caça a Cooper-Hastings.

— Vá direto ao ponto. Sobre o que exatamente estamos falando aqui? O pior dos casos? — perguntou o presidente dos Estados

Unidos.

King e o Professor Channing trocaram olhares. O professor se levantou para dar as más notícias.

— Pior cenário: estimamos que o primeiro enxame causará uma contaminação nacional dentro de quatro ou seis semanas, uma contaminação continental dentro de três meses e, no mundo temperado, dentro de seis meses.

— Mundo temperado? — repetiu o presidente dos Estados Unidos.

— Quase toda a Europa Ocidental, dois terços da América do Norte, África, Ásia e Oriente Médio, boa parte da América do Sul, Austrália. Somente o ar frio e a altitude propiciam alguma proteção. No total, dois terços da massa terrestre.

Fez-se uma pausa.

— Quase seis bilhões de pessoas — disse King.

DIA UM, 13h38 (horário de verão). Canal da Mancha

O Dr. Miles Cooper-Hastings abriu seus olhos. Eles doíam. A escuridão e as estrelas dançavam diante dele. Sua garganta estava tão seca que ele quase vomitou para produzir alguma saliva. Não conseguia ver nada, mas podia sentir sua cabeça pressionada contra algo de madeira. Ele estava congelando. Durante um instante de puro terror, ele se perguntou se estava enterrado vivo. Mas, à medida que seu corpo repudiava esses pensamentos e chutava, a tampa do báu no qual ele estava trancado havia oito horas se abriu o máximo que a tranca permitia e, por um segundo, deixou entrar um raio de sol.

Chutou novamente. Ele viu a luz de novo. E percebeu que era capaz de sentir o sabor do mar congelado.

— Onde estamos? — Cooper-Hastings olhou para a escuridão, o medo enchendo seus pulmões. — O que você fez?



SEIS

— No primeiro dia a Scarlatti põe seus ovos — disse King. — No segundo dia as ninfas saem do ovo e crescem. No terceiro dia elas desenvolvem partes distintas do corpo e as asas se separam, partindo a pele delas várias vezes. No começo do quarto dia, depois da muda final, elas voam.

O perigo foi exposto num gráfico que mostrava várias possibilidades de resultados para o caso de a Scarlatti localizar uma “proteína hospedeira” da noite para o dia. A linha do desenvolvimento começava fina no primeiro dia e, no quarto dia, cobria todo o gráfico.

— Quatro dias. Já estamos no meio do primeiro dia e não ousaremos correr o risco de chegarmos ao quarto dia — disse King.

Ele se afastou do gráfico e se voltou para seus convidados.

— Até aqui, nada de bom. O que importa é o que vamos fazer agora — disse ele.

Havia um ar de descrença na sala de controle e ao redor do mundo.

Sentado ao lado do presidente dos Estados Unidos, o General Jackman — o presidente do Estado-Maior dos Estados Unidos e o

soldado mais poderoso do mundo — quebrou o silêncio:

— Gere o caos. Encha a área de agentes químicos. Solte uma bomba nuclear.

— Obrigado, General Jackman. O problema é... a escala — explicou King.

Num mapa projetado, ele desenhou um semicírculo a leste do vilarejo de Hazelbrook.

— O ar turbulento da noite passada pode ter levado o inseto trinta quilômetros para o norte e para o leste, o que significa uma área que cobre aproximadamente um terço de Londres.

— Jogar uma bomba nuclear em Londres...? — perguntou alguém, assustado.

— Ou — disse King antes que a confusão se instalasse —, de acordo com discussões com cientistas esta manhã, *pode haver* outra forma.

Com uma olhada rápida para Al, King se voltou para o canto da sala de controle.

— Entomologistas, podem nos fazer um favor?

Channing chamou dois entomologistas de Porton Down para as câmeras, parte do grupo que estava ali desde o início da manhã. Um homem grisalho de meia-idade com um colega bem mais jovem e em forma.

— O Professor Lomax e o Doutor Spiro foram colegas do Doutor Cooper-Hastings, de Porton Down.

Lomax usava um terno sob seu avental, Spiro uma camiseta e uma calça jeans.

— Professor Channing? A hipótese, por favor.

Finn se lembrou da sua mãe explicando que hipótese era um termo que os cientistas usavam para descrever uma ideia, para que ela não parecesse tão comum.

— Feromônios — começou Channing, ajeitando os óculos como se estivesse se dirigindo a um simpósio — são minúsculos sinais químicos que todos os seres vivos emitem.

— Do grego “phero”, que significa “transmitir” — o Professor Lomax explicou —, e “mônio”, de hormônio ou...

O Dr. Spiro os interrompeu com a urgência que a ocasião exigia.

— Se pudermos localizar os feromônios da Scarlatti, podemos interromper o primeiro enxame. Podemos localizar o inseto, encontrar o ninho e destruir uma área bem menor.

— Possivelmente — disse Lomax, sorrindo. Mas Spiro continuou.

— Os dados de 1983 são categóricos. Os feromônios da Scarlatti são bem distintos — o resultado de uma mutação atômica, quase com certeza — e emitidos em grandes quantidades, com uma sensibilidade receptiva enfatizada por um superinstinto de enxame. Esses insetos farão qualquer coisa para estar com seus semelhantes. Qualquer coisa.

— Obrigado, Doutor Spiro, eu gerei boa parte dos dados... — resmungou Lomax.

Mas como? Como se localizam feromônios?, Finn queria gritar, livrando-se do seu esconderijo e sem conseguir ficar de boca fechada. King pressentiu-o e lançou um olhar na direção dele.

— Como? — perguntou Al, gentilmente. — Como você vai começar a definir e detectar as moléculas apropriadas, e até mesmo...

— Com outro membro da mesma espécie! — anunciou o Professor Channing, marcando um ponto para os velhos ao se antecipar ao jovem Dr. Spiro.

Al olhou para Finn. Ele franziu a testa:

— Plausível?

Finn deu de ombros, querendo dizer *por que não?*

— *Non!* — disse o conselheiro científico francês. — Vocês teriam de replicar Scarlatti. Se Scarlatti é uma mutação nuclear randômica, vocês jamais serão capazes de replicá-la *exactement*. Nunca. *C'est impossible!*

— A não ser, claro, que ainda exista outro exemplar — sugeriu o Comandante King, deixando que as palavras cínicas pairassem no ar.

— *Ach*, o americano?— perguntou a chanceler alemã. — Destruído, *nein?*

— Como nós destruimos o nosso? — perguntou o primeiro--ministro.

Todos os olhos se voltaram para o presidente dos Estados Unidos.

— Guardado por questões de segurança nacional, você disse? — perguntou o Comandante King, aproveitando o momento. — Onde ele estaria, eu me pergunto? No Instituto Fort Detrick, perto de Washington? Alguém podia dar uma olhada no armazém nove, corredor oito, seção 2S?

— Descubra — disse o presidente para alguém fora do campo de visão, furioso por King poder revelar com tanta facilidade um segredo dos Estados Unidos. O General Jackman ficou furioso também.

— Esqueça. Mesmo que esteja lá — disse a cientista-chefe dos Estados Unidos, uma mulher de cabelos grisalhos do outro lado do presidente — você jamais seria capaz de colocar um aparelho de localização viável em algo tão pequeno.

King sorriu. Por dentro.

— Alguma ideia? Doutor Allenby?

Al se levantou e se aproximou da imagem gigante da Scarlatti, profundamente pensativo. Ele se voltou para Spiro.

— Tem certeza de que elas compreenderão os feromônios uma da outra a grandes distâncias?

— A quilômetros, com certeza — disse Spiro.

— Mais de dez?

— Uma probabilidade real — disse Spiro.

— Mesmo... — suspirou Lomax. — Mais do que uma possibilidade real a dez quilômetros, improvável para além de vinte.

— Podemos colocar um aparelho de localização no tórax?

Spiro e Lomax pareciam intrigados.

Al mudou de assunto.

— Teoricamente, se pudermos perfurar ou colar, digamos, neste membro aqui? — Ele apontou para uma porção no tórax protegido que se tornava mais plana no centro.

— Teoricamente? Sim — disse Spiro. — Isto é celulose, sem terminações nervosas.

— Então, “teoricamente”, você terá de ser bastante cuidadoso — disse Lomax, tentando ser sarcástico. — As placas torácicas se movem para permitir maior flexibilidade do que nas outras espécies de vespas. É um ponto fraco, de modo que as junções entre as placas estão cheias de terminações nervosas.

Al consultou o relógio, um Rolex adaptado por ele para conter um contador Geiger, um medidor de pressão e meia dúzia de outros instrumentos minúsculos (presente secreto de uma nação agradecida), e parou para pensar. *Tique tique tique tique tique.*

— Bem, Allenby? Você vai visitar o projeto Boldklub? — perguntou o primeiro-ministro.

A maioria das pessoas na reunião não tinha a menor ideia do que ele estava falando. O nome Boldklub era obscuro, uma versão reduzida de Akademisk Boldklub, time de futebol no qual Niels Bohr, pai da física subatômica, um dia jogou.

Al olhou para King, desconfiado. King ficou olhando para suas unhas.

— Enfrentamos um Armagedom químico e dois nucleares no passado recente. Não sei por que não seríamos capazes de reunir uma equipe para lidar com isso.

King olhou para Al.

O mundo parou. Al olhou para Finn.

Do seu esconderijo, Finn estudou a Scarlatti. As cores, a armadura grotesca, os ferrões, as antenas e a tromba... tudo nela exalava um quê de ódio e sofrimento. De uma forma perversa, Finn sentiu pena. Mas em poucos meses essa coisa podia matar *seis bilhões* de pessoas. Todas as pessoas que ele conhecia, as quatro criaturas que ele amava (vovó, Al, Yo-yo e às vezes Christabel), além de todas as pessoas do seu dia a dia, desde as pessoas que ele via na televisão até aquelas com as quais ele ia para a escola. Todos morreriam. Como sua mãe.

Finn estava fascinado e paralisado.

— Ah... vamos em frente, então — disse Al, finalmente.

— O quê? Vamos em frente com o quê? — perguntou o General Jackman, dos Estados Unidos.

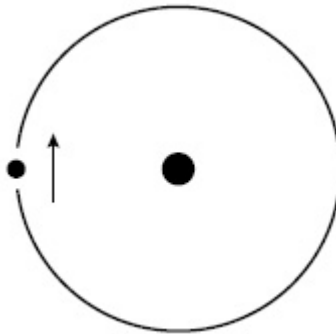
Al pareceu totalmente desperto.

— Não temos muito tempo. Acho que é melhor eu explicar.

Ele pegou um iPad conectado a uma lousa interativa e começou a desenhar.



SETE



Al levantou os olhos como se estivesse se dirigindo a uma turma de crianças.

— Alguém sabe o que é isto?

— É um átomo — disse o General Mount, irritado com o tom de voz alegre de Al.

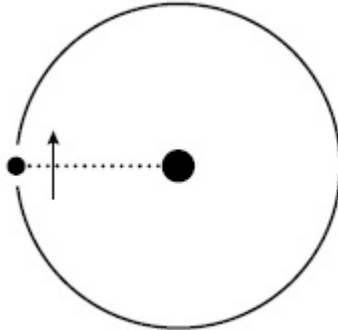
— Isto é uma aula de física? — perguntou o presidente norte-americano.

— Sim. Todo mundo precisa entender isso. É mesmo um átomo — disse Al. — Qual?

Hidrogênio!, quis dizer Finn, com vontade de levantar a mão.

— Hidrogênio — resmungou a cientista-chefe dos Estados Unidos.

— Muito bom, um átomo de hidrogênio, bem simples: um núcleo no centro e um elétron em volta, com uma relação espacial constante entre o núcleo e o elétron, esta distância, esta distância bem aqui. — Al desenhou uma linha pontilhada vermelha entre o ponto no centro e o ponto externo.



Depois ele bateu nos dois pontos de novo, o núcleo e o elétron.

— Estes dois pontos são uma coisa, matéria, substância — explicou ele — mas isto... — ele apontou para todo o restante do círculo — ... é *absolutamente nada*. Eu, vocês, tudo ao nosso redor somos mais noventa e nove por cento nada, porque todos os átomos com os quais somos construídos são noventa e nove por cento nada, com apenas uma quantidade minúscula de *coisa* atômica de verdade. Todos entenderam?

Al olhou para os líderes mundiais e depois para Finn, para se certificar de que todos o acompanhavam ainda; com as testas franzidas e risadinhas, todos o estavam acompanhando.

— Nunca vou entender isso — disse o primeiro-ministro britânico.

— Há toda uma coisa quântica sobre energia/matéria negra que poderíamos citar, mas é melhor pensar nisso como um belo mistério. Pense nos átomos como balões e não como tijolos, balões cheios de nada e com um núcleo minúsculo.

— *Bravo* — disse o presidente francês. — Mas nada disso pega vespas.

— Ainda não. Mas minha Grande Ideia, conhecida por uns poucos como Boldklub, era... — ele apontou para a linha pontilhada vermelha indicando a distância entre o núcleo e o elétron — ... ver se conseguiríamos criar um campo magnético capaz de reduzir esta distância e...

Antes que Al pudesse dizer qualquer coisa, uma sinapse ocorreu à velocidade da luz no cérebro de Finn e uma conclusão tão fantástica lhe ocorreu que acabou com qualquer compulsão por ficar em silêncio.

— Você vai *ENCOLHER* as coisas?

Todos se viraram. Os olhos de Finn se arregalaram, maravilhados.

Iluminado pelo brilho do iPad e parecendo noventa e nove por cento um cientista maluco, Al apontou diretamente para Finn.

— Ta-dá!

— O QUÊ?

— O que ele disse?

— *Encolher* coisas?

— *C'est impossible!*

— *Mein Gott*, aquilo era *uma criança*?

O Comandante King fechou os olhos num desespero momentâneo. Era só o que faltava mesmo.

— Este é o meu sobrinho — disse Al, todo orgulhoso.

— O jovem Infinity está aqui como condição para a cooperação do Doutor Allenby — declarou King. — Temos mesmo de seguir adiante...

Cabeças balançavam, vozes se elevavam em inglês, francês e alemão — todas exigindo respostas, todas ofendidas diante da absurda ideia de serem superadas por uma criança.

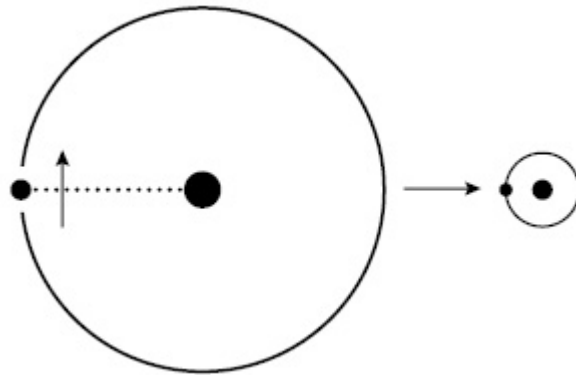
Finn não se importou. Ele estava encarando Al boquiaberto.

— Encolher? Foi mesmo isso o que o menino disse?

— Isso é completamente impossível — disse a cientista-chefe dos Estados Unidos para o presidente.

Al ficou só ouvindo.

— Não! É *possível*... — insistiu ele, acrescentando um átomo bem menor ao diagrama — ... usando uma reação em cadeia em nível quântico, você pode criar um tipo novo de campo magnético, uma "área de calor" dentro da qual toda matéria pode ser reduzida, sugando o elétron para perto do núcleo.



— Isso é totalmente absurdo! — disse a cientista-chefe norte-americana.

As vozes imediatamente começaram a se elevar mais uma vez.

Os entomologistas estavam paralisados.

A mente de Finn girava. Ele queria fazer milhões de perguntas. Queria entender todos os detalhes. Queria saber quem, como e por quê. Queria saber tudo e mesmo assim, de alguma forma, era coisa demais para pensar e compreender e ele só estava pensando: *Eu Quero Ir*.

Ele se aproximou do seu tio em meio à balbúrdia, olhou em seus olhos e perguntou, maravilhado e pela segunda vez, só para ter certeza:

— Você vai encolher as coisas. Vai encolher alguns soldados e pegar essa coisa?

— Sim, vou — disse Al, feliz com Finn, que daí se pôs a fazer perguntas.

— Se estiver encolhido, você não vai pesar o mesmo do que pesa normalmente, não é?

— Não, porque há um encolhimento proporcional da matéria negra...

— Você vai ficar superdenso e forte?

— Teoricamente, não, apesar de a razão potência/massa ser diferente e de a gravidade não afetá-lo com tanta facilidade...

— Bactérias e doenças vão consumi-lo facilmente, como insetos comedores de carne atacando seu rosto, braços e orelhas e nariz e... Ei! Vai ser possível sentir odores?

— A regra das interações em nível molecular diz que compostos complexos não interagem, apenas átomos e moléculas simples interagem, então você pode ficar tranquilo quanto a contrair o vírus Ebola...

Eles tiveram de falar mais alto porque a reunião fugira ao controle, até que a assustadora introdução de "O Fantasma da Ópera" começou a tocar na jaqueta de Al.

Era um toque que identificava um interlocutor bem especial. Pela primeira vez, Al pareceu com medo. Ele consultou a hora novamente — quase duas horas — e começou a entrar em pânico.

— Xiu! *Calem-se!* CALEM-SE! — gritou ele para a sala.

A sala aos poucos ficou em silêncio enquanto todos olhavam para Al, paralisado de medo. Novamente Finn compreendeu a situação antes dos outros.

— Vovó!

— A *Grossmutti* dele está aí também? — perguntou a chanceler alemã.

— Ninguém diga *uma só palavra* — insistiu Al.

Os líderes do mundo livre, juntamente com seus melhores homens e mulheres, acataram as ordens e se calaram enquanto Al interrompia “O Fantasma da Ópera” e atendia à ligação.

— Ei! Mamãe! Como está Oslo? Sei que prometi, desculpe, perdi a hora... Não, não precisa ligar para a polícia, estamos bem! Isso é ridículo... Você foi transferida para o navio?

Com o braço esticado, ele indicou que todos podiam relaxar um pouco; ele tinha a situação sob controle.

— Ele está bem, está bem aqui, ele mesmo pode lhe dizer... ah, escola? A escola está fech... cantina! Não! A cantina da escola está fechada, eles foram enviados para casa a fim de almoçar... nenhuma comida. Infestação de vespas. Incrível... Não, ele está bem! Aqui...

— Ele colocou a mão no microfone e entregou o telefone para Finn, sussurrando: — Fale! Só lhe diga que tudo está bem.

— Não posso mentir pra vovó — Finn tentou insistir. — Prometi à mamãe que...

— Ordeno que você minta para a sua avó! — disse o primeiro-ministro, sussurrando alto.

Al olhou para o primeiro-ministro como se ele não tivesse ideia de onde estava entrando.

Finn pegou o telefone e, acidentalmente, apertou o botão do viva-voz na tela sensível ao toque, de modo que todos pudessem ter o privilégio de ouvir a...

— Vovó?

— Você precisa que eu volte? Acabei de desfazer as malas, mas ainda estamos no porto... — disse a voz dela.

— Não, não, estou bem, tudo está certo.

— Que besteira isso sobre a sua cantina! Diga para seu tio levá-lo de volta para a escola agora mesmo!

— Estamos indo! Acabamos de entrar no carro.

— Ele vai deixá-lo morrer de fome! Negligenciar... Você comeu legumes?

— O quê...? Sim.

Os especialistas e líderes mundiais — que tinham eles mesmos avós — acenavam positivamente para ele.

— Que legumes, exatamente?

Finn não sabia o que pensar. Fez-se um terrível e assustador silêncio.

— Brócolis? — sugeriu baixinho o presidente dos Estados Unidos.

— Brócolis! E... só brócolis. Como está sua comida? Como é seu navio?

— A comida é ruim, a cabine é pequena e eu tenho de compartilhar um banheiro, mas há uma mulher adorável de Godalming no nosso corredor que você não vai acreditar, ela frequentou a mesma escola que Jennifer, a Jennnifer prima de segundo grau não a Jennifer da Hartford Pottery que acho que você sabe que o neto quer ser advogado é bom ter ambições mas eu lhe disse não um advogado Jennifer não aos doze anos... de qualquer modo, eu...

— Vovó, é melhor eu ir, se não vou chegar atrasado.

— Ah, certo, querido. Por favor, não confie em Al, ele já ignorou uma ligação minha.

— Sim, vovó, amo você, tchau!

— E cuide-se!

Finn encerrou a ligação e todos soltaram um enorme suspiro de alívio.

O primeiro-ministro deu uma ordem para alguém fora da tela.

— Contate os noruegueses. Dê uma cabine melhor para a Senhorita Allenby e faça com que ela e a mulher de Godalming que conhece Jennifer comam na mesa do capitão. Agora.

— Alguém pode me explicar o que é que está acontecendo? — disse o presidente norte-americano.

DIA UM, 14h13 (horário de verão). Sibéria

Nas profundezas do permafrost siberiano, a quatro mil quilômetros de distância a leste e nordeste, Kaparis assistia à cena graças aos óculos do seu agente.

Tudo estava indo de acordo com seu plano. Eles estavam caindo em sua armadilha.

- 1. O monstro estava solto.*
- 2. A "hipótese do feromônio" fora apresentada com sucesso por seu agente na reunião.*
- 3. Boldklub foi considerado a única reação viável.*

Kaparis estava onde gostava de estar: no controle. E ainda assim... ele estava atordoado.

O menino.

Kaparis ficou olhando fixamente para o nada.

— Meu Deus, ele se parece com o pai.

O pulmão de ferro inspirou. O pulmão expirou. E, por um instante, seu coração se encheu de nostalgia enquanto ele era transportado para quase vinte anos atrás, numa Universidade de Cambridge de véus e bicicletas, palestras e guias, meninas pelas quais se apaixonar e promessas ilimitadas... antes que, inevitavelmente, sua mente fosse transportada para este seu momento de glória.

Por que a Grama Cresce em Moitas?

Uma Teoria Geral do Desenvolvimento de Superorganismos

Uma palestra de D.A.P. Kaparis

St, Stephen's Hall, 4 de maio de 1993, quarta-feira, às 10 horas

E como isso foi roubado dele.

Diante de todo mundo.

Diante dela.

E, tão rápido quanto se encheu, o coração de Kaparis se esvaziou e novamente passou a bombear vingança ácida.

— Nossa proposta — disse King — é esta: encolher o aparelho de localização e colocá-lo dentro da Scarlatti norte-americana e soltá-la para encontrar o clone desaparecido. Dois: encolher um helicóptero de ataque e sua tripulação...

Os olhos se arregalaram no mundo todo.

— ... todo o equipamento deles, incluindo todos os aparelhos de localização, transporte, comunicação e armas...

— Uau! Encolher pessoas! Armas?

— ... na escala de cento e cinquenta para um... — continuou King.

— Cento e cinquenta vezes?!

— ... e três...

— Espere aí! Por que não apenas encolher o aparelho de rastreamento e localizar a coisa? Por que encolher as pessoas? — perguntou o General Jackman.

— Sem entrar demais em detalhes secretos — disse Al —, tem a ver com alterações nas ondas quando você encolhe o espectro eletromagnético. Um nanotransmissor produz um nanossinal que só pode ser captado por um nanorreceptor com um alcance bastante limitado, talvez oitocentos metros, no máximo. Não se pode

amplificar o sinal normalmente. Por isso é que precisaremos de uma nanotripulação de caça também. O transporte deles pode ser instalado num minúsculo rádio de comunicação “em escala total”, apesar de também ter alcance limitado e de não podermos confiar num contato constante.

Parecia que a cabeça do general doía.

King continuou:

— E três: a tripulação deve unir a segunda Scarlatti à primeira, depois destruir ambos os adultos e quaisquer ovos e ninfas que encontrarem.

— Seja lá o que for, este esquema todo é loucura! No mínimo não foi testado. Os riscos para quem participar devem ser, com certeza, mortais — disse a cientista-chefe dos norte-americanos, balançando a cabeça.

— Temos de pesar os riscos contra o que está em jogo e contra a única alternativa viável — disse King.

— Que é...? — perguntou a chanceler alemã.

— A bomba atômica. Desalojar milhões de pessoas. Arruinar parte de Londres por gerações.

Fez-se uma longa pausa.

Finn de repente percebeu algo e olhou para o mapa que King havia marcado antes. A área de destruição incluía a vila de Langmere.

— Da vovó? — perguntou Finn.

— Eu sei — disse Al. — É pessoal.

O presidente dos Estados Unidos estava incrédulo.

— E quem vai participar desta missão?

— Por causa dos riscos fisiológicos desconhecidos, propomos apenas uma equipe de três homens, liderados pelo Capitão Kelly, da

nossa tropa militar informal. O Capitão Kelly e o engenheiro Stubbs, ambos com nanoexperiência, além de um piloto.

— Espere! Nanoexperiência? Vocês já fizeram isso *antes*? — perguntou Finn.

— Rode o filme — disse Al.

Na tela apareceu um filme simples, feito com uma câmera digital portátil, de um bode preso a uma coleira. Do outro lado da coleira estava Al. Ambos pareciam estar festejando por três dias seguidos. Um código de tempo avançava na parte de baixo da imagem.

O capitão Kelly entrou no campo de visão e pintou “Boa Sorte” na lateral do bode.

A imagem cortou para o Acelerador Rosquinha, que operava com um barulho alto. O engenheiro Stubbs estava sentado numa mesa cheia de laptops. Al levou o bode para o centro da Rosquinha.

O tempo saltou alguns minutos até uma imagem mais distante do acelerador. A câmera se aproximou e o bode ficou cada vez mais impaciente. Enrolando-se na coleira, até que... a tela de repente ficou totalmente branca.

A câmera se afastou para revelar a Rosquinha agora contendo uma bola de luz intensa e perfeitamente branca. Ela pareceu tremer e girar por alguns segundos antes de desaparecer, deixando para trás um grupo de observadores e... nenhum bode.

Al correu para o centro da Rosquinha. De quatro, ele procurava alguma coisa. Kelly e Stubbs se juntaram a ele.

Com todo o cuidado, Al pegou alguma coisa. A câmera aproximou a visão nas mãos dele. Tentando focar. Tudo nebuloso, sem foco. Depois — finalmente, trêmulo —, nos sulcos da pele de Al, na linha da vida, estava um confuso e silencioso bode de 4,5 milímetros.

— Agora eu — disse Kelly fora da câmera. — Sou o próximo!

— Ei! Quem fez todo o trabalho? — protestou Stubbs.

— Afaste-se!

Deu-se início a uma discussão. O bode não participou. Era demais para ele.

DIA UM, 14h19 (horário de verão). Willard's Copse, Berkshire

Botar botar botar botar...

A varíola tomou conta do texugo e deixou seu cadáver arruinado, mal podendo ser identificado, cheio de pústulas e vazando o pus que a Scarlatti achava tão atraente.

Durante mais quinze horas a Scarlatti continuaria a produzir ovos brancos em seu abdômen, fazendo força para evacuá-los, colocando-os cuidadosamente na carne apodrecida, as entranhas como uma estufa de reprodução.

Em cada ovo uma ninfa primitiva estava se formando. Em menos de seis horas, essa era a incrível taxa de crescimento, as primeiras ninfas começariam a consumir o restante do ovo antes de eclodir para se banquetear do cadáver.

Alguém sussurrou algo no ouvido do presidente norte-americano. Ele tomou sua decisão e fez que sim.

— Querem a nossa Scarlatti? Vocês a terão — disse ele simplesmente.

— E a capacidade de aceleração do CERN, Monsieur le Président? Frau Chancellor?

— *Oui.*

— *Ja.*

O Comandante James Clayton-King adorou quando o plano entrou em ação.

Então o presidente norte-americano ergueu um dedo.

— Com uma condição. Nós fornecemos o piloto. Quero um homem a bordo.

King arqueou a sobrancelha em protesto.

Houve outro sussurro no ouvido do presidente.

— Que seja uma mulher.

DIA UM, 15h17 (horário de verão). Base da Força Aérea Andrews, Maryland, EUA

Um Lockheed Martin F-22 Raptor variante T taxiou para fora do hangar M3.

Delta Salazar não sabia nada sobre a missão que pediram que ela realizasse, somente que era prioridade máxima: viajar para RAF Northolt, perto de Londres, à velocidade máxima, reabastecendo no ar duas vezes sobre o Atlântico. Com as turbinas ao máximo e quase nenhuma carga, sua velocidade de cruzeiro seria bem maior do que a de Mach 2. No coração do caça de cento e cinquenta milhões de dólares e de quinta geração, no compartimento vazio de bombas, envolto numa caixa de transporte “indestrutível”, havia um único frasco congelado.

O controle aéreo liberou o céu.

Delta adorava óculos estilo aviador, vencer os homens em praticamente tudo e atingir alvos com seu canhão de quarenta e quatro milímetros. Ela também *ama ama amava* voar.

Na verdade, a única coisa que ela amava mais era sua irmãzinha Carla, mas isso não era o tipo de coisa que ela diria em voz alta na (Secreta) Ala M3 da Força Aérea dos Estados Unidos.

— Livre para decolar — disse a sala de controle.

Com um toque simples, Delta acionou as turbinas-gêmeas F119-PW-100, gerando 35 mil libras de empuxo que lançaram o avião pela pista e numa subida íngreme.

A mãe dela era alcoólatra, e ela passara boa parte da infância negligenciada, encontrando fuga apenas em *video games* (começando com *Splinter Cell*, em 2002). Em 2004, a Força Aérea começou a procurar recrutas com coordenação motora excepcional em meio à comunidade de jogos online. Eles notaram a pontuação de Delta e a localizaram num abrigo infantil na Filadélfia, onde encontraram uma menina de treze anos feroz, suja e magricela, que não confiava em autoridades, tendo sido separada da sua irmãzinha quando foi levada para o abrigo. Ela superava as expectativas.

A Força Aérea a pôs num programa de treinamento ultrassecreto, conseguiu que Carla fosse adotada com direitos de visitação e deu a Delta uma chance de se destacar. Ela obteve notas máximas em seis diferentes aeronaves e ganhou duas medalhas por serviço à Força Aérea e uma medalha de honra. Ela tinha vinte e três anos — ainda que parecesse uma roqueira indie de dezenove.

A vinte mil pés, ela se afastava do continente norte-americano. Nunca conseguiu se acostumar a essa boa sensação.

— Sinistro... — suspirou ela.

— Ouvi isso, Salazar — disse a sala de controle.

Ela riu e saiu em disparada pelo Atlântico.



OITO

DIA DOIS, 2h46 (horário de verão). Hook Hall,
Surrey

Pouco mais de onze horas mais tarde, no auge do que deve ter sido uma reunião incrível e em meio ao caos organizado de tudo o que estava acontecendo dentro e ao redor da CACC, Finn viu a Tenente Salazar finalmente parar de mascar chiclete.

Os olhos dela ainda estavam ocultos por trás de seus óculos aviador (apesar de estarem no meio da noite), suas botas ainda estavam sobre a mesa e ela ainda carregava um ar jovem de insubordinação, mas... parara de mascar chiclete. Foi a maior reação que obtiveram dela desde sua chegada.

— Precisamos que você tome sua decisão dentro de uma hora, tenente. Você entendeu a proposta? — perguntou Al.

Nada.

Finn olhou para Al. *Ele não está lidando com isso muito bem,* pensou ele. A tenente parecia ter incomodado Al de alguma forma. Ele estava tentando se manter calmo, mas estava ficando nervoso. O silêncio foi quebrado.

— Eles vão encolhê-la! — disse Finn, tentando suavizar os ânimos. Ainda nada.

Usando seu polegar e indicador para ilustrar o tamanho real, Kelly tentou traduzir isso em termos militares.

— Ouça! Você será encolhida para doze milímetros, colocada num helicóptero Apache de cento e dez milímetros, depois vai localizar e matar um inseto apocalíptico com extrema precisão. Entendeu?

— Entendi... Só me deixe pensar um pouco — respondeu Delta.

(Ela podia ter sido mais clara e lhes dito como se sentia: a ideia era tão maluca que provocara uma lacuna temporária no código da sua realidade, tanto que ela precisava baixar um *patch*^[6], mas ela aprendera a nunca discutir seus sentimentos com soldados. Além disso, onde ela encontraria um *patch*?)

Al fechou os olhos. Finn sorriu. Kelly riu.

— Ela vai ficar bem — disse Kelly. — Vamos em frente.



Depois das principais reuniões informativas, Kelly, Stubbs e Salazar foram entregues a uma equipe médica que estava louca para estudar os efeitos anteriores e posteriores do “colapso atômico” sobre o corpo humano (eles podiam sentir o cheiro do Prêmio Nobel).

Al esperava que eles fossem furados, tocados e que se extraíssem vários fluidos deles, mas, quando foi chamado de volta à área da tripulação, foi informado de que o processo encontrara um obstáculo durante a “avaliação psiquiátrica”.

Cada membro da tripulação teve de construir uma esfera sólida com vários blocos de formatos irregulares. Delta simplesmente ficou sentada lá (evidentemente ainda refletindo sobre o conceito). Stubbs

começou, mas caiu de sono feito um vovô fazendo palavras-cruzadas natalinas, e Kelly deu uma “gravata” num membro da equipe médica e o obrigou a comer uma das peças.

— Você tem uma voluntária muda, um velho sofrendo de depressão e um macho-alfa idiota com a sofisticação emocional de uma minhoca — disse a psicóloga-chefe.

Al disse:

— A jovem é apenas *seriamente* tranquila. Stubbs só precisa de chá e biscoitos e Kelly esteve em Cambridge comigo; ele só é parte Neandertal. Eles são perfeitamente normais.

— Doutor Allenby, não tenho como aprovar estas pessoas para a ação.

— Aprovar? — riu Al, afastando-se de uma crise na Engenharia de Dados. — Eles partem ao amanhecer. Simplesmente se certifique de que a piloto aceitará a missão. Faça o que for preciso.

Assim que Al e Finn voltaram, a psicóloga tinha os membros da tripulação sentados em um círculo.

— Se vocês pudessem levar um item pessoal com vocês, o que levariam? — perguntou a psicóloga a Delta. — Tenente?

Delta mascava chiclete.

— Certo. Que tal seguirmos em frente, Leonard? — perguntou a psicóloga.

— Vou precisar dos meus tablets — disse Stubbs.

A psicóloga o encarou.

— Não, Leonard, estamos falando de um item *pessoal* especial que...

Finn, depois de ter passado muito tempo com psicólogos especializados em luto, conhecia o procedimento e decidiu ser útil para apressar as coisas.

— Ela está falando de coisas como um ursinho de pelúcia ou uma aliança de casamento ou coisa assim.

— Nunca me casei — disse Stubbs. — Quem iria me querer? Casado com o trabalho. Nada bonito. E não vejo o Teddy desde que o orfanato pegou fogo em 1962.

Fez-se silêncio enquanto o Capitão Kelly lutava para abafar o riso, sem conseguir, contaminando Al. Em pouco tempo eles estavam gargalhando. Stubbs olhou e balançou a cabeça negativamente. Não era a primeira vez que Finn se perguntava o que o velhinho estava fazendo numa missão como essa.

— Ignore-os — disse Stubbs para a psicóloga. — Seja superior a isso.

— Capitão Kelly! — gritou a psicóloga, num tom de repressão. — Quando você tiver terminado... que item você gostaria de levar?

Kelly parou de rir e deu um apertão alegre no joelho de Stubbs, indicando que não havia mágoa.

— Ah!

— Desculpe. Eu só quero meu Minimi^[7] e talvez alguns M27^[8]. — Ele explicou os detalhes técnicos das armas, confundindo a psicóloga, confusão que piorou quando Stubbs começou a explicar ao mesmo tempo que ele teria de levar sua oficina móvel (um caminhão Pinzgauer adaptado de acordo com suas próprias especificações), se não, francamente, qual era o sentido de ele se importar em fazer parte da missão?

Enquanto isso, por trás dos óculos escuros, Delta construía seu *patch*:

0382* <esta missão era a coisa mais louca e suicida que ela já tinha ouvido** <mais do que combate*** <mais do que um jogo da liga principal**** <mais do que estranho

0383* <incrível

0384* <mas e quanto a Carla* <<? ** <Ela tinha de ser informada antes de cada missão de combate

0385* <impossível. * <<segurança operacional rígida demais ** <conceito inacreditável demais

0386* <rompimento do Pacto de Verdade das Irmãs

0387* <droga** <[Nil]* <<[Nil]* <<<[Nil]...

0388* <por outro lado* <<[Nil]* <<<[Nil] ** <Carla agora tinha doze anos* <<?* <<?

0389* <elas tinham cada vez menos em comum * <<ela não era uma jogadora * <<<ela não se interessava mais por informações das missões mas apenas::*** <>"Conte-me uma história"<>

0390* <tudo o que ela queria eram <> "histórias"<> * <<histórias para ler * <<<para assistir * <<<<para acreditar

0391* <além disso ** <<isso seria uma história e tanto

0392* <rompimento do pacto** <aceitar missão*** <QED

0393C* <Reiniciar>*C.)

Delta se levantou, ergueu os óculos escuros, pegou as peças do quebra-cabeça que haviam sido abandonadas antes e as rearranjou

em dois segundos cravados. Com um movimento de pulso, ela então o fez girar como um planeta e todos ficaram olhando enquanto a esfera desenhava uma órbita perfeita sobre a mesa.

— Acho que acabamos aqui — disse Delta à psicóloga.

Kelly começou a rir novamente. A psicóloga saiu da sala. Al ficou olhando para Delta, enfeitiçado. Finn o cutucou.

— Podemos... podemos presumir que você aceita a missão, tenente... Senhorita Salazar? — perguntou Al (daquele jeito da classe alta britânica, como se estivesse pedindo alguém em casamento, pensou Delta).

— Você aponta. Eu atiro. Vamos em frente — disse ela, abaixando os óculos e levantando os pés novamente.

Legal, pensou Finn.

Al tropeçou ao ser levado para a próxima reunião e não conseguiu deixar de olhar novamente para ela.

Vergonhoso, pensou Finn.



NOVE

DIA DOIS, 5h32 (horário de verão). Hook Hall,
Surrey

Estava quase amanhecendo quando King viu o helicóptero Apache completamente armado ser colocado dentro de uma caixa no centro do acelerador.

Na lacuna de tempo de sua memória, o caos chegara ao máximo por volta das quatro da manhã e estava diminuindo rapidamente. A máquina de içamento e as presilhas se afastaram e o novo Grande Acelerador parecia ter estado sempre ali.

As peças orginais do Acelerador Rosquinha de AI foram reposicionadas e adaptadas para formar quatro partes equidistantes de um anel muito maior de aceleradores de partículas. O campo nanodimensional — ou “área quente” — no centro teria o tamanho aproximado de uma sala de aula e requeria tanta potência que consumiria boa parte da energia das redes do Reino Unido e França.

Allenby o controlaria de uma sala de controle especialmente construída — seu cockpit — no andar térreo do CCAC.

Vários aparelhos militares estavam enfileirados num sistema de esteiras que percorria toda a extensão do CCAC, com mais suprimentos na área de carga esperando para serem carregados — suprimentos que deveriam ser colocados na área quente em três minutos exatos.

A velocidade era essencial. Assim que a redução estivesse completa, a tripulação nanodimensional e seus nanoequipamentos seriam transportados, juntamente com a Scarlatti Beta (a nova Scarlatti norte-americana foi assim chamada para ser diferenciada da original Scarlatti Alfa), para a área de soltura a cinquenta quilômetros ao norte num helicóptero de transporte Merlin em escala real — que já aguardava na pista do lado de fora do CCAC.

Já que eram necessárias no mínimo vinte e quatro horas para evacuar a população se a missão falhasse, a equipe teria uma janela de menos de doze horas antes que as autoridades se dirigissem ao público e declarassem estado de emergência. Como ninguém tinha certeza de que o Grande Acelerador estaria pronto para redimensionar a tripulação imediatamente depois de concluída a missão, um contêiner refrigerado com alimentos e água para duas semanas também aguardava na área de descarga para ser usado como precaução^[9].

Preocupantemente, pouco progresso foi feito na busca pelo Dr. Cooper-Hastings. Todos os contatos foram questionados e todas as pistas possíveis foram seguidas; todas as organizações internacionais de segurança estavam em alerta. Mas não deu em nada. O Dr. Cooper-Hastings era um cientista simples, que vivia sozinho. Presumia-se que ele enlouquecera aos poucos e liberara a Scarlatti durante uma espécie de surto. Para King, tudo era muito simples. À medida que a hora zero se aproximava, ele dobrara a segurança no local e triplicara toda a segurança eletrônica.

King olhou para baixo da ponte de controle e viu o jovem Finn correndo de um lado para o outro, ocupado e afobado, agora se juntando aos entomologistas que iam para a sala de reanimação.

Ao longo da noite, ele passou a ver que Finn era a pessoa mais importante do projeto, não apenas como parente e consolo de Allenby, mas também como membro ativo, cobaia e “fazedor de todas as perguntas do mundo” — seu bom humor incansável e senso de aventura davam forças a todos.

Seu pedido de se juntar à equipe de entomologia fora um clássico. Quando o Professor Lomax apontou sua falta de qualificações, Finn dissera:

— Sim, mas tenho esse amigo na escola, Hudson, que não pode ir nos passeios escolares por mais de, digamos, doze anos, porque não consegue fazer cocô em nenhum banheiro que não o seu próprio — ele não diz nada, mas há um bilhete da mãe dele na diretoria —, então ele sempre fica para trás e mesmo assim ele é o único menino realmente interessado em geologia glacial ou no show *Horrible Histories* e coisas assim. Enquanto isso, todos os outros participam dos passeios e só fazem bagunça.

A expressão do Professor Lomax era a imagem da confusão e do desgosto.

O jovem Dr. Spiro cumprimentou Finn com o punho cerrado, num gesto que King acreditava ser para expressar “respeito”.

O único problema era a “ligação para a vovó”, agendada para as nove da noite (o sistema de monitoramento dela era admiravelmente simples: ela esperava relatórios pela manhã, meio-dia e noite), durante a qual a vovó pedira para dar boa-noite ao cachorro. Finn disse que o animal estava “lá fora perseguindo morcegos”, o que estava longe do aceitável. Uma equipe teve de ser reunida e enviada para a igreja em Langmere, onde o cachorro foi rapidamente sequestrado e onde fizeram gravações secretas de seus latidos e outros barulhos para que o pedido da vovó fosse atendido. A vigária, Christabel Coles, permaneceu colada ao programa *Celebrity Come Dine With Me* o tempo todo.

Lá em cima, na sala de controle, autoridades e políticos chegavam de todos os cantos do mundo, pessoalmente ou por teleconferência.

Lá embaixo, a empolgação estava prestes a começar.

Em breve King teria de subir e conversar educadamente, respondendo a questões específicas.

Ele quase desejou ter doze anos de idade.

DIA DOIS, 5h46 (horário de verão). Hook Hall, Surrey

Uma casca seca e translúcida. Um movimento repentino dentro. A casca se rompeu para revelar um olho úmido de mil células.

A luta pela vida começara.

Com luvas pesadas e por trás de um espesso vidro de isolamento, o Dr. Spiro trabalhava na nascente Scarlatti Beta, com Finn o ajudando, segurando a lâmpada de aquecimento, e Al atrás dos dois. Usando presilhas e outros instrumentos, Spiro abriu a casca que fora a pele final da Scarlatti no estágio de ninfa. Pequenos choques de quatrocentos miliampères dados pelo instrumento estavam trazendo a Scarlatti de volta à vida depois de trinta anos armazenada a frio.

O Professor Lomax olhou para eles por sobre seus óculos do carrinho de transporte estéril. O carrinho era em essência um sistema vital para a Scarlatti, um sistema que a manteria isolada e contida, permitindo que Lomax colasse o nanoaparelho de rastreamento na placa torácica exata depois da miniaturização.

Por todos os lados, cientistas e técnicos corriam. Os que estavam reunidos na sala de controle assistiam em uma tela.

Esperando pela recém-nascida Scarlatti estava um arreio de titânio — um invólucro em forma de salsicha — que seguraria as asas e ferrões do monstro para permitir a colocação do aparelho de localização em miniatura no tórax dele.

Uma vez pronta, a Beta seria transferida para a área de carga preparada para receber o nanoaparelho de rastreamento assim que ele estivesse disponível — tudo feito em câmeras pressurizadas para evitar que o sistema nervoso ultrasensível da Beta se tornasse hostil ao sentir qualquer cheiro de tripulação. Eles queriam que a vespa se ativesse aos feromônios da Scarlatti Alfa e nada mais [\[10\]](#).

Lentamente, o inseto gigante começou a despertar. Enganosamente devagar.

Pouco abaixo da cabeça da Scarlatti, Spiro usava as presilhas para abrir o restante da casca...

SNAP!

— Ahhhh! — gritou Spiro.

A criatura parecia explodir em sua mão — livrando a cauda de sua camada morta exterior. Libertando-se. Má e úmida. Uma mistura de pinças e ferrões — amarelos e vermelhos, brilhando contra o fundo preto. O barulho das asas prateadas que se abriam e zumbiam pela primeira vez...

WWWKZZZZWZWZWWKZWZWKZ

— Alguém por favor me alcança um prendedor? — disse baixinho o Professor Lomax.

O Dr. Spiro estava impressionado. Finn deixou cair a lâmpada de aquecimento e segurou a Beta que se debatia. Ele sentiu uma picada contra sua luva grossa, como se fosse a mordida de um rato furioso. Finn a segurou firme e esperou que Spiro voltasse. Mas Spiro parecia precisar de um instante para se recuperar. Finn olhou para ele. De perto, seus olhos estavam estranhamente manchados, piscando esporadicamente por trás dos óculos. Mais como um computador tentando reiniciar do que como uma pessoa surpresa.

Finn se perguntava se deveria gritar para que Al assumisse o controle, mas Spiro rapidamente atacou, segurando a Scarlatti Beta com as pinças. E, com elas, eles manipularam o monstro com os

arreios de titânio, fechando cuidadosamente o mecanismo de soltura para não cortar as furiosas asas do monstro.

Era como um charuto de pesadelo — prateado, vivo e absolutamente letal.

Spiro o passou por um duto pressurizado até o tanque menor, no carrinho estéril do Professor Lomax. Finalmente, uma unidade atômica cinza do lado de fora do transportador foi ligada para produzir um jato de vapor anestésico que manteria o monstro sob controle até que ele fosse solto.

Quando tudo acabou, Spiro estava aliviado, mas também furioso consigo mesmo. Novamente Finn notou que ele parecia estar piscando de um jeito estranho. Talvez estivesse apenas nervoso. Finn queria lhe dizer que estava tudo bem, que ninguém se importaria, mas isso não era o tipo de coisa que um menino pudesse dizer.

— Parabéns — disse o Professor Lomax, com pesado sarcasmo. — Triunfo.

Que dupla estranha, pensou Finn enquanto eles se afastavam em direções opostas, Lomax empurrando o carrinho até a área de carga.

— É o que acontece quando você convive com entomologistas por muito tempo — Al alertou Finn. — Você desenv...

— Antenas supersensíveis? — disse Finn.

— Não. Um ferrão — disse Al.

A conversa foi interrompida quando o primeiro alarme de contagem regressiva soou.

BIIIIIIIIIP.

— T-MENOS DEZ.

Dez minutos para a hora zero.

DIA DOIS, 5h50 (horário de verão), Hook Hall, Surrey

Todos se moveram de uma só vez — Al tão rápido que Finn teve de correr para acompanhá-lo.

Eles abriram caminho até o centro do CCAC, onde ambos subiram até a cabine de comando de Al. Ela estava cheia de computadores e ficava bem em frente ao Grande Acelerador. O trabalho final de Finn era fechar o domo de vidro da cabine e trancar Al lá dentro.

— Você vai assistir a tudo aqui de baixo com o Clube dos Insetos ou lá de cima com os Poderosos? — perguntou Al.

Os políticos e convidados especiais observariam a ação da sala de controle com o Comandante King. A maioria dos cientistas ficaria do lado oposto, nos laboratórios ao longo da ala norte do CCAC. Eles já estavam buscando a melhor posição, os narizes pressionados contra o vidro, óculos batendo uns nos outros.

— Vou ficar com o Clube dos Insetos. — Lá se tinha uma ótima visão do Grande Acelerador. — Acha que vai dar certo? — perguntou Finn.

— A chance de desastre sempre está em torno de uma para três.

Isso não parecia muito esperançoso, mas Finn sabia que todos tinham feito o que podiam. Tudo o que eles precisavam agora era... sorte.

Ele tocou a pedra no seu peito e depois tirou o colar de couro do pescoço.

— Tome. Para dar sorte — disse Finn, entregando a esfarelita para Al.

— Sorte? Sou um homem da razão.

— *Minha mãe insistiria* — disse Finn.

Al segurou a cabeça dele e a esfregou com os nós dos dedos carinhosamente.

— Ah, um pouco de fé... — disse, mas pegou a pedra mesmo assim.

— Você não vai se infiltrar na missão sem mim, não é? — perguntou Finn, o pensamento lhe ocorrendo de repente.

— Sou a única pessoa que sabe dirigir esta coisa. E, francamente, acha que eu, você e seu amigo Hudson que não consegue ir ao banheiro seríamos uma escolha melhor do que matadores treinados como Kelly e a Senhorita Salazar? — Ele olhou para onde Salazar e a tripulação estavam sendo colocados em macas para serem anestesiados.

— Meu nome não é “francamente” — disse Finn —, e o dela não é Senhorita Salazar, é Delta, e será que você pode parar de encará-la desse jeito? É *tão* vergonhoso.

— Ei! — disse Al, esfregando a cabeça dele com os nós dos dedos um pouco mais forte. — Não a estou encarando!

O alarme de cinco minutos soou.

— Promete que vai me deixar experimentar algum dia? — disse Finn.

— Não, mas prometo que vamos aos Pirineus durante toda uma semana no verão e *como convidados do presidente da França*. Imagine o serviço de quarto.

Finn fechou a porta e a segurou sobre Al, que deu uma risadinha e fez sinal de positivo.

Ele era a imagem da mais absoluta felicidade.



DEZ

DIA DOIS, 5h56 (horário de verão). Hook Hall,
Surrey

Finn sabia que deveria estar empolgado ao voltar para os laboratórios.

Mas ele se sentiu repentinamente cansado, cansado mesmo, e só conseguia pensar numa palavra. "Verão", dissera Al. "Vamos para os Pirineus durante toda uma semana *no verão*".

Havia um conceito de física quântica que Al tentara explicar para Finn e que ele simplesmente não conseguia entender, apesar de parecer verdadeiro, chamado Princípio da Incerteza. Ele dizia que, quanto mais você souber sobre a posição de uma partícula, menos saberá sobre o movimento dela, e vice-versa, ou, como Finn entendia, quanto mais você sabia o que queria, menos podia tê-lo.

As últimas dezoito horas foram extraordinárias, incríveis, empolgantes e importantes: e em poucos minutos tudo acabaria. Era ingratidão, ele sabia, mas Finn estava cheio daquela sensação de fim de férias. O verão demoraria séculos. Ele podia se ver de volta à escola e sentir as semanas vazias se desenrolando à sua frente.

Quem acreditaria que isso aconteceu? Será que isso tudo permaneceria um segredo total? Quase com certeza. Adultos tinham tantos segredos.

Ah, se ele pudesse ao menos manter alguma coisa, pensou Finn, algo para lembrá-lo, provar para si mesmo, se não para mais ninguém. Aquele bode em miniatura seria legal. Ou talvez ele pudesse acrescentar a própria Scarlatti à sua coleção? Imagine exibir aquilo...

Depois ele pensou na segunda melhor coisa.

DIA DOIS, 5h58 (horário de verão). Sibéria

Depois de dezessete horas de esforço e agonia, a raposa do Ártico finalmente conseguiu arrastar seu corpo ferido pela tundra congelada e de volta ao seu covil. Estava exausta, mas em casa.

Finalmente ela podia descansar durante todo o tempo que a ferida levaria para cicatrizar. Ou morrer.

No subsolo, Kaparis observava Finn correndo pelos laboratórios.

No subsolo, Kaparis observava Allenby rindo em sua cabine.

Desde as 19h43 da noite anterior, ele tinha acesso a todo o sistema de monitoramento do Hook Hall, cujo núcleo agora não estava mais em Surrey nem em qualquer outro lugar da Inglaterra, e sim com uma menina de quatorze anos, outra de seus Tyros, Li Jun — semicega e dobrada sobre os teclados e telas na ala de comunicação do abrigo de Kaparis, a menos de cinquenta metros dali.

Ela saiu da faculdade com apenas nove anos. Ainda mal falava, mas seu trabalho — Kaparis tinha de admitir ao assistir a King conversando banalidades com um membro da família real na sala de controle — era perfeito.

DIA DOIS, 5h59 (horário de verão). Hook Hall, Surrey

Do lado de fora, o dia amanhecera.

Os laboratórios que davam diretamente para o CCAC estavam cheios de cientistas, engenheiros e técnicos exaustos que construíram o acelerador, que planejaram e realizaram a missão extraordinária.

Políticos e cientistas estavam reunidos na sala de controle. A atmosfera era tensa e cheia de expectativa.

Um a um, os membros da tripulação receberam um anestésico de curta duração. (O último pensamento de Delta antes de dormir, olhando para Al na cabine de controle, foi uma mistura de *Espero que ele saiba o que está fazendo e namorado problemático em potencial*). Então, um a um, eles foram transportados na esteira. Já no seu lugar no meio do acelerador estava o helicóptero; na esteira aguardava o caminhão-oficina de Stubbs, um caminhão de combustível e, agora, a tripulação. O restante dos suprimentos a serem encolhidos aguardava na área de carga, e do lado de fora dessa área havia um caminhão contendo a Scarlatti Beta.

Finn sabia que era sua última oportunidade.

Deixando a multidão de técnicos e cientistas nas janelas do enorme Laboratório Um, ele fugiu e correu pelos corredores e laboratórios agora desertos até o Laboratório Quatro, onde a equipe de entomologia estava baseada.

Seu plano era simples. Pegar a casca vazia da Scarlatti Beta.

Entrou no laboratório deserto e lá estava a casca num canto da câmara, como ele esperava. Como uma bolsa exposta, o exoesqueleto estava lá, esperando para ser levado para casa e colocado num cartão A3, seu nome latino impresso na parte de baixo. Era do tamanho de uma pinha pequena e estava predestinado a provocar maravilhamento. Pelo menos em seu amigo Hudson.

Finn estava procurando por algo em que pudesse colocar a casca da vespa quando notou uma caixa nova de luvas que seriam do tamanho perfeito, e lembrou que os cientistas haviam jogado a caixa velha fora. Foi quando abriu o lixo para encontrar a caixa velha que ele viu.

A unidade atomizadora cinza.

A unidade atomizadora cinza que deveria estar na parte de trás do transportador, gerando um vapor anestésico para a Scarlatti.

O que a unidade atomizadora ainda estava fazendo ali? Era melhor que ele verificasse o transportador e avisasse alguém.

Finn não sabia direito o que concluir. Será que tinha havido uma mudança nos planos? O que a unidade atomizadora estava fazendo ali? Ele tinha de contar a alguém. Temendo se encrencar, ele apertou o botão de alarme ao lado da porta.

Mas nenhum alarme soou. Nenhuma luz se acendeu. Ele apertou de novo. Nada.

Finn correu de volta pelos corredores vazios até as portas que davam para a área de carga do CCAC. Lá estava o transportador. Lá estava a Scarlatti Beta em segurança.

Lá estava o jovem Dr. Spiro.

O discurso de AI foi curto.

— Isto é a história, e nós a estamos fazendo. Vamos.

Dizendo isso, ele apertou um botão e a energia oscilou em toda a Europa.

Com um barulho repentino, o acelerador foi acionado e começou a girar.

AI começou a manipular a interface de dados e a aumentar a potência. Ele usava protetores de ouvido e óculos de sol.

Lá em cima, mesmo atrás do espesso vidro de segurança da sala de controle, o barulho era extraordinário.

No acelerador, enormes arcos de luz giravam e formavam uma espécie de algodão-doce elétrico.

— A unidade atomizadora! Eu a encontrei no laboratório! — gritou Finn para o Dr. Spiro por sobre o som do acelerador do outro lado das portas da área de carga.

— Ela foi substituída — gritou de volta Spiro. Ele parecia empolgado, quase vidrado.

Finn olhou para baixo. O ponto na traseira do transportador onde a unidade atomizadora deveria estar agora continha outra coisa. Como um monte de argila ou massa de modelar. Alguns fios estavam à mostra. Finn não entendeu a princípio, não conseguia processar o que poderia ser aquilo, só sabia que definitivamente não era uma unidade atomizadora. Tudo era barulho e confusão.

E então, na mão de Spiro, ele viu uma capa cinza, como a que havia do lado de fora da caixa da unidade atomizadora. Do tamanho certo para se encaixar na argila. Ainda sem juntar os pontos, mas sentindo que algo estava muito errado, Finn apertou o alarme na porta da área de carga.

Estava difícil ouvir, mas novamente nada soou e nenhuma luz acendeu.

Então Finn viu algo que realmente o desconsertou.

O Dr. Spiro não estava usando sapatos.

Eles estavam bem atrás do transportador. Os dois apoios estavam desnivelados. Na verdade, os apoios pareciam câmaras abertas e vazias. *A massa de modelar saiu dos sapatos dele*, pensou Finn absurdamente. Num microssegundo, uma série de conexões temerosas foi feita em seu cérebro e Finn chegou a uma conclusão ainda mais absurda.

Enquanto todos estavam assistindo ao procedimento, Spiro estava colocando uma bomba no transportador. Havia explosivo plástico em seus sapatos.

— *O menino viu os sapatos. Dê um jeito nele* — disse uma voz que apenas Spiro podia ouvir.

Spiro ficou bem calmo e imóvel. Como se estivesse em transe.

Simplesmente se vire, pensou Finn.

Simplesmente se afaste.

Simplesmente conte a alguém o mais rápido possível.

Melhor ainda...

CORRA.

A porta dos fundos do Laboratório Um estava bem ali. Finn estava a menos de dez metros dela. Havia mais de duas dúzias de cientistas e técnicos do outro lado, reunidos na janela, admirados com o Grande Acelerador que gerava raios líquidos ao redor do seu núcleo.

Tudo o que ele tinha de fazer era passar pela porta e gritar.

Mas tudo o que ele sentiu foi a dor do chute que Spiro deu no seu calcanhar ao se virar, e o chão indo de encontro a ele, que caía.

O ar lhe faltou ao atingir o chão, depois novamente Spiro lhe deu um chute nas partes baixas. Por um instante Finn não conseguiu nem respirar nem gritar.

Ele tentou rolar e se esquivar e rastejar até as portas do laboratório. Mas Spiro estava de pé e se lançou contra ele imediatamente. Finn lutou para respirar e sobreviver. Mas Spiro estava esmagando o peito dele com seu peso, a expressão feia de uma gárgula.

Finn usou toda a força que lhe restava para levantar sua perna, como se estivesse realizando um dos muito praticados chutes altos, e seu joelho bateu na nuca de Spiro com a força de uma bala de canhão. Durante um instante, Spiro ficou tonto e desequilibrado.

Era tudo o que Finn precisava. Ele tirou seu corpo debaixo do corpo de Spiro, jogando-o para o lado.

Finn avançou com dificuldade para a porta do laboratório. Ele podia ver o movimento através do painel de vidro. Ele conseguiria alcançar. Finn colidiria com o painel de vidro, o atravessaria e daria o alarme...

Mas, antes de alcançar o painel, Spiro atingiu a perna que se conectava ao calcanhar de Finn. Assim que Finn caiu no chão, Spiro subiu sobre ele e jogou algo de um pequeno frasco no rosto dele.

Finn foi ficando inconsciente como uma pedra.

Bom. Agora se livre do corpo. O contêiner de suprimentos refrigerados fica do outro lado das portas da área de carga.

Ao cair — e se sentindo carregado —, Finn pensou que, por mais que você tente entender as coisas, por mais velho que seja, ou inteligente ou sábio, sempre havia outra camada de mistério.

E então tudo ficou escuro.

Na cabine do Grande Acelerador, Al, feliz com tudo o que havia criado, pegou um simples dispositivo de memória do seu bolso e o inseriu numa porta USB no terminal de controle. Uma nova janela se abriu diante dele. Era hora de inserir o código sequencial decisivo que só ele conhecia. Ele o digitou no teclado, sussurrando para si mesmo a poesia que ele usava para se lembrar do código. Funcionou. Os raios intermitentes agora se tornaram um arco contínuo.

00:00:10

00:00:09

00:00:08

00:00:07

00:00:06

00:00:05

00:00:04

00:00:03

00:00:02

O acelerador girava ao máximo.

00:00:01

Todos estavam na janela.

00:00:00

O CCAC se transformou numa incrível e cegante luz branca...

... que formou uma enorme bola sólida giratória que consumiu o centro do acelerador e engoliu o helicóptero Apache.

Todos ficaram olhando, admirados.

A esteira começou a rodar, as portas da área de carga se abriram e uma equipe de suprimentos entrou no CCAC com trajes de proteção.

A primeira coisa a ser levada para a luz foi o caminhão de Stubbs, balançando ao avançar e alcançar o vórtex, seis metros quadrados e mais de três toneladas de aço engolidos de uma só vez. Um a um os itens foram inseridos, munição, combustível... a tripulação.

A esteira foi recarregada, o vórtex continuava girando e os itens continuavam a ser inseridos no acelerador. As cargas. Um jipe. O contêiner de comida.

O acelerador começou a diminuir sua velocidade e a bola de luz branca de repente perdeu força.

Os cientistas e personalidades reunidos apertaram seus rostos contra o vidro, tentando enxergar.

A tranca se abriu. As portas da sala de controle automaticamente se destrancaram.

Al desceu a escada da cabine quatro degraus por vez e chegou ao CCAC.

Rapidamente ele entrou no acelerador — que estava aparentemente vazio —, mas lá, no meio da máquina, estava o que parecia uma coleção de brinquedos.

Uma equipe de evacuação nanodimensional especialmente treinada imediatamente colocou os objetos minúsculos nas caixas de transporte — caixas de alumínio adaptadas — e as levou até um helicóptero de transporte Merlin de tamanho normal cujas pás já giravam, preparando-se para decolar do lado de fora do hangar, pronto para voar para o norte.

Enquanto Al recuava para deixá-los trabalhar, conseguiu ouvir alguma coisa por sobre o som do helicóptero, algo abafado e emanando da sala de controle e dos laboratórios.

Aplausos.



Segunda Parte



ONZE

O helicóptero de transporte Merlin de dez toneladas estava no meio do voo a 00:15.12.77, numa altitude de mil pés e com uma velocidade de quase cem nós, quando uma carga de duzentos e cinquenta gramas de explosivo plástico de quinta geração — o equivalente a cinquenta e cinco quilos de dinamite — detonou num ponto dentro da porta de carga 2.

A bomba abriu a fuselagem e arruinou a subestrutura e a carcaça, de modo que a força centrífuga do rotor não podia mais ser contida. Em 0,789 segundo, a estrutura entrou em colapso, o rotor principal quebrou e a aeronave se desintegrou, seus componentes caindo na terra numa nuvem de combustível de aviação que rapidamente entrou em combustão.

Uma rádio local recebeu uma ligação de um residente de Little Downs, Surrey, um vigário. O vigário, em choque e usando a linguagem do programa *Six O'Clock News*, relatou uma "enorme explosão" e "pedaços espalhados por uma área ampla", e depois houve um corte inexplicável e repentino na ligação.

Por favor, Deus, não, pensou Al.

As implicações e possibilidades ricochetearam em sua mente.

A sala de controle ainda estava num silêncio entorpecido. O triunfo se transformara instantaneamente em desastre.

Como eles foram tolos, pensou o Comandante King ao lado de Al.

— *Contato visual. Local do impacto em chamas* — disse uma transmissão pelo rádio emitida pela primeira equipe de busca a ter uma visão decente do local do acidente. — *Limite do bosque a cerca de dois quilômetros a noroeste da B235. Sem acesso por rodovia.*

— Acabou... — murmurou o General Mount. — Tudo acabou.

— Vamos esperar até que a equipe de recuperação nos envie um relatório, general — ordenou King, com simulado sangue frio, tentando se recuperar.

O Professor Lomax disse pouco depois da decolagem que encontrou a unidade atomizadora no laboratório de entomologia. Ele acionou o alarme. Eles deveriam ter obrigado o helicóptero a pousar imediatamente. Mas em vez disso pediram que Lomax verificasse novamente se a unidade encontrada era a mesma que deveria estar a bordo do Merlin.

Quando ele confirmou, era tarde demais.

Uma equipe vasculhou as câmeras de segurança, mas não encontrou nada além de imagens inócuas, obviamente manipuladas, de um complexo CCAC vazio. A última filmagem "real" mostrava Finn saindo do Laboratório Um e indo para o Laboratório Quatro. Nessa hora o acelerador estava exibindo seu lado mais espetacular e perturbador. Por que Finn saiu? O que acontecera? Ninguém sabia.

Porque ninguém conseguia encontrar Finn.

O circuito interno ficou fora do ar por sete minutos, até que o Dr. Spiro de repente apareceu na tela com o transportador para ajudar a colocar o aparelho de localização miniaturizado na Scarlatti Beta.

Agora parecia que o Dr. Spiro havia desaparecido também. Enquanto uma busca frenética acontecia, Al tentou entender tudo,

travando uma batalha perdida contra seus maiores temores. Ele se lembrava de ter perguntado a Spiro se Finn ainda estava no laboratório enquanto eles observavam a nanotripulação, o equipamento e a Scarlatti Beta presa ao transportador, sendo colocados em caixas de alumínio e carregados no helicóptero Merlin para o voo curto até o local de soltura. Al esperava que Finn estivesse ao lado de Spiro.

— Ele está com o comandante — dissera Spiro. Ele havia mentido.

A última imagem encontrada de Spiro no circuito interno o mostrava saindo do complexo de laboratórios pouco antes de o helicóptero de transporte decolar.

— Aquela porta não deveria ser aberta por ninguém — disse King.
— Sejam quem forem nossos inimigos, eles estão no sistema, estão no circuito interno e estão até mesmo no código das trancas das portas.

Finn quis acordar. Sentiu uma dor quente e urgente.

Ele se perguntou em que tipo de pesadelo estava e tentou sair daquele sonho ruim, abrir os olhos como fazia quando criança ao perceber que estava sonhando. Mas aquilo lhe voltava repetidas vezes. Dor na nuca. Escuridão. A sensação trêmula e esquisita de que estava flutuando fora do corpo, sem fazer parte daquilo. Ele entrou e saiu disso, semiconsciente, durante... segundos...? Minutos...?

Depois, repentinamente quis vomitar. Ele tentou vomitar, mas não conseguiu nada além de uma dor ainda mais forte. Finalmente abriu os olhos e percebeu que era isso mesmo: ele estava acordado e não doía tanto.

Enquanto Finn acordava completamente — tanto quanto a dor permitia —, só tinha certeza de que precisava levantar.

Ele estava enterrado sob alguma coisa. Sua cabeça presa por... rochas? Mas ele estava molhado também e sentia o cheiro de...

tomate? Ele se mexeu e se aproximou do que quer que fosse. Latas caíram ao seu redor. Comida. Ele estava soterrado por latas de comida.

Ele respirou ar — frio, sim, melhor do que o ar fétido que ele estava respirando, mas poluído. Fumaça. Empurrou a bagunça de latas e se percebeu de cabeça para baixo no que entendeu ser o contêiner de transporte refrigerado, o armazém de comida.

Tudo lhe ocorreu de uma só vez, como água vertendo numa vasilha vazia. Al... as férias... Scarlatti... Boldklub... Spiro...

Seus ouvidos zumbiam e sua boca estava dormente, bloqueada, como se estivesse cheia de terra. Tentou vomitar de novo. Ao longe ele conseguia ouvir... vozes? Fogo?

Durante um microssegundo, pensou "*Fogo... calor...*", e podia ter deitado e aceitado isso. Mas algo se remexeu dentro dele, algo nas entranhas, e ele soube que tinha de tentar sair, mesmo que parecesse inútil.

Siga em frente.

Ele se mexeu. O contêiner de transporte estava de cabeça para baixo e inclinado, e Finn levou alguns minutos para se orientar.

Tentou aceitar o torpor. Ele sentia o cheiro da fumaça, fumaça de gasolina. Bloqueando a entrada do contêiner havia uma pesada cortina de telas verdes. Ele se aproximou com dificuldade da cortina espessa. Ao abri-la, viu mais fumaça e o som do fogo estalando, mas também um raio de luz. Finn se arrastou por sob a fumaça e a luz até se acostumar e abrir mais seus olhos. Toda a área sobre o contêiner parecia coberta de verde, como se envolta por uma lona de circo. O contêiner estava na terra, de lado, Finn conseguia ver agora. Ele avançou para a luz.

O som de coisas queimando e a fumaça estavam ficando mais intensos. A tela terminava num ponto onde fora costurada. Ao sair finalmente para o dia, para fora da tela, ele viu.

Uma coisa ensanguentada do tamanho de uma baleia. Carne, mas não carne. Grande e fantástica demais para ser carne. Grandes rolos e picos. Clara, cheia de linhas e pontos. Curvada. Vertendo. Enquanto Finn recuava e seus sentidos tentavam compreender aquilo, ter alguma impressão de forma, seu coração bateu forte... quando percebeu o que era.

Mão. Mão humana. Finn se levantou paralisado diante daquela mão por um instante, seu cérebro incapaz de processar a escala. Ele tentou fechar e abrir os olhos e acordar novamente. Mas ainda estava lá. Preenchendo o vazio. Cento e cinquenta vezes o tamanho que deveria ter. As unhas ainda eram mais estranhas, como lascas de rocha, cheias de camadas e com vários centímetros de espessura, suas extremidades e cutículas furadas e cheias de arestas e peles pendendo aqui e ali. Sujeira também. Porções de sujeira e sangue coagulado nas ranhuras e reentrâncias da pele grossa como um colchão da ponta dos dedos. Ele se virou...

... e percebeu que o monte — a montanha — atrás dele, acima dele, era um corpo, e a tenda de circo era a roupa. O uniforme. Era o corpo de um dos aviadores da tripulação do helicóptero transportador Merlin.

A mente de Finn girava, seu coração batia forte, o mundo se expandindo e explodindo ao redor dele.

Sou eu e não sou eu...

Um barulho saiu dele. Um grito primitivo. Acontecera — a coisa mais extraordinária, inimaginável e ridícula do mundo acontecera. Nunca tinha se sentido tão impotente, tão reduzido a nada... ou tão novo. Ele se sentiu chocado e mudado, uma mudança tão grande quanto a de quando sua mãe morreu — a diferença entre ela estar ou não lá, entre sua presença e ausência.

Sou eu e não sou eu, pensou Finn, olhando em volta, impressionado com o gigantesco macromundo ao seu redor. Depois da luta, Spiro deve tê-lo colocado, inconsciente, no contêiner de alimentos na área de carga...

Sou eu e não sou eu... Sou nano...

BANG!

Algo explodiu ali perto, lançando cinzas sobre sua cabeça, um jorro vermelho-vivo.

Ele se afastou da mão e avançou com dificuldade. Tentando aceitar tudo. Tentando entender. Havia terra sob seus pés. Terra fresca e plana. Ele estava numa clareira — criada pelo impacto? —, mas ao seu redor havia torres de grama exuberantes e espessas como uma floresta tropical, algumas folhas pegando fogo. Mais acima havia árvores — o começo de um bosque, pensou ele — com destroços queimando nos galhos.

Quanto mais Finn se afastava da mão, do corpo, mais certeza tinha de que o avião ainda estava vivo, ainda que muito ferido. Não havia movimento na mão, mas Finn podia perceber a massa do abdômen se elevando e caindo enquanto ele respirava. Mas Finn não o podia salvar. Ele precisava se afastar. A fumaça estava cada vez mais espessa. Ele só conseguia ver alguns centímetros à sua frente.

Por um minuto mais ou menos, ele mergulhou na fumaça novamente, depois uma brisa soprou o fogo, limpando claramente a fumaça, e ele viu — aberto na floresta de grama — o alto do que poderia ser uma enorme casa de alumínio, do que deveria ser...

... o contêiner de transporte da tripulação.

Ele olhou para trás. O contêiner de transporte refrigerado no qual estivera estava preso sob o homem. Ele deve ter se soltado de sua caixa com o impacto. Como sobrevivera?

Sua mente ainda estava confusa. Deixe para lá. *Simplesmente siga em frente.*

Se ele estava vivo, talvez os demais estivessem vivos também, principalmente se estivessem no contêiner acolchoado.

Ele tentou abrir caminho pela floresta de capim espesso para chegar até o contêiner, mas logo descobriu que era impossível. Em

vez disso, escalou e subiu nuns caules grossos — mais fortes e substanciais do que ele esperava, como mudas densamente plantadas — que se apoiavam uns nos outros enquanto ele avançava, formando uma espécie de rede até o extremo da caixa.

As chamas estavam chegando mais perto, o fogo na grama estava ganhando força, começando a sugar o oxigênio e se consumir.

Finn olhou para a caixa e viu que a camada superior do acolchoado não estava lá, assim como acontecera no seu contêiner de comida, e as duas caixas de munição e suprimentos — agora espalhados como confetes...

... mas lá, ainda preso à espuma, estava o helicóptero Apache, o caminhão de combustível e... a tripulação, toda enfileirada.

Ninguém se movia.



DOZE

CRACKACRACKACRACKA — a munição espalhada começou a queimar na grama em chamas.

Finn, pendurado na extremidade do contêiner, tinha uma escolha. Ele podia tentar atravessar o mato baixo e vencer o fogo ou arriscar ver se a tripulação estava viva e se eles podiam sair dali juntos. Essa seria sua última chance.

Finn saltou e caiu no contêiner acolchoado.

Ele pousou de um jeito estranho, seu corpo tremendo com o impacto, mas pelo menos era fácil andar pelo terreno acolchoado. Macio. Assim que chegou perto da tripulação, percebeu que todos estavam vivos e que Kelly e Stubbs já estavam despertando. De acordo com as reuniões informativas, cada um deles levava no peito uma seringa cheia de antídoto para o anestésico que receberam.

Finn se aproximou de Kelly primeiro, pegou a seringa do peito dele e a abriu. Hesitou. Ele não tinha ideia do que deveria fazer com aquilo, mas achou melhor enfiá-la no braço de Kelly e apertar o êmbolo. Foi o que fez.

Kelly despertou rapidamente, gritou e se livrou de Finn.

— Yaaaaahhhghhh!

Com os olhos arregalados e em pânico, Kelly abriu suas amarras com uma faca. Ele se soltou de seu nicho acolchoado e estava prestes a jogar sua faca quando Finn gritou:

— PARE!

Kelly parou. Na fumaça. No acolchoado. Olhando para o menino. O menino com o rosto ensanguentado... As coisas começaram a lhe voltar.

— Finn...?

Stubbs resmungou atrás dele. Kelly virou a cabeça para ver os demais. Finn disse:

— Você está nano! Você tem que acordar! Temos que ir! Tudo está pegando fogo! Algo deu errado!

Kelly olhou em meio à fumaça para o cenário impossível, explodido e expandido — repassando tudo o que Finn dissera —, percebendo que a colina ali perto não era uma colina, e sim um homem ferido. Um colosso.

— O que houve? — foi tudo o que Kelly pôde pensar em dizer, em choque.

— Foi horrível... — foi tudo o que Finn pôde pensar em responder. O fogo estava ganhando intensidade.

— Temos que acordá-los! — disse Finn, abrindo caminho para abrir a embalagem da seringa de Delta. Kelly o acompanhou, fazendo o mesmo com Stubbs. Delta resmungou e teve dificuldade para despertar, mas depois se sentou e tentou compreender tudo... a incrível e cósmica mudança de escala. O nanochoque. E o fogo.

Kelly percebeu algo mais ao despertar completamente. Ele segurou Finn, alarmado:

— Finn, o que você está fazendo aqui? Você não deveria estar aqui!

— Não sei. Acho que o Dr. Spiro me empurrou junto com a comida. Ele estava colocando uma bomba no transportador...

Kelly teve dificuldade para entender. Nem mesmo Finn entendia direito. A tripulação estava apalermada e ainda em nanochoque. Eles precisavam verificar a situação, já era hora de os remédios perderem o efeito — tempo de que eles não dispunham.

— Tudo está queimando! Precisamos sair daqui! — gritou Finn para Kelly, tirando-o do estupor. Kelly ficou olhando para o nada.

Então Finn lhe deu um tapa na cara. Por um instante pensou que Kelly bateria nele também, mas em vez disso ele finalmente balançou a cabeça e ganhou vida.

— Levantem! LEVANTEM! STUBBS, verifique os aparelhos e comunicadores! SALAZAR, pré-voo!

— Certo! — gritou Delta.

Pré-voo?

Kelly correu para o helicóptero e começou a cortar os cabos emborrachados que o mantinham no lugar — aqueles que se mantiveram intactos depois que a caixa se abriu com o impacto.

Delta voltou à vida ao entrar correndo na cabine do Apache, os sentidos voltando ao nível ideal ao ligar o motor. Ela adorava essas máquinas. Helicópteros eram “dinamicamente instáveis” por definição. Nada combinava mais com ela.

— Liguem — ordenou ela aos motores.

— Droga — disse Stubbs, levantando-se para compreender os destroços da sua oficina móvel. — Inferno. — Ele pegou uma caixa de ferramentas e fez um gesto para que Finn o ajudasse. Juntos eles tentaram arrastar a caixa pelo piso acolchoado até o helicóptero, mas ela era pesada demais. Kelly correu e a pegou como se não fosse nada.

Stubbs entregou a Finn algumas ferramentas menores e avançou para o Apache. Engasgando. A fumaça era espessa e preta agora.

Os motores do Apache já haviam começado a soar e os rotores, a girar.

— Sabemos por que estamos aqui! Vamos pôr essa coisa para voar! — ordenou Kelly.

Finn ajudou a pegar munição e outros suprimentos da caixa restante, mas, quando Kelly abriu com um chute as sacolas de armazenamento, ficou claro que não haveria espaço para tudo, juntamente com suas armas e a água.

Kelly jogou Stubbs dentro da cabine e depois gritou para Finn:

— Pegue um punhado de comida, munição e remédio, e é só isso!

Foi o que Finn fez enquanto Kelly cortava o revestimento acolchoado que envolvia as três rodas do Apache.

O suor vertia deles no calor. O barulho do helicóptero era ensurdecedor, a corrente de ar cada vez mais forte atraindo e alimentando as chamas que se aproximavam deles.

— Suba! — disse Kelly. Finn saltou para dentro da cabine e se ajeitou ao lado de Delta nos dois assentos de cima. Kelly mergulhou nos assentos de baixo, perto de Stubbs, bem na hora em que o revestimento acolchoado na caixa pegou fogo e começou a derreter e a queimar.

— VAMOS! — gritou Kelly, fechando a porta com um baque.

— Ainda não estamos lá! — disse Delta, os olhos grudados no indicador de potência que ia de vermelho a verde sobre sua cabeça. Desejando que a potência aumentasse logo.

A caixa de suprimentos estava sendo consumida. Balas estouravam ao redor deles. Finn sentia seu coração batendo cada vez mais rápido. O caminhão de combustível estava próximo. Chamas alimentadas por espumas crepitavam ao redor do caminhão.

— VOE!! — gritou Kelly para a máquina.

— Dê-me algum movimento, sua pilha de ferro-velho!! — disse Delta para o indicador de potência.

Uma vez ajeitado e depois de desembalar e começar a mascar um chiclete para impedir que seus ouvidos estourassem, Stubbs simplesmente estendeu sua mão com um dedo velho e enrugado, abriu o painel de manutenção e acionou um botão marcado "Ex. Override. Vap"[\[11\]](#).

BANG!

O helicóptero todo pareceu dar um salto à frente, e a barra de potência passou de vermelha a verde.

— *VAAAAAMOS!* — gritou Finn.

— *PRONTO!* — disse Delta, levantando a manopla.

O Apache roncou e se afastou do planeta Terra, o invólucro de espuma soltando as rodas com uma sacudida — bem na hora em que o caminhão de combustível EXPLODIU...

... de modo que eles foram catapultados e jogados para cima e para trás dentro do inferno cada vez pior. Finn gritou. Kelly rangeu os dentes. Stubbs engoliu seu chiclete.

Delta, de volta a seu ambiente, controlou o helicóptero como se fosse um touro mecânico enquanto ele girava com a explosão, impedindo que virasse e se afastando da bola de fogo, colocando o helicóptero na horizontal para longe das chamas, sem permitir que ele virasse e caísse na terra. Finalmente ela recuperou o equilíbrio no voo, de tal jeito que eles se perceberam pairando a mais ou menos cinco metros sobre o local do acidente, sobre os destroços que queimavam.

Finn se permitiu dar uma gargalhada louca e havia muito contida.

Delta se permitiu mascar chiclete, tirando um da embalagem e o colocando na boca.

Stubbs começou a acionar as coisas. Sob eles estava o cenário de uma carnificina: uma massa incandescente e informe, uma mistura de fogo e fuselagem espalhada por uma área do tamanho de um

campo de futebol. Eles pairavam sobre essa área, do tamanho de um filhote de passarinho — mas ainda vivos.

— Sabotagem — disse Kelly, analisando o cenário.

E então, por sobre o som dos rotores, a munição estourando e os destroços incandescentes...

Bip... Bip... Bip... Bip... Bip... Bip... Bip...



TREZE

— Ainda está lá embaixo — disse Stubbs.

— O quê? — perguntou Finn.

— A Scarlatti Beta.

Delta ligou o rádio, usando os sinais combinados que Finn sugerira durante as reuniões: Ronaldo para a sala de controle, Messi para a missão.

— Chamando Ronaldo! Chamando Ronaldo! Aqui é Messi! Você me ouve, Ronaldo? Câmbio!

Nada.

— Eles não vão responder. A não ser que estejam bem acima de nós, estamos fora de alcance [\[12\]](#) — disse Stubbs. — Estamos sozinhos.

— Obrigado, Smurf Feliz — disse Kelly.

Bip... Bip... Bip... Bip... Bip... Bip... Bip...

— Ainda temos o sinal Beta — disse Finn, empolgado.

— Provavelmente morto — disse Stubbs.

— Deve estar vivo se ainda está transmitindo — disse Finn.

— Bem, é para isso que estamos aqui. Encontre-o! — ordenou Kelly.

Bip... Bip... Bip... Bip... Bip... Bip... Bip...

Stubbs estalou a língua, colocou seus óculos e olhou para o ponto verde na tela de localização, guiando Delta até o sinal.

— A leste alguns metros — macrometros e não nanômetros — esta coisa não sabe a diferença.

Eles deram a volta pelo lado leste dos destroços e desceram. Ao descerem, o corpo do avião ferido foi revelado em meio à fumaça, o para-choque semiaberto e se estendendo atrás dele.

— Ele deve ter tentado saltar com a gente antes de atingirmos o chão — disse Delta.

— O fogo está se espalhando para o outro lado. Eles o encontrarão. Ele vai conseguir — disse Kelly.

Finn desviou o olhar, rezando para que Kelly estivesse certo e para que as chamas não chegassem até o homem. Ao desviar o olhar, ele viu algo com a forma de um charuto.

— Ali!

Bem abaixo deles, livre do transportador quebrado, mas ainda presa aos arreios de titânio — que devem tê-la salvado do impacto —, estava a Scarlatti Beta. As chamas a lambiam enquanto ela se agitava e lutava pela vida, o nanotransmissor preso a ela — uma faixa branca em sua barriga — ainda tocando, claro.

— Ela vai fritar — disse Stubbs. — Se é que não fritou ainda.

— Podemos pegá-la? — Kelly perguntou a Delta.

— Estamos sobrecarregados.

Eles viram as chamas se aproximarem.

— Desça! Eu sei abrir! — disse Finn.

— Impossível. Ar instável — disse Stubbs.

Kelly olhou para Delta.

— Salazar?

— Observe-me — disse ela.

— Desça e se prepare para correr! — ordenou Kelly, abrindo a porta.

A Scarlatti Beta sentiu o cheiro da tripulação. Cada vez mais forte. Mais perto. Em seu cérebro, os quatro cheiros se misturaram à agonia e confusão de sua luta.

Todo o arreio tremeu enquanto o inseto tentava se livrar do seu sarcófago de metal. Ela só pensava em uma coisa.

Matar...

Veneno verteu do seu abdômen e escorreu contra o metal escaldante.

Kelly prendeu uma corda às armas presas na fuselagem enquanto Delta, com os dentes rangendo, abaixou o Apache no incêndio raivoso, o vento do rotor afastando as chamas e ao mesmo tempo atiçando-as.

Stubbs lia os instrumentos e dava informações enquanto Delta mantinha o helicóptero imóvel como uma rocha no ar quente e turbulento.

— Três nanômetros! Mais dois! Isso mesmo!

Com a corda segura, Kelly voltou para passar um braço em volta de Finn.

— Menino! Você consegue mesmo fazer isso?

Qualquer medo que Finn tenha sentido — e ele sabia que deveria ter medo — se desfez em meio à emoção. Ele fez que sim.

— Lembre-se de que ele é da família! — alertou Stubbs.

— Vou cuidar dele — disse Kelly e, antes que Finn percebesse o que estava acontecendo, Kelly os soltou da corda para que caíssem os dois metros até o invólucro. Bem em cima do monstro preso e furioso.

Finn sentiu um calor surpreendente assolá-lo, tirando o ar de seus pulmões e marcando sua pele.

Eles desceram do invólucro e, por um instante, Finn se viu frente a frente com a Scarlatti — olho contra mil olhos —, e ele novamente percebeu como era pequeno agora. O monstro era maior do que eles, duas vezes maior do que a altura de nove milímetros de Finn de largura, e seis vezes maior do que ele no comprimento. As antenas parecidas com trombas se dobraram na porção articulada do invólucro para sentir o sabor dele, mas se encolheram ao sentirem o calor, furiosas e confusas, queimando e morrendo.

Kelly gritou:

— Finn! Onde está? — Em meio ao barulho e ao vento das pás do helicóptero.

Finn encontrou o pino de liberação no meio do invólucro e fez um gesto para mostrar a Kelly como fazer. As chamas estavam quase sobre eles. Kelly fez que sim e empurrou Finn de volta sobre o invólucro, gesticulando para que ele voltasse ao helicóptero.

Delta manteve o helicóptero imóvel enquanto Finn entrava.

Lá embaixo, Kelly enrolou a corda no Apache o máximo de vezes possível, depois se abaixou e prendeu a extremidade em torno do pino de liberação no invólucro. Ele olhou afirmativamente para Delta.

— TRÊS, DOIS, UM, VAMOS!

— Ah, meu Deus... — disse Stubbs.

Delta levantou a manopla.

O Apache e Kelly foram lançados para cima...

... o invólucro se abriu...

... e o furioso Leviatã alado escapou de sua tumba como um morcego fugindo do inferno.

**WWKWZZZWZWZWWKZWZWKZWZWKKZWZWZWZWKKZ
WWWKWZZ!**

O Apache escapou das chamas, centímetros à frente do monstro.

Furiosa e em um voo louco, a Scarlatti era maior do que eles, cobrindo toda a abóbada de vidro e bloqueando a luz, as asas gigantescas *thwack-a-thwack-a* gerando turbulência, quase vencendo os rotores. Delta sacudiu o Apache de um lado para o outro para fugir. Novamente Finn se segurou enquanto ela virou o helicóptero de lado e o fez subir na horizontal.

— Kelly! — gritou Finn.

— Qual sua posição? — perguntou Delta.

— Ele ainda está lá! — gritou Finn, que o viu de relance, segurando-se.

— Assim como aquele ridículo organismo! — acrescentou Stubbs inutilmente, enquanto a Scarlatti se virava para atacá-los, trazendo seu abdômen na direção deles, os ferrões primeiro, inchados de veneno.

— Diga-lhe para se segurar — disse Delta, manobrando novamente. Ela fez o Apache virar quase completamente. Kelly, balançando lá embaixo, gritou, seus ombros quase deslocados pela força da fuga.

— Atire! Vamos ter de destruí-la! — gritou Stubbs.

— Não ainda. Tive uma ideia. Descendo — disse Delta.

— Descendo? — perguntou Finn.

Ela apontou o nariz do helicóptero para a terra... de volta para as chamas.

Em mergulho o Apache alcançava velocidades que eram equivalentes a trezentos e cinquenta quilômetros por hora. Finn viu a Scarlatti persegui-lo a cada milímetro, seus enormes olhos preenchendo um dos painéis traseiros e olhando para ele.

Matar...

Eles atingiram as chamas. Delta inclinou o helicóptero em meio ao fogo. Debaixo deles, Kelly gritou mais uma vez.

Ela os manteve no incêndio o máximo possível: um segundo... dois... depois virou o helicóptero novamente e saiu do fogo — na direção do vento.

A Scarlatti desapareceu. As chamas eram demais. Eles a perderam.

— Estamos livres! — eles escutaram Kelly gritar.

Delta os levou por mais alguns macrometros pelo campo, o mais baixo possível sobre o nível da grama, desviando das urtigas, espinhos e de uma vaca de cabeça branca que pastava vinte andares acima.

Bip... Bip... Bip... Bip... Bip... Bip... Bip...

O rastreador mostrou a Scarlatti ainda se movendo — ainda viva —, se aproximando e se afastando, se aproximando e se afastando.

— Ela está voando em círculos! — disse Stubbs.

— Pouse! — gritou Kelly lá embaixo.

Eles pousaram, finalmente, sobre estrume de vaca, que se revelou ser do tamanho, forma e consistência perfeitos. Delta abaixou Kelly na superfície e pousou bem ao lado dele.

Kelly — milagrosamente, pensou Finn — ainda estava consciente.

Stubbs saiu do helicóptero e foi verificá-lo, Finn saiu para tentar ajudar também. A pele de Kelly estava queimada e vermelha, e ele perdera a maior parte de seus cabelos e sobrancelhas. Stubbs lhe deu uma espécie de injeção. Kelly levantou os olhos.

— Você está bem? — ele perguntou a Finn.

Finn não acreditava que aquele homem queimado e sangrando podia estar preocupado com ele. Ele fez que sim.

Lá dentro, Delta repetia a comunicação como se fosse um mantra:

— Chamando Ronaldo. Chamando Ronaldo. Aqui é Messi. Você me ouve, Ronaldo? Câmbio.

Nada.

Finn abriu uma garrafa de água, que Kelly bebeu de um só gole.

— Obrigado. Você fez o certo. Uma visão bem de perto, não? — disse Kelly com uma risadinha.

Finn também riu.

— Os olhos dela são maiores do que eu!

— Você ficou com medo?

— Não. Tem um menino na escola que me olha do mesmo jeito.

Kelly riu.

— Simplesmente me dê o nome dele quando sairmos dessa bag...
CUIDADO!

De repente, Kelly jogou Finn para o lado e pegou sua arma^[13].
Finn saiu rodando.

Em meio à selva de grama... movimento.

Uma formiga preta apareceu na grama à frente deles, e o coração de Finn quase parou. Ela era de um preto líquido e brilhante, de uma indescritível beleza geométrica, do tamanho de um lobo e se movia a grande velocidade numa série de membros frenéticos. A formiga parou a talvez dez nanômetros à frente deles e sentiu o ar com suas duas enormes pinças serradas, as antenas balançando, pensando — *O que são estas coisas novas, ameaça ou comida?*

Finn estava extasiado. Uma formiga preta, na natureza, em sua forma massiva. Totalmente incrível. Totalmente louco. Ele quis se

aproximar, tocar e fazer perguntas.

Kelly não esperou pelas respostas.

BANG.

Finn deu um salto de medo. A proteção da formiga se despedaçou como porcelana enquanto a bala a penetrava. Finn não conseguia acreditar. Uma vida empolgante e imediata — a coisa mais incrível que ele já vira — se fora. Tremendo, ele deu um passo à frente e pegou uma parte da pata, preta e reluzente, leve e forte, como uma peça de quadro de bicicleta.

Ele quis protestar. Quis gritar, mas a surpresa — e a bala ainda zunindo em seus ouvidos — fez com que nenhum som saísse de sua boca aberta.

— De volta à cabine! — disse Kelly, levantando-se e o empurrando de volta, sem sentimentalismo.

— Mas... Mas...

— É uma ordem!

Kelly ergueu o corpo de Finn de volta ao helicóptero e ele se percebeu sentado ao lado de Delta com a lembrança de uma formiga na sua mão. Ele ofereceu a pata para que Delta a olhasse. Ela só ficou mascarando o chiclete.

Stubbs já estava de volta à cabine monitorando a posição da Scarlatti.

Bip... Bip... Bip... Bip... Bip... Bip... Bip...

Delta fechou o painel de manutenção que Stubbs havia aberto antes para ativar o mecanismo turbo improvisado.

— Belo truque, velho.

— Brinco com essas coisas desde antes de você nascer, minha jovem — resmungou Stubbs.

Kelly subiu no Apache e começou a besuntar suas queimaduras com uma pomada branca de um dos pacotes de medicamentos.

— Ela está indo para o oeste, duzentos e cinquenta nanômetros — relatou Stubbs.

— Não temos nada no rádio — disse Delta.

— Eles têm de estar bem acima da gente para receberem o sinal, e o alcance do transmissor de localização da Scarlatti é de menos de oitocentos macrometros. Se não chegarem aqui nos próximos minutos, estaremos perdidos — disse Stubbs.

— Ela deve ter nosso cheiro, não podemos chegar perto demais. Temos de ficar contra o vento — disse Finn.

— A Beta está agora a quatrocentos macrometros a oeste — disse Stubbs.

— Se eles não nos encontrarem nos escombros do helicóptero, vão perceber o que fizemos. Eles nos procurarão por rádio, sistematicamente, como disseram nas reuniões — disse Kelly.

— Quanto tempo levará para eles vasculharem os destroços? — perguntou Delta. — Devemos estar a quilômetros.

— Levará dias para cobrir tanto espaço — disse Stubbs. — Podemos deixar o menino aqui com um rádio para fazer contato?

— Não podemos deixá-lo aqui; ele é um menino — disse Kelly.

— De qualquer forma, não há macrorrádios, somente aquele sob o Apache — disse Delta.

— Sinalizadores?— sugeriu Stubbs.

Finn se intrometeu, irritado.

— Vou com vocês! Conheço a missão. Conheço ciência. Conheço insetos. E conheço meu tio. Ele vai nos encontrar. Ele nos procurará. *Ele não nos decepcionará*, e eu não os decepcionarei também.

Todos olharam para Finn.

— Você sabe atirar? — perguntou Delta com sua simplicidade norte-americana.

— Em *Call of Duty* — disse Finn.

Por sob seus óculos aviador, Finn tinha certeza de que ela revirava os olhos.

Bip... Bip... Bip... Bip... Bip... Bip... Bip...

— O sinal está ficando mais fraco... setecentos metros a oeste-noroeste — disse Stubbs.

— Chamando Ronaldo. Chamando Ronaldo. Aqui é Messi. Você me ouve, Ronaldo? Câmbio.

— É uma linha reta de setecentos metros? — perguntou Finn.

— Mais ou menos.

— Então provavelmente já está conectada à Alpha.

— Estamos perdendo o sinal — disse Stubbs.

Kelly olhou para Finn, avaliou-o e piscou um olho sem cílios.

— Ele está dentro. Vamos.

Delta acionou a manopla.



QUATORZE

DIA DOIS, 6h28 (horário de verão). Hook Hall,
Surrey

Assim que perceberam o que aconteceu, King deu ordens para desligar todos os sistemas de computador e digitais e mudar para procedimentos analógicos. O Hook Hall fora seriamente comprometido. Boldklub fora seriamente comprometido. O mundo ocidental fora seriamente comprometido. O interior do país estaria em breve cheio de seguranças. Todas as estradinhas locais teriam de ser fechadas, e barricadas seriam montadas nas principais intersecções; todos os portos e aeroportos seriam notificados. Todas as pessoas usando uniformes no sul da Inglaterra estariam procurando por Spiro dentro de uma hora. No mínimo eles estavam lidando com uma rede criminosa altamente sofisticada. Quem são? O que é que pretendem?

Por um momento, King se sentiu perdido. Uma sensação terrível, interrompida apenas quando Al foi para a sala de controle, determinado a agir. Qualquer ação. King o seguiu pela ponte até o CCAC.

— Aonde pensa que vai? Você está exausto e em choque — insistiu ele. — Você não pode desaparecer. Quem quer que esteja por trás disso vai persegui-lo.

— Vamos encontrá-los primeiro. Vou me preocupar com isso mais tarde.

King segurou-o pelo ombro e o parou.

— Até que saibamos exatamente em que medida o Hook Hall e a segurança interna foram comprometidos, temos de presumir que estamos correndo um grande perigo. É bem provável que tudo e todos tenham sido destruídos no acidente, e, se seu sobrinho Infinity estava a bordo...

— Não ainda! *Não sabemos disso ainda.* A testemunha acha que viu um paraquedas. Onde está meu carro?

Bem naquela hora, o De Tomaso Mangusta entrou no CCAC e parou cantando os pneus diante deles. Sob as ordens de Al, um dos técnicos o pegara no estacionamento subterrâneo.

— Se você quer me ajudar a descobrir o que está acontecendo, entre — disse Al, jogando-se no assento do motorista e ligando o Mangusta como um corredor. Condescendentemente, ele roncou e soltou fumaça de gasolina de alta octanagem pelo escapamento.

Com certa relutância, o Comandante King sentou no banco do passageiro.

O Mangusta saiu em disparada.

DIA DOIS, 6h32 (horário de verão). Sibéria

Kaparis recebeu uma confirmação via rádio da "destruição total" da aeronave de transporte logo antes que o Comandante King ordenasse o desligamento completo de toda a vigilância eletrônica e dos sistemas de comunicação.

Uma onda quase perceptível de orgulho percorreu a equipe no abrigo.

Kaparis não compartilhava do mesmo sentimento.

A única coisa que ele jamais conseguiria compreender totalmente era o impulso irracional e emotivo das pessoas fracas e seus efeitos geralmente caóticos. Claramente fora um pouco desse impulso que fizera com que Drake tivesse se comportado daquele jeito, ignorando o acelerador e voltando para o Laboratório Quatro daquele modo.

Spiro pelo menos agira impiedosamente de acordo com as ordens, e a operação fora salva, com o considerável bônus de o menino Drake ter sido destruído.

Deveria ser uma alegria inesperada, mesmo assim... Kaparis sentia uma vaga decepção. Era uma morte apressada. Não havia tempo para saboreá-la. Pior de tudo, o menino não sabia o que estava acontecendo, e o que havia de melhor na vingança do que sua execução demonstrativa?

Haveria mais, claro. A operação ainda estava em andamento.

A única consequência negativa dos acontecimentos matinais foi o fato de eles terem sido excluídos do aparato de vigilância do Hook Hall por algum tempo, e Spiro não estava mais em sua posição.

Kaparis considerou sua perda em potencial.

Spiro era um protegido da época de Kaparis em Zurique. Ele se desenvolvera bem sob a tutela cuidadosa. Depois de provar seu valor no desenvolvimento do PNR^[14], ele se tornara a inspiração para todo o programa Tyro.

Spiro havia se comportado brilhantemente a distância e ao longo de um período prolongado, e alcançara seu objetivo principal. Ele jamais se permitiria ser capturado vivo. Ele era exemplar. Um exemplo perfeito da Vontade de Kaparis...

... e por causa do menino Drake ele pode ter se perdido.

— *Massagem!* — ordenou ele, para se acalmar. Heywood obedeceu e ligou um interruptor.

Dentro do pulmão de ferro, impulsos elétricos dispararam pelo corpo paralisado de Kaparis, mantendo sua musculatura insensível em ótimas condições. Apesar de ele não conseguir sentir as contrações, conseguia sentir o conseqüente fluxo das endorfinas — uma das muitas provas que sugeriam que o dano neural de seu catastrófico ferimento na coluna não era total, como se pensava.

O que dava a ele, juntamente com os mais ricos e com "recursos humanos" à disposição, uma sensação divina de infinitas possibilidades.

Talvez as coisas não fossem tão ruins, no final das contas, pensou Kaparis.

— *Quais as notícias do front atlântico?* — perguntou ele.

Cooper-Hastings viu uma luz de LED vermelha se apagar.

Ele parou o movimento de cabeça.

— *De novo?* — perguntou o guarda menor.

O guarda maior com a cicatriz tirou a câmera do tripé e a deu a um adolescente loiro e de coração frio que era o termômetro de Cooper-Hastings.

O menino assistiu ao vídeo em retrospectiva.

Em meio à vergonha e à dor, Cooper-Hastings podia se ouvir começando a falar as palavras ridículas.

O guarda menor esperou pelo veredito do adolescente sobre seu mais recente trabalho. Ele ouviu num carregado sotaque alemão.

— *O corte sobre o olho ainda é visível. Resolução menor. NOVA-MENTE, doutor* — ordenou o menino loiro, devolvendo a câmera.

A luz de LED vermelha se acendeu novamente. Cooper-Hastings olhou pela lente.



QUINZE

O Apache subiu e, apesar de tudo, apesar da carnificina e do choque, apesar da perda de contato e de pensar no que Al deveria estar enfrentando...

O coração de Finn estava cheio da mais pura empolgação.

Eles decolaram, passando novamente pelo local do acidente e rumando para o sol da manhã do outro lado do campo, os rotores roncando sobre carpetes de flores do campo se abrindo e gramados fortes e suculentos, as cores cegando nessa escala, cobrindo os limites do bosque, mergulhando para encontrar o sinal da Scarlatti ao longo de uma cerca-viva, indo para a frente e para trás em meio aos arbustos mais altos, os invólucros de sementes se abrindo à passagem deles, subindo para se desviar de nós ocasionais de arame farpado e cercas vivas, e até mesmo de uma assustada marta.

Era simplesmente de tirar o fôlego. Uma onda de detalhes incríveis se revelava ao equivalente a duzentos e vinte quilômetros por hora, coisas demais para ver e compreender, tanto que tudo, exceto a emoção pura, ficou em suspenso.

Ao voarem baixo até o próximo campo, passando sobre um gigantesco e hippie cobertor de margaridas e ramúnculos amarelos,

o silêncio e o maravilhamento tomaram conta deles. Finn não conseguiria falar nem mesmo se quisesse. Havia um nó em sua garganta. Quanto mais admiravam a paisagem, parecia a Finn, mais entravam num fantástico mundo novo, uma dimensão sempre presente mas desconhecida de natureza e cores e extraordinários detalhes.

Sempre que perguntava à sua mãe sobre seu pai, ela dizia que Finn não pensasse nele no céu ou no cemitério, e sim como parte de tudo, todos os raios de sol, todas as brisas e cantos dos pássaros. Era assim que Finn tentava pensar nos dois, e ele nunca se sentiu tão perto daquilo como agora.

— Isso é... surreal — ele se percebeu dizendo, arrependendo-se. Mas os outros também estavam grudados em seus assentos.

— Bêbados e crianças dizem a verdade — disse Kelly.

— Cara, isso é incrível — disse Delta, deslizando o helicóptero pelo pasto que se abriu à frente deles.

Somente Stubbs parecia imune, preso à tela de rastreamento.

Bip... Bip... Bip... Bip... Bip... Bip... Bip...

— Ainda indo para oeste-noroeste, setecentos e cinquenta macro...

— A coisa é rápida — disse Delta.

— Por que não estamos nos aproximando? — perguntou Kelly.

— Ventos transversais. Ventos contrários. Basta a mais fraca brisa... Por isso é que estamos voando tão baixo — disse Delta.

— Tem um riacho ali... Não seria mais protegido? — perguntou Finn.

Em vez de ignorar a sugestão de uma criança, Delta simplesmente refletiu e fez que sim.

Ela levou o Apache pelo campo até seguir o curso do riacho — uma estrada iluminada pelo sol, o rotor criando um spray de água

pelo caminho, peixinhos amedrontados saltando como golfinhos, e, então, fazendo com que todos prendessem a respiração, um martimpescador mergulhando na água à frente deles com velocidade e graça, um borão de beleza e cor, numa escala tal que até o coração de Stubbs parou de bater.

Perturbado, ele voltou a olhar diretamente para sua tela.

Bip... Bip... Bip... Bip... Bip... Bip... Bip...

— Setecentos e vinte macrometros...

A Scarlatti Alfa voou pela primeira vez desde que o sol nascera. O texugo apodrecendo estava gerando calor o bastante agora para permitir que a Alfa voasse até mesmo à noite — e de qualquer modo estava fresco.

Ela passara a primeira hora da manhã cuidando dos ovos, arrastando-se no meio deles, sentindo o sabor da membrana externa de cada um deles para verificar a saúde da ninfa que se desenvolvia dentro.

Treze dos ovos nasceram mortos, não haviam sido fertilizados ou eram fracos demais para sobreviver à noite. A Scarlatti os consumiu.

Agora ela fazia a patrulha. O cheiro do texugo morto estava atraindo larvas grandes e pequenas. Havia uma chance de elas perturbarem ou até mesmo consumirem os ovos antes que eles incubassem totalmente.

Os corvos eram os mais ousados, e aqueles que se aproximaram do lugar foram aferroados, três dos seus corpos pretos cercavam o local, servindo de alerta para os demais — corvos, raposas, ratos.

Agora o zumbido de suas asas, enquanto ela patrulhava um raio de trinta metros ao redor do local, serviria como mais um alerta.

No ar era seguro. No ar era melhor ela trazer a morte.

Ela ganhou envergadura e emitiu um jorro de suor venenoso e feromônio.

O instinto de enxame tomara conta dos sentidos da Beta por mais de duas horas, seguindo uma trilha de feromônio tão fraca que a provocava e inflamava. Mas então esse instinto foi superado por outro.

Alimentar-se.

A Beta sofrera no calor, presa, queimando metade de sua energia nas suas tentativas loucas de escapar. O voo inicial acabara com sua energia.

Ela pousou num cordeiro de uma semana, atacou-o três ou quatro vezes com seus ferrões letais e sentiu a criatura se agitar e depois cair. Ela vasculhou a lã macia para buscar a pele quente abaixo, depois enfiou suas mandíbulas afiadas na carne.

O sangue quente e doce verteu.

Alimentaaaaaaar-se...

— Estamos nos aproximando. Baixe o helicóptero lentamente. Estamos sobre ela.

— Quão perto?

— Menos de trinta macro.

— Alguém está obtendo contato visual?

— Não você, Stubbs! Você vê a tela e, assim que vir o ponto se mover, grita — disse Kelly.

— Ali! — disse Finn, vendo o cordeiro caído de lado.

Delta deixou o Apache sobrevoar mais perto em modo “silencioso” e eles miraram e obtiveram um contato visual com o traseiro da

Scarlatti fuçando o pescoço do animal morto.

— Durante quanto tempo ela vai se alimentar, Finn? — perguntou Kelly.

— Até vinte minutos, depois ela vai descansar pelo mesmo tempo — disse Finn, que não apenas prestara atenção durante as reuniões de Lomax como também lera o resumo de um dos trabalhos de pesquisa.

Eles sobrevoaram mais o campo, e Delta escolheu a base de um poste de eletricidade para pousar. O capim ao redor da base de concreto era como árvores altas que balançavam ao vento, e, ao se aproximarem da terra, Finn pensou que o poste de alumínio — que afundava inclinadamente no concreto, coberto por manchas brancas de ferrugem e líquens amarelos — parecia um templo antigo numa clareira na selva.

Eles desligaram os motores. A Scarlatti não seria capaz de voar por mais de quatrocentos macrometros no tempo em que eles levariam para religar o helicóptero e decolar.

— Chamando Ronaldo. Chamando Ronaldo. Aqui é Messi. Você me ouve, Ronaldo? Câmbio...

Kelly saiu para verificar os pequenos braços na área de carga enquanto Delta, com uma série de cuidadosos chutes, verificava o Apache em busca de problemas e avaliava o nível de combustível. Stubbs abriu um mapa e pegou uma bússola.

— O que você está fazendo? — perguntou Finn.

— Você não sabe usar mapa e bússola? Você não é parente de Sir Francis Drake, o grande explorador?

— Acho que não.

Stubbs revirou os olhos. Depois, usando a bússola para representar o helicóptero, ele acompanhou o caminho deles pelo mapa, a bússola sempre apontando para o norte.

— O GPS não vai funcionar aqui, mas... nada resiste ao campo magnético da Terra. Uma vez que você tenha isso e uma simples agulha magnética, *você pode conquistar o mundo*. Os fenícios tinham as estrelas, os chineses, a agulha, os gregos, a matemática, mas foram os portugueses que uniram tudo, e eles tiveram o planeta inteiro para si — disse Stubbs, em transe, abraçando um planeta imaginário. Ele podia continuar falando o dia todo, tão feliz quanto Finn o teria ouvido, mas Delta e Kelly voltaram para a conferência.

— Nós gastamos muita gasolina com as manobras, mas talvez tenhamos umas seis horas restantes. Se houver qualquer peso do qual possamos nos livrar, vamos nos livrar — disse Delta.

— Na área de carga temos duas Minimis, três M27 e um monte de munição — disse Kelly. — Vamos manter uma de cada e jogar metade da muni...

Sua visão periférica registrou movimento nas rochas atrás de Delta e ele gritou:

— Salazar! Seis horas!

Ela se abaixou. Kelly pegou uma M27 e disparou.

DRRRRRRRRT! DRRRRT!

Finn deitou no chão, assustado, os ouvidos zumbindo.

As balas dividiram em dois o que parecia ser uma bola de praia vermelha.

Alto demais!, foi o que Finn conseguiu pensar a princípio.

Enquanto Kelly processava o que acabara de acontecer, uma enorme criatura cinzenta do tamanho de uma morsa se ergueu de trás da base do poste. Ele disparou novamente.

DRRRRRRRRT!

Couças se estilhaçaram e se espalharam por todos os lugares, e uma gosma amarela de inseto preencheu o ar.

— Pare de atirar! — gritou Finn, saltando e acenando com os braços enquanto outra forma cinzenta lenta surgia na extremidade da base de concreto.

Enquanto os últimos flocos de couraça cinza caíam na terra, Finn quis agarrar Kelly. Por que alguém dispararia contra criaturas tão incríveis? Ele não percebia como isso era especial? Incrível? Maravilhoso?

Em vez disso, ele falou apressadamente:

— O quê?! O que você... você *fez*?

— Estamos em modo operacional. Estamos aqui para pegar apenas um inseto. Tudo o mais é uma ameaça ambiental — disse Kelly.

— Eles não fariam nada! Eles não atacaram! As enormes coisas cinzentas são apenas tatus-bolas, e eles são vegetarianos! Eles vão sair correndo! E as coisas vermelhas são apenas ácaros de veludo: eles nunca vão pegá-lo! Você pode muito bem afastá-los com um chute. Al iria querer que a gente fotografasse e documentasse e...

Kelly ergueu o dedo para pará-lo.

— Seu tio é meu amigo. Ele o quer de volta o mais rápido possível e inteiro. Se você quer salvar as baleias, tem que tomar a decisão. Se não, eu vou atirar primeiro e fazer perguntas depois — disse ele, recarregando a arma.

— Eu... eu vou mesmo — Finn tentou dizer. Um ácaro do tamanho de uma almofada se aproximou hesitantemente, todo vermelho, peludo e estúpido. Finn lhe deu um chutinho de lado — *Poomf* — e eles viram a criatura se encolher e se afastar.

— Certo... — disse Kelly, repensando e se voltando para Delta. — Vamos manter boa parte da munição e nos livrar de um dos Minimis.

Finn seguiu o oscilante ácaro pela base de concreto para se acalmar, apesar de não poder se sentir triste por muito tempo. À frente de Finn, nas pedras — na verdade, terra e lascas —, ele

conseguia ver meia dúzia de outros ácaros, além de colêmbolos, suas pernas articuladas, tomando sol na superfície. Eles estavam imóveis como esculturas plásticas, mas, quando Finn se aproximou, eles se moveram todos ao mesmo tempo: os colêmbolos, sentindo o perigo, afastaram-se em grupos, lançando-se a seis ou sete nanômetros no ar, enquanto os tatus-bolas mais tolos corriam de lado ou se enrolavam em bolas.

Uau, pensou Finn.

Presos no alto do capim na extremidade da base, como macacos numa árvore, Finn podia ver também pulgões e crisopas. E, quando olhou para o céu azul, viu vários insetos voadores cruzando o ar acima dele — a maioria rápidos demais para serem identificados. Ele queria estender a mão e tocar todos. Queria pegá-los, queria explorar e se conectar com essa natureza desconhecida.

— Menino? Algum perigo?

— Ainda não. Eles são tantos. Olhe só esses pulgões.

Kelly viu as criaturas de costas pretas saltando da copa de um capim para outro e teve de admitir que elas eram “até que loucas”.

Finn levantou o braço e assobiou.

— O que você está fazendo?

— Só pensando... — disse Finn.

Kelly ficou olhando, impressionado, enquanto uma crisopa saltou da floresta para pousar sobre o braço de Finn. Ela era do tamanho de um pavão e exibiu uma enorme língua para sentir o sabor de Kelly, como um cachorro, antes de abrir suas asas e voar novamente, visivelmente irritada.

— Será que meu sabor é tão ruim assim? — perguntou Kelly.

Finn riu, e Kelly bateu nas costas dele, tirando o ar de seus pulmões.

— Stubbs disse que eu era um “ignorante”, e talvez eu também seja duro demais às vezes. Mas tenho de fazer o certo para você e a

missão. Você entende?

Finn percebeu que ele estava tentando pedir desculpas, para que fossem amigos. Ele olhou para Kelly. O homem era do tamanho de um monstro e provavelmente não estava acostumado a crianças. Só perigo. E ele estava tentando.

— Claro — disse Finn.

Eles se viraram para voltar ao helicóptero. Mais calmos.

— Você imagina o que Al faria com você se você me deixasse pra trás? — disse Finn.

— Ele me torturaria com ácido e lâminas de barbear — disse Kelly.

— Ou o cozinhar num dos molhos dele. Você já experimentou aquilo?

— Eu não teria a menor chance.

Finn e a tripulação dividiram porções de comida de um único pacote de ração e as engoliram com muita água, seguindo as instruções. A dieta fora planejada para operações de combate, para dar muita energia e hidratação. O sabor era como o do mais insuportável cereal já criado, mas o corpo de Finn lhe disse para comer.

— Temos mais dez pacotes de ração. Trinta litros de água potável. Seis horas de voo no modo econômico — resumiu Kelly.

— E estamos presos no meio do nada com um organismo letal e uma altura média de doze milímetros — afirmou Stubbs. — Pode ser mais sensato neste momento voltar pra casa.

Ele teria continuado, mas, num piscar de olhos — menos que isso —, uma criatura preta e má semelhante a uma mosca, brilhante e protegida por uma couraça, cruzou o céu a alguns nanômetros à frente deles.

Todos se voltaram para Finn, esperando que ele tomasse a decisão.

Mas ele não pôde. Assim que viu a criatura, um nó se alojou em sua traqueia. Alarmes soavam em seus ouvidos e luzes piscavam em seu cérebro: uma vespa caçadora — pouco mais de dois nanômetros de altura com o dobro disso de envergadura e um ferrão do tamanho de um facão.

A vespa saboreou o ar. Interessada. Muito interessada. Finn ficou roxo ao tentar gesticular e falar.

— Finn? — perguntou Kelly, mas depois viu a cor do rosto do menino e lhe bateu nas costas.

Finn se livrou do nó na garganta.

— Dispare! — disse ele num falsete exagerado.

DRRRRRRRRT!, disparou Kelly, reagindo imediatamente. O inseto se despedaçou.

— Desculpe. Vespa caçadora — explicou Finn ao se recuperar e enquanto o que sobrara da criatura caía na terra. — Muito, muito perigosa.

— Precisamente — disse Stubbs.— Talvez o mais sensato neste momento seja voltar ao local do impacto e alertar as autoridades. Poderíamos traçar o curso atual da Beta, estabelecer contato, depois voltar e seguir a pista novamente.

— Já é hora da sua soneca? — acusou Kelly.

— Quarenta anos de experiência... Ignore-me — suspirou Stubbs.

— Temos deveres. Não podemos desistir — disse Delta.

— “Deveres”? — perguntou Stubbs.

— É uma expressão de jogo para quando estamos numa boa posição — explicou Finn. Delta olhou para ele. Impressionada.

— Ela tem razão — disse Kelly. — Tudo o que importa é esta missão. Localizamos a Scarlatti, encontramos o ninho e o aniquilamos. *Depois* nós nos preocupamos em fazer contato com a patrulha.

— Se eles formarem patrulhas... — disse Stubbs.

— Al vai pensar em alguma coisa — disse Finn, certo pelo menos disso.

— Eles nem sempre fazem o que seu tio Al quer que façam. Digo por experiência própria — disse Stubbs.

— Por que não? — perguntou Finn.

— Cale a boca, Stubbs. Ele é esperto demais, é isso — disse Kelly.

— Provoca muitos problemas. Ele bebe no laboratório, faz exigências irracionais e, certa vez, em uma conferência em Genebra, contratou moças para me segurarem de cabeça para baixo na recepção do hotel.

Antes que Stubbs pudesse acrescentar mais provas da decadência moral de Al, uma formiga vermelha subiu na base de concreto.

— Dispare! — gritou Finn.

DRRRRRRRRT!

A formiga vermelha voou em várias direções ao mesmo tempo.

— Cuide das vermelhas — alertou Finn, tomando uma decisão. — Formiga má, ferrão mau, comportamento mau.

— Entendi. Algo mais?

— Tem muitos amigos...

Seis formigas vermelhas apareceram na beirada da base de concreto ao mesmo tempo, os abdomens com os ferrões balançando, a armadura reluzindo ao sol, fazendo com que elas parecessem furiosas como provavelmente estavam mesmo, levando em conta o que acabara de acontecer com a amiga delas. Era uma visão de alguma forma incrível, se você gosta de matadoras rastejantes da cor do inferno e do tamanho de pastores alemães.

Todas pareciam se mover ao mesmo tempo.

DRRRRRRRRT! DRRRRRRRRRT! DRRRRRT! DRRRRRRRT!

Finn, assustado, pegou a Minimi e imediatamente a largou: ela pesava uma tonelada. Pegou então a M27. Era pesada também, e simples e fria em suas mãos pequenas, mil vezes diferente do controle do Xbox, e ele não tinha ideia de onde encontrar o pino de segurança.

As formigas vermelhas estavam aparecendo de todos os lados agora, um exército surgindo pela borda da base.

— De onde é que elas estão vindo? — disse Kelly.

— Devemos estar perto do formigueiro — disse Finn.

— Mas como elas sabem que estamos aqui?

— Feromônios de alarme — disse Finn. — Fazem com que elas tenham instintos de ataque.

A Beta se remexeu. Estava alimentada e agora descansava, regenerando-se — semianimada, semiconsciente —, quando foi totalmente despertada por uma lufada intensa de feromônio de enxame no ar... O enxame devia estar emitindo sinais, devia estar sentindo também.

Excitada, ela lançou uma lufada de seus próprios feromônios e depois sentiu a presença de algo mais na brisa ao se remexer e se levantar.

Matar...

DRRRRRRRRRRRRT!

As formigas vermelhas continuavam vindo, agora do outro lado da base de concreto também. Kelly e Delta disparavam sem parar enquanto Stubbs tentava ligar os motores do Apache.

DRRRRRRRRRRRRT!

Quando, só para piorar as coisas...

Bip... Bip... Bip... Bip... Bip...

— Ela está se movendo de novo — gritou Stubbs, acionando o motor auxiliar. — Finn, pode verificar a situação?

Finn entrou na cabine e estudou o monitor.

— Setenta metros...

DRRRRRRRRRRRRT!

— Sessenta e cinco metros... Ah, droga.

— O quê?

— Acho que ela está vindo na nossa direção — disse Finn.

Bip... Bip... Bip... Bip... Bip...



DEZESSEIS

DIA DOIS, 8h58 (horário de verão). Hook Hall,
Surrey

As equipes de resgate dividiram o local do impacto numa rede de buscas enquanto as chamas restantes eram apagadas.

Uma equipe de quatro homens usando trajes de proteção especiais e com lentes de aumento entrou em cada uma das porções de vinte metros quadrados para vasculhar as cinzas e escombros, abrindo a grama e examinando todos os grãos de destroços como se estivessem num laboratório.

Al e King chegaram vinte minutos depois de iniciadas as buscas, o Mangusta cruzando o campo aberto, Al insensível ao chassi e à suspensão do veículo. King saiu todo branco e trêmulo da experiência.

Muitas coisas foram destruídas. Cinzas e óleo e às vezes uma porção da superestrutura cobriam o local. Os dois pilotos estavam mortos (Oficial de Voo James Garwood e Tenente Jane Lachild).

A equipe de busca informou que, até agora, nenhum nanocorpo tinha sido recuperado — mas o fogo provavelmente causara muitos

danos, o bastante para acabar com tudo na nanoescala.

— Qualquer matéria orgânica deve ter sido consumida instantaneamente.

Eles não estavam apenas procurando uma agulha num palheiro, e sim uma agulha miniaturizada em seus resquícios queimados.

— Encontramos as caixas de transporte de alumínio, abertas e queimadas, longe da fuselagem principal. Achamos que eles podem ter sido pegos por um homem que saltou de paraquedas, pousando mais ou menos quinze metros para além do ponto de impacto. Apesar de seu paraquedas não ter aberto completamente, ele conseguiu diminuir a velocidade da queda. Ele ainda estava inconsciente.

— Onde ele está agora?

— A caminho do hospital. Crítico.

— Eles podem ter saído das caixas?

— É impossível dizer com certeza.

— E quanto ao equipamento? Ainda está lá?

— Há muitos fragmentos de nanometal que vamos ter de reunir e reconstruir a fim de descobrir se algo está faltando. Estamos falando de horas de trabalho.

— Horas que não temos — disse Al, analisando o cenário de devastação. Tudo ao redor estava preto e cheirava a combustível de aviação. *Qualquer matéria orgânica devia ter sido instantaneamente consumida.* Ele mal conseguia suportar a ideia. Com a garganta apertada, sussurrou — Finn...

King se intrometeu e ordenou:

— Deem um jeito. Usem todo mundo e depois vamos levar tudo para as instalações e investigar.

— AGORA! — gritou Kelly, matando outra onda de formigas para cobrir a volta de Delta ao Apache.

DRRRRRRRRT!

— Posição da Scarlatti? — perguntou Delta ao passar sobre Stubbs para assumir seu lugar.

— Cinquenta e cinco metros. Vamos lá!

Kelly recuou, atirando nas formigas por meio da porta aberta. Delta ligou as turbinas.

— Vamos lá, vamos lá... — disse Finn para o helicóptero, os olhos vidrados como os de Delta no indicador de potência, que passava de vermelho a verde.

DRRRRRRRRRRT!

Kelly atirou uma rajada final e trancou a porta. O rotor girou com força suficiente para afastar as formigas vermelhas restantes, mas elas ainda estavam no chão e a Scarlatti estava se aproximando.

— Trinta metros... Vinte e cinco... — disse Stubbs.

Delta gritou para o indicador de potência.

— Stubbs! Faça aquela coisa! — gritou ela.

— Não posso. Não duas vezes. Dano certo às lâminas — disse Stubbs.

Então Finn viu. A Beta. Um borrão no céu, a princípio. Se aproximando rapidamente.

Veloz e furiosa.

Delta rangeu os dentes enquanto a última barra vermelha acendia perto do verde.

— VAMOS! — gritou Finn.

Delta apontou o helicóptero para a frente e o conduziu rapidamente pelo alto da grama enquanto o monstro se aproximava. Assim que ela conseguiu impulso o suficiente, disse:

— Segurem-se!

E virou o helicóptero de cabeça para baixo.

Finn se segurou, o coração batendo e saltando em seu peito como um coelho louco. Se ele se segurasse ao cinto de segurança com mais força, seus dedos se partiriam. Delta lançara o Apache num giro de trezentos e sessenta graus. A Scarlatti ainda estava lá. Ela tocou no alto do pasto numa tentativa de se desviar do monstro em meio aos arbustos e montículos de terra. Sem que desse certo, ela deu outro giro de trezentos e sessenta graus para tentar confundir a vespa. Em quaisquer outras circunstâncias, aquele teria sido o melhor passeio de montanha-russa de todos os tempos.

Mas, novamente, enquanto eles se endireitavam, o monstro estava bem atrás deles —

kzzwkzzkzkwwkwwkzzzwwkwwkzzwkzzkzkwwkw —, a centímetros. A única salvação era que, quando ela apontava o abdômen para o ataque, isso aumentava o atrito e o monstro perdia velocidade.

— Você não vai conseguir fazer isso o dia todo — observou Stubbs. — A fuselagem vai aguentar. Os rotores vão aguentar. Mas as pás e os motores, não.

— Quer apostar? — disse Delta, girando o helicóptero de novo, gerando novos gritos do motor.

— Não. Quero voltar para casa e tomar um bom banho quente — acrescentou Stubbs, esperançoso.

A ideia — quente/frio — surgiu no cérebro de Finn e ele gritou:

— PARA CIMA! SUBA!

— Subir? Ótimo — disse Delta.

— PARA CIMA. Para o ar frio. Ela não vai gostar do frio. O sangue dela tem de permanecer a quarenta e cinco graus para voar. É mais frio lá em cima, não?

Delta levou 0,006 segundo para pensar no assunto e empurrou a manopla, fazendo-os subir o máximo que a máquina permitia, tentando equilibrar a velocidade, Kelly falando do perigo enquanto Stubbs falava da altitude.

— Está se aproximando... Está se aproximando...

— Altitude cinquenta... setenta... cento e vinte e cinco macrometros... Você deveria perder 1,5 grau centígrado a cada cem...

— Conheço os números!

— Ainda está aumentando — disse Kelly.

— Altitude de cento e cinquenta macro — completou Stubbs.

WkzzkzkwkwkwkzzzwwkwwkzzWZZKKZKZWKZZZZZ

Delta nivelou o helicóptero novamente, recuperou velocidade e se afastou um pouco da Scarlatti Beta.

Finn olhou pela janela de trás — lá estava o monstro carnavalesco, o mal encarnado, a fúria e os olhos gigantesco, encarando-o como fizera em meio ao incêndio.

Matar...

— Siga em frente!

Quando eles alcançaram trezentos macrometros, por causa do vento começaram a notar o frio.

Quase imperceptivelmente a princípio, a Scarlatti começou a voar mais devagar e a cair.

A quinhentos macrometros, eles perderam totalmente o contato visual.

A oitocentos macrometros eles estavam começando a congelar.

— Fale comigo, Stubbs! — disse Delta.

Bip... Bip... Bip... Bip... Bip...

— Está... caindo.

Finn estava congelado. Eles alcançaram uma altura que lhe parecera impossível.

— Está virando...

Kelly estava batendo e cutucando seus braços para tentar levar algum sangue quente para eles. As mãos de Delta estavam presas ao controle.

Bip... Bip... Bip... Bip... Bip...

— Ela assumiu de novo um curso a oeste... caindo rapidamente agora — disse Stubbs.

— Sim! Sim! — disse Finn.

— Desça e ligue o aquecimento — disse Kelly.

— Desça.

— Desligando o motor — disse Stubbs —, acabamos de queimar um quarto do combustível restante.

— Certo.

Eles começaram a se esquentar novamente enquanto Delta os levou em rotação automática quase em silêncio até a terra.

Ela olhou para Finn, levantou os óculos escuros e o estudou (ele tinha praticamente a mesma idade de Carla, quase o mesmo tamanho e cor, quase tão inteligente quanto).

— Boa ideia, Noob^[15] — disse ela.

Finn arqueou a sobrancelha, reconhecendo a gíria de jogador e decidindo levar aquilo como um elogio.

— O que você joga? — perguntou ele.

— Alguns jogos de tiro, alguns de direção — disse Delta.

— Você não parece uma jogadora — disse ele. — Você não parece um soldado também. Parece que você faz parte de uma banda.

— Bem, você parece um *noob*, Noob.

Ela religou o motor enquanto eles se aproximavam do chão e seguiam a Beta, que voltara a seu persistente curso sudoeste.

— Estamos de volta e preparados. Muito bem, menino prodígio — disse Kelly. — Vamos acabar com o bloco de Allenby.

Eles rumaram para o campo mostarda florido, uma planície perfeita e interminável de amarelo-vivo, e Finn se encheu de orgulho de uma forma que os outros não tinham como imaginar — sentindo-se parte de uma família, sentindo-se parte dessa tripulação improvável.



DEZESSETE

DIA DOIS, 12h33 (horário de verão). Hook Hall,
Surrey

O admirado Comandante James Clayton-King não dormia direito havia trinta e seis horas e nunca estivera sob tanta pressão, sob olhares tão atentos.

As várias partes envolvidas no projeto Boldklub estavam sendo reunidas para uma reunião de emergência e para começar a agir em planos de contingência.

Todos queriam respostas.

Sobre o acidente do helicóptero e o fracasso da missão.

Sobre a identificação do inimigo.

Sobre segurança.

Sobre "tempo desperdiçado em planos mirabolantes" (expressão preferida do primeiro-ministro).

Sobre a manutenção do projeto Boldklub como segredo.

Sobre planos de evacuação em massa da população e sua reinstalação.

Sobre a destruição em potencial de boa parte dos arredores de Londres e do sudeste da Inglaterra: umas sessenta mil casas, lojas, escritórios, fábricas, monumentos antigos, estradas, campos e fazendas, propriedades aristocráticas — as marcas de mais ou menos quatro mil anos de atividade e colonização humana.

Ele tinha de se preparar para o tsunami em potencial de pânico e cataclisma político se eles chegassem àquele ponto.

Ele tinha de responder a líderes mundiais cada vez mais furiosos e ansiosos.

E ainda tinha de lidar com a soltura da Scarlatti, tinha de tentar salvar o mundo.

Mas o pior de tudo é que ele tinha de lidar com Al.

E a praga da esperança.

Nos laboratórios, Al observava os resquícios de metal queimado do caminhão Pinzgauer do engenheiro Stubbs sendo sofrivelmente remontados por uma equipe do Departamento de Investigação de Acidentes Aéreos com pinças, cola e lentes de aumento.

O Pinzgauer era uma das quatro peças de nanoequipamento encontradas até agora nos destroços. A mais bem preservada delas era o contêiner de alimento, que fora protegido pelo fogo pelo corpo do aviador. Nenhum corpo nano-humano, jovem ou adulto, fora encontrado. Tampouco havia qualquer sinal do Apache.

O investigador principal fizera um alerta:

— A espuma na caixa de transporte queimou a uma temperatura alta o bastante para consumir metal.

Os efeitos do calor intenso em nanomateriais eram completamente desconhecidos. Mas, enquanto não houvesse sinal do Apache...

Esperança.

De volta à sala de controle, o humor era sombrio. Os presidentes dos Estados Unidos e da França, juntamente com seus conselheiros, estavam sendo diretos e críticos.

— Não consigo entender como, com todo o planejamento e investigação, esse maldito ato de sabotagem foi ignorado.

— O irracional é sempre ignorado. Não se pode prever tudo, não é possível se proteger contra todos os acontecimentos — disse King.

— Mas vocês têm *alguma* ideia do que está acontecendo aí? — perguntou o presidente norte-americano na tela.

— Temos certeza quanto ao curso dos eventos até agora.

— Mas não estamos nem perto de descobrir quem fez isso, ou por quê —, disse o General Mount, à direita de King. Solene.

King se virou para se dirigir aos líderes mundiais de Londres, Paris, Washington e Berlim. Uma lista que ele sabia que em breve aumentaria.

— Não ainda. O “Doutor Spiro” foi nomeado em Porton Down há mais de um ano. Sua identidade falsa e seu histórico acadêmico eram uma mistura sofisticada de fraude e mentira, suas referências de caráter e segurança foram obtidas por meio de chantagem e propina. Quem teria recursos e vontade para tramocar algo grande assim? É um profissional? E o que eles querem? As máfias italiana e russa estão arruinadas por brigas internas. A Celestial está em frangalhos e francamente não faz o tipo. Não restam fragmentos da PICUS ou dos Cavaleiros Templários. E nada sugere que outra nação esteja envolvida, então estamos lidando com uma rede criminosa ainda desconhecida.

— É *exatamente* o que diz o general. Eles são “desconhecidos” — comentou o presidente francês.

— O que ressalta meu ponto — disse King. — Quem quer que sejam estas pessoas, se elas são capazes de fazer isso *comigo*, podem fazer com qualquer um, e elas provavelmente se infiltraram

em suas principais instituições também. Deve haver outros agentes por aí, só não sabemos quem ainda.

Houve um momento de desconfortável digestão.

King percebeu a oportunidade.

— Propomos, levando em consideração a pequena chance de a tripulação ter sobrevivido e continuado com a missão, vasculhar as comunicações via rádio num raio maior ao redor do local do acidente pelo máximo de tempo possível.

— Quanto tempo, exatamente? — perguntou o presidente dos Estados Unidos.

— A Scarlatti não abandonará seus filhotes até a troca final de pele, o que só acontecerá amanhã de manhã. Propomos que se continue a busca por pelo menos seis horas, a fim de...

— *Seis horas?* Vocês têm de mover meio milhão de pessoas!

— Ao mesmo tempo, pode-se planejar a evacuação, e os preparativos para a destruição da região podem avançar.

— Deveríamos começar a evacuação agora. Por que esperar? — perguntou o primeiro-ministro britânico.

— Como dissemos, há uma pequena chance de que a tripulação...

— Não há nenhuma chance! — O general norte-americano Jackman perdeu a paciência e se levantou. — Se eles estão vivos, por que não entraram em contato?

Al veio dos laboratórios para responder a essa pergunta.

— Se eles soltaram a Scarlatti Beta, eles teriam de permanecer no encalço dela: não poderiam voltar e arriscar perder a trilha. Eles estão seguindo nossas ordens de dar prosseguimento à missão *a todo custo* e temos de lhes dar vinte e quatro horas, o prazo original da missão, antes que façamos qualquer coisa drástica. Até agora não há nenhum nano-helicóptero, nenhum nanodefunto...

— Porque todos foram consumidos pelo fogo! Atrasar a evacuação aumenta os riscos para todos nós! — reclamou a chanceler alemã.

— Seus temores não são cientificamente provados. Longe disso — disse Al.

— Não estamos num laboratório, estamos em guerra! — atacou o General Jackman, de Washington.

— Ei! Fiz a minha parte. Trabalhei pra vocês! Todos vocês! — disse Al, virando-se e olhando todas as telas nos olhos. — Agora eles têm uma chance de trabalhar por vocês também!

— Certo, cavalheiros! Relaxem, como diria meu filho de dez anos — ordenou o primeiro-ministro britânico. — King, você está razoavelmente confiante de que pode organizar uma evacuação em doze horas?

— Certeza absoluta — disse King, insultado.

— E você acha que há algum prognóstico realista de que esses pobres coitados sobreviveram? Porque, se não houver, o General Jackman está com a razão: não deveríamos desperdiçar nosso tempo procurando por eles.

O Comandante James Clayton-King fazia cálculos. Os líderes mundiais o observavam. As equipes nas galerias os observavam. Al o observava.

— No geral... Neste ponto...

Vamos lá, King, pensou Al.

— Não parece bom...

King fez uma pausa, sufocando a esperança e depois a liberando novamente.

— Mas — continuou ele —, se por algum milagre, eles ainda estiverem vivos, ainda há uma chance de que eles possam alcançar a Scarlatti Alfa e completar a missão. Neste caso, podemos evitar ter de deslocar meio milhão de pessoas e botar fogo no coração da

Inglaterra. Acho que o atraso de algumas horas é um risco que podemos correr.

Al soltou um suspiro de alívio.

— Porcaria — disse o General Jackman.

— Obrigado, Linden — disse o presidente.

— A tripulação tem até as seis horas de amanhã. O prazo original da missão — disse Al.

— Estamos correndo todo o risco que podemos correr — disse King. — Vamos nos reconectar às dezoito horas, horário de verão, para uma atualização e, se necessário, para coordenar a evacuação e planejar a opção nuclear.

— Mas...

— Seis horas. Não mais do que isso — alertou o presidente norte-americano.

King olhou para Al.

— De acordo.

Al saiu da sala antes que pudesse socar alguém.

A reunião acabou sem nenhuma resolução, apesar da continuação da ansiedade.

Bip... Bip... Bip... Bip... Bip...

— Dois graus a oeste... sessenta e cinco macro... Mais dois a oeste... sessenta e quatro... — disse Stubbs, como se fosse um monge, citando os dados de rastreamento para que Delta os seguisse, como fizera a tarde toda.

Delta respondeu e guiou o Apache por uma plantação de trigo ainda verde, quase relando no alto dos talos, que se agitavam num movimento coordenado com a brisa da tarde. O trigo parecia, para Finn, milhões de mãos tentando tocá-los.

Eles haviam percorrido mais de trinta quilômetros e usado três quartos do combustível perseguindo a Beta pelo interior. Agora o padrão de rastreamento havia mudado e a Beta se virara para o norte, rumo a um bosque antigo.

Estavam no extremo oeste da área de busca predeterminada, a menos de quinze quilômetros de Langmere. A maioria dos modelos em Hook Hall previra que a Scarlatti rumaria para leste, com o vento predominante. Isso claramente não havia acontecido. Finn rezou para que eles tivessem ignorado os modelos e ampliado a busca até esse ponto.

Assim que cruzaram um muro na extremidade do campo e entraram no bosque, eles ultrapassaram o sol no qual haviam se banhado o dia todo e entraram na relativa escuridão das árvores. Delta se livrou de seus óculos de sol, de modo que seus olhos pudessem se ajustar à luz. A copa das árvores nativas de folhas largas era espessa com o exuberante crescimento do início do verão; abaixo dela, tudo era tranquilo, úmido e calmo. Aquele fora um maio de jardineiro, de sol e chuva, ótimo para as plantas, pássaros... e para todas as aranhas e insetos.

Bip... Bip... Bip... Bip... Bip...

— Cinquenta metros... Mais dois graus a leste... Quarenta e cinco metros... Quarenta... Espere, acho que ela parou.

Delta se voltou para Finn.

— Noob?

— Ela está se alimentando ou... encontrou alguma coisa.

— A Alfa? — disse Kelly.

Finn não ousou responder. Ele não queria trazer má sorte.

— Vamos subir e descer bem devagar — sugeriu Kelly.

— E permanecer contra o vento, aconteça o que acontecer — disse Finn.

Delta voou sobre um riacho que dividia o bosque e manteve o helicóptero e a bússola firmes, olhando para baixo, para a superfície da água. Depois de algumas ondulações, ela deduziu a exata direção da brisa.

— Ainda para o oeste. A Beta ainda está imóvel, Stubbs?

— Quarenta macrometros. Não se moveu.

— Então nos leve para nordeste — disse Kelly.

Stubbs navegou o minúsculo helicóptero pelo bosque, belo e imóvel ao olho normal, mas, para o nanoFinn, cheio de vida como uma cidade distópica, cheio de caos, barulho e estranhos objetos alados.

Ele se inclinou para a frente e pressionou seu rosto contra o vidro de cima para tentar ver tudo. Ele tinha de fazer isso. Mosquitos e moscas voavam em círculos, mas com tão pouco peso e força que as pás do helicóptero os cortavam, criando uma névoa fina de entranhas vermelhas amareladas tal que Delta teve de usar os limpadores de para-brisa. O ar estava espesso com detritos naturais: pedaços de plantas, nuvens de pólen, excrementos de larvas e lagartas nas copas. Abelhas voavam para a frente e para trás em suas colmeias, rápidas e barulhentas. O mais espetacular de tudo, libélulas voavam pelos barrancos do riacho, pairando imóveis, criaturas magníficas com suas cores azuis e verdes, quase do mesmo tamanho que o Apache, mas muitas vezes mais belas.

Bip... Bip... Bip... Bip... Bip...

— Mais dez macro e depois se volte para o oeste. Isso aí... Trinta... Vinte...

— Suba.

— Subindo.

Delta levou o helicóptero para o alto das árvores, desviando dos galhos, cortando pedaços de folhas verdes.

À medida que se aproximavam do sinal, ela diminuiu a velocidade e desceu.

Bip... Bip... Bip... Bip... Bip...

— Dez macros para oeste...

Eles desceram pela copa das árvores.

— Alguém tem contato visual?

E então Finn a viu.

— Lá!

— O quê?

— Matéria morta.

Parecia que tudo havia sido posto ali para algum culto bizarro. Um círculo de morte. No centro havia um texugo fêmea, agora inchado por causa da decomposição, e cercando-o havia um círculo de corvos mortos, duas raposas, meia dúzia de ratos e um certamente amado gato doméstico.

— Uau...

— Tem que ser isso, não é, Noob? — disse Delta.

— Combina com o sinal? — perguntou Kelly.

— Exatamente — disse Stubbs.

— Então ela está no ninho — disse Finn. — Acho que conseguimos.

— Mira — ordenou Delta.

Stubbs chamou a função de mira na tela principal e acionou lentes potentes sob a posição principal de disparo no nariz do helicóptero. Eles observaram enquanto ele usava um joystick para mirar no texugo.

Enquanto Stubbs vasculhava os flancos, Finn novamente viu alguma coisa.

Duas coisas.

As Scarlattis Alfa e Beta se retorcendo e dançando nas entranhas do cadáver.

— Ah, meu Deus... — disse Delta.

Deu certo.

Eles reservaram um momento. De descrença. De orgulho.



DEZOITO

*Enxamear... enxamear... enxamear... enxamear...
enxamear... enxamear...*

As Scarlattis gêmeas, Alfa e Beta, dançavam ao redor uma da outra em frenesi, numa união feliz, as asas batendo e se enrijecendo, hormônios e feromônios e suor pingando. Corpos se retorcendo, os sentidos aticados, mordendo e até mesmo cutucando uma à outra, felizes.

*Enxamear... enxamear... enxamear... enxamear...
enxamear...*

No cadáver, as recém-nascidas ninfas podiam sentir o sabor daquilo também e agitavam suas asas, desesperadas para se unir a elas, desesperadas para se libertar.

DIA DOIS, 15h02 (horário de verão). Sibéria

Kaparis decidiu deixar que as autoridades "ficassem de molho" por um tempo. Ele encontrara provas terciárias de uma atividade militar cada vez maior a leste de Surrey e outros sinais de pânico nos salões de Hook Hall, incluindo um aumento considerável nas

importantes comunicações diplomáticas ao redor do mundo. Agora, depois de ver a frota de submarinos nucleares Trident do Reino Unido lançada ao mar de sua base em Faslane, Kaparis decidiu que era hora de "dar o tiro de misericórdia" e lançar a Fase 2.

— Chame Stefan — ordenou ele.

Stefan era o Tyro mais velho e confiável em atividade.

Com idades entre doze e dezessete anos, os Tyros eram os "substitutos" de Kaparis, crianças de todas as raças, credos e cores, brilhantemente educadas via PNR em tudo, desde a mecânica quântica até o combate sem armas, geralmente especialistas numa área; impiedosos, ousados e, acima de tudo, totalmente leais e obedientes.

E, para o mundo exterior, apenas crianças. Adolescentes indescritíveis. Invisíveis. Tudo o que os unia era a "íris manchada" em seus olhos, resultado do trabalho repetitivo do PNR. Mas quem notaria?

Depois de ficar parálítico, Kaparis vasculhara orfanatos e hospitais de caridade do mundo, rigorosamente testando os melhores, selecionando-os, adotando-os e desenvolvendo uns poucos num "estado elevado de ser", durante seu seminário num monastério abandonado nos montes Cárpatos.

Poucos entraram e apenas treze saíram com vida até agora. (o PNR deixava os loucos os candidatos errados).

A conexão de comunidade pelo Atlântico podia ser um problema com o mar agitado, mas os cabelos loiros de Stefan logo surgiram na tela.

— Acho que é hora, Stefan, não acha?

O menino loiro se curvou.

**DIA DOIS, 15h18 (horário de verão). Hook Hall,
Surrey**

Al ficou olhando sem nenhum interesse para o prato de ovos mexidos. Ele sabia que tinha de comer alguma coisa, se não seria consumido pelo ácido em seu estômago, mas não estava a fim.

Ele fez com que os destroços do Merlin fossem vasculhados, verificados e reverificados, e ainda assim não havia nenhum sinal da nanotripulação ou do Apache ou, na verdade, de quaisquer corpos orgânicos não identificados. Isso era um bom sinal. Era uma esperança, e ele se apegou a ela.

Mas a busca não estava levando a lugar algum. Tentar cobrir quase oitenta quilômetros quadrados com o alcance do sinal da tripulação sendo de apenas de algumas dezenas de macrometros era uma tarefa hercúlea. Eles voaram com vários aviões sobre uma área dividida em quadrados pela região e não obtiveram sinal algum. Continuaram usando um método diferente, mas com o mesmo resultado, e a quantidade de aviões voando a baixas altitudes durante a busca estava se tornando um perigo.

Al se obrigara a comer uma garfada de ovos quando King apareceu e se sentou ao lado dele.

Ele engoliu a garfada e perguntou a King:

— Alguma coisa?

Ele estava pensativo, como estivera o dia todo.

— Nada — respondeu King, direto.

King segurava um batido telefone celular. O telefone de Finn. Al o estivera evitando.

— Isso daqui continua tocando numa mesa da sala de controle. Crianças não deveriam ter telefones. Sua mãe insiste em ligar.

Al pegou o aparelho todo riscado, seu coração se contraindo por um instante. Ele havia prometido a Finn um aparelho novo. Mas quem poderia querer substituir uma coisa tão preciosa?

Seis ligações perdidas de sua mãe e um previsível e confuso texto:

onde6 estão vcs? incomuni cavel. diatodo. furiossa. ligue.

Al e Finn haviam criado uma estratégia de “ligue a qualquer hora” para ajudá-los a lidar com a perda. No começo, quando Finn ainda estava no primário, havia lágrimas e raiva, quase sempre na hora do chá. Com o tempo isso evoluiu para longas conversas sobre nada em especial. Depois, enquanto as feridas começavam a cicatrizar, as ligações diminuíram de frequência. Como Al queria poder ligar para o sobrinho agora.

Ele abriu o teclado e se pôs a mentir para a mãe.

**Tudo OK. Al perdeu telefone. Na Harvester em Cookham.
Indo para o cinema agora. Tricote pela Inglaterra. Fxxx**

Al apertou “Enviar”. Seu coração se apertou novamente e ele estava começando a perder a calma quando...

— Comandante King?

King e Al levantaram as cabeças para ver um nervoso oficial da inteligência diante deles.

— Achamos que encontramos alguma coisa.

Trinta segundos mais tarde, King e Al voltaram para a sala de controle, olhando para a tela principal.

— Achamos que é o Doutor Cooper-Hastings, senhor. Acabou de publicar numa obscura rede social chinesa. Nossos algoritmos de busca interceptaram.

Finalmente eles estão se revelando, pensou King.

Uma imagem de baixa qualidade do Dr. Cooper-Hastings apareceu na tela, granulada, e naquele estilo sombriamente conhecido de um vídeo terrorista.

O Professor Channing estava chocado.

— Esse é Cooper-Hastings? — perguntou Al.

— É ele... — disse Channing, com tristeza.

— Reproduza — ordenou King.

Cooper-Hastings olhava para a câmera. Ele estava determinado, até mesmo enojado, ao falar. Balançava para a frente e para trás, sua voz rouca por causa da falta de sono.

— Agora vocês saberão o que eu fiz. O organismo está em segurança e se reproduzindo rapidamente.

O rosto de Cooper-Hastings foi substituído por um vídeo feito em uma câmera estática. Ela mostrava um texugo morto sob a luz, e se aproximava lentamente da barriga do animal para revelar a Scarlatti Alfa se movendo e cuidando dos ovos.

— Vamos lhe dar a localização disso se vocês atenderem nossas exigências.

... Primeiro, coloquem o Acelerador Rosquinha de Cambridge em dois contêineres e os coloquem isoladamente no deque do navio cargueiro Oceania Express, que acabou de atracar em Felixstowe.

... Depois, às seis horas, façam com que o navio rume para a ponta da península Jutland. Lá, esperem por novas instruções. A carga deve permanecer inalterada, o navio não deve ser rastreado nem protegido por pessoas armadas. Saberemos de dentro da sua operação se vocês se desviarem disso um milímetro.

... Terceiro, o Doutor Allenby vai nos dar os códigos sequenciais do projeto Boldklub, que acreditamos estarem num instrumento de armazenamento USB azul guardado por ele pessoalmente.

... Nossas intenções são totalmente pacíficas e benignas. Acreditamos que uma tecnologia assim não deve ficar na mão de países e de funcionários públicos medíocres; é muito melhor que ela fique nas mãos de indivíduos excepcionais e de confiança.

... Coloque a resposta oficial como comentário neste blog. As ninfas de Scarlatti atingirão o estado de maturação em algum

momento entre as seis horas e o meio-dia de amanhã. Se vocês não atenderem completamente nossas exigências até então...

... vamos deixar que a natureza siga seu curso.

Na surpresa e breve confusão que se seguiu — enquanto os chefes de estado eram informados, enquanto os funcionários do Serviço de Segurança corriam para bloquear o hospedeiro do site e descobrir o que quer que conseguissem sobre como, onde e quando o vídeo fora enviado, enquanto o nível geral de pânico aumentava — Al sentiu ao menos um milímetro da ansiedade se aliviar.

Pelo menos eles tinham algo com o que continuar.

— Vou encontrar você — disse para seu inimigo.

Ele segurou a pedrinha de esfarelita em seu pescoço. Arranhou-a com a unha. A pedra brilhou.

— Vou encontrar você — ele prometeu a Finn.

DIA DOIS, 15h39 (horário de verão). Sibéria

Em seu covil, Kaparis ouvia a versão de Brodsky para o Quarteto de Cordas em dó sustenido de Beethoven e esperava os acontecimentos.

Ele arqueou uma sobrancelha para Heywood.

Instintivamente, o mordomo se aproximou e serviu um Château Valandraud St-Émilion 1995 com uma pipeta na língua gorda e prateada do patrão.

Kaparis gostava das boas coisas da vida, muito. Na verdade, ele se considerava uma das melhores coisas da vida, tanto que construiu toda uma teoria em torno dessa ideia.

Uma teoria que agora ele sentia que com certeza seria provada.

Sem querer se arriscar no chão da floresta, eles pousaram o Apache cuidadosamente no galho horizontal de um carvalho comum que devia ter uns bons duzentos anos, Delta pousando perto do tronco, onde não havia chance de movimento na brisa. Os insetos ainda zumbiam ao redor deles, mas finalmente parecia que eles tinham um lugar protegido e que não seriam puxados para o espetáculo.

Enquanto Finn saía da cabine, uma sensação profissional de empolgação tomou conta da tripulação.

Delta desligou os motores do Apache para preservar o combustível que sobrara e eles se puseram a finalizar o plano de ataque.

Pegaram mapas e apontaram a posição no quadrante sudeste do Willard's Copse, a mil macrometros da vila de Willingham, cem macrometros ao sul do local do ninho.

Stubbs fez alguns cálculos. Eles tinham combustível suficiente para completar três missões de ataque e chegar confortavelmente à vila.

— Mas se ficarmos presos numa luta demorada esse tempo será seriamente reduzido.

— O milagre é que, apesar de tudo, ainda temos uma chance e de jeito nenhum vamos estragar tudo — disse Kelly, e todos concordaram.

O ataque ao ninho seria bem parecido com o que eles haviam preparado no CCAC. O objetivo principal era matar as duas Scarlattis maduras e depois destruir o ninho, juntamente com quaisquer ninfas e ovos. O objetivo secundário era informar a posição do ninho.

Ficou acordado que Delta e Stubbs, no Apache, fariam várias missões de ataque à velocidade máxima, disparando tudo de que dispunham: doze mísseis Hellfire, toda uma carga de foguetes Hydra, uma metralhadora trinta milímetros com mil e duzentas rodadas e até, se necessário, quatro mísseis Stinger ar-ar. Um bocado de barulho.

— Isso deve acabar com elas — disse Delta.

Também ficou decidido que Kelly pousaria à frente do primeiro ataque para estabelecer uma posição de fogo: para fazer um ataque de limpeza (exterminando quaisquer ovos ou ninfas que tivessem escapado ao bombardeio) e para impedir as Scarlattis de fugir do ninho. Isso agora era até mais importante, já que a grande ameaça à missão era a de que uma ou as duas Scarlattis perseguissem e atacassem o Apache no ar.

— Desde que eu vá à velocidade máxima, terei tempo para matar tudo com a metralhadora. E sempre podemos carregar o Stubbs com uma M27 — disse Delta.

Kelly fez que não com a cabeça.

Stubbs afirmou diretamente:

— Não posso ter acesso a armas pequenas desde 1994. Perdi um dedo num estande de tiro. Não meu. Do cara que estava ao meu lado.

— Deixa pra lá. Estamos prontos para ir? — disse Kelly.

— Jantamos antes? — sugeriu Stubbs.

— Comer? Só temos uma hora de luz boa! — disse Delta.

— E quanto a mim? — perguntou Finn.

Todos se viraram para olhá-lo. E então...

POW!

Um tentilhão surgiu do nada e pousou num galho ali perto. A menos de um macrometro de distância. Uma torre de cores. Um borrão de velocidade. O tamanho e a forma de um tiranossauro rex.

— Kelly! — gritou Delta.

OOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOO!, cantou o curioso pássaro, um grito evidente em si menor, virando a cabeça bruscamente para dar outra olhada neles.

Ao mesmo tempo, a tripulação se abaixou para cobrir os ouvidos, Kelly sem conseguir disparar. Houve uma repentina e violenta batida

de asas e, num microssegundo, o pássaro estava sobre eles.

O tentilhão gritou de novo, e Kelly finalmente pôs o dedo no gatilho.

DRRRRRRRRRRRRT!

As balas erraram o alvo, mas o som duro e estranho fez com que o enorme pássaro ficasse em pânico. Ele se lançou ao ar, desesperado para fugir, as asas batendo no galho e quase derrubando toda a tripulação.

Rapidamente ele desapareceu, mas o Apache estava balançando perigosamente no galho. Kelly e Stubbs correram para estabilizá-lo antes que virasse sobre o rotor, conseguindo controlá-lo. Kelly acabou com qualquer debate.

— Vamos sair daqui agora.

Stubbs e Delta imediatamente começaram a preparar os armamentos do Apache, e Kelly o fez em seus braços pequenos.

Finn explodiu.

— E QUANTO A MIM?

Os três soldados olharam para ele.

— Você espera no Apache — disse Kelly.

— De jeito nenhum! Posso ir com você! Você pode me ensinar a atirar!

Kelly ergueu a mão.

— Nenhum papel em combate.

— Você já estaria morto se não fosse por mim — disse Finn.

— Ele tem razão — disse Stubbs.

— Verdade... — disse Delta.

— Aquelas armas são maiores do que ele — disse Kelly e, como geralmente acontece entre adultos e crianças, deu-se início a uma

breve discussão *sobre* Finn sem que eles aparentemente notassem que ele estava *bem ali ao lado* — *ALÔ??*

Kelly admitiu que Finn proporcionou excelentes conhecimentos sobre ameaças ambientais (“Obrigado”, disse Finn), e que, apesar de ele *poder* aprender a disparar um M27, isso estava muito distante do combate (“Fiz isso no Xbox um milhão de vezes!”), mas eles não deveriam esquecer jamais que ele era o sobrinho de Al e *apenas uma criança*.

— Esqueça o Al! Isso tem a ver comigo!

— Espere aí — Delta repentinamente ergueu a mão como se tivesse parando o tráfego. Ela tomara uma decisão: — Kelly tem razão, não se pode usar um *noob* — disse ela.

— Muito menos agir sob pressão — concordou Kelly.

— Sou *praticamente* um adolescente! — insistiu Finn. — E eu sou *eu* e sou bom em algumas coisas, e você NÃO vai me excluir! E, por sinal, meu nome não é Noob! — acrescentou ele para Delta, que aceitou, sem se mover.

Kelly agiu rapidamente. Um profundo instinto paternal que ele não entendia estava em jogo. Ele não conseguia evitar gostar desse menino. Abaixou-se até que sua enorme cabeça estivesse no nível da de Finn.

— Todos temos um papel. Você também. Você é aquele que tem de ficar vivo.

Fez-se silêncio por um instante. *Vivo?*, pensou Finn. *Quem disse alguma coisa sobre a possibilidade de morrer? Eles realmente pensavam que perderiam essa coisa?*

— A vida é desperdiçada com os velhos — concordou Stubbs. — Acredite nisso.

— Seus pais não iriam querer que arriscássemos isso — acrescentou Kelly.

— Como você sabe? Eles teriam *adorado* isso — disse Finn, sentindo-se mais certo do que nunca. Kelly recorreu ao protocolo militar.

— Sou o oficial comandante. E esta é a minha decisão — disse ele, sinalizando o fim da discussão com sua saída para verificar as armas.

— Isso não é motivo! — gritou Finn para ele.

— Ele tem razão, Noob — disse Delta, tentando convencê-lo. Sou... uma irmã mais velha — revelou ela, como se fosse uma espécie de dádiva oculta (que para ela era mesmo). — E eu jamais deixaria a Carla ir. Não queria nem mesmo que ela ganhasse um *pônei*.

— Quem é Carla e o que isso tem a ver com a nossa situação? — disse Finn.

A discussão teria continuado, não fosse o grito de Kelly.

— AHHHHHRRGGH!

Finn se virou. Kelly estava gritando e caminhando para trás, uma aranha-caranguejeira [\[16\]](#) presa à sua coxa.

— Fique imóvel! — gritou Finn para o agitado, balbuciante e trêmulo homem das Forças Especiais.

Delta ficou paralisada como se houvesse um problema no código de jogo novamente, e Stubbs jogou sua caneca no monstro do tamanho de um cachorro. A caneca bateu numa das pernas da aranha, mas ela ainda estava segura pelas presas e Kelly estava desaparecendo rapidamente do galho.

Na área de carga aberta do Apache estava a pistola de serviço [\[17\]](#) de Delta. Finn a pegou e mirou.

— Segure a arma imóvel.

—YAAAAAARRHH! — gritou Kelly.

— Solte o pino de segurança com o dedão direito e aperte — aconselhou Stubbs.

— Não ouse... — afirmou Delta, saindo do estado de transe, mas então...

BANG! Finn sentiu a pistola dar um coice em suas mãos e, para sua surpresa, a aranha soltou a perna de Kelly.

Kelly estava se segurando com a ponta dos dedos na casca do galho. Delta e Stubbs o puxaram para cima. Ele estava pálido e trêmulo.

— Minha perna... Não consigo sentir minha perna... — ele conseguiu dizer.

— Você tem sorte de ter uma perna — disse Delta, tirando a Beretta de Finn, cujos ouvidos ainda zuniam.

— Ele está entrando em choque. Vou lhe dar trinta miligramas de esteroide e vinte de morfina — disse Stubbs.

— A aranha-caranguejeira não é mortal — tranquilizou-os Finn. — Ela apenas paralisa.

Delta se virou para Finn.

— Por quanto tempo?

Finn deu de ombros.

Delta olhou para oeste, para o sol da tarde.



DEZENOVE

Ponto meia ponto meia ponto meia ponto meia...

*"Vazios os fiordes, sopra a maresia.
O amor é frio como um peixinho em conserva..."*

Violet Allenby não estava nada feliz. Mas seria errado dizer que ela era a pessoa mais infeliz a bordo do *Princess Hüttigeun* — o navio escolhido para o Cruzeiro de Tricô Delícias do Norte 2014. Essa distinção cabia a Eskild, o jovem oficial de entretenimento do navio, que acabara de romper com a namorada. Ele se mostrou desinteressado ao fazer a convocação para o bingo, chorou abertamente numa excursão ao Yärn Bärn em Haugesund e lhes dera até agora, nessa tarde, três horas de músicas românticas improvisadas tocadas num violão desafinado e num insuportável estilo monótono nórdico. As senhoras mais velhas a bordo se mostravam apenas solidárias, apesar de isso não corresponder à anunciada "atmosfera festiva".

*"Demore-se, amor, enterre o gelo na minha alma
Pelos lobos da floresta de Edvart Bergasol."*

Ponto meia ponto meia ponto meia ponto meia...

Mas o que realmente incomodava Violet Allenby enquanto eles avançavam pelo litoral da Noruega, indo de um porto pitoresco a outro, era o fato de Al e Finn não retornarem suas ligações havia vinte e quatro horas.

Tudo o que eles fizeram foi lhe enviar uma mensagem de texto dizendo que Finn estava indo ao cinema. Uma mensagem de texto que ela respondeu com uma ligação, pensando que o filme já devia ter acabado. Mas, em vez de conseguir falar com ele, ela ouvira um trecho de uma frenética discussão técnica interrompida por uma voz dizendo:

— O que houve? — antes de desligar o telefone.

Ponto meia ponto meia ponto meia ponto meia...

Claro que devia haver uma explicação perfeitamente razoável. Ela obviamente ligara durante o filme e as vozes eram da trilha sonora. Mas, ainda assim... Ela podia jurar que era a mesma voz. A daquele homem alto e sério que aparecera na casa dela na penúltima Páscoa usando um casaco adorável. Al desaparecera durante quinze dias com ele, voltando exausto.

— Não pergunte — disse ele, e depois dormiu por dois dias seguidos.

Ela tinha de respeitar isso; ela sabia que ele às vezes fazia trabalhos secretos. No fim de semana seguinte, no último minuto, ele de alguma forma conseguira que o príncipe do Japão abrisse o banquete local (um autor local abandonara as festividades, "sentindo-se incomodado").

— Ele me deve um favor — foi a única explicação de Al.

O príncipe ouviu atentamente as explicações sobre os planos para o hospício, mas estava claramente impressionado com Al.

— Seu filho. Homem muito bravo — ele dissera a Violet.

Bravo — a última coisa que uma mãe quer saber.

*"Ela está livre — ela é o inverno!
Uma sauna, um estilhaço..."*

Ponto meia ponto meia ponto meia ponto meia...

Se ela não soubesse, poderia pensar que Al estava envolvido com aquele homem assustador novamente e que levava Finn consigo e que agora eles estavam flertando com a morte em alguma situação calamitosa que significaria sofrimento para todo mundo que os amava, e ninguém os amava como...

Ela parou antes que lágrimas de preocupação rolassem de seus olhos.

Pelo amor de Deus, Violet. Contenha-se. Que ridículo.

Então o capitão apareceu. De novo. Ele estivera ligeiramente aterrorizado durante toda a viagem, ansioso por fazê-la se sentir o mais confortável possível, ouvindo-a atentamente — o que estava acontecendo com os homens desse navio?

Ele engoliu em seco e anunciou:

— Ah... ao nos aproximarmos do porto, por favor, não use o telefone celular. Por causa da interferência nas comunicações... Desculpe.

Ele fez uma reverência e saiu apressadamente.

Fazia menos de três minutos desde que ela ligara para Finn. Se Violet não soubesse bem, podia sentir o cheiro de algo podre no ar.

Ponto meia ponto meia ponto meia ponto meia...

Algo bem podre chamado Al, seguido por algo podre usando um lindo casaco e o príncipe do Japão.

— CERTO — disse ela, deixando de lado o suéter de três cores que estava tricotando. — Chame-me um táxi! Alguém tem de chegar ao fundo disso. E, Eskild, por favor, pare com esse desvario ridículo!

— Cara senhora...? — começou o capitão, reaparecendo enquanto ela voltava correndo para sua cabine a fim de arrumar as malas.

— Saia do meu caminho! Vou embora de avião e não sei quando voltarei.



VINTE

— VAI!

Delta desceu o Apache pelo ar noturno do bosque e voou alguns centímetros acima do chão cheio de ervas daninhas.

— Aterrissagem! — gritou Kelly ao tocar o solo. Finn já estava saindo pela porta, o peso da cinta da M27 ferindo seus ombros com o impacto.

Eles mantiveram as cabeças abaixadas enquanto Delta levantava voo novamente e o feroz vento do rotor os atingia. Assim que o vento diminuiu, eles se levantaram de novo, Finn ajudando o manco Kelly, que ainda estava se acostumando à sua perna semiparalisada.

Estavam a três macrometros do alvo, fora do círculo de animais mortos, que eram como uma fileira de edifícios na escala deles. A tarefa imediata que tinham: percorrer 1.500 nanômetros em menos de cinco minutos, de modo que pudessem alcançar o ninho e estabelecer uma posição de fogo, antes do primeiro ataque de Delta. Depois disparariam.

Não era fácil em circunstâncias normais, mas ajudando um homem carregado com uma M27, vários pentes de munição e manco

ao mesmo tempo e se preocupando com ataques aéreos ou terrestres era algo completamente diferente.

Mas Kelly em pouco tempo se ajustou a seu ferimento, sua perna morta sendo arrastada fora do ritmo.

Thud thud thud thud...

Finn teve dificuldade para aguentar o peso, mas não queria mostrar fraqueza. Ele levantou a cabeça assim que pôde para estudar o céu. Nada. As ervas eram uma boa cobertura. Larvas e formigas, assustadas com o movimento, saíam do caminho enquanto eles avançavam.

— Quatro minutos! — gritou Kelly. *Thud thud thud thud...*

Finn estava arfando e suando. Isso era combate, e Kelly estava em outro modo, todo frio e determinado. Finn tentou agir como ele, mas seus pulmões queimavam. Tentou focar na Scarlatti. Tentou ser frio.

Por um instante as pernas de Finn vacilaram e ele caiu. Kelly o ajudou a se levantar, permitiu que ele se recuperasse por exatamente três respiradas, antes de puxá-lo novamente.

— Vamos! Vamos! Três minutos!

Thud thud thud thud...

Eles passaram correndo pelo pé rígido e estendido do gato morto. O cheiro do texugo em putrefação estava começando a atingi-los.

Ao darem a volta na cabeça gigantesca do animal, avistaram pela primeira vez o ninho. O corpo morto cheio de marcas de varíola do texugo estava recoberto por ninfas que se retorciam — todas larvas más e quase duas vezes maiores do que eles.

— Contato visual! — gritou Kelly, e eles se jogaram no chão, desesperados para não atrair um ataque antes do primeiro bombardeio de Delta.

Eles saíram da cobertura da erva daninha e agora estavam deitados ofegantes na lama e na grama. Finn achou que iria vomitar,

e seus ombros doíam no ponto onde ele estava dando apoio a Kelly.

— Ali! Está vendo? — Kelly apontou em meio à grama.

Lá entre as ninfas, mais escura do que a Beta que eles estavam rastreando e sem a marca branca do nanotransmissor, entre as entranhas em decomposição, cuidando, alimentando e provocando seus filhotes, estava a Scarlatti Alfa... do tamanho de um caminhão do exército para eles, brutalmente formada e com cara de má.

Finn consultou seu relógio.

— Quarenta e cinco segundos.

Kelly se levantou e mirou sua M27 em meio a uma abertura no mato.

— Onde é que está o irmão gêmeo? — perguntou ele. A Scarlatti Beta não estava em nenhum lugar. — Quinze segundos. Pronto?

— Pronto — disse Finn, prendendo a M27 no ombro e olhando pela mira.

— Rajadas curtas.

— Uh-huh.

Eles esperaram, observando a Alfa cuidar das ninfas, e então... algo a fez parar... o cheiro de alguma coisa no ar... a menor vibração quântica.

Ela ergueu a cabeça e sentiu o ar com suas antenas grandes como chicotes. Ela sentiu o sabor de... perigo.

Wwkzzkzkwkwkwkzzzwkzzkzkwkwkwkzzzwkzzkzkwkwkwkzzz

A Alfa se liberou das entranhas do texugo e de seus filhos e decolou, indo diretamente para Kelly e Finn.

No mesmo instante o Apache passou, inclinado para baixo, e disparou todos os foguetes no texugo, descrevendo uma linha de fogo e inferno na parte de baixo da barriga do animal. As entranhas se iluminaram e a massa como um todo se sacudiu, o corpo quase saindo do chão.

BOOOOOOM!

DIA DOIS, 17h33 (horário de verão). Sibéria

Um alarme soou na ala de comunicação do abrigo siberiano. O programa de detecção de movimento registrando algo em Willard's Copse.

Os olhos de Kaparis giraram em direção a uma tela de monitoramento.

A onda de impacto passou pelo corpo da Scarlatti Beta.

A necessidade de reproduzir a atingira rapidamente, o sabor da Alfa dando início ao fluxo de hormônios que a transformaria numa máquina de reprodução, e ela se arrastara para o outro lado do texugo fêmea para começar a pôr seus ovos e garantir que as ninfas mais velhas não os consumissem.

E agora o impacto, ainda zumbindo em seu sistema nervoso, paralisou tudo.

E algo mais.

Um cheiro.

Atacar... comandou seus instintos. Matar.

A arma de Finn saiu de suas mãos quando a onda de choque o atingiu. Ele teve dificuldade para respirar.

Kelly simplesmente suportou o impacto e disparou e disparou e disparou.

DRRRRRT! DRRRRRT! DRRRRRT! DRRRRRT! DRRRRRT!

A Scarlatti Alfa se desviou da sua trajetória e voltou para o local do incêndio, onde suas ninfas estavam fugindo ou sendo consumidas

De sua nova posição, o olho de mil células da Scarlatti foi capaz de mirar em Kelly e Finn. De novo, Finn sentiu os enormes olhos malignos penetrando seu cérebro.

Eles dispararam novamente enquanto o monstro se reerguia...

DRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRTT!

E novamente as balas ricochetearam na couraça — mas as asas pelo menos estavam sofrendo, se despedaçando. O monstro tentou desesperadamente cruzar a distância curta até Kelly e Finn, mas suas asas foram reduzidas a tocos furiosos e impotentes.

Finn e Kelly continuaram atirando enquanto o monstro se levantava e começava a se arrastar, grande e ainda letal, em meio à terra e rumo a eles numa agonia raivosa e agitada.

— Corra! — gritou Kelly, atirando nas patas restantes da criatura.

Finn o segurou, e eles começaram a se afastar o mais rápido que podiam.

Mas a Alfa estava zumbindo e se remexendo e se lançando cada vez mais perto, um inimigo mortal e ferido, suas ninfas em chamas ou voando por perto. Ela pegou impulso com o toco que restava de uma asa contra o solo e estava quase sobre eles.

Kelly se livrou de Finn, deitou-se e atirou.

DRRRRTRRRRRRRRRRRRRRRTTT!

Finn recuou e atirou também.

DRRRRT! DRRRRRT! — nos tocos das asas, no que ele achava que eram as partes mais moles do abdômen, no que restava das patas.

Eles a estavam destruindo...

Até que, de repente, com um movimento rápido e desesperado da cauda, o monstro se lançou contra eles — caindo sobre Finn como um colchão gigantesco, sua superfície recoberta por pelos enrolados e farpados, jogando Finn para trás... tirando a arma dele.

Por um instante, enquanto Finn estava deitado de costas no chão, recuperando a consciência, ele pensou que tudo estava acabado, que o monstro havia morrido... mas, à medida que seus sentidos voltavam, ele pôde ver que ainda havia vida no monstro. Ele ouviu os gritos abafados de Kelly debaixo da criatura ferida. Ela tentava balançar suas asas inutilizadas, tentava se encolher e agitar a cauda, mas a vida estava se esvaindo dela, as balas estavam finalmente fazendo efeito.

Finn se levantou lentamente.

Ele viu a enorme e agitada Scarlatti enquanto Delta lançava os últimos explosivos contra o ninho à frente, iluminando o perfil sombrio do demônio. A cabeça e os ombros de Kelly estavam livres, mas o restante dele estava preso sob o monstro.

Havia uma granada no chão pouco além do alcance de Kelly. Finn podia se aproximar correndo. Mas ele estaria na área de alcance da cauda.

Ele teve de decidir o que fazer. Mas, antes que tivesse a oportunidade, a Scarlatti Alfa agitou sua cauda maligna com três ferrões uma última vez, passando perto do rosto dele por centímetros.

O movimento da Scarlatti de repente libertou Kelly. Ele se remexeu. Pegou a granada. Tirou o pino e a lançou — por sobre o ombro — para dentro de uma ferida aberta no abdômen do monstro. Ela se retorceu e soltou seus ferrões.

Kelly se libertou e saltou por sobre Finn, protegendo-o completamente. O peso de uma tonelada empurrando Finn contra o chão, e então...

BOOM!

Finn sentiu como se fosse um soco no seu peito. Kelly rolou sobre ele. Ambos pareciam acabados.

A Scarlatti Alfa desaparecera diante deles. Ela explodira e se dividira em três partes distintas.

E acabou.

A guerra acabara.

O texugo era uma pira incandescente.

E então, por sobre as chamas...

**WwkzzkzkwkwwkzzzWWKWZZZWZWZWWKZWZWKZWZ
WKKZ**



VINTE E UM

DIA DOIS, 17h42 (horário de verão). Sibéria

Os olhos de Kaparis brilhavam e se agitavam sob os óculos enquanto ele tentava entender a destruição e a ação vistas nas telas. A resolução limitada da câmera no Willard's Copse dificultava o acompanhamento em tempo real, mas parecia não haver dúvida de que a nanoequipe estava provocando uma destruição considerável.

Heywood e outros dois membros da equipe ficaram paralisados de medo. Kaparis raramente perdia o controle, mas, quando perdia...

Seu coração disparou. Heywood ajustou o pulmão de aço para que ele respirasse mais rápido e profundamente, enquanto Kaparis lutava para permanecer calmo e raciocinar em meio aos acontecimentos.

- 1. A nanoequipe claramente escapara do acidente e dera continuidade ao seu objetivo, sem o conhecimento das autoridades.*
- 2. Para manter a credibilidade da ameaça, a Scarlatti ou as ninfas restantes deveriam ser preservadas.*

3. Se a nanoequipe completasse a missão, então eles deveriam ser pegos e destruídos antes que pudessem se comunicar.

— *Quantos Tyros ainda temos no Reino Unido? — perguntou ele.*

— *Somente Kane, senhor.*

— *Chame-o. Agora.*

— Bombas lançadas, bom ataque — gritou Stubbs.

Delta pousou bruscamente ao fim do terceiro ataque, o Apache muito mais manobrável depois de se livrar de tanto peso. O coração dela batia apressadamente. Não importa quantas vezes você fizesse isso, disparar era sempre empolgante — e agora o helicóptero estava tão leve que parecia parte dela, como uma companheira de corrida.

— Última investida — disse Stubbs.

— Certo.

Ela empurrou a manopla para a frente e acelerou para voltar pelo bosque até o alvo enfumaçado.

Então, abaixo deles, eles viram.

A Beta.

Matarmatarmatarmatarmatarmatarmatarmatarmatar...

Um ataque no enxame.

Todo receptor de briga no cérebro da Beta estava atizado. Toda célula no seu corpo estava sensível. Todo músculo, toda energia, todo nervo estava direcionado para matar, a fim de proteger os poucos filhotes que agora se arrastavam espalhados pelo chão.

A fumaça a confundiu. Uma bala a feriu, atordoou e deixou furiosa. Outra.

BANG! BANG! Ao avançarem, Kelly, com sua arma, atirou nas ninfas de Scarlatti que fugiam.

As ninfas estavam indo para o círculo de aves e mamíferos mortos ao redor do texugo em chamas. Uma estava se arrastando sobre a cabeça de um corvo morto, tentando desesperadamente se esconder sob as penas. Um ninho estava se transformando em cinco.

Nunca haveria balas suficientes. Mas, se eles conseguissem matar a Scarlatti Beta, as larvas não teriam hormônio do crescimento e isso as mataria todas.

A Beta zumbiu com raiva, incapaz de localizar o inimigo aéreo, mas sentindo novamente o cheiro de seus torturadores.

Matar...

***Wwkzzkzkwkwwkzzzwkzzkzkwkwwkzzzwkwkkkwkkwk
wkww!***

— Está voltando! — disse Finn.

Kelly o segurou, olhou-o diretamente no olho, intenso, como se ele fosse o filho que ele nunca teve.

— Ouça-me agora, Finn. Não olhe pra trás. O que quer que você faça, não olhe pra trás. Agora, CORRA! CORRA!

Finn correu... Finn olhou para trás.

Kelly pegou duas granadas. Três.

Kelly se levantou e acenou como louco para a Scarlatti.

— VENHA COM TUDO! — trovejou ele para o monstro.

Finn percebeu que Kelly iria se sacrificar... ele estava chamando a própria morte.

Kelly olhou para trás.

— CORRA, EU DISSE! — gritou ele, apontando a Magnum para Finn. — Vou atirar nela ou em você!

**Wwkzzkzkwkwkwkzzzwkzzkzkwkwkwkzzzwkzzkzkwkwk
wkzzz**

Finn deu meia-volta e começou a correr de novo enquanto a Beta se lançou novamente num mergulho mortal.

Mirando diretamente em Kelly.

— Venha com tudo! — gritou Kelly para o monstro acima dele, oferecendo-se como alvo imóvel e atirando com a Magnum. Tirando os pinos das granadas. Uma. Duas. Três...

Mas Finn não podia correr e deixar Kelly morrer. Ele sabia disso. Nada mais.

A Scarlatti se remexeu em seu mergulho, afastando-se de Kelly e indo na direção de...

— FINN! — gritou Kelly.

Ah, droga. Sou eu, pensou Finn enquanto a Scarlatti se aproximava velozmente dele. Ele estava pego. Paralisado. Indefeso diante da morte novamente. O terror e a inevitabilidade. A fraqueza. O tempo pareceu passar mais devagar. Ele obteria algum tipo de resposta quando o monstro o acertasse? Compreenderia tudo no momento da morte? Resposta para quê? Ele estava tão confuso quanto fraco e impotente. Foi exatamente desse jeito na manhã em que sua mãe morreu.

BOOM! BOOM! BOOM! Três granadas explodiram no ar pouco antes de a Scarlatti atingir o alvo.

O monstro e Finn foram ambos atingidos de lado. O monstro afundou na terra, os estilhaços da granada queimando, presos a seu tórax protegido. Paralisado.

Finn abriu os olhos. A face da morte estava sobre ele. Acima dele. A criatura se remexeu quando... abriu a boca e mostrou sua língua gorda para saboreá-lo. Depois zumbiu furiosamente para ganhar vida — **WKWKWKWKZZZWZKWKZKZKKZKZ!** Erguendo-se e girando sua cauda ao mesmo tempo para...

Bip bip bip bip bip bip bip bip bip bip bip bip bip bip bip bip bip bip

— Pouca munição. Nível baixo de combustível — disse Stubbs quando Delta novamente guiou o Apache num círculo curto para travar a batalha na direção da corrente do rio.

— Pegue a M27! — gritou ela. — Dispare alguns tiros laterais!

Antes que Stubbs pudesse se mexer, Finn pegou a arma.

O flanco da Scarlatti apareceu brevemente pela porta aberta, e Finn disparou...

DRRRRRRT! DRRRRRT!

— Segure-se! — disse Delta, girando o helicóptero, jogando-os para baixo ao equivalente a 150 quilômetros por hora ao longo do curso do riacho, depois segurando com força a manopla para se posicionar diretamente atrás da confusa Scarlatti, como um ás da Segunda Guerra Mundial.

Bip bip bip bip bip bip bip bip bip bip bip bip bip bip

Lá estava, a parte mais macia do seu abdômen, bem na mira da metralhadora...

Eles seguiram o curso do riacho para fora do bosque agora.

Delta apertou o botão.

DRRRR — A Beta se virou ao ouvir o som.

Cliquecliquecliquecliquecliquecliquebiiiiiiiiiiiiip...

— Sem munição. Sem combustível.

— Eu sei! — gritou Delta quando o motor morreu. Os rotores ainda giravam, eles podiam planar até o barranco... mas onde estava a Beta?

No silêncio repentino, eles ouviram o barulho de um macroavião de patrulha e o rádio finalmente ganhou vida.

— *Chamando Messi, chamando Messi. Aqui é Ronaldo, repetindo, aqui é Ronaldo. Câmbio* — disse uma voz da Força Aérea.

Stubbs segurou o microfone. Tarde demais.

A Scarlatti Beta sentiu a fraqueza deles. Com um surto de energia, ela se lançou contra eles, os ferrões primeiro — *POW!* — nos rotores do Apache, que planava. As pás do rotor se estilhaçaram, e a Scarlatti foi lançada contra o barranco.

SPLASHSHSHSHHHWCKDHDSHSHH!

O Apache caiu na água de cabeça para baixo, o rotor sendo levado sozinho pela corrente, enquanto o restante da aeronave caía sobre uma cama de ervas flutuantes, a força da queda os fazendo se desprender do barranco e rumar para águas mais rápidas.

Finn — jogado para fora da cabine — se percebeu perdendo a consciência ao ser atingido pela água por todos os lados, a água tentando nocauteá-lo, afundá-lo e girá-lo ao mesmo tempo. A lembrança de um passeio pelo canal com a vovó e Al apareceu em sua mente, antes que mais água tentasse abrir caminho até seus pulmões e a corrente o puxasse para baixo e o mantivesse ali, todos os seus instintos e terminações nervosas gritando LUTE enquanto ele aparecia com a cabeça para fora da água, tentando alcançar a luz...

... enquanto uma sombra se aproximava... e pairava sobre ele... esperando...

... Matar...



Terceira Parte



VINTE E DOIS

DIA DOIS, 17h54 (horário de verão). Hook Hall,
Surrey

Um movimento minúsculo e borrado de uma linha branca numa tela.

Primeiro ela se moveu para um lado e depois para o outro.

Siga em frente, pensou Al. Era seu mantra interno desde que o vídeo de Cooper-Hastings surgira e sempre que parava, sempre que tinha dúvidas, sempre que as coisas pareciam desesperadas...

Apenas siga em frente (e permaneça um passo à frente de seus piores temores).

Durante quase duas horas eles se apegaram a esperanças minúsculas. A linha branca era apenas a mais recente. Al dividira os cientistas e técnicos em pequenos grupos e lhes pedira que fossem criativos.

Podia haver sinais no reflexo dos olhos de Cooper-Hastings? (Não, a resolução era ruim demais.) Podia haver uma mensagem em código nos maneirismos e na fala de Cooper-Hastings? (Nada pôde ser detectado.)

A única pista que eles tinham era a análise do breve vídeo do ninho que sugeria como pano de fundo uma vegetação associada ao solo argiloso encontrado a sudoeste da área de busca, portanto aviões de busca estavam patrulhando esse quadrante com mais intensidade.

Não era muito científico, mas era uma esperança, e Al se certificou de que eles se apegassem a ela.

Outras equipes tentavam rastrear a origem do vídeo, examinando qualquer traço de identificação digital. E um grupo estava estudando closes de vários detalhes na imagem de fundo na parte principal do vídeo.

E foi esse grupo que viu a linha branca. Que viu... movimento.

“Coloquem o Acelerador Rosquinha de Cambridge em dois contêineres e os coloquem isoladamente no deque do navio cargueiro Oceania Express... Continuem pela linha de cruzeiro Great Eastern e lá aguardem novas instruções...”

Primeiro a linha branca se moveu para um lado, depois para o outro.

— Reproduza novamente — disse Al.

Do outro lado da galeria, o Comandante King estava tentando manter a ordem entre várias importantes e furiosas personalidades mundiais.

O prazo das dezoito horas estava prestes a terminar, e todos queriam respostas. Ele se sentiu como um guia turístico tentando explicar a um grupo decepcionado por que o voo deles foi atrasado. Ele não sabia como nem por quê. Eles sabiam que ele não sabia como nem por quê. Eles só precisavam extravasar. E, enquanto isso, ele tinha de manter a calma e continuar educado a fim de preservar a única estratégia razoável:

— Manter todas as opções abertas possíveis, pelo maior prazo possível.

— Mas com certeza nós teremos de atender às exigências deles — disse o primeiro-ministro britânico.

— Vai ser melhor do que um ataque nuclear — disse o presidente dos Estados Unidos.

— Sem Scarlatti não há mais ameaça — concordou a chanceler alemã.

— Entregue tudo — ordenou o general norte-americano Jackman.
— Depois você pode se preocupar apenas com como pegar os filhos da mãe.

— Tenho de dizer que concordo — disse o General Mount, do Reino Unido. — Nem mesmo a Marinha Real pode ignorar cento e dez mil toneladas de carga no Mar do Norte.

— Simplesmente dar *tudo*? — perguntou King. — Simplesmente permitir que sejamos chantageados?

— Às vezes é preciso fazer concessões — disse o presidente francês.

— Entendo. Há alguma coisa mais que você gostaria de ceder enquanto estamos aqui, Monsieur? Sua força enfraquecedor a nuclear independente, a Force de Frappe? A frota norte-americana no Pacífico? O Deutsche Bank? Ou talvez, primeiro-ministro, um membro menor da família real? Tenho certeza de que eles adorarão ceder. Alguém arrisca? Não...? Porque seria tão absurdo quanto covarde — disse King. — Não temos ideia de com quem estamos lidando, muito menos se podemos confiar neles.

— É verdade — disse o presidente norte-americano. — Mas estamos falando do Armagedom, não de comprar um carro usado, e *nós* temos um acordo e um prazo. São dezoito horas, e não há mais alternativas na mesa, então com certeza é hora de coordenar a evacuação e planejar a opção nuclear.

— Bem, vocês vão evacuar? — perguntou o conseiller scientifique francês.

King pegou um mapa e algumas imagens aéreas falsas de bombeiros e serviços de emergência usando trajes de segurança pesados lidando com um caminhão-tanque de produtos químicos virado na estrada.

— Estas imagens estão sendo liberadas para a mídia agora. Vamos anunciar que um caminhão-tanque de produtos químicos tombou, provocando um vazamento que exige a evacuação de uma pequena área. Isso vai, aos poucos, ser expandido a fim de que se consiga uma evacuação por fases, evitando, assim, o pânico em massa. Quando não houver outras opções na mesa, vamos começar a dividir o Grande Acelerador e preparar as ogivas nucleares.

— E quando você acha que será isso? — perguntou o primeiro-ministro.

— Teremos de começar o processo à meia-noite. Daqui a seis horas.

— E a hora do ataque nuclear? O prazo deve passar do meio-dia de amanhã?

— Neste estágio, não podemos dar um preciso...

— *Non!* Esta não é uma resposta aceitável. A França será a próxima. E o mundo. Vocês estão preparados para destruir esta coisa ou não?

King disse a última coisa que queria dizer, a última coisa na qual queria pensar.

— Se ao meio-dia de amanhã tivermos cedido às demandas de nossos inimigos e eles não tiverem honrado o acordo e nos dado a localização do ninho, e se não o tivermos destruído, neste caso, dada a probabilidade de uma praga, seremos obrigados a deflagrar um ataque nuclear.

— Abaixem as armas! — disse Al, entrando na conversa a partir de um laptop. Ele se conectou com um terminal disponível. — Ninguém vai fazer acordo algum sem o meu consentimento! Lembrem-se, eu tenho os códigos sequenciais. Enquanto isso, talvez

sejamos capazes de encontrar esses caras maus, e nossas pessoas minúsculas também.

— Ah, vamos lá! Você realmente acha que eles sobreviveram? — disse o General Jackman, de Washington.

— General Babaca!— gritou Al. — Tenho de lembrá-lo que você teve de beijar meu traseiro antes e que terá de beijá-lo de novo se eu encontrar meu sobrinho?!

O general norte-americano pigarreou. Al o deixara furioso com o problema em Fukushima, mas estava com toda a razão.

King semicerrou os olhos. Ele odiava falta de educação e xingamentos, mas também adorava ver Al com a força toda e empolgado.

— Bem, o que é isso, então? — trovejou Jackman. — O que você tem?

— Acalme-se, Linden— disse o presidente dos Estados Unidos.

— Sim, senhor presidente.

Matar...

A Scarlatti Beta pairou sobre a água.

Seus olhos múltiplos estavam confusos pela superfície turbulenta e não eram sensíveis o bastante para ver sob as águas revoltas. Seus sentidos se apegaram aos vários odores... apesar de o ar caótico ser confuso e dispersivo também, e ela estava correndo o perigo de perder o cheiro do ninho... mas ela ainda pairava ali...

Wkwkzkzkwkdkdkwkxzxhxkxkwwkwkwkxxzzzzz

... querendo matar com todos os músculos do seu ser exausto, mas seu objetivo era o enxame.

Ela se apegou ao último odor do feromônio do enxame e,

lentamente, ganhou altura e deu meia-volta.

Finn bateu os pés rumo à luz do sol, abrindo caminho pelas águas turbulentas, a falta de oxigênio afetando sua mente e membros. Quando seus pulmões chegaram ao ponto de colapso, no auge da dor, ele rompeu a superfície da água, livre da morte e de volta à vida — RESPIRAR...

O oxigênio vital e frio fluiu pelo corpo dele.

RESPIRAR...

Vida...

RESPIRAR...

Ele engasgou e seus membros começaram a se debater e ele percebeu que estava sendo levado pelo riacho a uma velocidade incrível. Os barrancos passavam correndo. Ele podia ver, pelas corredeiras, o Apache preso ao arbusto de ervas verdes onde ele caíra.

Ele pôde ouvir algo também. Uma voz.

— Noob! Noob!

Delta!

Ele conseguiu vê-la enquanto a água o fazia girar novamente. Ela estava se debatendo na cama de capim flutuante do lado de fora do helicóptero, tentando chegar até ele. Stubbs estava lá também, tentando subir na fuselagem.

Finn ergueu a mão para sinalizar e — *SWOOOSH* — a corrente o sugou novamente.

Ele girou 360 graus e emergiu em águas mais lentas, fundas e escuras.

O amontoado de capim do tamanho de um parquinho ainda estava razoavelmente distante, mas Delta estava na extremidade dele.

— FINN! — ele a ouviu chamar, usando finalmente seu nome.

— Aqui! — gritou ele de volta.

Ele nadou na direção dela, mas a corrente e suas roupas ensopadas o retardavam.

Enquanto ele se afastava, o riacho ficava sem a proteção das árvores. Ele teve visões rápidas dos campos sobre os barrancos.

À frente, Delta estava tentando tirar um graveto do capim para usá-lo como croque.

Encorajado, Finn nadou mais rápido. Então percebeu que estava ganhando velocidade.

— Saia da corrente! Saia da corrente! — gritou Delta.

O capim flutuara para águas mais lentas na margem direita enquanto ele estava agora em águas mais rápidas, prestes a passar direto.

Finn nadou com toda a sua força. Delta se esticou toda com o bastão improvisado.

— Aí está! Segure-se!

Ele avançou e nadou. Delta estava bem na beirada da cama de mato, semiencoberta pela água.

Os dedos de Finn tocaram a ponta do graveto e ele deu tudo de si... e conseguiu segurar a ponta do graveto.

Sim.

Então Delta olhou para trás e berrou:

— AHHHHHHH!

Finn se virou para ver um pato gigantesco se lançar como um navio da margem oposta — penas verdes e azuis, nadando muito rápido e de um jeito estranho. Finn nadou enlouquecidamente, desesperado para chegar até o capim.

Stubbs, de volta ao Apache agora, abriu um dos suportes de carga.

A ave voou sobre Finn, balançando o bico de um lado para o outro, curioso.

Uma chama vermelha disparada por Stubbs saiu dos destroços do Apache e atingiu o pato, iluminando seu peito e provocando um pandemônio em suas penas.

QUUUUUUUUAAAAAAAAAAACKCKCKCK!

Finn mergulhou para evitar ser decapitado por uma asa fora de controle. Ao emergir, o pato estava chegando à margem oposta num voo cômico. E Delta ainda estava na outra ponta do graveto.

Ela o segurou e, com um último movimento, conseguiu ajudar Finn a subir na cama de capim.

Com um duplo *splash*, ambos caíram de costas na superfície parecida com gelatina. Ficaram lá um tempo, arfando.

— Não foi um pouso de manual — disse Delta para quebrar o gelo.

— Kelly... — disse Finn. — Onde está Kelly?

Ele ergueu a cabeça. O riacho corria. Quilômetros de águas escuras. Nenhum sinal, nenhuma pista de ninguém.



VINTE E TRÊS

BBC NEWS 24 PLANTÃO 18h23 HORÁRIO DE VERÃO

"Um caminhão-tanque carregado de produtos químicos virou na pista escorregadia da M25 na saída 14, em Surrey, e uma nuvem de gás está saindo do veículo. A polícia diz que a nuvem é 'possivelmente perigosa' e começou a evacuar a região próxima. Eles enfatizam que a evacuação é 'meramente uma precaução', mas as cidadezinhas próximas serão deixadas em alerta. Na verdade, sim, temos imagens do acidente agora..."

SKY NEWS — PLANTÃO URGENTE! 18h24

"... profunda devastação! Uma nuvem de gás tóxico letal, possivelmente cianeto, já está se espalhando pelas cidades próximas, se infiltrando nos pulmões e nas ruas de Surrey com morte e devastação. A recomendação do serviço de emergência é clara e direta..."

THE SUN WEBSITE PLANTÃO DE NOTÍCIAS 18h24

"SALVE-SE QUEM PUDER! Celebidades surpreendidas por vazamento de gás..."

GOOGLE ANALYTICS 18h25

Busca = "SURREY NUVEM GÁS": NOTÍCIAS — 3.765 novos artigos.
WEB — 127.823 hits em 0,38 segundo. TWITTER — 134877 tweets
relacionados.

Eles ficaram vendo a água intensamente por uns cinco minutos.

— Ele vai conseguir — disse Delta. — Ele vai perceber e vai seguir a correnteza. Só temos que esperar. — Ela ficou séria e não permitiu qualquer tipo de dúvida.

Ensofado, Finn sentiu o frio castigá-lo. O riacho era como o rio Amazonas na escala deles — e rápido —, o bosque, como as grandes florestas, com várias ameaças letais. E Kelly já estava ferido. A Scarlatti? Ela o atacaria — com certeza — se sentisse o cheiro dele no caminho de volta. Finn se sentiu mal. Ele deveria ter deixado Kelly matar o inseto quando teve a oportunidade. Estúpido. Agora estavam todos em perigo, um perigo ainda pior. Ele deveria ter obedecido... Para salvar a vida de um, ele arriscou a vida de seis bilhões. Que tipo de cálculo era esse?

Ele tocou instintivamente a esfarelita no peito, mas ela não estava mais lá.

— Este é o movimento de uma corda interruptora de uma luminária, com cento e vinte milímetros de comprimento. É da imagem de fundo no quadrante quatro. — Al bateu na tela que exibia o vídeo de Cooper-Hastings sem parar, apontando a corda na imagem de fundo para mostrar ao mundo de onde a linha branca na explosão da tela principal vinha.

— Isto é uma revelação? — perguntou o General Mount.

— Esta corda se move um pouquinho para a frente e para trás durante o vídeo, mas não como um pêndulo, como era de esperar. É uma oscilação irregular. Um mistério, a não ser que você jamais tenha vomitado numa balsa.

— Ele está no mar? — perguntou King, adiantando-se.

— Correto — disse Al. — Este movimento é consistente com o de uma embarcação de vinte metros em ondas moderadas. Se conseguirmos encontrar o clima certo, a região do mar certa, o horário certo... talvez sejamos capazes de encontrar a embarcação do tamanho certo e daí teremos alguma coisa!

O mundo que lhe estava assistindo ficou pensando. Todos os recursos e tecnologias à disposição deles foram vencidos por um pedacinho de barbante? Se alguém mais tivesse mencionado isso, com certeza teria sido chamado de louco. Mas, quando Allenby tinha uma ideia...

— Alerta os comandos costeiros de todas as nações europeias — ordenou King.

— Imagens de satélite! Comunicação naval! Agora! — disse o General Jackman, de Washington.

— *Préfet Maritime! Vite!* — ordenou o presidente francês.

— Vamos lá, pessoal! — disse Al. — Quero a Marinha Real, a guarda costeira e todos os piratas do país analisando suas telas para encontrar esta coisa!

Simplesmente siga em frente.

Finn, Stubbs e Delta se seguraram no capim do melhor jeito possível até a margem e se arrastaram com dificuldade ao longo do riacho.

Com uma corda e uma polia, eles conseguiram tirar a carcaça do Apache do capim e colocá-lo no barranco lodoso.

Stubbs trabalhava afastado, ensopado e em silêncio. O velho estava no modo de sobrevivência, passando de uma tarefa a outra, às vezes parando para tossir um pouco, ainda por causa da água do riacho.

O brilho de uma luz estroboscópica começou a iluminar a cena. Stubbs ligara a luz de pouso do Apache para funcionar como um

farol.

— Kelly — disse ele, e Finn e Delta concordaram.

Agora seguros na terra seca, eles avaliaram o local do pouso adequadamente pela primeira vez. A lama tinha sido achatada e havia enormes pegadas de botas de borracha e flores. Acima do barranco íngreme havia grama curta, uma trilha e, acima de tudo, uma estrutura de madeira de vinte andares.

— Celeiro — disse Stubbs.

Deixando a luz de pouso do Apache acesa, Finn, Delta e Stubbs escalaram o barranco.

Quando chegaram ao topo, encontraram um Éden — um jardim ao pôr do sol de extrema beleza, colorido e cuidadosamente plantado, criado para impressionar e encantar, com canteiros de flores protegidos por arbustos e árvores e muros de pedra. O perfume de jasmim preenchia o ar quente, e a luz da “hora mágica” parecia elevar e definir tudo o que tocava.

Parecendo haverem sido arrastados do inferno, Finn, Delta e Stubbs admiravam tudo, maravilhados.

Subindo numa rocha e usando a luneta de Delta para obter uma visão melhor, eles viram que a trilha levava a um jardim perfeito até uma casa antiga que se espalhava pelo ponto mais lindo do vale.

E conseguiram ver janelas abertas. E um sinal distante de movimento dentro da casa.

O coração de Finn — que parecera congelado no riacho — deu um salto e começou a destilar esperança novamente.

Alguém estava em casa.

Contato.

— A que distância vocês acham que está? — perguntou Finn.

— No nível nano? De quinze a vinte quilômetros — disse Delta.

Para percorrer isso eles levariam duas horas correndo, em condições perfeitas.

As ordens deles eram claras: se não conseguissem destruir o ninho — e sem transporte e munição não havia como voltar —, eles tinham de fazer contato com uma patrulha e dar sua localização.

Tudo o que importava agora era o contato. O macrorrádio na barriga do helicóptero fora quebrado no impacto, mas a casa lhes dava novamente esperança. Finn ficou pensativo novamente enquanto o sol se punha. Ela parecia perfeita e aconchegante. Ele queria comer bolo diante da televisão com a vovó e Yo-yo numa noite de domingo enquanto Al falava alto e bebia ao fundo.

A porta do celeiro fora deixada aberta e, lá dentro, eles encontraram vários velhos cortadores de grama, equipamentos de jardinagem, pedaços de corda e alguns brinquedos de plástico. Para Stubbs... Disneylândia. A invenção brilhou em seus olhos, e veículos bizarros em potencial foram criados em sua imaginação.

Pegaram o que puderam salvar dos suprimentos do Apache. Eles precisavam muito de descanso, mas o prazo original da missão se encerraria em seis horas, depois do que um massivo plano de evacuação seria colocado em prática. A sobrevivência da Scarlatti Beta e das ninfas os deixara com um único objetivo possível: eles tinham de informar a localização do local do ninho antes que fosse tarde demais.

— Temos apenas de chegar àquela casa, encontrar um telefone e ligar para 911 — disse Delta. — Não precisamos de um comitê de recepção. Só precisamos de um telefone.

Eles repassaram isso numa das reuniões sobre “fracasso emergencial” na base. Qualquer menção à palavra Boldklub ou Scarlatti à telefonista os colocaria em contato direto com Hook Hall.

— Aqui não é 911; é 999 — corrigiu Finn. — Se eles tiverem uma avó, terão uma linha fixa. As avós pensam que os celulares fritam seus cérebros.

Ao pensar na vovó, seu coração disparou novamente. Aquilo o deixou impaciente.

— Vamos — disse ele.

— Vou ficar. Esperar por Kelly. Só vou atrasá-los, e vou ver o que consigo encontrar no celeiro — disse Stubbs. Finn e Delta concordaram.

— Podemos levar uma M27, e sua Beretta e Stubbs pode ficar com a Minimi — disse Finn.

Delta apontou para uma nuvem de mosquitos pairando sobre eles.

— Se esperarmos, podemos evitar estas bombas no nosso encalço e ajudar Stubbs a montar acampamento. Kelly pode até aparecer enquanto isso.

— Muito improvável. Com a perna daquele jeito... — disse Stubbs, fazendo com que Finn se sentisse ainda mais culpado.

— Ele era um guerreiro, era o chefe. Poderia ter sobrevivido a qualquer coisa — disse Delta.

— Percebi que você falou dele no passado... — disse Stubbs.

Delta estava prestes a responder quando Finn se intrometeu.

— Ei, acho que algo está acontecendo na casa — disse ele, apontando para o jardim.

Delta e Stubbs levantaram as cabeças. Finn pegou a luneta.

De repente, luzes se acenderam em todas as janelas, e pessoas corriam de uma sala à outra. Enquanto eles observavam, um enorme veículo quatro por quatro deu marcha à ré no que deveria ser a porta dos fundos e seu porta-malas se abriu.

Eles se revezavam com a luneta.

— O que eles estão fazendo? — perguntou Finn.

Uma voz alta ecoou pelo jardim silencioso.

— Atenção! Isto é um aviso da polícia... — disse uma voz por um megafone, distorcida ao passar por uma estradinha. — *Preparem-se para a evacuação noturna ordenadamente. Vocês não estão correndo perigo imediato. Ajudem os vizinhos mais velhos ou vulneráveis e contatem as autoridades se precisarem de mais ajuda. Mantenham-se ligados à rádio local e à televisão para...*

— Eles estão caindo fora — disse Delta. — Agora.

— O que isso significa? — perguntou Finn, olhando para Stubbs.

— Eles acham que estamos mortos.

DIA DOIS, 21h03 (horário de verão). Sibéria

Na Sibéria já era "noite" havia mais de seis horas. O sol, que mal se escondia no horizonte no verão, estava no seu ponto mais baixo; a temperatura caía para abaixo de zero.

Kaparis e sua equipe passaram as últimas três daquelas horas monitorando comunicações ao redor da declarada zona de exclusão e, naturalmente, ao redor do ninho no Willard's Copse.

Apesar dos melhores esforços de Li Jun, eles ainda estavam excluídos do Hook Hall, mas estavam avançando no que dizia respeito aos sistemas de telecomunicação locais.

Kaparis não se permitia relaxar, mas ao mesmo tempo seus níveis de estresse estavam diminuindo.

As imagens do ninho foram exaustivamente estudadas. A tripulação conseguira chegar ao ninho e destruíra a Alfa. Mas a Beta sobrevivera e os perseguira; então, com base nisso e em presunções racionais (de logística, moral, suprimentos, etc.), os analistas militares de Kaparis previam que havia uma chance de apenas treze por cento de que a tripulação tivesse conseguido ir além de duzentos metros do local do ninho.

Não havia nada que sugerisse o contrário. Nenhuma comunicação fora interceptada. Nenhuma pausa fora feita no plano de evacuação.

Até agora a ameaça se mantinha de pé.

A Beta conteve seus instintos e avançou. Para dentro da fumaça. Para a pira. A fúria e o instinto de preservação do enxame inflamavam seu cérebro.

Ela caíra sobre as ninfas que fugiam, avaliando-as e as depositando num dos novos hospedeiros.

Aquelas ninfas que já estavam se escondendo nos novos cadáveres espalhados ao redor do ninho foram alimentadas pela vespa com depósitos de hormônios.

À medida que os minutos passavam e a fumaça se dissipava, o inseto começou a recolher e consumir as ninfas mortas. Pousou sobre elas, abriu a membrana externa com a boca e sugou o conteúdo delas.

Depois foi até as ninfas vivas e regurgitou os restos nas suas bocas abertas.

Depois de uma hora, a vespa foi até o cadáver da Alfa e a devorou também. Ela ficou exausta de comer sua irmã-gêmea morta, vomitar os restos sobre as ninfas, passando-lhes a carga exuberante de hormônios. As ninfas deviam amadurecer e cumprir seu destino...

Criar um enxame.

Assim que o texugo fêmea deixou de queimar, a temperatura caiu rapidamente.

Descansar... descansar... todas as suas células precisavam descansar... proteína para o reparo.

Ela mergulhou nas entranhas inchadas do gato, já semiconsumido pelas ninfas, e se alimentou, enfiando as mandíbulas nas entranhas quentes e efervescentes, bebendo, sugando o conteúdo vital e reparador das células.

Viver...

Matar...

— Tchuctchuctchuctchuctchuc...

O menininho continuava repetindo sua imitação de um trem. Era um menino usando uma camiseta de pirata e de cabelos ruivos. Novo e tolo o bastante para encarar o estranho sentado diante dele no vagão, tentando, com uma curiosidade infantil, ver o rosto sob a sombra do capuz.

O menino deixou Kane enojado. Louco. O aroma superdoce de morango e baunilha artificial do saco de doces no qual ele continuava enfiando a mão. As manchas ao redor da boca do menino, a saliva doce que insistia em escorrer. A constante...

— Tchuctchuctchuctchuctchuc...

O trem estava praticamente vazio desde que deixara East Croydon. Em Waterloo ele se enchera de trabalhadores voltando para casa e da coisa mais incomum num trem londrino: conversas.

Os jornais vespertinos, comprados rapidamente das mãos dos jornalheiros, gritavam "Alerta de Gás Tóxico". Em telefonemas para entes queridos, amigos e pessoalmente um para o outro, os trabalhadores de Surrey discutiam apenas uma coisa: quão rápido eles saíam dali. Trens viajando na direção oposta já estavam cheios. Rumores de saques e desastres iminentes circulavam, e o desespero levava a pequenos gestos de imprudência (uma mulher comera seis bolinhos de chocolate).

Todos evitavam Kane. A forma como ele se portava já era um alerta. O rosto escondido pelo capuz, o olhar fixo no telefone, música ruim distorcida nos fones de ouvido nojentos, repelindo as pessoas ao redor como um campo de força.

Medo.

Todos entendiam o medo. Todos exceto esse menininho estúpido, comedor de doces e irritante.

— Tchuctchuctchuctchuctchuc...

Kane tinha QI 196 e, como todo Tyro, um profundo senso de absoluta superioridade.

Eles haviam passado pela primeira estação da “área infectada” e entraram na recém-criada Zona de Exclusão. A mãe do menino estava chorando ao combinar coisas com o marido ao telefone.

Willingham estava próxima. A parada de Kane.

— Tchuctchuctchuctchuctchuc...

Aqueles doces... Aquele cheiro...

Kane puxou um pouco o capuz e olhou.

O menino viu um rosto. Não negro, não branco, não oriental, não ocidental... Estranho. Um rosto pronto para matar, olhos sob óculos que o penetravam. O menino ficou congelado. O medo tomou conta dele. Ele não conseguia se desviar daquele olhar. Seus olhos se encheram de lágrimas.

Quando o trem parou em Willingham, Kane esticou o braço, pegou os doces do menino e o beliscou o mais forte possível. Tirando sangue. E gritos.

Quando a mãe do menino pôde reagir, as portas do trem se fecharam, e Kane se foi.

O menino tinha seis anos.



VINTE E QUATRO

Finn deu uma olhada para trás enquanto ele e Delta saíam pela trilha até a casa, mas Stubbs já estava oculto pela escuridão. Ele quis dizer boa sorte ou pelo menos adeus, mas não era assim que Stubbs agia.

Finn deu uma corridinha, chegando até Delta.

— Certeza de que você consegue ser meu assistente, Noob? — perguntou ela antes de eles saírem.

— Certeza de que você consegue ser a minha? — disse Finn.

— Bom trabalho.

Eles corriam levemente em meio à trilha no jardim. Ele era composto por pedras e eles usavam lanternas de LED na cabeça para ver à frente, de modo que pudessem avançar relativamente rápido.

O caminho lhes dava uma visão clara de qualquer ameaça. Somente formigas pretas e desinteressados besourinhos apareceram até agora. Predadores noturnos provavelmente estavam esperando no jardim — aranhas, roedores à procura de larvas, cobras, víboras... *Simplesmente siga em frente*, pensou Finn. Concentre-se na corrida. Um passo de cada vez.

Fácil dizer. Ele já estava começando a cansar. Além da M27, carregava uma mochila contendo, entre outras coisas, um clipe de munição extra, dois litros de nanoágua e três dos sinalizadores restantes — vermelho, branco e azul.

Depois de dez minutos de uma corrida firme e cansativa, Finn gostou muito de ouvir Delta dizer:

— Certo, vamos descansar um minuto.

Eles pararam e recuperaram o fôlego, apoiados um no outro, os feixes de suas lanternas cortando a escuridão total como sabres de luz.

Então, de algum lugar acima da cabeça deles... *SCHHHHR
RRERECCHH!*

— O que foi isso?

A luz das lanternas procurava em todos os lados. Delta sacou sua pistola.

— Acho que foi apenas uma coruja... — disse Finn. — Somos pequenos demais para uma coruja. Ela provavelmente só está chamando o filhote.

Na casa, eles conseguiam ver a família ainda arrumando as coisas, e havia uma discussão sobre o que entraria ou não no porta-malas do quatro por quatro.

UM ARRANHÃO.

Outro barulho na trilha à frente.

Eles se viraram, e a luz de suas lanternas voltou-se contra eles, refletindo no exoesqueleto brilhante de um besouro do tamanho de uma van, suas antenas assustadoras e extraordinárias erguidas como se estivessem preparadas para o ataque.

— Espere — disse Finn, novamente segurando o braço de Delta com a arma. Ele estava curvado não apenas por causa do tamanho da criatura, mas também por causa dos detalhes e texturas

brilhantes na cabeça do besouro. — Ele é apenas um enorme vegetariano.

A boca do besouro se retorceu e sentiu o cheiro deles.

— O que há na cabeça dele?

— É só para se exibir.

— Cara... — suspirou Delta, balançando a cabeça. O besouro virou seu imponente corpo e voltou pela trilha, de volta para a escuridão.

— Vamos sair daqui. Tudo bem com você? — disse Delta.

— Estou bem — respondeu Finn.

PLOC — algo atingiu o chão à frente deles.

— O que foi isso? — perguntou Delta.

PLOC — atrás deles agora. Eles se viraram.

PLOC PLOC PLOC

— Uh-oh... — disse Finn quando — *PLOC* — o que parecia um balde de água explodiu no chão a seus pés. — Chuva!

— Vamos! — gritou Delta.

PLOC PLOC PLOC PLOC PLOC — impiedosas e gordas gotas de chuva do tamanho de bolas de basquete começaram a cair enquanto o céu se abria e uma pesada chuva de verão tinha início.

BOOSH! Finn sentiu o golpe e caiu de joelhos, atacado de cima e ensoado. Ele se esforçou para se levantar, tentando recuperar o fôlego.

BOOSH! Delta sentiu um golpe ao lado dele. Ela tentou gritar alguma coisa, mas tudo o que ele conseguiu ouvir foi *PLOC-A-PLOC-A-PLOC-A-PLOC-A-PLOC-A-BOOSH!-PLOC-A-PLOC-A-PLOC-A-PLOC-A-PLOC-A-BOOSH!-PLOC-A-PLOC-A-PLOC-A*.

A água explodiu ao redor dele. Eles se seguraram um no outro e tentaram ficar de pé, mas o caminho estava se transformando de estrada pavimentada em torrente, enquanto a água descia pelo

declive, trazendo consigo detritos de vegetação, terra e insetos encolhidos em bolas para sua própria proteção, alguns pesados o suficiente para — *BASH!* — tirar Finn do chão.

Finn caiu no chão, carregado pela trilha, girando na enchente, tentado parar, esforçando-se para conseguir respirar.

Com algum alívio, a trilha de pedra se transformou numa lama grossa e macia, que por sua vez se transformou num gramado firme, que retardou o progresso dele, se não o da correnteza. Com água até o peito, ele lutou para se segurar e se manter em pé. Ao redor dele, tudo era um borrão violento.

Tentou gritar o nome de Delta, mas era inútil.

PLOC-A-PLOC-A-PLOC-A-PLOC-A-PLOC-A-PLOC-A-PLOC-A

Não havia sentido em tentar se mover em meio à chuva. Ele se prendeu o melhor que pôde e se segurou firme. Não tinha ideia do quanto fora levado na trilha ou de onde estava Delta.

Depois de mais de cinco minutos de barulho incessante, o dilúvio — quase tão repentinamente quanto havia se iniciado — começou a diminuir.

Os ouvidos de Finn zuniram. O nível da água diminuía ao redor dele, transformando tudo num pântano. Lama e obstáculos.

— Arrrrrrghghhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh!

Ele chamou:

— Delta!

— Arrrrrrhggghhhhhhhhhhhhhhhhh!

— Delta?

Slosh slosh slosh — Finn avançou com dificuldade em meio à grama densa e uniforme do jardim, tentando abrir caminho pelos caules altos como se estivesse num milho, a lanterna de cabeça iluminando uma picada à frente.

— Continue gritando!

— Arrrrrrrrrrrgghhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh!

Parecia que ela estava sendo comida viva. Por que ela não estava atirando?

Slosh slosh slosh

Quando a viu, seu estômago ficou revirado.

Havia milhares delas. Elas andavam por sobre cada pedacinho de Delta.

—Arrrrrrrrrgghhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh!

Translúcidos filhotes de aranha, presos numa teia, a cobriam, cada um do tamanho de um rato, cada qual em frenesi, uma colônia reagindo a um ataque. A teia de filhotes^[18] de uma aranha de jardim deve ter caído do arbusto sobre eles, e Delta de algum modo tropeçou nela. “Aaarrghh!”, ela gritava, desesperada.

Finn tentou golpear e tirar os monstros de cima dela, mas eles eram muitos.

Ele a segurou pelo alto da mochila e a puxou para trás em meio ao capim e à lama, tentando livrá-la da grudenta teia. Ela chutava e socava e, pouco a pouco, como se estivesse saindo de um saco de dormir, a teia se soltou — levando a maioria das criaturinhas más com ela.

— Elas estão mordendo!

— Está tudo bem, vai passar! — disse Finn, jogando água nela e tirando o último filhote esquelético e vítreo, tirando a gosma de cima dela. — É apenas ácido.

Ela se levantou e o segurou. Segurou-o pela garganta num terror puramente agressivo, como se estivesse prestes a matá-lo.

— Ácido! Somente ácido! — gritou ela, tremendo e se esforçando para se controlar. — Quando eu sair daqui, vou matar seu maldito tio!

— Tudo bem — disse Finn para ela. — Não há nada de mau em ter medo de vez em quando, sabe?

— Quando eu falei que eu estava com medo? Não tenho medo de malditas aranhas! Eu as odeio. Mas não tenho medo. Entende?

— Sim, entendo. Não com tanta força, tenho que respirar — arfou Finn.

— Certo. Vou soltá-lo agora... Vou soltar... Três... dois... um...

Ela o soltou e ele caiu para trás. Delta ainda estava tremendo. Recompondo-se. Ela até se arrependeu brevemente de traumatizar uma criança, mas agora o adulto dentro dela estava contra-atacando.

— Nunca fale a ninguém sobre isso... ou terei de matá-lo também.

— Certo!

— Brincando. Eu brinco, sabe... — disse Delta, recuperando o controle.

— Você nunca vai conseguir ganhar a vida como palhaça — retrucou Finn.

— Não banque o espertinho! Você é pior do que a Carla.

— Sua irmã?

— Ahã. Ela é como você. Talvez um pouco mais barulhenta.

E, por um instante, enquanto a raiva dela se dissipava e ela pensava na irmã, Delta pareceu vulnerável. Não tão super-humana. Normal. E Finn de repente pensou em sua mãe e quis dizer o que ele não podia dizer. Sobre como ele sentia a falta dela e como, ainda assim, ela nunca estava distante. O que tornava as coisas melhores e piores ao mesmo tempo. Coisas tolas do tipo que você nunca diz, por isso se cala. Então, por uma fração de segundo, Finn pensou que ela deve ter percebido, porque Delta respirou fundo e disse:

— Ah, mamãe...

O coração de Finn parou de bater, até que ela o segurou e o jogou no chão — *SPLASH!* — de costas e fora do caminho das mandíbulas de uma enorme e furiosa mamãe-aranha, um corpo de raiva implacável.

Delta resmungou e pegou sua Beretta — mas a arma havia caído do coldre.

Quando a mãe-monstro se ergueu para atacá-la — presas afiadíssimas, prolongadas, prestes a feri-la —, Finn conseguiu colocar o dedo no gatilho de sua M27.

DRTRTRTRTRTRTRTRTRTRTRRT!

As balas zuniram e penetraram no crânio da aranha, cortando fora sua cabeça e fazendo com que o corpo dela caísse sobre Finn, soltando uma gosma amarelada.

Delta o tirou de debaixo da aranha.

Eles estavam ensopados, exaustos, perderam uma de suas armas, mas pelo menos...

Finn sentiu algo se mexendo sob seus pés. Ele deu um pulo.

— Ahhh!

O quê...? Ele mirou a arma para a lama. Uma cabeça úmida e brilhante apareceu — uma minhoca do tamanho de um crocodilo que saiu de debaixo da terra.

— Vamos sair daqui! — gritou Delta, dando meia-volta e saindo correndo enquanto, atrás dela, uma minhoca muito maior saía da terra.

— Chuvas fortes as trazem para a superfície — disse Finn. — Temos de encontrar o caminho. Rápido.

— Elas não são inofensivas?

— São, mas as coisas que as comem não são.

Bem na hora — *THUD-SPLASH* —, um dinossauro do tamanho de um elefante atacou e mordeu a minhoca, com evidente deleite

bestial. Um ouriço, mas definitivamente a criatura bonitinha das histórias infantis.

— Por aqui — gritou Finn, e eles correram...

Slosh slosh slosh slosh slosh

... até se encontrarem numa clareira no jardim, agora um lamaçal.

Eles se depararam com o que parecia ser outro verme — até que ele se mexeu.

Uma cauda.

CHITERTERTERTEER!

Finn se virou para ver um camundongo silvestre — uma coisa do tamanho de um ônibus e de olhos pretos — também claramente vagando em busca de sangue, reduzindo minhocas a pedaços e aproveitando ao máximo o inesperado banquete.

— Volte! — gritou Delta. Mas, antes que eles pudessem se esconder no gramado, o rato percebeu a presença deles pela visão periférica e, rapidamente, se virou para encará-los.

— Corra!

Slosh slosh slosh slosh slosh slosh slosh slosh...

Eles chegaram ao gramado, mas — *THUD* — o rato tropeçou, caindo de lado, intrigado com as luzes dançantes das lanternas de cabeça, tentando entendê-los, tentando alcançá-los — *THUD*.

Finn pegou a M27 mas, ao se virar para disparar, tropeçou, o gramado denso repentinamente dando lugar à trilha de novo, e ele caiu pesadamente na extremidade, a traseira da arma amenizando o impacto, o clipe de munição se desprendendo e se espalhando pela superfície.

THUD. O rato estava sobre ele.

Delta gritou e correu na direção dele, deslizando e caindo enquanto o rato abria a boca e se abaixava...

Depois ficou paralisado — seus olhos pretos literalmente saindo das órbitas.

Sobre eles, as mandíbulas de um filhote de raposa se fecharam — as presas sujas de sangue do tamanho de dentes de elefantes emergindo dos pelos vermelhos de seu rosto.

O filhote mordeu e balançou o rato para a frente e para trás, pelo prazer primitivo da caça.

Sangue jorrou por todos os cantos, a enorme cabeça do filhote balançando de um lado para o outro, antes de jogar a carcaça de lado e morder o próximo roedor.

Finn e Delta simplesmente ficaram lá deitados por alguns instantes no caminho molhado, cobertos de sangue, esperando até que seus corações parassem de bater tão forte contra suas costelas.

— E isso é o que eles chamam de ciclo da vida — disse Finn.



VINTE E CINCO

Instalado com um radar e impulsionado por jatos silenciosos, o drone abre caminho pelo céu noturno, mantendo uma trajetória encoberta pelas nuvens e descendo a seiscentos metros ao se preparar para liberar sua carga.

A aerodinâmica avançada e a tecnologia de navegação significam que a carga podia ser jogada dentro de um raio de dois metros a partir do alvo. Turbinas nômias de gás frio foram colocadas para controlar a descida, de acordo com a necessidade.

Às 21h34m23s do horário de verão, o drone lançou sua carga à velocidade de 260 quilômetros por hora. Paraquedas se abriram depois de 5,8 segundos e, depois de uma descida que durou cento e onze segundos, as turbinas foram acionadas, guiando a carga até seu destino final.

Kane esperou. Ele terminou de comer os doces. Uma cobertura doce e grudenta se pegava à sua língua e boca.

Enfrentar Kane num bosque escuro era coisa de pesadelo. Mas ele estava completamente sozinho.

Ele verificou o telefone novamente e levantou a cabeça para o céu noturno úmido, pegando a caixa no ar enquanto ela caía na terra.

Dentro da caixa, entre outros equipamentos de alta tecnologia, Kane encontrou um aparelho de imagem térmica ultrasensível.

Ele o testou, apontou-o para as árvores. A tela mostrou um bosque vivo com faixas alaranjadas de vida. Meia dúzia de pequenos roedores fuçavam as folhas enquanto as árvores continham aves e esquilos dormentes.

Satisfeito, ele avançou para o bosque.

— Precisamos reagrupar. Precisamos de um veículo e de poder de fogo — disse Delta. — É uma selva lá.

Eles ainda estavam deitados na trilha, se recuperando.

— Simplesmente siga em frente — murmurou Finn.

— O quê? — disse Delta.

— Temos que continuar em frente — disse Finn. — É uma tradição familiar. Você não tem tradições familiares?

— Somente aparições no tribunal da Vara de Família da Pensilvânia — disse Delta.

— Kelly continuaria em frente — disse Finn.

— Kelly arrancaria o próprio braço com os dentes.

— Você acha que ele está morto? — perguntou Finn.

Ela olhou para ele. Finn tentou parar de falar, mas, deitados ali, naquele caminho, no escuro, ele não conseguia evitar; depois de estar na Pegada da Mulher-Aranha, ele sentia que Delta havia lhe contado um segredo e que agora ele lhe devia um.

— Kelly... ele poderia ter matado a outra Scarlatti também, mas eu estraguei tudo e ele teve de me salvar. Eu deveria apenas ter feito o que ele disse, e agora, provavelmente, ele está morto. Mas achei que ele fosse se matar junto com a vespa e eu não pude deixar...

Finn olhou para o céu noturno.

Delta geralmente não se aproximava de pessoas assim. Ela geralmente as mantinha o mais afastadas possível. Ela tentou pensar no que diria para Carla.

— Você não pode ficar se importando com Kelly. É para isso que eles nos treinam. Tudo o que importa é a missão. Somos o que fazemos. Você não vai querer ser como nós, Noob. Caminhamos com a morte. Se você perde alguém, o treinamento se impõe: você se abaixa, coleta os pontos de experiência e segue em frente.

— Coleta os pontos de experiência... Você trata tudo como um jogo?

— É a única coisa que conheço. Além da Carla.

— Você joga online?

— Claro.

— Nome de jogo?

— Polo Oeste, como Polo Norte ou Polo Sul, sabe? — disse ela, colocando a mão no bolso da jaqueta e pegando um chiclete, enquanto Finn erguia a cabeça, boquiaberto, para colocar os olhos na lenda.

— A Polo Oeste? Melhor pontuação de todos os tempos no *Black Ops*? Que atirou em mim vinte e duas vezes numa disputa final...?

— Sim — disse ela, esperando que ele recitasse suas estatísticas.

Mas ele parou no meio da frase. Porque, para além dela, Finn podia ver outra coisa.

— As luzes... Elas estão se apagando! — disse ele.

— O quê?

Eles se levantaram imediatamente.

Primeiro no andar de cima e agora no de baixo, as luzes na casa estavam sendo desligadas em sequência enquanto o último membro

— Os sinalizadores! — disse Finn. — Não mova sua mão. Ela é atraída pela luz...

Eles ficaram imóveis. A mariposa continuou pairando sobre eles, uma coisa fantástica, incrível.

— É uma tigre — disse Finn. — Uma mariposa-tigre. — Ele olhou para a casa. O quatro por quatro ainda estava lá. Mal acreditando no que fazia, ele esticou o braço e agarrou uma das patas da mariposa. Era uma pata áspera e esquisita, coberta por pelinhos — mas forte.

— O que você está fazendo? — perguntou Delta.

— Mantenha o sinalizador exatamente onde ele está! — insistiu Finn.

Ele esticou o braço e se segurou em outra pata, depois as puxou, testando, vendo se o monstrengo conseguia suportar seu peso.

WHKWHKWHKWHKWHKWHKWHK

Conseguia. Ele se segurou lá com facilidade. Mal podia acreditar. Ele olhou para Delta.

—Vamos lá! Coloque os dois sinalizadores numa mão por um segundo, depois segure-se nessa pata. Rápido!

— Você é louco...

— Eles estão indo! Estão indo embora!

— Gosto de como você age, Noob. Sabia disso? — disse Delta, e prendeu a respiração ao dar um passo à frente e se segurar numa das patas da mariposa. O monstrengo parecia forte e estranho.

— Agora me passe um destes... — pediu Finn, empolgado, sentindo que a mariposa se remexia, confusa.

Delta se inclinou na direção dele, e Finn pegou um dos sinalizadores da mão dela. Com rapidez, ele o segurou diretamente sob a cabeça da criatura. A mariposa se moveu instintivamente na direção da luz. Encantada. Assim que Delta também mostrou seu sinalizador, a mariposa ganhou velocidade.

WHKWHKWHKWHKWHKWHKWHK

— Está dando certo! — disse Finn enquanto eles ganhavam velocidade e o chão começava a passar rapidamente sob seus pés.

Os braços doíam enquanto eles se penduravam, o passeio tão doloroso quanto precário, mas apontando os sinalizadores para a esquerda ou a direita eles conseguiam, com muita dificuldade, guiar aquela coisa.

— De volta à trilha! Acompanhe a trilha! — gritou Delta.

WHKWHKWHKWHKWHKWHKWHK

Suspensos na criatura, cujas asas batiam como uma metralhadora, eles dispararam a poucos nanômetros do chão, horas de esforço percorridas em poucos e assustadores instantes de voo.

Eles prenderam a respiração, e Finn rezou — para a mamãe e o papai ou Richard Dawkins ou a rainha ou David Attenborough:

— Por favor, não me deixem cair.

Ele estava começando a temer que a mariposa nunca diminuiria sua velocidade (a casa estava repentinamente crescendo à frente) quando, por uma fração de segundo, viu um rosto. Uma terrível máscara rabugenta, boca vermelha grande, dentes como lâminas, viajando a uma velocidade inacreditável.

POW!

Finn se sentiu girando no ar.



VINTE E SEIS

Enxame...

A Beta acordou. Mexeu-se. Algo estava vindo. Enxame. Ainda estava quente o bastante para que ela agitasse as asas e alçasse voo...

Kane chegou ao local do ninho. O texugo havia muito tempo deixara de queimar, mas o cheiro de carne torrada pairava no ar úmido; um cheiro horrível.

Enxame...

A Scarlatti Beta voou até ele. Diretamente até o rosto dele. Para tocá-lo. Para saboreá-lo. Para se arrastar pela pele quente e sentir o sabor doce e tóxico ao redor de seus lábios.

Enxame...

Kane abriu a boca e deixou a Scarlatti passar a língua pelo que restava de doçura em sua saliva. Ela zumbiu feliz — ***Wzkxzkxzkxzzxzzzz!*** — e Kane sentiu uma vontade, um instinto de proteção. De cuidar. De criar um enxame.

Ele ficara doente no começo, quando as injeções começaram.

Spiro criou um bacteriófago zumbi a partir do DNA da *Vespula cruoris* (espécie que gerou a Scarlatti) e infectou repetidamente Kane com ele até que seu organismo não pudesse mais resistir. A infecção o transformaria lentamente, célula a célula, num híbrido vespa-humano. Era um cruzamento impossível, e o processo poderia matá-lo em semanas. Mas também lhe daria imunidade ao ataque da Scarlatti, permitindo que ele a soltasse e trabalhasse com ela diretamente. Boa parte de seu DNA celular já era mutante. Havia um contravírus esperando para reverter o processo nos montes Cárpatos. Se ele sobrevivesse.

Não importava. Ele estava ali para o Mestre.

A Scarlatti terminou de saborear a saliva de Kane e voou novamente para cuidar do enxame.

A carcaça do texugo estava quase destruída, mas cinco das carcaças ao redor — três corvos, o gato e a raposa — bastavam para sustentar mais ou menos uma dezena de ninfas que restavam. Elas estavam gordas e saudáveis, e, a partir da carcaça vazia da Alfa e de várias ninfas mortas espalhadas, Kane podia ver que a Beta estava lhe alimentando com um suprimento rico em nutrientes. Na verdade, uma ou duas ninfas estavam começando a perder a cor e a se parecer mais com seres adultos, com asas viáveis.

Abriu um frasco criogênico que tirou do bolso, pegou uma ninfa e a colocou cuidadosamente dentro. Ele apertou um botão para abrir uma pequena vasilha de nitrogênio líquido e a congelou instantaneamente.

Viu o olho eletrônico na árvore e segurou o frasco para que o Mestre o visse. Depois o guardou no bolso e voltou para o bosque. Rumo ao vilarejo.

A Scarlatti, renovada com o contato, se retorceu entre as ninfas que cresciam. Renovada. Alimentando. Curando. Cuidando.

Enxame...

Por um breve instante, Finn não soube quem era ou onde estava ou quando...

... tudo o que ele conseguia ver era a imagem momentaneamente congelada de um rosto e, nas profundezas de seu cérebro, aquilo se transformou em algo que fazia sentido... um sinal de sentido e civilização... uma classificação em latim... *Pipistrellus pipistrellus*.

Ele riu para si mesmo com a boca cheia de lama e tudo lhe voltou à mente.

— Um morcego comeu nossa carona! — Ele ergueu a cabeça, procurando por Delta, e percebendo que caíra de cabeça na lama macia de um canteiro de flor.

Ao lado do quatro por quatro.

Finn se levantou. Ele não conseguia encontrar sua arma ou mochila e não conseguia ver Delta, mas sabia o que tinha de fazer. Diante dele, a apenas cem nanômetros de distância, estava uma criança gigantesca, com mais de cem vezes seu tamanho.

— EI! *EEEEIII!* AQUI EMBAIXO! — ele começou a acenar e gritar.

— Volte para dentro do carro, querida! AGORA! — gritou a mamãe.

Era uma daquelas mães perfeitas que se veem no alto de brilhantes quatro por quatro, mas um pouco menos perfeita agora — o pânico a envelhecera dez anos em duas horas.

— Não vou sem Zizou! — disse a menininha.

Ela tinha cabelos compridos, uma boneca de pano, e lágrimas de raiva marcavam suas bochechas.

A mamãe respirou fundo.

— Mas não estamos encontrando Zizou, querida, e temos que ir...

— NÃO vou sem Zizou! — Ela bateu o pé e se manteve firme.

— Ótimo! Vou chamar o papai! — disse a mamãe, voltando apressadamente para o carro.

Finn percebeu sua chance.

— AQUI EMBAIXO! — gritou ele, dando pulos no escuro.

Então, a uns poucos nanômetros dali, ele ouviu:

— VOCÊ! AQUI! — e Finn viu Delta se levantando, ainda segurando um dos sinalizadores vermelhos e acenando como uma louca.

Eles estavam a um macrometro da criança agora, e seriam facilmente esmagados se ela desse um passo à frente. Mas ainda assim acenavam e gritavam.

A menininha achou que notou algo brilhando no caminho; pensou que estava ouvindo alguma coisa gritando. Ela deu um passo à frente.

Sim! Era uma faísca. Ou mais um brilho. Um brilho vermelho... e duas picadas de luz... Ela abaixou a cabeça.

Kane entrou numa propriedade nos limites da vila.

Ela já estava vazia, as duas casas que havia ali haviam sido evacuadas rapidamente. No interior de Willingham ele talvez tivesse de lidar com idosos ou solitários, mas ali ninguém ouvia o vidro se quebrando e a madeira lascando quando ele começou a invadir e procurar nas casas, uma a uma.

A visão térmica revelou um ratinho estranho, mais nada. Era pior do que tentar encontrar uma agulha num palheiro — mais como uma agulha em miniatura num palheiro gigantesco.

Mas o Mestre ordenou e, quanto mais difícil a tarefa — quanto mais resiliência e concentração ela exigisse —, mais Kane e todos os Tyros adoravam.

A menina gigante se abaixou, e Finn viu sobre ele um rosto assustador, com dois enormes olhos que eram como lagos, esforçando-se para compreender o que havia diante dela.

— ESTÁ TUDO BEM. NÃO TENHA MEDO! — disse Finn, com um sorriso exagerado, tentando não apavorá-la.

— OUÇA, MENININHA! LIGUE 911! — pediu Delta. — VOCÊ SERÁ RECOMPENSADA COM TODOS OS DOCES QUE PUDER COMER!

Finn literalmente teve de jogar Delta para o lado.

— NÃO TENHA MEDO! TUDO VAI FICAR BEM... SOMOS SEUS AMIGOS! NÃO SE APROXIME DEMAIS! — acrescentou ele, sendo pego pela ponta dos cabelos dela.

Ela pensativamente ajeitou o cabelo atrás da orelha enquanto o pai aparecia.

— Olha, meu amor, não seja irracional — começou ele, exausto e irritado. — Vamos comprar um novo Zizou para você, vamos comprar *dois*, que tal?

Ele se posicionou para pegá-la no colo e pendurá-la sobre seus ombros de jogador de rúgbi. Mas ele não tinha chance. A menina passou correndo por ele e mergulhou no colo da mãe na frente do carro.

— Mamãe! Mamãe! Olha lá aquelas... pessoas! Olha as pequenas!

— Finalmente! Sente-se certinho no carro, querida — disse a mãe.
— Duncan! Entre no carro!

E o papai, sentindo-se bem feliz consigo mesmo por de alguma forma encontrar as palavras mágicas, entrou no quatro por quatro.

— NÃO! DUNCAN! NÃO!! VOLTE!! — Finn correu atrás do homem.

— EI! BOBÃO! — gritou Delta, jogando o sinalizador nele e pegando seu último e esgotado sinalizador.

SLAM — bateu a porta do quatro por quatro.

— NÃÃO!! — disse Finn.

VRRRRRRROOM! — fez o motor enquanto o carro começava a avançar pela estradinha.

Delta puxou a corda de acionamento — *SWOOOOOSH!* —, o fogo saindo de suas mãos e avançando em direção ao carro.

Mesmo que o papai tivesse visto o brilho no retrovisor, ele deve tê-lo ignorado como uma ilusão de óptica, porque seguiu adiante sem parar.

Eles ficaram olhando enquanto as luzes traseiras desapareciam.

Então, um segundo mais tarde — *BLINK* —, a luz de segurança se apagou e eles ficaram olhando para o nada no escuro.

— É assim que se faz, *maninha*.



VINTE E SETE

DIA TRÊS, 00h00 (horário de verão). WILLARD'S
COPSE, BERKSHIRE

Tudo começou com um pontinho de luz. Era tudo o que ele via.

Algo brilhando em meio às árvores sobre a superfície da água. Ele ignorara a princípio, pensando que era apenas o reflexo das estrelas ou outra coisa, mas, quanto mais para o sul viajava, mais insistente a luz se tornava.

Kelly passara quase seis horas em combate contínuo de um jeito ou de outro.

Primeiro, logo depois de cair do Apache, ele foi pego por um peixinho no riacho (apesar de que "peixinho", neste caso, significava um peixe dez vezes maior do que ele — maior do que um grande tubarão branco em macronível) — que quase mordera sua perna, mas Kelly conseguira enfiar sua faca no cérebro do peixe antes que ele agisse novamente.

Depois nadara para a margem para fugir das corredeiras e abrira caminho lentamente em meio às árvores, sua perna ferida ainda o retardando. Sem o conhecimento de especialista de Finn — e em

várias ocasiões ele quis que o menino estivesse ali —, Kelly acionara sua tática do “atacar primeiro, perguntar depois”. Ele perdera sua Magnum, então tinha apenas a faca para se proteger, faca que havia algum tempo ele prendera à ponta de um galho para dela fazer uma lança.

Seguiu o curso do riacho e pelo caminho foi atacado por, entre outras criaturas, salamandras, sapos, um escorpião (ou uma espécie de coisa vermelha comedora de lacraia), larvas de libélula e mosquitos kamikaze (podem ter sido pernilongos).

E, então... ele vira o ponto de luz.

Quanto mais perto chegava da margem, mais se convenciu de que estava lidando com uma luz refletindo na água, e logo ficou claro que era uma luz piscante; uma espécie de estrobo ancorado de alguma forma na margem oposta.

Sim! Stubbs. O Stubbster. O Stubbsulator.

Kelly subira a corrente, construía uma balsa e se pusera a cruzar as corredeiras (em meio a uma poderosa chuva).

Finalmente chegou ao outro lado. Lá ele encontrou a luz de pouso do Apache piscando graças à UFA^[19], juntamente com um bilhete com a letra de Stubbs que dizia simplesmente: “*Fui para o celeiro*”.

Kelly subiu o barranco com alguma dificuldade, viu luz por debaixo da porta do celeiro e correu para encontrar... uma oficina improvisada que era algo digno de admiração.

Stubbs expusera os componentes desmontados da turbina T700 que ele tirara do Apache e havia montado um equipamento de levantamento para colocar o motor num velho jipe de brinquedo controlado por rádio que tinha cinco vezes o tamanho deles, mas que se dane.

Stubbs estava no meio de uma explosão de partes e ferramentas, perdido em seu trabalho. Quando Kelly se aproximou, ele levantou a cabeça e disse:

— Ah... Você. Que bom. Precisava mesmo de um voluntário.

A turbina teve de ser adaptada para queimar macrocombustível e se encaixar ao veículo básico. Depois a direção, a potência e o sistema de freios tiveram de ser resolvidos. O que Stubbs estava fazendo era um trabalho enorme para qualquer engenheiro normal, ainda mais para alguém do tamanho atual dele... e ele adorava. Kelly respeitava seu conhecimento e habilidade e tinha de admitir que não o via tão empolgado e entusiasmado desde o trabalho original no projeto Boldklub. Sem dúvida, o velhinho estava a todo o vapor.

E eu talvez esteja empolgado também em breve, pensou Kelly, porque ele se percebeu alguns minutos mais tarde diante da nova criação de Stubbs: o "Aparato de Destilação Adaptado".

Era um velho frasco de remédio semicheio de combustível de cortador de grama, inclinado sobre um queimador simples. Um cano enchia o frasco de remédio de combustível do cortador de grama enquanto outro levava ao fundo de um tanque de água. A ideia era ferver o combustível do cortador de grama e passar o vapor pela água de modo que ele se condensasse na superfície. Esse combustível refinado podia, então, ser coletado e usado para impulsionar o "T7-S Mark 1" (Stubbs) ou o "Jipe de Brinquedo" (Kelly).

— Quais são as chances de este negócio explodir? — perguntou Kelly.

— Cinquenta/cinquenta.

— Ótimo. Por que não faço o seu trabalho e você acende isso porque, sabe o quê, Stubbs? Tenho me arriscado um bocado ultimamente!

Stubbs parecia pensativo.

— Você consegue alargar os injetores de turbinas? — perguntou ele. — Você tem experiência em engenharia avançada? Você consegue calcular razões de compressão-empuxo? Lembre-me: o

que foi que você estudou rapidamente na universidade antes de eles o expulsarem?

— História da Arte.

— Hahaha. — Stubbs riu mesmo, do seu jeito ruidoso de velho.

— Certo, então só me passe o maldito acendedor! — gritou Kelly.

Stubbs pegou o acendedor, virou e se afastou.

— Espere. Eu deveria estar a no mínimo vinte nanômetros de distância.

— E quanto a mim?

— Como você já está ferido, você é tecnicamente “produto descartável da missão” — explicou Stubbs.

Ele se afastou à distância exigida e devolveu o acendedor ligado para Kelly, que o pegou no ar com um grunhido. Então Kelly se virou para o Aparato e se esticou para acender o combustível. *WHOOOF!* Uma nuvem de vapor se ergueu numa minibola de fogo que o jogou para trás.

— Controle a chama movendo o pistão — aconselhou Stubbs de longe. — Se o frasco se quebrar, lembre-se de corr...

— Consigo matar pessoas com minhas próprias mãos! Você só precisa se lembrar disso! — gritou Kelly.

Ele estava começando a perder a paciência.

— Para referência futura, não é assim que se fala com uma criança. Você não grita “Escute aqui, mocinha” — disse Finn.

Ao retirarem seus equipamentos do canteiro de flores, Finn e Delta discutiam.

— É o que a gente faz na Filadélfia — respondeu Delta, recuperando a M27 de um canteiro. — Lembrei-me rapidamente do treinamento prático: “Como se dirigir a um civil durante uma emergência”: você cai do céu durante uma missão, e eles

provavelmente estarão em choque, então você tem de ser completamente claro.

— Ela tinha uns sete anos! — argumentou Finn, tirando a sujeira da sua mochila e percebendo que a poeira era alaranjada, das asas da mariposa-tigre. Ele deixou a poeira ali, numa homenagem ao camarada morto. — Você realmente conheceu quaisquer “civis”?

— Nunca fui abatida.

Finn olhou para a enorme casa. Eles tinham grampos de escalada e corda de titânio num dos sacos, mas nunca iriam escalar aquilo, pensou ele.

— Já invadiu uma casa?

— Há muito tempo. Infância desperdiçada — disse Delta.

— Então, se não conseguirmos entrar, vou culpá-la.

Eles tiveram de correr por mais ou menos cinco minutos até chegarem à porta dos fundos, mas, quando chegaram — e se arrastaram para tentar encontrar uma passagem por baixo —, encontraram um material isolante firme que criava uma barreira intransponível para ventos frios e nanoguerreiros.

— Precisamos é de uma menininha de sete anos amigável — disse Finn. — Com uma chave. Se ao menos...

Delta o agarrou.

— Quando sairmos disso, prometo acabar com você em *Black Ops*, *Halo*, *Gears of Wa...*

— O buraco da fechadura! — gritou Finn, vendo a forma sob a maçaneta prateada da porta. — Que tal o buraco da fechadura? — Então ele percebeu alguma coisa com sua lanterna de cabeça.

Seda.

Mantendo-se calmo, ele acompanhou a seda que caía da maçaneta da porta. Com certeza, do outro lado dela havia uma aranha do tamanho de um cachorro.

Delta ficou paralisada.

— Tudo bem — disse Finn. — É uma aranha da sorte.

— Ah, claro. Conta outra.

Pouco antes de a aranha chegar ao chão, Finn correu e a segurou. Ela lutou tentando voltar pela seda, mas Finn se esforçou para segurá-la firmemente, ao mesmo tempo tentando evitar ser mordido pelas presas.

— Pegue o grampo!

Delta pegou o grampo e a corda. Eles a prenderam do melhor jeito possível ao redor da criatura agitada, passando a corda por seu tórax e deixando as oito patas livres.

— Vamos ver se ela aguenta o peso.

Sem parar, a aranha subiu de volta pela teia como um foguete, pendurando a corda de titânio pelo caminho.

— Sim! — disse Finn.

A aranha diminuiu a velocidade ao chegar à maçaneta, o peso da corda pendurada à mostra. Depois ela pareceu descansar e se recompor. Imóvel.

— Entre... Entre... — murmurou Delta.

Finn simplesmente ergueu a M27.

DRRRRT!

A aranha da sorte voou pelo buraco da fechadura.

Finn sentiu a corda escorregar por entre seus dedos e percebeu que agora ele tinha de puxá-la para acionar o grampo e provavelmente esmagar a salvadora deles. Delta se agarrou à corda e a puxou antes que Finn pudesse impedi-la — *CRUNCH*.

Ela testou o peso. A corda aguentou. Ela colocou um grampo de segurança na corda.

— Quer ir primeiro?

Finn se segurou e começou a subir. Era como subir em cordas na aula de educação física da escola, mas a proporção entre energia e massa trabalhou a seu favor. Ele fez progresso rapidamente e logo estava de pé na beirada de alumínio do buraco da fechadura. Ele jogou a corda de segurança para Delta, depois sentiu a corda ficar rija sob seus pés enquanto ela subia.

Quando Delta estava em segurança no alto, eles puxaram a corda e, então, tomando cuidado para não cair nas profundezas do mecanismo, abriram caminho pelo interior da fechadura até o outro lado, passando pelos restos da aranha da sorte.

— Lar, doce lar... — disse Finn. — Não disse que aquela aranha significava sorte?



VINTE E OITO

— Belo lugar — disse Delta.

Pela primeira vez — em quanto tempo? — Finn se sentiu seguro. Aconchegado. Dentro do buraco da fechadura eles podiam ver a maior parte do andar térreo. Essas pessoas tinham *toneladas* de dinheiro. As velhas paredes externas ainda estavam no lugar, mas a maior parte do andar térreo fora reformada para criar uma enorme cozinha e sala de estar recém-pintadas, com belos móveis e decoração (ao contrário da casa da vovó, onde havia muito pelo de cachorro, papezinhos de Post-it e uma passadeira na sala).

Exatamente como na casa da vovó, porém, havia uma mesa num cantinho com um computador e conexão wi-fi.

Bingo.

Eles desceram — Finn sob cuidadosas instruções, Delta recuperando a corda —, e, no brilho fraco das luzes de LED da máquina de lavar louça e das telas de exibição do forno, avançaram rapidamente pelo chão da cozinha, os sons do jardim noturno letal substituídos pelo barulho fraco do motor da geladeira.

A despeito do ocasional peixinho-de-prata [\[20\]](#), ainda bem que o lugar não tinha outros insetos.

Eles alcançaram a mesa, e Finn os liderou por trás da impressora até um ninho de cabos que pendiam de tomadas sobrecarregadas até um buraco na mesa acima. A poeira era espessa em meio aos cabos retorcidos, grandes flocos de poeira, e havia cartões de aniversário caídos, vários cliques de papel e enormes moedas de riqueza indescritível. Havia ainda um terminal de telefone fixo. Sem nada ligado a ele.

— Eu sabia — disse Finn. — Nenhuma avó. Ou o telefone está lá em cima em algum lugar.

— Deixa pra lá. A linha de dados está conectada e a luz de força ainda está acesa. Vamos.

Os cabos que pendiam da mesa eram como trepadeiras da selva e, novamente, uma escalada fácil. Em pouco tempo eles subiram na mesa, onde um computador estava finalmente a serviço deles.

Finn começou a desejar poder ver como Al reagiria quando eles entrassem em contato.

Delta estudava a enorme tela em branco.

— Vamos ligar.

A tecla de acionamento ficava no canto superior esquerdo do teclado. Somente um retângulo estreito, com um nanômetro de comprimento, com uma luz LED embutida que se acenderia assim que o botão fosse pressionado com um agradável clique.

Se eles conseguissem fazê-lo clicar.

Eles bateram, se movimentaram, saltaram, tentaram empurrá-lo com todo o peso que podiam encontrar. Cansada, Delta pegou um bloco e um lápis e começou a fazer cálculos matemáticos complexos.

— O que você está fazendo? — perguntou Finn.

— Explodindo isso — disse Delta.

— Explodindo?

— Mas temos de usar a carga certa. Se são necessários sete quilopascals de macropressão para acionar o botão... — murmurou ela, escrevendo, pegando um pacote de explosivo C-4^[21] para verificar os dados.

— ... e a velocidade de detonação é de 8.092 metros por segundo...

Finn queria checar também, mas ela estava usando equações que faziam com que seu cérebro doesse.

Por fim, ela optou por um punhado do tamanho de uma bola de golfe com um detonador do tamanho de um cigarro saindo pelo alto.

— Isso deve dar certo.

Eles se protegeram atrás de um grampeador, e ela lhe entregou o detonador remoto.

— Quer apertar?

— Claro que quero. Tenho doze anos.

— Três, dois, um...

Finn apertou.

BANG!

Eu deveria ter verificado os cálculos matemáticos, pensou Finn.

Fragmentos de plástico se espalharam pela mesa. A capa do botão foi explodida completamente. Mas a explosão foi seguida por um dos melhores sons que Finn jamais ouviu.

Biiiiiiip.

DIA TRÊS, 00h24 (horário de verão). Sibéria

Na Sibéria, Li Jun respondeu a uma linha de alerta numa de suas telas.

013828234827 GU26 7BX #hwbdcuHHm777/Lanyard House, Coppice Lane

— *Temos outra entrando online. Não na área de busca imediata.*

Ela instalara um software de diagnóstico em cada servidor local, no sistema de telefonia celular e na rede de serviços de emergência, investigando todos os sinais de atividade incomum.

Kaparis estava degustando o café da manhã, uma espuma que seus chefs tinham preparado com caviar Monte Cristo, ovos de codorna cozidos e champanhe Chambord.

— *Coloque na lista de alertas.*

— *Sim, senhor.*

Houve alertas a noite toda enquanto as pessoas terminavam de arrumar as coisas e entravam na internet para enviar um ou outro e-mail apressado.

Li Jun relatou essas comunicações para Kaparis, mas ele as odiou. Banalidades como "cuidado", "vamos sair dessa", "eu te amo" faziam com que sua pele, a pouca pele que ele podia sentir, se arrepiasse.

Ela rezou para que a conexão não desse em nada.

— Está dando certo! — disse Finn alegremente, ao deslizar pela tela sensível ao toque usando meias, movimentando o cursor por uma tela do tamanho de um campo de futebol. Ele o guiou até o ícone de um sistema de buscas.

— Agora pule! Clique duplo! — disse Delta. Finn saltou. Uma janela se abriu e lhes mostrou a homepage do Google.

— Sim! Sim! — Finn saiu da tela e fez uma dancinha.

— O que vamos fazer? Skype?

Os dois olharam para a distante câmera no alto da tela.

— Esqueça, ela não está nem mesmo ligada à máquina.

— Então e-mail? Facebook?

— Facebook! Alguém deve estar verificando o nosso e, se não estiverem, podemos mandar um alerta para quem nos segue.

— Mas quem estará na internet a esta hora da noite? — perguntou Delta.

Finn olhou para o relógio da cozinha; ela estava obviamente mais cansada do que ele e se esquecera do fuso horário.

— Estados Unidos.

Entraram no Facebook e com dificuldade conseguiram acessar a conta de Delta. Levou muito mais tempo do que eles pensavam ao descobrir que tinham de saltar juntos em cada tecla para que a letra aparecesse na tela. Depois que pegaram o ritmo, porém, conseguiram escrever o endereço e a senha dela.

Finalmente Finn pulou de volta na tela e deu um salto duplo.

Apareceu a página de Delta. Ela tinha exatamente dois amigos. Não tinha perfil pessoal, mas a sua foto era a da identificação militar e continha seu nome real.

— *Delphine* Salazar? — perguntou Finn, arqueando a sobrancelha.

— É meu nome de batismo. Eu tinha problemas com minha mãe. Um coronel me batizou de Delta.

— Você tem dois amigos: tem problemas com o Facebook também?

— Por que deveria contar a todos o que faço? — perguntou Delta, na defensiva.

— Bem, ajudaria agora...

— Sou amiga de Carla e da USAF.

— Assim como 1,1 milhão de outras pessoas! Eles não notarão nossa mens...

E então, inacreditavelmente, alguém começou a publicar alguma coisa — ao vivo.

— Olhe, alguém está online agora...

Uma janela de bate-papo de Carla apareceu, uma menina de cabelos negros e enormes olhos castanhos da mesma idade de Finn.

— Nooblet... — disse Delta, maravilhada por vê-la.

— “Nooblet”? — disse Finn.

Eles ficaram olhando a mensagem dela ganhar vida.

Ei Delts você vem me visitar no fim de semana? Se não terei de ir para Wilmington para ensaios extras com a orquestra ☹️☹️☹️ e eu não pratico há meses por causa dos exames. Tentei ligar, MAS CAI SEMPRE NA CAIXA POSTAL!!!! ODEIO CAIXA POSTAL!!!! VOCÊ SABE!! Ok, acabei. Ligue ou me mande uma mensagem assim que puder porque eu PRECISO de uma desculpa aqui. Por sinal, você já ouviu falar deste grupo antigo chamado White Stripe?

— O que vamos dizer?

— Diga que o nome é *White Stripes*, se não ela vai passar vergonha... NÃO! Estou brincando! Diga para ela ligar para o Pentágono agora mesmo! — disse Finn, quase desesperado.

Juntos, e durante meia hora, Finn e Delta pisaram nas teclas e escreveram a mensagem.

**C!!! EMERGÊNCIA DE VERDADE! LIGUE
DR AL ALLENBY RU AGORA
+44 09776 778 87363 OU 911 PENTÁGONO
OU RU +44 999 ESTAMOS NA GU26 7BX VIR E PEGAR, DIGA
“SCARLATTI LOCALIZADA,
TRIPULAÇÃO VIVA” AGORA!**

Eles se perguntavam se deveriam acrescentar “não lancem a bomba atômica” também, mas decidiram que isso seria assustador demais (ficaram muito felizes com o CEP que encontraram numa conta não paga).

Tudo o que eles tinham de fazer era apertar “Enviar” e a mensagem iria diretamente para Carla. Se é que ela ainda estava conectada.

— Pronto?

— Pronto.

Eles se apegaram um ao outro e se prepararam para dar um salto enorme na tecla “Enter” quando ouviram um barulho.

— O que foi isso?

Eles se viraram. Não conseguiam ouvir passos.

Finn olhou para o lugar onde deixaram a M27 e a maioria de seus equipamentos perto do grampeador. Não demoraria nem um segundo para eles a pegarem se precisassem chamar a atenção.

— Talvez tenha sido apenas algo caindo — disse Finn, mas então Delta viu algo atrás de si. — Uh-oh...

Finn deu meia-volta. Um belo gato preto e branco, do tamanho de uma dúzia de elefantes, de pelos longos e elegância infinita, silenciosamente subiu no banquinho e estava olhando a tela. Em volta do seu pescoço havia uma coleira vermelha gravada com seu nome: Zizou.

Seus olhos pretos foram atraídos instantaneamente para as duas criaturas minúsculas no teclado.

— Calma, gatinho... Muita calma... — disse Delta.

Ir. Pegar. Brincar, pensou o gato, mostrando os dentes.

— Aperte! — gritou Delta. Eles correram para a tecla “Enter”.

Uma pata macia os acertou hesitantemente, para ver se eles ficavam no lugar.

— Precisamos daquela 27 — disse Delta. Era uma corrida de ao menos vinte nanômetros pela mesa até a metralhadora.

As patas pararam enquanto o gato se preparava.

Finn e Delta se arrastaram um pouco para ver o que o gato estava fazendo. Parecia estar lambendo a pata.

— Ele está perdendo o interesse — disse Finn.

Claro que, pouco depois, eles ouviram o barulho do gatinho descendo. Eles foram até a beirada do teclado. Finn saiu e avançou devagar rumo às mochilas.

Com um ruído, o enorme gato saltou de sua posição encolhida sobre o banquinho — não tão bobo no final das contas.

Finn correu para pegar a arma. A primeira pata não o acertou por cinco nanômetros.

— EI! — gritou Delta, deslizando sob o teclado. — PEGUE ALGUÉM DO SEU TAMANHO!

O gato se virou — momentaneamente indeciso entre os dois. Era tudo o que Finn precisava.

Enquanto o gato ia atrás de Delta, Finn se jogou para a frente e pegou a M27, atirando de lado.

DRRRT! Era o que restava da munição, mas bastou.

YEEOOWWFSSJKSKSK!!!

O gato caiu como se tivesse sido atingido por um chicote, saiu da mesa do computador e correu pelo piso da cozinha, pelos se espalhando por todos os lugares, atingindo a porta de entrada dos animais domésticos como uma bola peluda de pânico.

Enquanto Finn se recuperava na mesa, ele se virou e notou a tela.

O gato deve ter apertado "Enter" quando os caçava e acabou enviando a mensagem.

Sob a publicação, havia um comentário.

MENSAGEM INTERCEPTADA HOOK HALL. POR FAVOR CONFIRME.

Finn começou a rir. Ele se levantou, pegou Delta e, quase delirando, eles conseguiram subir no teclado e apertar a tecla S.

Depois de uma pausa, a mensagem foi respondida:

Estamos a caminho.

King, acrescentou *Li Jun*, desconectando.

— *Tem uma webcam?*— perguntou *Kaparis*.

Li Jun bateu no teclado e recebeu a imagem ao vivo da cozinha na tela.

— *Ajustando a exposição.*

Ela remotamente aproximou a webcam ao máximo, depois direcionou para um detalhe granuloso na parte de baixo da tela: duas pessoas minúsculas celebrando como tolas.

— *Tem certeza de que a mensagem foi contida?*

— *Toda a comunicação está isolada, protegida e não pode ser detectada* — disse *Li Jun*.

— *Muito bom* — elogiou *Kaparis*.

Li Jun ficou toda vermelha.



VINTE E NOVE

DIA TRÊS, 00h51 (horário de verão). Região Marítima FitzRoy

Naquele mesmo instante, na escuridão sobre a baía de Biscay, seis membros das forças especiais marítimas francesas — Le Commando Hubert — esperavam de cabeça para baixo para fazerem sua descida. Eles foram reunidos na base aérea Bordeaux-Mérignac e receberam informações para a missão ao longo do caminho. Tempo total de preparo: dezessete minutos.

Eles deixaram os transportadores a seis mil metros de altitude (caindo de cabeça para baixo de jatos abertos) depois de um voo de apenas dezenove minutos.

Eles caíram na região marítima FitzRoy, sessenta quilômetros ao norte de La Coruña. Alcançaram velocidades de mais de cento e noventa quilômetros por hora. Só abriam seus paraquedas especiais no último minuto.

O guarda alto com uma cicatriz recebeu uma ligação pelo telefone via satélite.

Ele a passou para Stefan, que a conectou ao seu laptop.

A mensagem veio na forma de pulsos de dados, a ligação regular de meia hora entre o iate e o "North Star".

Cooper-Hastings os olhou de sua posição, no piso nos fundos da cabine principal.

— Quero falar com ela de novo. Ter certeza...

Stefan se remexeu, irritado. Se ouvisse o patético pedido novamente, ele cortaria a língua de Cooper-Hastings. Fechou o laptop e atravessou a cabine para começar a bater no homem preso novamente.

O guarda, incapaz de observar a brutalidade casual do menino, saiu da ponte para fumar.

Ele esperava que pudessem matar o cientista logo, jogar o corpo dele no mar e depois entrar no porto. Ele só se perguntava como — estrangulamento? Fuzilamento? — quando sentiu que o céu estava prestes a cair sobre sua cabeça. Olhou para cima. O paraquedas repentino fez o soldado parecer um anjo da morte.

Um dardo tranquilizador o acertou no meio da testa.

Em dezenove segundos, todos os seis soldados pousaram suavemente e estavam a bordo do iate em movimento. Uma avaliação em infravermelho durante a descida já havia demonstrado que havia mais três pessoas a bordo: duas na cabine principal e uma dormindo nos aposentos.

Dois soldados entraram pela traseira do iate e detiveram o guarda que dormia.

Outros três entraram na cabine onde Stefan ainda espancava Cooper-Hastings.

Stefan foi atingido por um dardo tranquilizante na nuca e caiu imediatamente no chão.

Cooper-Hastings olhou espantado para os soldados ocultos por uma máscara preta.

Como algo tirado de um comercial de perfume masculino, um soldado tirou sua máscara, soltou seus cabelos e verificou a imagem de Cooper-Hastings numa tela em seu pulso.

— Docteur Coopeur-Hassteang, je suppose?

Cooper-Hastings gaguejou:

— *Eu... eu... Sim...*

— Bon.

Sentado no Élysée Palace, observando os eventos que se desenrolavam (juntamente com outros líderes mundiais, graças à teleconferência via Hook Hall), o presidente francês fazia o possível para resistir a um arroubo de patriotismo, apenas repetindo:

— *Bon.*

Finn e Delta comeram com vontade uma refeição militar comemorativa e esperaram, ouvindo sirenes e procurando outras mensagens na tela.

Finn olhou para a fotografia de Carla novamente. Ela parecia interessante, curiosa. Uma versão mais aberta de sua irmã mais velha, mesmo que Delta estivesse começando a relaxar, agora que a missão estava quase completa.

— Como ela é?

— Nooblet? Tão linda que foi adotada por um juiz da Vara de Família. Mas agora não mais. Agora ela é mais como você.

— Obrigado.

— Talvez você devesse nos visitar quando tudo isso acabar. Temos — eles têm — uma cabana na floresta, para onde vamos todos. Você pode pescar, caminhar, andar de bote nas corredeiras...

— Você quer que *eu* vá? Para os Estados Unidos?

Delta terminou de comer e pensou no assunto.

— Pense nisso como uma missão.

— Uma missão?

— Ela fica entediada comigo e com o juiz. Diz que está de saco cheio.

— Ela parece ótima.

— Ela é. Mas não gosta de jogos, nem de combate. Ela é a única pessoa, legalmente falando, para quem posso contar o que faço. Acho que ela nunca vai acreditar em mim.

— Devo lhe dizer uma coisa horrível que as crianças não dizem para os adultos?

— O quê?

— As crianças não se interessam *muito* pelos adultos. Principalmente pelos membros da sua própria família, pelo menos até que elas percam alguém.

Delta pensou naquilo. Guardou seriamente na memória.

BANG...

— Eles estão aqui!

CRACK...

Eles estavam vindo pela porta da frente do outro lado da casa.

— AQUI! BEM AQUI! — eles gritaram, empolgados.

Vidro se quebrava e ainda assim eles gritavam.

Foi só então que eles viram, num espelho, um menino de capuz passando pelo que restava da porta da frente. Eles pararam.

— Nenhum carro? Nenhuma sirene? E quem é *ele*? — disse Finn.

— Não sei — disse Delta. — Mas conheço o tipo.

Finn também conhecia. Ele já os vira no parquinho. E os evitava à noite.

— Estou com uma sensação ruim aqui... — disse Delta.

CLICK — de repente a luz os cegou quando o menino ligou o interruptor. Finn e Delta caíram para trás.

— CORRA! — gritou ela.

— *Eles estão fugindo — disse Kaparis pelos fones de ouvido de Kane. — Volte para a mesa. Detenha-os. Agora.*

Finn e Delta correram até o buraco na mesa e desceram pelos cabos de energia.

O menino de capuz pisou cuidadosamente na cozinha. Olhos fixos no computador. Finn e Delta desapareceram na escuridão e na poeira.

— Onde está a cavalaria? — resmungou Delta. — Ele deve ser um ladrão; deve estar atrás do PC...

— Cabos, ele vai querer os cabos — disse Finn.

Eles subiram na tábua de trás, Delta à frente, correndo, perfeitamente equilibrada e consciente, evitando os obstáculos — cabos, pedaços de adesivo — com rapidez e facilidade. Apesar de fisicamente esquisita e atrapalhada na vida, ela era como uma bailarina em combate. *Polo Oeste*, pensou Finn. Um interruptor foi ligado e Delta estava de volta ao jogo.

Kane se aproximou da mesa com cuidado, constantemente verificando seu escâner de mão, mas havia calor demais vindo do PC e das conexões para obter uma imagem clara.

Delta se pendurou no alto da tábua de trás, a poeira voando, Finn bem atrás. Uma enorme mão apareceu para desconectar a impressora e abalou o mundo deles.

CLUNKCHHHHHHHHHHHHHHHH!

A poeira voou e a luz invadiu tudo. Um cabo exposto desaparecia na parede no fim da tábua, onde faltava a proteção elétrica plástica. Era apertado, mas Delta mergulhou e entrou na abertura, virando-se para puxar Finn atrás dela.

Juntos eles caíram num espaço escuro e vazio. Quando acenderam suas lanternas, se perceberam num enorme buraco estreito, todo plastificado, com canos e fios. Estavam dentro da parede, literalmente debaixo da pele da casa.

— O que está acontecendo aqui? — disse Finn.

— Algo ruim — disse Delta.

Ela pegou a mochila e verificou os conteúdos letais. Duas granadas e o restante do explosivo plástico.

— O que você tem?

— Apenas três sinalizadores — disse Finn. — Mas eles chegaram aqui em um minuto, não?

Eles podiam sentir a presença do menino, agora mais perto do outro lado da parede, e depois ouviram uma voz.

— *Tenho pegadas. Tenho imagens térmicas.*

— Uh-oh... — disse Delta.

— O quê? Tenho... O quê? — disse Finn, mal tendo tempo para juntar as palavras antes que...

— Pra cima! — gritou Delta quando — *SLAM* — um enorme dedo entrou pelo buraco diante deles e começou a abrir a proteção de gesso.

Delta se segurou num cabo cinza solto e começou a subir, Finn logo atrás dela.

— Suba!

A mão gigantesca rasgou o gesso abaixo deles.

Você é o Tarzan, Finn disse a si mesmo ao subir no cabo. *Você é o Tarzan subindo num cipó... Não desista.*

Kane puxou meio metro de fibra óptica, enrolou-a no seu telefone e enfiou a cabeça na abertura no gesso. Virando-a, ele captou a imagem de duas pequenas pessoas andando pelos cabos.

SLAM! Um punho bateu na placa de gesso bem ao lado de Finn, lançando uma nuvem de poeira enquanto ele subia o cabo como se estivesse na aula de educação física.

— Mais rápido! — disse Delta. Finn não precisava de incentivo.

SLAM SLAM SLAM! Como enormes explosões.

Kane não iria romper o gesso com o punho. Ele procurou na cozinha alguma coisa para usar. Viu uma machadinha de cortar carne.

Delta e Finn estavam a poucos nanômetros do forro de madeira quando — *SMASH!*

Finn ficou surdo e abalado quando o cabo da machadinha cruzou o gesso ao lado dele, como a proa de um navio em meio ao gelo. Ele balançou nos cabos e tossiu a poeira.

SMASH! Um segundo golpe abriu um buraco na parede, rapidamente preenchido pela luz cegante da câmera de fibra óptica. Finn instintivamente a chutou ao balançar nos cabos.

— Sim... — disse Kane, puxando a câmera para ver por si mesmo.

Finn viu o enorme olho de Kane preencher o buraco. Um olho morto, manchado... Um olho que o fez pensar em... *Spiro?*

Delta estava descendo agora, mordendo o pino de uma granada e a jogando no ar. Cinco... quatro... três...

— Noob! Saia do caminho!

Delta desceu de ponta-cabeça do seu cabo e jogou a granada no olho gigante — do mesmo jeito que ela lançava bolas de beisebol desde que tinha três anos de idade. A bola rápida explosiva perdeu o piscar reflexivo de Kate por um fio de cabelo, entrando no duto lacrimal ao mesmo tempo em que — *BANG!*

— *ARRRRRRRRRRGHGHHH!*

— Vamos! — Delta voltou a subir por seu cabo, Finn ainda subindo. Ao chegar ao forro do teto, ele sentiu as mãos de Delta

segurando-o e puxando-o para cima.

— AARRRRRRRRRRGGHH!

Kane rolou pela cozinha, segurando seu olho dolorido. Apesar de nenhum dano catastrófico ter ocorrido — a nanoexplosão provocou o mesmo dano que a ponta-seca de um compasso —, a granada conseguiu machucar para valer.

Delta e Finn avançaram por uma enorme viga e caíram numa sujeira de séculos em algum lugar sob o primeiro andar. Eles se perceberam num túnel escuro que corria por toda a largura da casa, as laterais de carvalho, o teto igualmente antigo, o túnel bloqueado por tijolos nas extremidades.

— Vamos! — disse Delta, sem deixar que Finn se recuperasse.

Eles avançaram em meio à fuligem e à sujeira até os joelhos e por entre as tábuas de carvalho.

— Arrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrggghhh! — Eles ainda conseguiam ouvir a dor de Kane abalar o mundo lá embaixo.

— Ele tem os olhos de Spiro! — disse Finn ao se aproximar de Delta.

— O quê?

— Spiro, que tentou nos explodir! Este cara tem exatamente as mesmas marcas...

Delta diminuiu o passo.

— O que você quer dizer com marcas?

— São olhos marcados, como uma estampa, como uma tatuagem ou coisa assim, mas só dá pra ver de perto. Ou eles são gêmeos maus ou... Talvez seja a marca de quem quer que esteja planejando tudo isso, ou... — disse Finn, tentando compreender algo tão estranho.

Delta estava bem à frente.

— Se ele estiver trabalhando com quem quer que Spiro estava trabalhando, então eles sabem onde a Scarlatti foi solta e a estão monitorando... — disse Delta.

— Então eles viram nosso ataque? — disse Finn.

— E eles sabiam que deveríamos estar por perto. Só precisavam monitorar as redes de comunicação local...

Fazia sentido. Passos acima substituíram os gritos de Kane abaixo quando ele voltou à busca.

— Estamos ferrados — concluiu Delta. — Vamos.

Ela começou a correr em meio à sujeira novamente e Finn teve de se esforçar para acompanhá-la.

— Pra onde estamos indo?

— Ele disse “tenho imagem térmica” lá embaixo. Se ele tiver visão noturna — visão térmica noturna —, então ele consegue nos ver através de qualquer coisa — disse Delta.

RIIIIIIIIIIIIP!!

— Ele está tirando o carpete? — perguntou Finn.

— Ele pode destruir a casa toda — falou Delta.

Acima deles, enlouquecido pela dor em seu olho dolorido e sangrando, Kane gritou e rasgou o piso, rasgando o carpete e o forro. Fazendo um inferno.

Ao chegar ao piso de madeira, ele começou a levantar a primeira tábua que conseguiu.

Delta agarrou Finn e o puxou para baixo de um cano de cobre que corria junto às tábuas do forro. Ela levantou a mão e bateu no cano. Estava quente. Cobertura térmica.

— O que vamos fazer? — perguntou Finn. — Se eles interceptaram a mensagem, então ninguém vai vir.

— Não temos certeza de nada — disse Delta. — Temos apenas de ficar imóveis.

Eles se abaixaram sob o cano quente e esperaram. Seria uma noite longa.

A cada fração de segundo que passava, Finn se sentia mais e mais certo.

— Eles não vêm. Ninguém sabe que estamos aqui.



TRINTA

O Dr. Cooper-Hastings, um cientista dedicado, ainda que rígido demais, tinha uma única paixão: ópera. Ele assistiu a uma produção da Royal Opera House três vezes. A produção trazia a soprano russa Olga Tieneto, de quem ele era fã.

Depois de responder à crítica a ela num site de fãs de ópera (como Cutmeibleedverdi72), Cooper-Hastings ficou maravilhado ao receber uma mensagem *da própria Olga*, agradecendo por tê-la defendido. Daí nasceu uma correspondência. E-mails diários se transformaram em ligações telefônicas que duravam horas. Ela desabafou com ele. Ele se apaixonou. Ela estava envolvida numa disputa com seu ex-marido italiano pela guarda de seu filho. Cooper-Hastings pegou o menino na escola interna para levá-lo a uma feira de máquinas a vapor num fim de semana para salvá-lo da visita paterna. Ele era um adolescente inchado e agressivo com olhos estranhos e manchados e que parecia não saber muita coisa sobre ópera.

Cooper-Hastings perdeu o menino no caminho para casa do lado de fora do Aylesbury Aquatics. Um carro estacionou e ele foi sequestrado. Houve violência, depois ligações sofridas de Olga

implorando para que ele fizesse exatamente o que seu marido pedia. A máfia estava envolvida. A vida dela corria perigo.

Hipnotizado pelo terror — convencido de que as vidas de uma criança e da mulher que ele amava corriam perigo —, Cooper-Hastings fez o que os italianos exigiam. Quando ele quase vacilou diante do pedido da Scarlatti, eles lhe tocaram a ária “Ebben? Ne Andrò Lontana” na voz de Olga e ele cedeu aos encantos dela novamente.

Uma ligação para a verdadeira Olga Tieneto do chefe do serviço secreto russo, o FSB^[22], confirmou que ela não fazia ideia de quem era Cooper-Hastings. A coisa toda fora uma armação, sem dúvida criada com a ajuda de detalhadas observações dos hábitos de Cooper-Hastings feitas por seu colega júnior: o Dr. Spiro.

Todos consideravam Cooper-Hastings um completo idiota... todos exceto os homens e mulheres do Le Commando Hubert, que fumavam e bebiam e ouviam atentamente, completamente encantados por “*les maladies d’amour*”.

DIA TRÊS, 3h37 (horário de verão). Hook Hall, Surrey

— Se vocês tocarem no Gorducho, eu juro, juro que vou matá-los...

Com estas palavras, duas horas e quarenta e seis minutos depois do resgate de Cooper-Hastings, Al teve de sair da área de comando na sala de controle e foi para onde os controladores da RAF estavam coordenando a busca pela nanotripulação perdida. Os sinais repetitivos e sobrepostos eram uma espécie de poesia. Um consolo.

— Chamando Messi, chamando Messi. Aqui é Ronaldo, repetindo, aqui é Ronaldo. Câmbio. Chamando Messi, chamando Messi. Aqui é Ronaldo, repetindo, aqui é Ronaldo. Câmbio.

Al precisava se acalmar. Ele estava com medo de morrer nas mãos de sua mãe. Ele queria estrangular o Dr. Cooper-Hastings. E queria

matar o Comandante King.

Primeiro, ele obteve notícias de que a vovó de alguma forma desaparecera de seu navio de cruzeiro e estava voltando de Oslo. Ele a sentia se aproximando e se sentiu dez vezes mais velho de novo. Quando criança, ele e Maria certa vez queimaram o gazebo preferido dela testando um foguete, depois tiveram de esperar horas até ela voltar de uma caminhada beneficente. Aquilo foi horrível. Como ele iria explicar isso?

Em segundo lugar, depois de todos os esforços e risco de vida, depois de toda a espera e esperança, a pista do Dr. Cooper-Hastings morrera no ar, literalmente. Depois de ser ressuscitado e depois de um breve período de interrogação, o adolescente alemão loiro “Stefan” — aparentemente o líder — sofrera uma repentina e fatal hemorragia cerebral^[23]. Os guardas a bordo eram mercenários contratados para uma única missão. Eles sabiam das irregulares ligações por satélite para Stefan de pessoas desconhecidas, mas pouca coisa da rotina de segurança se conectava ao laptop.

Apesar da atividade em polvorosa desde então, a operação parecia não ter dado em nada. O resgate de Cooper-Hastings chegara a um impasse. A evacuação das pessoas se transformou em pânico. E eles estavam perdendo tempo.

Então o Comandante King piorou ainda mais as coisas. Ele consultou o relógio. Olhou para as telas ao redor do mundo. E tomou uma decisão.

— Temos de levar a Rosquinha a Felixstowe até as seis da manhã. Desmontem o Grande Acelerador.

Parecia a rendição. Os técnicos no piso do CCAC ficaram olhando um para o outro a princípio, sem saber direito o que fazer. Um ou outro esticou a cabeça para ver se Al estava presente e pelo menos ciente da ordem.

— Repito — disse King quando Al entrou —, desmontem o Grande Acelerador.

Al percebeu que ainda estava tremendo de raiva quando, pelo canto do olho, viu King cruzar toda a galeria para se juntar a ele.

King parou ao lado de Al, consultou o relógio e, fingindo admirar a paisagem, falou bem baixinho para que ninguém os ouvisse.

— Sei o que você está pensando.

— Acredite, você não tem ideia; você não estava lá quando explodimos o gazebo.

— Você sabe muito bem que, neste momento, não temos escolha. Olhe ao redor, para os líderes mundiais. Presidentes foram substituídos por generais, que foram substituídos por meros conselheiros. O poder e a influência estão se esvaindo da sala, e, se não nos virem agindo, o controle da operação se perderá. Preciso de você ao meu lado e preciso de você ativo e com raiva. E o mais importante: eles precisam perceber isso.

— Com raiva? *Você não tem ideia...*

— Bom. Você só é mesmo eficiente quando está com raiva, já percebeu?

— Seu maldito riquinho malandro! — Al começou a vociferar quando...

— Senhor! Doutor Allenby!

Eles perceberam que um assistente os estava chamando na galeria já havia algum tempo.

— O telefone via satélite no iate, senhor! Ele está tocando!

A bolha estourou.

— Pare todo o trabalho no acelerador! — ordenou King.

King e Al correram de volta para a área de comando, ouvindo o telefone via satélite tocar por meio do canal de áudio.

Eles reassumiram suas posições no centro da sala de comando às 3h46 (horário de verão) e ordenaram que o telefone via satélite a bordo do iate na baía de Biscay fosse atendido.

A bordo, o comando principal recebeu a ordem e conectou o aparelho ao laptop de Stefan.

— *Trois. Deux. Um* — disse ele, atendendo.

DIA TRÊS, 3h46 (horário de verão). Sibéria

Li Jun deu um pulo.

O alarme era agudo e alto. O sol nascia na Sibéria e, por um instante, ela pensou que estava nos alojamentos, dormindo.

Despertou. Ela recebera sangue novo e estimulantes para manter o foco, e essas coisas a deixaram irritada. Ela tinha de lutar para manter o autocontrole a qualquer custo. Sentiu seus dedos se retorcerem ao despertar completamente.

Em seu covil, Kaparis estava jogando esqui em Zermatt, a tela toda dedicada à experiência de realidade virtual enquanto ele deslizava pela pista, o aparato de manutenção vital balançando sobre amortecedores hidráulicos que imitavam a sensação do movimento e atrito enquanto ele respirava uma infusão de folhas de pinheiro e neve em pó.

— *Senhor, temos uma violação 109 no Atlântico* — disse Li Jun.

Kaparis piscou e instantaneamente a cena de esqui desapareceu.

— *Stefan e o iate foram fatalmente comprometidos* — relatou Li Jun.

— *Ah, querida* — disse Kaparis, enquanto sua tela normal voltava à vida. — *Você tem algum indício do que aconteceu?*

— *Ainda não. Mas o código de resposta foi mal copiado e o chip de Stefan não registrou nada.*

— *Integridade do sistema?*

— *Seguro. Eles só serão capazes de rastrear a última perna da rota do sinal.*

A última perna da rota do sinal passava por várias empresas e fundos russos usados por Li Jun como fachada e formando apenas a parte visível de sua complexa instalação de segurança virtual.

— Não há como eles rastrearem o sinal até aqui?

— De jeito nenhum.

— Bom. Eu odiaria se nossas vidas dependessem disso.

— Claro, Mestre.

Kaparis olhou para as telas mostrando atividade de radar e tráfego na região de Hook Hall. Nada parecia estar se movendo com urgência, e eram quase quatro horas da manhã.

— Que pena. Eles não estão atentos à tarefa que têm em mãos — disse ele para Heywood.

Seus olhos focaram na imagem ao vivo da casa. Lá, Kane ainda trabalhava. Mas Kaparis estava confiante de que ele seria bem-sucedido. Na verdade, da operação até agora, ele obtivera uma imagem agradável do menino Drake parecendo bem rude... A luta nos olhos do menino era algo realmente especial.

Ele não deveria. Realmente não deveria. Mas...

— Seria interessante se, em algum momento, nós lhe déssemos um pequeno lembrete?

— ... Estas aparentemente falsas ditaduras são todas aliadas a uma organização chamada Investimentos Quadroock, com sede em Hong Kong.

Al andava de um lado para o outro. Ele não se sentia confortável no mundo dos subterfúgios corporativos e financeiros e sentia que, se continuasse a andar de um lado para o outro como um tigre numa jaula, poderia ao menos ter uma sensação de objetivo e empolgação.

Os soldados tentaram conectar o telefone ao laptop, mas a ligação foi cortada imediatamente — algum sinal digital de erro foi detectado; segundos mais tarde, técnicos disseram que um sinal forte o bastante foi trocado durante a curta conexão para ser rastreado até a conta de uma empresa fantasma na Rússia.

King procurou diretamente o FSB e o Comando Spetsnaz^[24] em Moscou. Agora eles estavam agitados novamente. Na tela, conselheiros estavam sendo substituídos no mundo todo por generais e presidentes acordados às pressas.

Todos os olhos estavam atualmente grudados em um par de auditores forenses, uma do MI6, no CCAC, Sonia, e outro na tela do FSB, em Moscou, Yuri. A pista do iate até a empresa de fachada russa despertara uma tempestade de inteligência corporativa, e era função deles, juntamente com alguns poderosos programas de computador, traçar um caminho claro a partir de todos os documentos que apareciam na tela. Ninguém conseguia entender uma palavra do que eles diziam.

— ... fundos falsos então fazem transações via Macau-Lisboa... — disse Sonia.

— ... para lavanderias de dinheiro Seção 14 Luxemburgski... — disse Yuri —, que por sua vez é dona de um terço de companhias de verdade...

— ... tudo volta para a Rússia e a rede Novoskodorv?

— Sim, Novoskodorv, mas em fundos de investimento.

— Ah, meu Deus! — disse Sonia.

— Algum problema? — perguntou King.

— Uma floresta muito escura... Podemos levar muitos, muitos dias para estudar tudo isso — disse Yuri.

— O que ele está dizendo? — perguntou o presidente norte-americano.

— Basicamente, um sistema de propriedade de várias empresas mortas que ainda não foram digitalmente registradas. Um caleidoscópio de papéis atestando a propriedade de vários grupos criminosos internacionais, porque, quando você rastrear tanta ação à fonte, eles já desapareceram — disse Sonia.

— Prazo?

— Cerca de um mês.

— Ótimo.

—Aha! Grupos criminosos e um investidor muito, muito tímido! — disse Yuri, repentinamente empolgado, pegando a cópia de um documento com três assinaturas, e depois encontrando as mesmas assinaturas em vários outros documentos.

— Ah! — gritou Sonia.

— Os três patetovskis — disse Yuri.

— Os três patetas — explicou Sonia. — Três identidades falsas associadas a um homem muito discreto, alguém sobre quem queremos saber muito mais, o reservado David Anthony Pytor Kaparis.

Sonia apertou “Enter” e a imagem formal do jovem e atlético Dr. D.A.P. Kaparis apareceu na tela. Um jovem alto, com ar de superioridade e traços quase perfeitos demais.

O Comandante King se sentiu mais próximo do seu inimigo.

Al parou de andar de um lado para o outro e ficou boquiaberto.

— Parem!

Ele não estava acreditando. Colocou seus óculos para olhar melhor, para tentar lembrar.

— Acho... Acho... — disse Al.

— Você o conhece? — perguntou King.

— Acho que meu cunhado pode ter algo a ver com isso.

— Seu cunhado?

Há milhares de quilômetros dali, Li Jun apertou "Enter" e lançou uma bola de efeito virtual pela grande planície eurásiana à velocidade da luz.

... um ataque tão complexo, feroz e avassalador que não apenas atingiu as defesas digitais de Hook Hall como provocou um pico de energia que apagou a imagem do jovem D.A.P. Kaparis e provocou faíscas em toda a sala de controle.

Houve gritos e um princípio de pânico.

Na Sibéria, uma imagem direta de dentro do CCAC apareceu na tela de Kaparis — a mesma visão que os líderes mundiais estavam tendo de Al, King e companhia. Não duraria muito tempo. O sistema de defesa de Hook Hall logo iria repelir um ataque tão direto. Mas aqueles poucos instantes bastavam.

Kaparis apareceu pela conexão.

— *Bom dia, Doutor Allenby. Bom dia, Comandante King.*



TRINTA E UM

O último voo de Oslo para Londres, muito atrasado por causa de uma emergência, permitiu que Violet Allenby pousasse no deserto aeroporto de Heathrow às 4h02.

Ela conseguira pegar um voo curto de Trondheim a Oslo, e depois, tricotando e conversando durante todo o caminho, um voo de conexão até Londres. Como resultado, dois australianos a visitariam em junho (um estudante de arquitetura e um enfermeiro, ambos encantadores) e ela prometera a um jovem “estudante de ciências” (tímido) de Des Moines, Iowa, um estágio no laboratório de Al. Ela também concluíra um suéter de três cores e dormira por duas horas.

No geral, ela estava relativamente alerta e descansada para voltar à sua casa e ficou impressionada ao encontrar o aeroporto em meio ao caos e prestes a fechar por causa do “Pânico de Evacuação”.

— Do que é que vocês estão falando? — perguntou ela a um frustrado funcionário da imigração.

— Temos de esvaziar tudo até o nascer do sol, por causa da nuvem de gás.

— Que nuvem de gás? — perguntou ela, a desconfiança aumentando.

Depois de explicar o que acontecera, o funcionário perguntou se ela tinha como chegar em casa, já que muitos sindicatos das empresas de transporte se recusaram a permitir que seus membros viajassem para perto da zona de restrição. Ao descobrirem que ela vivia *dentro* da zona de restrição, eles a aconselharam a fugir.

— Besteira — disse ela, digitando no telefone para cair na caixa postal de Al pela milésima vez.

— Apenas me diga quem é que está no comando.

DIA TRÊS, 4h05 (horário de verão). Hook Hall, Surrey

A sala de comando ficou em silêncio quando a voz estranha e sem corpo de Kaparis pairou no ambiente, pontuada pelos barulhos do seu pulmão de aço sugando ar para dentro de seu corpo ferido.

— *Parece que, como vocês mataram meu mensageiro, é melhor eu entrar em contato diretamente... Presumo que vocês dois ainda estão no cargo?*

— É ele... — disse Al. — É sempre com os mais quietos que você tem que se preocupar.

King pensou "*Deixe-o falar*" — quanto mais a linha estivesse aberta, maior a chance de haver uma pista.

— Bom dia... Doutor Kaparis? — disse King.

— *Que inteligente! Como você descobriu meu nome?* — disse Kaparis, feliz por eles terem se esforçado.

— Um esforço internacional. Você conseguiu unir o mundo todo — disse King, aproximando-se de Sonia para ver as notas na tela dela. — David Anthony Pytor Kaparis. Você nasceu em Paris, em 1965. Abandonou a universidade de Cambridge depois de um ataque nervoso em 1990. Esteve em Zurique, trabalhando com o mercado financeiro durante uma década, se especializando em novos e mais

complexos produtos financeiros. Por volta do ano 2000, você ficou paralisado — possivelmente como resultado de uma overdose de drogas. Depois você desapareceu sem deixar rastro e cerca de 10 bilhões de dólares desapareceram com você. Existe o rumor de que você contaminou o mercado norte-americano com bônus imobiliários podres, embolsando na alta e se tornando o primeiro trilionário do mundo.

— *Fiquei paralisado como resultado de uma negligência médica. Por favor, arrume seus registros* — disse Kaparis, com raiva.

— Claro. E, por favor, diga-nos, Doutor Kaparis, o que exatamente você quer?

Kaparis percebeu que sua pulsação aumentara, então fez uma pausa.

— *Espero, Comandante King, melhorar a condição humana, e para tanto eu preciso de algumas tecnologias. Tentei o assassinato, a fome, o caos financeiro, mas só tive resultados menores; e tudo demora muito.*

— E para isso você tem de nos ameaçar com o Armagedom?

— *Eu? Lembre-se de que vocês criaram a Scarlatti, esse monstro; estou apenas usando-a para o bem. Podia ser um entre as centenas de organismos ou agentes nervosos que vocês têm trancados em seus cofres. Suas chamadas Grandes Potências têm uma arma voltada para suas cabeças todos os dias.*

— Se você a deixar viver, ela vai matar bilhões. Você pode mesmo dizer que ela é segura sob o seu controle? Você está nos obrigando a uma reação nuclear. Se você não nos der a localização do ninho, a única maneira de garantir que as ninfas não irão eclodir é destruir a terra e deixar um terrível legado para a próxima geração.

— *Somente Surrey* — protestou Kaparis. — *Alguns jardins e algumas mansões em estilo Tudor.*

— Meio milhão de pessoas deslocadas e casas destruídas.

— *Até mais, se você estender a área para Bracknell.*

King permaneceu impassível.

— Você deve saber que jamais conseguirá sair impune disso.

— *Vocês entenderam errado. Não preciso de ninguém* — explicou Kaparis. — *Sou um ser superior a vocês, assim como vocês são seres superiores àqueles que os servem. Olhem ao redor. Vocês são melhores do que eles.*

— Chega! — disse Al, que estava queimando o cérebro tentando se lembrar dos detalhes, feliz de estar ali, assumindo o palco central e apontando o dedo para a câmera. — Eu me lembro de você! Você tinha uma teoria medíocre sobre uma raça superior e ficou louco! Estou certo? — disse Al, como se se lembrasse de alguém que chegou em terceiro lugar numa corrida com ovo.

Heywood percebeu que Kaparis se surpreendeu ao ouvir a palavra “medíocre”.

— Alguma raça superior tentando dominar as outras, não é?

— *Raça não tem nada a ver com isso!*

— Super-homens? Ou hiperpessoas ou coisa assim? E você confundiu os dados estatísticos e ficou provado que você estava errado pelo meu cunhado, Ethan Drake. Eu era apenas um menino, os detalhes são meio nebulosos — disse Al, falando para a sala de controle. — Mas você não o perseguiu durante um tempo e eles tiveram de ligar pra a polícia porque você apareceu de repente no dia de Natal? Eles não conseguiram uma ação na justiça contra você? Talvez você estivesse um pouco apaixonado por Maria também? Acho que era...

— *Eu lhe mostrarei o que é lutar para viver!* — atacou Kaparis.

Ele pegou a imagem imóvel de Finn de sua tela e a jogou no ciberespaço de modo que a imagem brevemente aparecesse em todas as telas do CCAC — o rosto de Finn pendurado no cabo dentro

da parede. Manchado pela luz branca. Desafiador. E parecendo chutar a câmera.

Todos ficaram boquiabertos.

O coração de Al parou e ficou alerta ao mesmo tempo — Finn. Vivo. Lutando?

— *E, apesar de adorar ficar e conversar...* — disse Kaparis, tentando manter a voz firme e travando uma batalha perdida com seu pulmão —, *... só apareci pra lhe fazer um pequeno lembrete.*

A imagem de Kaparis nas telas do CCAC começou a falhar depois que o sistema de defesa contra ataques cibernéticos de Hook Hall começou a reiniciar e a lutar contra o invasor. Nos teclados, Li Jun lutou para manter a conexão.

— *Temos o menino, como vocês podem ver. Temos as Scarlattis também. Se vocês querem a localização deles, eu quero a Rosquinha naquele navio e a caminho até o nascer do sol, além dos códigos do Doutor Allenby. Depois que eu tiver isso, vocês terão a localização do ninho das Scarlattis e o infeliz Infinity Drake. As primeiras ninfas da Scarlati estão atingindo a maturidade agora, e, com a ajuda do sol da manhã, elas logo estarão prontas para sua última troca de pele. Depois elas voarão e causarão uma catástrofe no mundo. O tempo é curto, então não o desperdice mais tentando me encontrar — vocês nunca me encontrarão. E, Allenby? Se você quer ver seu sobrinho novamente, quero aqueles códigos sequenciais... Seria uma pena desembalar um brinquedo desses e não ter as instruções corretas.*

Li Jun indicou que estava prestes a perder contato.

— *Durma bem, Doutor Allenby.*

A sala de controle ficou escura por algum tempo depois que a conexão com Kaparis foi cortada e o ataque cibernético, repellido. Houve gritos. Lentamente, as telas voltaram à vida.

Al se jogou numa poltrona e ficou olhando para o nada. A imagem de Finn permanecia na tela.

— Pode ser falsa? — perguntou King a um técnico. — Eles devem ter horas de imagens do circuito interno daqui.

Mas Al percebeu o conflito nos olhos de Finn. Ele vira a mesma coisa antes, nos dias seguintes à morte da mãe dele.

— Não. É real.

— Qual a sua estratégia agora, Allenby? — perguntou o General Jackman, dos Estados Unidos.

Al não tirou os olhos de Finn.

— Não podemos dar nada ao homem. Ele é louco. Ele é poderoso e irracional e bem doido.

— Não temos escolha. Dê-lhe o equipamento, depois vamos atrás dele — disse o General Mount, ao lado deles na sala de controle.

— Como ele vai conseguir pegar isso do navio cargueiro? Entregue e nós o seguiremos — bum! — o atacamos com força — concordou o General Jackman.

King percebia que Al não estava ouvindo e se manifestou com suas próprias análises.

— Nada do que Kaparis disse diminui a credibilidade de sua ameaça. Ele está convencido, é capaz e é louco por controle. Ele estará três passos à frente de tudo o que antecipamos. Mas, em algum momento, para seguir adiante ele vai ter de correr riscos. Até então... nós fingimos concordar e conseguimos o máximo de tempo possível.

— Ele domina o tempo agora — disse o presidente norte-americano.

— O que ele vai conseguir com a tecnologia? Algumas pessoas minúsculas? — perguntou o conseiller scientifique francês.

Al se manifestou novamente:

— Para o quer que ele queira a tecnologia, será muito, muito pior do que qualquer coisa que possamos imaginar. Estou dizendo que ele é louco... Você abre a caixa de Pandora — *vocês me obrigaram a abrir a maldita caixa* — e é isso o que acontece.

Al se levantou. Ação. *Simplesmente siga em frente.*

— Eles estão vivos. Vamos encontrá-los antes que seja tarde. É tudo o que importa.

— Como, Herr Doktor? — perguntou a chanceler alemã. — A única forma é se ele os entregar. *Nein?* E, pra entregá-los, ele precisa da Rosquinha Boldklub e dos códigos.

O inglês dela podia não ser muito bom, mas nada faltava à sua lógica.

— A não ser que vocês tenham outra Scarlatti escondida em algum lugar pra sentir o cheiro das outras que estão espalhadas pelo lugar — disse o Conseiller Scientifique francês, sarcasticamente.

— Não temos mais Scarlattis — respondeu King, que acrescentou, de mau humor —, ainda.

Uma fagulha se acendeu na mente de Al. Uma fagulha pequena, mas ainda assim uma luz. Ele entrou em transe ao tentar pensar nas possibilidades... o cheiro...

— Não, não outra Scarlatti — começou Al. — Mas vibração quântica — a base do olfato — então tudo o que precisamos seria... a não ser...

King olhou para ele, curioso. E Al percebeu que, se continuasse pensando em voz alta, as pessoas começariam a achar que ele havia enlouquecido. *Tenho que sair daqui*, pensou.

Enquanto isso o presidente dos Estados Unidos se inclinou para a frente.

— Quero deixar uma coisa bem clara. Você pode fazer o que quiser. Mas, e se estourarmos o prazo e você não agir? Não

podemos ficar esperando e vendo o mundo ser destruído. Infelizmente temos de jogar uma bomba atômica.

— *Oui* — concordou o presidente francês. — A situação é impossível.

Todas as sábias mentes concordaram com a cabeça ao redor do mundo.

— Allenby, precisamos daqueles códigos — disse o primeiro-ministro.

— Acho que vou ficar com eles por algum tempo, se vocês não se importarem — disse Al, agora à procura de uma saída.

— Comandante King? — disse o primeiro-ministro, exigindo alguma espécie de tranquilização pública.

King se sentiu preso num jogo de xadrez contra três poderosos oponentes: um louco, um gênio truculento e uma bomba-relógio. Quem sabe o que ele teria feito caso uma mensagem não fosse transmitida em seu ouvido? Uma mensagem urgente da segurança no portão principal.

Ele tomou uma decisão rápida. A melhor ideia que teve a noite toda.

— Prendam o Doutor Allenby.



TRINTA E DOIS

Kane piscou com seu único olho bom, como um ciclope.

Ele examinou as lentes do cabo-câmera de fibra óptica e passou o dedo na ponta para remover a sujeira como fazia a cada corrida, colocando o cabo novamente sob as tábuas sujas, estudando as lacunas no forro com a serpente que tudo vê. Nada. Ele pegou a câmera térmica novamente e, pela milésima vez, estudou o piso.

Foi uma noite longa, e ao redor dele todo o andar superior da casa estava um caos. Ele erguera mais de quarenta tábuas, rasgando carpetes e derrubando móveis e qualquer outro obstáculo que houvesse em seu caminho.

Ele sabia que eles estavam escondidos sob a rede de canos de aquecimento, disfarçados pelo calor latente, mas duas horas — talvez mais? — tinham se passado e o brilho dos canos praticamente desaparecera. Em duas vezes quase os tinha pegado, mas eles sempre conseguiam entrar em lacunas paralelas no forro por meio de velhos buracos de canos e cabos, e ele não conseguiu mudar os móveis e outras coisas rápido o bastante para erguer a próxima tábua e pegá-los.

Então ele mudou de tática e se tornou mais metódico. Começou a erguer tábuas alternadas — verificando os espaços entre elas com

duas câmeras —, movendo-se sistematicamente pelo piso rumo à parede. E ele estava se aproximando agora. Captara um brilho de sinal de calor duas vezes já e sabia que os estava encurralando.

Sob as tábuas do piso, Delta esperava com a bomba.

Ela e Finn trabalharam durante o que pareceu uma eternidade e agora estavam escondidos sob a fuligem e uma sujeira antiga da cabeça aos pés, suas lanternas de cabeça completando a aparência de mineradores. Eles correram para se proteger de um cano a outro para permanecer um passo à frente naquele jogo bizarro de batalha naval com Kane, se abaixando e se escondendo por alguns minutos, às vezes com a esperança de que ele parasse ou desistisse, antes que outra tábua fosse erguida e o pesadelo da caça recomeçasse.

À medida que os minutos e depois horas passavam — era difícil medir o tempo exaustos como estavam, naquele lugar escuro e sujo —, eles perceberam que os canos de aquecimento logo não ofereceriam mais proteção.

Delta sabia que eles estavam sendo empurrados para a parede. O fim do jogo estava próximo. Não havia esperança para aquela situação.

Finn sabia também.

— Ele está tentando nos encurralar contra a parede. Temos de despistá-lo, senão não teremos para onde ir — disse Delta.

— Como?

— Temos que ferir o outro olho.

Então ela pegou o que restava do explosivo plástico C-4 e o moldou do tamanho de uma toranja.

— Pegue terra, sujeira, qualquer coisa e molde.

Eles procuraram em meio à fuligem por pedrinhas, pedacinhos de cobre, qualquer coisa que pudesse agir como fragmento, e montaram uma massa explosiva.

A explosão seria pequena no macronível, tão potente quanto fogos de artifício, mas ainda capaz de causar um dano sério. A primeira ideia de Delta foi tentar criar uma espécie de canhão para disparar um projétil no olho que ainda restava, mas as chances de conseguir mirar com precisão eram bem remotas. Então ela recorreu a algo muito mais simples. Fazer uma bomba de sujeira e fazê-la chegar perto do rosto dele e, quando — ainda que temporariamente — ele estivesse cego, fugir.

Mas como chegar perto do rosto? Ele estava de pé na maior parte do tempo e tinha cento e cinquenta vezes o tamanho deles.

Ela tinha um plano e apenas um plano.

Ela mandou que Finn corresse.

Reto entre as tábuas nos espaços abertos e sem qualquer proteção térmica.



Kane mal podia acreditar. Havia um sinal de calor bem claro.

Ele alinhou seu cabo e o lançou sob as tábuas atrás do fugitivo. Era o menino. Claro como o dia. Quando a câmera o surpreendeu, ele pulou para a tábua da direita e mergulhou num buraco antigo.

Rápido como um relâmpago, Kane saltou onde Finn estivera, bateu com o martelo e a machadinha na tábua e...

CRRRRRRRRRAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAACK!

... puxou com força.

Mas, onde ele esperava encontrar um nanomenino correndo... nada. Para onde ele tinha ido? Rumo à parede? Debaixo dele? Ele girou e puxou a fibra óptica para procurar novamente, sem se dar ao trabalho de consultar a tela do seu telefone ao fazer isso.

Enquanto o cabo passava por ela, Delta saiu do seu esconderijo e grudou a bomba que eles fizeram na extremidade da lente, depois de ver como Kane a aproximava do rosto para limpá-la a cada investida. *SPLAT.*

Na Sibéria, assistindo ao vivo em sua tela com um atraso de 0,44 segundo, Kaparis viu a imagem da fibra óptica desaparecer quando a bomba estilhaçou as lentes.

— FIM DAS LENTES! — gritou ele.

Sua mensagem demorou 0,44 segundo para cruzar a Europa.

... e demorou 0,88 segundo para que Kane puxasse o cabo da fibra óptica, olhasse com seu olho bom, prestes a passar o dedo pelas lentes e depois ouvir o alerta de Kaparis... no mesmo instante em que Delta, sob as tábuas, acionou o detonador.

BANG!

A cabeça de Kane foi jogada para trás e ele caiu de costas no chão — em choque e também num movimento de reflexo pela explosão.

Seus ouvidos zuniam. Sua pele queimava. Suas mãos tremiam... mas ele havia fechado os olhos e desviado o rosto nos 0,06 segundo que ele tinha disponíveis. Na hora certa. Kane xingou e voltou imediatamente para o forro.

Percebendo que havia arruinado sua última chance, Delta mergulhou no buraco na tábua onde Finn estava escondido e gritou:

— VAMOS!

DIA TRÊS, 4h43 (horário de verão). Hook Hall, Surrey

— Por que seu superior... traidor... mentiroso...

Al chutava e gritava e lutava como um tigre ao ser arrastado.

— Peguem os códigos. Desmontem o Grande Acelerador — ordenou King.

Os guardas do Serviço de Segurança eram bem maiores do que Al, pegando-o como uma boneca de pano e facilmente tirando o cartão de memória azul contendo os códigos sequenciais do bolso da sua jaqueta.

— Tive uma ideia! Tive outra ideia, seus tolos! — gritou ele. Mas ninguém ouviu.

A luta física foi finalmente um grande alívio. A briga. Bater e ser batido. Era (são os homens idiotas?) divertido, apesar de tudo. Ele sentia que podia lutar e lutar. Podia lutar sem parar. Ele o encontraria. Ele encontraria Finn.

CLUNK. A porta da cela se fechou no bloco de segurança do Hook Hall.

Al se sentou no seu beliche. Ele pensou em Finn. Ele se apegou à esfarelita em seu pescoço e a esfregou.

Seria este o fim do mundo?

King apareceu.

— Você! — atacou Al.

King abriu um banquinho plástico diante de Al e o estudou por entre as barras.

— Eu podia me acostumar com isso — disse King.

— Deixe disso — disse Al.

— Alguém sempre tem que cuidar de você, não é? Não pode ou não quer ficar num emprego, não pode ou não quer se comprometer com ninguém ou nada, sempre de ressaca e com o desejo de experimentar alguma coisa nova. Incansável e irresponsável.

— Ei! Alguns de nós precisamos obter mais da vida do que um carro com motorista e uma pensão de funcionário público!

— Para seu conhecimento, eu pago meu carro e meu motorista com meus rendimentos. Os dois estão na família há anos.

— Este país precisa de uma revolução.

— Tive de mostrar que eu tinha credibilidade e que ainda era capaz de controlar a missão. E tive de protegê-lo da sua mãe.

— Minha mãe?

— Ela está no portão principal.

Al engoliu em seco a emoção.

— É melhor você me tirar daqui. Tenho uma ideia. Vou encontrar Finn.

— Como? — disse King.

— Sou tão burro que nem sei o que dizer. Só sei que preciso tentar, se não vou ficar louco e meu coração se partirá e o mundo pode até acabar. Não posso perder outro...

King ficou se perguntando o que ele queria dizer, mas não o pressionou.

— Você tem de se satisfazer sabendo que fez tudo o que pôde para cuidar dele — afirmou King.

— Isso mesmo.

— Você vai precisar de alguma coisa?

— Seis horas.

— Eu lhe dou três.

Al mal podia acreditar.

— Mas você tem de me dar os códigos sequenciadores.

— Seus guardas já os pegaram.

— Imagino que exista ao menos uma última peça faltante neste quebra-cabeça em particular.

Al sorriu. Você tem de entregar a King, você não pode simplesmente brincar com um palhaço.

— Não acho que o Grande Acelerador importe; ele quer mesmo os códigos — disse King.

— Verdade. Você consegue comprar a maioria das partes no eBay; leva mais ou menos um ano, mas você pode montar alguma coisa — concordou Al.

— Você sabe disso, e eu também sei — disse King. — Mas o problema é que eu acho que ele também sabe. Foi por isso que ele optou por enviar a imagem do menino como margem de manobra sobre você. Acho que isso já percebemos.

Al esfregou a esfarelita novamente para fazê-la brilhar. Ele a estudou por um instante.

— Sabe o que aprendi? — disse Al. — Assim que você cria algo especial, ele se corrompe. Assim que alguém percebe, tudo está fora do controle e você está acabado. Se entregarmos estes códigos para o louco? Um condado incinerado vai parecer um passeio no parque. Por que nós nos permitimos pensar estas coisas? Armas nucleares, armas biológicas, códigos — por que não podemos simplesmente manter o gênio na garrafa? Por quê?

— Não tenho resposta. Não sou Deus.

— Mas você é o Rei.

— E tenho que tentar me manter sob controle. Você pode se lançar em qualquer aventura que queira. Mas eu tenho que ter estes códigos.

Al tinha de admitir que adorava a forma como King pensava.

Três minutos mais tarde, King estava soltando Al pelo portão dos fundos. O De Tomaso Mangusta fora trazido do estacionamento. Líderes mundiais, a equipe sênior e a vovó — que agora abria caminho aos gritos até o escritório do chefe da Segurança — não sabiam de nada.

Al entrou no carro, sentiu o assento o envolver e o cheiro do couro. Virou a chave e ligou o motor. Ele fechou os olhos por um instante. Casa.

King pegou um pedaço de papel e caneta.

— Códigos.

Al explicou:

— Guardo a equação principal como uma frase para me lembrar, na forma de uma poesia. Venha aqui.

King foi obrigado a abaixar a cabeça para Al, que suspirou:

“Mas às minhas costas eu sempre ouço

A carruagem alada do tempo se aproximando,

E para além de todos nós estão

Desertos de vasta eternidade...

Onde B é aceleração e E abre e fecha parênteses,

E onde todas as outras vogais são desprezadas.”

King franziu a testa para ele.

— É Andrew Marvell. Exceto a última parte.

— Sei quem é.

— Confie em mim, está aí. Encontre alguns criptógrafos com inclinação romântica e você descobrirá. Prometo.

Al acelerou e deu a mão a King. King o cumprimentou. Al afundou o pé.

O monstro rugiu.



Quarta Parte



TRINTA E TRÊS

DIA TRÊS, 5h21 (horário de verão). Lanyard House.
Coppice Lane, Berkshire

CRRRRRRRRRAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAACK!

A luz estava aparecendo em todos os lugares agora. Eles ainda estavam sendo empurrados para a parede, mas Kane estava tirando todas as tábuas no processo.

Delta não conseguia entender por quê, até que notou que não só ele tinha abandonado seu cabo de fibra óptica destruído como também tinha parado de usar sua câmera térmica. A explosão pode não ter arruinado o olho bom de Kane, mas parecia que ele tinha caído para trás e destruído a câmera no processo, e que agora tinha de usar a força bruta e a lógica apenas.

CRRRRRRRRRAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAACK!

— Corra! — disse Delta.

— Correndo! — respondeu Finn.

DIA TRÊS, 5h24 (horário de verão). Sibéria

Sem as imagens do cabo de fibra óptica, Kaparis teve de se contentar com uma imagem nebulosa da câmara integrada ao telefone de Kane e com os efeitos sonoros do piso de madeira. O restante ele compensou com imagens de vingança de sua imaginação sanguinolenta.

Heywood havia preparado uma garrafa de Krug 1995 e colocara para tocar o Concerto para Trompete de Haydn em Mi Bemol para tentar acalmá-lo depois do infeliz diálogo com o Dr. Allenby. Mas, com ressentimento e raiva e memórias ruins ainda tomando conta de seu corpo, Kaparis só conseguia sentir uma coisa.

Matar matar matar...

CRRRRRRRRRAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAACK!

Outra tábua se quebrou sobre eles. Eles estavam correndo para a parede agora. Não havia como avançar. Era o fim. Ou pelo menos era o que eles pensavam. Mas, quando chegaram à parede, notaram — bem embaixo de onde uma das tábuas fora cortada para se encaixar na parede — uma sombra no tijolo. Um buraco?

CRRRRRRRRRRRAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAACK!

Eles não tinham escolha. A última tábua foi levantada. Por um segundo, o demônio ficou sobre eles. Kane em toda a sua glória míope.

Delta empurrou Finn pelo buraco e mergulhou atrás dele.

Um calcanhar do tamanho de uma casa foi lançado contra a parede — STAMP!

O colapso da velha alvenaria pegou a perna de apoio de Delta enquanto ela se esforçava e avançava.

— Arrgh!

Finn puxou Delta para a escuridão atrás dele. Ela estava com dor. Eles estavam presos numa espécie de túnel de pesadelos, não mais do que uma rachadura na alvenaria. O caminho de volta fora

bloqueado pelo chute de Kane. Eles não tinham opção se não se apertar e avançar pelo espaço minúsculo, se arrastando pelo cimento antigo que havia muito tempo tinha se transformado em pó. Começaram a engasgar.

Então de repente Finn sentiu o túnel ceder. Delta teve de segurar os ombros dele para impedir que ele caísse para a frente.

À medida que a poeira baixava e a tosse parava, eles se perceberam na beirada de uma queda íngreme, enquanto o redor todo era de tijolos pretos. Lentamente, as lanternas de cabeça desvendaram mais detalhes e eles reconheceram que estavam numa velha chaminé. A lareira abaixo fora fechada de alguma forma, e agora uma série de canos de cobre subia do buraco, como se fossem um órgão.

Era um lugar feio, mas para chegar até eles Kane teria de demolir a casa.

— Estes canos devem ir até um cilindro no sótão. Se subirmos até lá, podemos alcançar as calhas no telhado e descer — disse Delta.

Dois cabos de força pendiam paralelamente aos canos, convidativos. Delta olhou para seu tornozelo. Ele não estava quebrado, mas fora torcido e doía muito.

— Você nunca vai conseguir. Vamos descer os canos, não subir, e ver aonde eles levam — disse Finn.

Eles ouviram um barulho lá embaixo. No buraco, viram um trecho iluminado. Algo entrou, depois o buraco foi fechado de novo e a luz, bloqueada.

— O que ele está fazendo? — perguntou Finn.

Hisssssssssssss...

Delta olhou para ele.

— Gás.

Hisssssssss...

Kane segurou a mangueira e esperou. Ele soltou a mangueira de gás detrás do fogão e o enfiou no buraco que abrira na parede que cobria a velha lareira, selando-o com uma toalha úmida.

Hisssssssssssssss...

Finn segurou um cabo.

— Temos de subir!

— Espere! — disse Delta. Ela amarrou uma corda de segurança entre eles, de modo que estivessem conectados por seis nanômetros de corda de titânio.

— Agora — disse ela.

Hisssssssssssssss...

Eles se agarraram aos cabos e começaram a subir. Finn mais rápido, mas Delta teve dificuldade para manter o ritmo, com dor no seu tornozelo.

— Suba! — Finn se agarrou com mais força, tentando puxá-la atrás de si.

Ela sentiu isso e se esforçou ainda mais, subindo mesmo com dor.

Hisssssssssssssss...

Finn tentou puxá-la. Mas Delta de repente percebeu uma coisa e parou. Ela cheirou o ar. Nada.

Finn sentiu a corda parar.

— Vamos!

— Pare! Dê-me um dos sinalizadores.

— O quê? Suba!

— Estamos no interior. É gás envasado. Temos isso na cabana.

— O quê?

— Na nossa cabana na floresta temos de comprar gás em botijões. Ele é mais pesado do que o ar, então não sobe tão rápido,

o que o torna perigoso, porque se acumula quando vaza. Deve ser o que eles usam aqui, se não já teríamos sentido o cheiro. Ele não estava subindo. Ele vai ter de preencher todo o buraco para nos alcançar. Quanto tempo vai demorar?

— Você quer ficar e descobrir?

— Solte a corda e se afaste. Vou incendiar tudo.

Finn pensou nas consequências.

— E se você for surpreendida pelas chamas?

— Deixe que eu me preocupo com isso. Você se afasta.

Finn pegou o sinalizador branco. Olhou para Delta. A dor estava marcada no rosto dela. Memórias inundaram sua mente. Quando ele subisse dois macrometros no buraco, o gás com certeza a alcançaria. Morte.

— Dê-me e saia, Noob — disse ela, esticando a mão. — É apenas um jogo.

Eles ainda estavam presos pela corda.

— Não do tipo que os bons meninos jogam.

Ele mirou no buraco.

— FINN! NÃO! — gritou Delta.

Finn acionou o sinalizador.

A chama se acendeu e o buraco se iluminou quando o sinalizador atingiu a coluna de gás abaixo.

WHOOOOOOOOOF!

Foi mal, pensou Finn quando...

Uma bola de fogo correu na direção deles, vencida por uma onda de choque.

Atingindo-os como um trovão e os jogando para cima no buraco como balas de uma arma apontada para o alto.

Com pó e sujeira e fuligem antiga.

Até que eles comessem a perder velocidade e a energia que os empurrava diminuísse e a gravidade comesse a puxá-los para baixo e eles sentiram um frio na barriga como se estivessem no alto de uma montanha-russa e comessem a cair novamente.

Para baixo.

Sem enxergar nada.

Finn tentou esticar a mão na escuridão cheia de fuligem, mas não agarrou nada, e então — com um golpe terrível — a corda se apertou como a mordida de um crocodilo em sua barriga e o deteve.



TRINTA E QUATRO

DIA TRÊS, 5h58 (horário de verão). Langmere, Bucks

Christabel Coles, vigária da Igreja de S. Tiago e S. João, Langmere, odiava fazer malas.

Não se tratava apenas de pegar as malas do sótão ou ter de encontrar a quantidade exata de calças. Não, Christabel — uma inglesa inteligente no auge da vida — sofria por Vestir a Coisa Errada. Por isso é que ela escolheu um trabalho com um uniforme.

Vestir a Coisa Errada nasceu da vergonha física e da confusão social. Ela sempre acabava usando um vestido de noite numa partida de futebol ou um macacão numa festa no jardim.

O que aconteceria se a Rainha quisesse conhecer alguns refugiados?, era sua preocupação atual.

Eles talvez a pegassem: ela era uma vigária, além de agir como ajudante de transporte para três paroquianos idosos (um miniônibus chegaria a qualquer momento para pegar os idosos, e era por isso que ela havia acordado tão cedo). Tudo o que ela tinha que combinava era uma saia com estampa floral que, de acordo com sua

irmã, fazia “seu traseiro se parecer com um sofá”. Ela acabara de experimentar. Era verdade.

Compraria algo novo, mas só tinha 17 libras na conta e estava sempre pobre. Ela teria de ser ordenada bispa para que pudesse receber dinheiro para roupas — o que, claro, apenas significava mais abençoados eventos para ver a Rainha.

— Pare! — disse ela a si mesma em voz alta.

Sentou na beirada da cama e respirou fundo várias vezes. Por que tudo na sua vida era muito mais difícil do que sua relação com Deus?

AU!, ela ouviu lá fora.

E havia o abençoado cachorro, claro. O que ela diria para sua irmã? Ela prometera levar apenas uma mala. Talvez pudesse dizer que era um cachorro perdido?

AU AU AU AU!

O barulho majestoso de um carro esportivo italiano se juntou aos latidos, antes que os pneus cantassem.

Christabel percebeu quem era e saiu correndo.

— Entre no carro! — gritou Al.

Meu Deus, que dominador!, pensou Christabel.

Mas Yo-yo chegou lá primeiro, saltando um metro no ar para pousar no assento traseiro com outro alegre *AU!*, dando voltas e procurando por Finn, o rabo batendo no painel.

Ah, glória! Ele quis dizer o cachorro...

— Christabel...

Ele parecia impressionado com a saia e a aparência repentina dela; ela teve de distraí-lo.

— O que você fez com Finn?

— Ah... ele... — disse Al, deixando o restante para um movimento circular com o braço e a imaginação dela.

— Está tendo uma boa... evacuação?

— Ah... Cansativa — disse Al.

— Mas que bom que você está pegando o cachorro. Bem na hora, eu estava prestes a ir para a casa da minha irmã. Deixe-me pegar a comida e o cesto dele para você — disse Christabel, voltando para dentro da casa de modo a não mostrar seu traseiro florido.

— Não! Não posso ficar com ele! — disse Al. — Só preciso dele pra tentar uma coisa. Vou trazê-lo de volta depois.

— Mas temos de evacuar, se não seremos envenenados pelo gás, você não ouviu?

— Confie em mim, isto é bem pior do que o gás, mas, por favor não saia até eu voltar — Al implorou.

O homem havia enlouquecido?

— Sinto muito, mas não posso, tenho que...

— Por favor, Christabel... Eu lhe comprarei roupas novas...

DIA TRÊS, 6h (horário de verão). Oceania Express, Felixstowe, Suffolk

Enquanto o sol subia no céu no leste, recém-chegado da Sibéria e da grande estepe oriental, dois contêineres de transporte carregando as quatro partes da Rosquinha de Al avançavam — pendurados em dois helicópteros de transporte Chinook^[25] — por Suffolk até o porto de Felixstowe.

O navio cargueiro *Oceania Express* foi totalmente abastecido e preparado para o embarque.

As docas estavam quase vazias, mas, no CCAC e ao redor do mundo, olhos observavam atentamente. Todos os aparelhos

possíveis de marcação, rastreamento e inteligência seriam colocados no navio e na sua preciosa carga. Submarinos cheios de soldados das Forças Especiais rumavam sob o Mar do Norte para rastreá-lo sob a superfície, e no alto unidades semelhantes circulavam em aviões prontos para atacar.

Os Chinooks cuidadosamente depositaram os dois contêineres com a Rosquinha no deque do *Oceania Express* e se retiraram.

Assim que o fizeram, o capitão dinamarquês do *Express* disse que o sistema de computadores do navio havia caído. Um anúncio pré-gravado ordenou que toda a tripulação desembarcasse, se não seria morta. Um pulso eletromagnético destruiu a maior parte dos aparelhos de vigilância e rastreamento, enquanto um sinal de espectro amplo acabou com o que restava.

Em dez minutos, totalmente sem tripulação, o *Oceania Express* rumava para o leste, no mar aberto.

DIA TRÊS, 6h02 (horário de verão). Hook Hall, Surrey

— Bem, onde está ele?

— Sinto que não posso dizer.

— Não seja ridículo. Você sabe ou não sabe — disse Violet Allenby.

O Comandante King, paralisado pela lógica dela, não sabia direito como responder.

A vovó chegara ao Hook Hall pedindo que o taxista (Alan, trinta e nove, recentemente divorciado, mas sofrendo) encontrasse o centro de operações por meio de rumores que circulavam numa coisa chamada Twitter. Depois ela usara o nome de Al e do príncipe do Japão para intimidar, amedrontar e convencer, abrindo caminho pelos vários níveis da segurança, até que, finalmente, conseguiu obter três minutos numa antessala com um cavalheiro usando um lindo casaco, o chamado “comandante”: um homem escorregadio,

que fez tudo o que podia para evitar uma resposta direta. Ela não estava chegando a lugar algum. Ela precisava de informações específicas. Precisava de fatos. Era hora de tirar as luvas de pelica.

Ela estreitou seus olhos azuis como o aço, fez um biquinho e lhe lançou seu melhor olhar detector de mentiras.

King sentiu que ela estava tirando sua pele para ver as profundezas de sua alma. Ele havia negociado com os piores assassinos, terroristas e maníacos genocidas de sua época. Isso era pior.

— Você. Sabe. Onde. Ele. Está?

— Não... neste prédio.

— E meu neto? — perguntou ela.

— Novamente, sinto que...

— Eles pelo menos estão juntos?

— Não sei.

— Mentira!

King parou de olhar nos olhos dela e estendeu as mãos.

— Só o que posso dizer é que seu filho está envolvido num trabalho vital de importância mundial e...

— Meu filho está Metido em Alguma, e eu pretendo descobrir tudo!

— acredite em mim, Senhora Allenby, conheço seu filho muito bem e admiro sua frustração — tentou ele.

— Você não tem ideia!

Ela se levantou repentinamente. King se levantou também (com modos impecáveis).

Houve um breve impasse (que mulher).

Então ela tentou ir. Ele não a impediu.

— Senhora Allenby! Tem uma coisa que eu gostaria de lhe perguntar — disse King. — Antes de o Al sair, ele disse que não iria “perder outro”. A senhora tem alguma ideia do que ele quis dizer com isso?

O coração da vovó quase parou de bater, e a mente dela voltou aos dias muito mais sombrios e a uma ligação repentina para Cambridge porque sua filha havia desmaiado. De luto.

— Eu acho... eu acho que Al está se referindo ao meu genro. Al estava trabalhando com um dos assistentes de Ethan quando Ethan sofreu um acidente e desapareceu. Al era muito jovem e culpa a si mesmo.

— Sinto muito — disse King.

— E isso, senhor, é uma *resposta direta*. Bom dia.

Enquanto ela saía, King não conseguiu deixar de gritar:

— Estamos rastreando o carro dele! Ele está rodando em círculos entre aqui e Wellington. Parando e recomeçando. Deve voltar no meio da manhã.

Ela se virou na porta e lhe deu a aprovação daqueles mesmos olhos azuis e frios que agora continham todo o amor do mundo.

— Você não se sente melhor? — disse a vovó.

Sim, era o que King queria dizer. Sim, ele se sentia melhor. Depois os olhos se estreitaram novamente e o feriram.

— Esteja avisado. Se alguma coisa aconteceu ao meu neto, eu *vou* voltar.

Ela saiu andando. Ele a deixou.

Que inferno!

Chegando em Langmere pouco depois, a vovó encontrou o vilarejo totalmente deserto e achou aquilo um tanto quanto patético.

O único lugar de paz total, onde Christabel estava colocando paroquianos num miniônibus, e ela finalmente foi capaz de contar à vovó toda a história de Al recuperando Yo-yo.

Chegando em casa, a vovó jogou a mala no corredor e colocou suas pantufas e casaco. Nos bolsos, colocou um salgadinho de cachorro que ela mesma havia inventado e ao redor do pescoço pendurou um apito de cachorro e uma sacola de celofane contendo um mapa de Surrey/Berkshire.

Depois saiu para a garagem e subiu em sua moto de 50 cilindradas (uma velha Honda considerada inútil por sua filha em 1990). Apertou a ignição, acelerou e se foi.

A trinta quilômetros por hora.

Para onde exatamente ela estava indo, ela não sabia. Só tinha uma vaga área de busca a oeste de Wellington, e podia facilmente ter esperado em Hook Hall, mas a ideia de não fazer nada sem ter ouvido nada de Al ou Finn em mais de dezoito horas era simplesmente insuportável.

Ela colocou o apito na boca e soprou.

WHEEEEEEEEEEEEEEEEEEE.



TRINTA E CINCO

Finn tossiu, se engasgou e cuspiu. As convulsões não diminuíram a dor no local onde a corda de titânio tentara cortá-lo em dois.

Ele podia ouvir Delta tossindo ali perto e, em meio à fumaça preta, conseguia enxergar o brilho de sua lanterna. À medida que a fuligem começou a assentar, ele viu sobre si a corda da qual eles pendiam — presa num prego na lateral de uma gigantesca plataforma de madeira. Os canos subiam pelo buraco da chaminé, onde estavam conectados com o que parecia ser uma refinaria de petróleo para o tamanho deles, mas que na verdade era apenas um cilindro aquecedor de água.

Finn percebeu que eles tinham sido jogados para o alto do buraco aberto e que estavam no telhado.

Ainda incapaz de falar, ele se segurou nos apoios mais próximos e começou a subir os últimos nanômetros até o prego. Delta, tossindo, subia no buraco atrás dele.

Chegaram à plataforma e se soltaram da corda. Eles estavam no sótão, fora do buraco.

— Se sua cabana na floresta for divertida assim, com certeza vou para os Estados Unidos — disse Finn.

Delta o segurou.

— A decisão ali embaixo era *minha* — disse ela, virando-se para ele. — Você precisa aprender a ser um menino! Você podia ter morrido!

— Você também — disse Finn. — Já vi alguém morrer. Não vou ver isso novamente.

— Posso lhe dizer uma coisa que as crianças nunca percebem sobre os adultos? *Eles se preocupam com vocês dez mil vezes mais do que se preocupam consigo mesmos.*

— Você está sentindo de fumaça? — disse Finn.

Eles olharam para baixo.

A fumaça subia pelo buraco da chaminé.

A explosão rasgara o capuz de Kane e o jogara para trás, cobrindo-o de chamas. Ele se desviou e rolou para o lado. Quando deu por si, parte da cozinha já estava pegando fogo.

Ele piscou os olhos queimados e sem cílios que exibiam raiva e todos os tipos de ferimento, e ele queria apenas uma coisa.

Os móveis acumulados contra a velha lareira já estavam começando a queimar agora.

As chamas refletiam o olho bom de Kane. Se a explosão não havia destruído os nanoguerreiros, o fogo com certeza os destruiria. A madeira já estava começando a queimar. Ele chutou a madeira, atijando o fogo. Quanto maior o fogo, mais rápida a morte.

O Mestre não ficaria feliz. Não foi limpo, mas pelo menos foi feito.

— As calhas! — disse Delta.

Na escuridão do sótão, uma fina faixa de luz do amanhecer emergiu no ponto onde as calhas se encontravam com as paredes — a lacuna que permitia que o telhado e todo o prédio respirassem.

Atrás deles, no buraco da chaminé, a fumaça começava a vazar.

— Temos que descer ou encontrar uma maneira de nos abaixar — disse Finn, tentando não engasgar com a fumaça.

Eles saíram da plataforma e abriram caminho em meio ao lixo acumulado no sótão, Finn tentando não pensar em como eles seriam vulneráveis quando saíssem da casa novamente — sem armas, munição, comida ou água.

Delta se retorceu de dor no tornozelo e se abaixou para pegar alguma coisa. Era um pedaço de isopor, pedaços que estavam espalhados pela plataforma. Alguma espécie de embalagem.

— Peguei.

— O quê? — disse Finn, se virando. — Um pedaço de isopor?

Delta estudou a longa extremidade curva.

— Não. É um aerofólio, e quando você o move pelo ar ele produz uma força aerodinâmica perpendicular à direção do movimento. A base de todo o voo.

Ela começou a quebrá-lo, montando-o.

— Uma *asa*? — disse Finn.

— Dezesseis... dezessete... dezoito... dezenove... Certo! São vinte! — gritou Kelly, da extremidade de combustão da turbina.

— Ahn... Mova pra posição 2 então! — instruiu Stubbs da cabine, os óculos tortos, pedaços de papel por todos os lugares, a velha mente prestando atenção a um milhão de coisas ao mesmo tempo enquanto ele lidava com os controles.

Kelly desceu com um salto. Na "posição 1" ele tinha bombeado ar para dentro do mortor do Apache instalado na parte de trás do jipe de brinquedo. Na "posição d2s", ele tinha de passar uma corda pela engrenagem da turbina e — ao ouvir as ordens — puxar com toda a força.

Na cabine com Stubbs estavam as entranhas do controle remoto do jipe de brinquedo, transformado em alavanca de força e barra de direção. Tudo estava na escala errada e não havia freios adequados (só um rudimentar sistema de fricção que envolvia puxar um pau), mas ele havia criado não apenas um carro turbinado gigantesco, e sim uma obra-prima.

O combustível na câmara de ignição estava sob pressão. Ele tinha de ser aceso quando as turbinas giravam para criar um ciclo mutuamente eficiente de “queima e movimento”, no qual o aparelho todo se apoiava.

Só havia uma forma de ver se funcionava: evocar as três palavras mais empolgantes no léxico de Stubbs.

— Preparar... Apontar... FOGO!

Nada aconteceu.

— Fogo...? — repetiu Stubbs. Ainda nada. O que Kelly estava fazendo? — Fogo, droga, e exploda, Kelly! — gritou Stubbs.

Por fim, ele saiu da cabine para ver o que estava acontecendo. Kelly estava olhando para a casa do jardim.

— Fogo... — disse ele, apontando.

Kelly pegou a corda e começou a puxar com toda a força.

— Ei! Não ainda, espe...

Stubbs voltou aos controles quando as turbinas começaram a girar. Ele ouviu a corda se soltar — deixando o jipe livre — e apertou a ignição.

BANG!

Com um tranco e chamas, o combustível na câmara de compressão entrou em ignição e lentamente, enquanto Stubbs ajustava o acelerador, a turbina ganhou vida.

Kelly entrou correndo na cabine.

— VAMOS!

Stubbs estava pasmo. Eles não tinham como “ir adiante” sem que pelo menos a primeira página do teste estivesse concluída. Mas Kelly estava olhando para a fumaça preta que agora saía da casa.

— Stubbs, temos que ir... AGORA! — e agarrou a alavanca de força e a puxou.

Com um grito, a turbina produziu seis mil nanolibras de empuxo e mandou o jipe para fora do celeiro e pelo jardim — atingindo o equivalente a cem quilômetros por hora em 1,22 segundo.

No interior do país, enquanto a brisa soprava pelo capim alto e o sol beijava tudo o que via, Al ficava de pé no alto de um pasto e fazia sua melhor imitação do Dr. Dolittle.

— Onde está ele, menino? Onde está o Finn?

O sentido olfatório superavancado de Yo-yo era a última e desesperada esperança de Al — se Yo-yo não conseguisse sentir algum feromônio, alguma fagulha, alguma ressonância subatômica de Finn no ar, então nada conseguiria.

Yo-yo latiu. Sim. Ele gostava de Finn. Sim. Latir. Esperar. E então? Nada.

Al suspirou e o arrastou de volta para o carro.

Yo-yo choramingou. Por que eles não iriam sair e passear? Isso não era um passeio. Era uma manhã toda cheia de paradas e passeios de carro e paradas e mais passeios de carro. O que Al não compreendia? Você passeia, às vezes joga coisas, recolhe o cocô e o põe num saquinho. O que era aquela conversa toda?

Yo-yo tinha razão. Al dirigira para seis lugares diferentes num raio aproximado de dez quilômetros a sudoeste do centro da área de lançamento original, apegando-se desesperadamente à teoria do “solo lamacento” citada por uma de suas equipes mais cedo, depois de um exame da filmagem do local do ninho. Não era ciência. Era emocional. E não estava dando certo.

Al levava o cachorro para o meio de um campo, esperava para ver se ele reconhecia algum marcador minúsculo de Finn no ar, se decepcionava e o arrastava de volta para o carro.

Al estava prestes a ligar o carro novamente quando Yo-yo repentinamente levantou a cabeça e ficou bem imóvel.

— O que foi, Yo-yo?

Yo-yo saiu do carro, apontando para o caminho de onde eles tinham acabado de voltar. Observando o cachorro com cuidado, Al o deixou correr pelo campo que se prolongava até uma região de bosque.

— Onde ele está? Você sente o cheiro dele? — sussurrou Al. Yo-yo cheirou o ar e avançou para a frente com mais urgência. Ele latiu duas vezes. Descendo a colina.

Al soltou a coleira. Yo-yo realmente captara alguma coisa, dava para ver. Ele se abaixou e tirou a coleira do cachorro e depois correu pelo campo atrás do animal.

Yo-yo latiu e latiu de novo. *Sim...*

Então uma dupla de esquilos apareceu debaixo de um carvalho caído.

— NÃO! NÃO! YO-YO!!

Yo-yo perseguiu os roedores peludos com evidente alegria. Ele os perseguiu ao redor da árvore morta. Depois os perseguiu pelo campo. E depois os perseguiu pelo muro e para dentro do bosque.

Finalmente, Al parou de chamar. Ele ousara pensar que o pesadelo havia acabado. Agora percebia que apenas havia começado.

O tempo estava bom. A temperatura não.

Ainda.

O centro da Beta continuava frio, mesmo que envolto na carcaça de um gato. Suas entranhas passaram a noite

gerando proteínas, se remexendo e se renovando, liberando uma goma cicatrizante em suas asas feridas, produzindo reservas de veneno e energia. Ela até mesmo se permitira dormir.

Mas agora... agora ela podia sentir aquele cheiro novamente. Perigo... o cheiro era distante, mas marcante, e gerou fúria em seu sistema nervoso.

Ela precisava despertar. Mover-se. Afiar seu instinto. Seu objetivo.

As ninfas precisavam disso. O enxame. Elas passaram a noite se remexendo e se alimentando. Crescendo. Muitas agora desenvolveram asas completas e estavam se enrijecendo para a muda final. Depois que elas estivessem prontas para trocar de pele, a Beta poderia ir embora. Mas até então teria de esperar. E cuidar delas. E alimentá-las.

A noite fizera seu trabalho. Tudo o que ela precisava era que a temperatura aumentasse ao longo do dia, e ela seria capaz de voar... ou que um raio de sol encontrasse um caminho entre dois carvalhos, atingindo-a diretamente, um raio de pura energia se irradiando por 150 milhões de quilômetros...

A Beta abriu suas asas e se aqueceu.



TRINTA E SEIS

DIA TRÊS, 7h37 (horário de verão). Lanyard House, Coppice Lane, Berkshire

Finn e Delta estavam na calha. Ícaro e Dédalos.

A fumaça começava a sair das calhas ao redor deles.

Delta quebrara e moldara o isopor para que eles tivessem o equivalente a uma pequena asa-delta nas suas costas — uma única peça de asa. Finn estava preso a isso pelas tiras da sua mochila, Delta por um pedaço duro da corda de titânio.

Eles subiram a calha semidescoberta e se seguraram na extremidade para que não fossem erguidos pela brisa.

— Apenas equilibre seu peso e contrabalance o que quer que a asa esteja fazendo enquanto você cai. Quanto mais rápido a asa se mover, mais controle você terá — instruiu Delta. — Mesmo que você perca o controle e comece a girar, você provavelmente planará até o chão como uma folha. Feche os olhos e se segure e eu vou tentar acompanhá-lo.

Finn olhou pela beirada. Em meio à fumaça estava o bucólico jardim, exposto ao sol da manhã. Mas a queda era infinita. Seu

estômago se revirou, e ele sentiu que estava olhando pela beirada de um abismo. De jeito nenhum ele seria capaz de...

WHOOSH!

Antes mesmo que tivesse tempo de processar o pensamento, uma lufada de vento o pegou e ele de repente se percebeu caindo de cabeça para baixo e voando.

— Não não não não...

O empuxo inicial enviou o jipe rapidamente pelo jardim, antes que ele fizesse uma curva e se lançasse pela grama úmida. Kelly acabara de conseguir diminuir a velocidade puxando o freio.

— Não toque em nada! — gritou Stubbs.

— Só precisamos de um pouco menos de combustível — disse Kelly, ignorando-o.

Ele tocou na alavanca de força e a turbina os lançou para a frente de novo, Stubbs conseguindo controlar o volante e os colocando de volta em linha reta rumo à casa, da qual eles já estavam se aproximando.

— Agora estamos dançando! — disse Kelly.

— Contato! — gritou Stubbs.

Kelly olhou para cima. Um adolescente estava saindo da casa, recuando, observando a casa queimar.

O mundo de Finn era um caleidoscópio de céu e chão, céu e chão.

Ele tinha de parar.

Ele tinha de parar de girar.

— Lute — dissera Delta.

Ele olhou para trás e viu a brancura de sua asa contra o horizonte que girava. Ajustou suas tiras nos ombros para tentar se equilibrar e endireitar a asa. A asa instantaneamente reagiu e o ergueu no ar.

Por um instante, ele alcançou algum tipo de equilíbrio e se percebeu planando — diretamente para uma janela no andar de cima.

— Vá para a direita! — ele ouviu Delta gritar de algum lugar.

Finn puxou a tira da direita e girou mais rápido agora. Novamente ele ajustou as tiras e recuperou o controle, flutuando finalmente na direção certa, mas também para cima, na corrente térmica do incêndio.

Fagulhas e faíscas subiram do telhado com ele. Abaixo, ele só conseguia enxergar outro pedaço de isopor — Delta.

Ele se segurou firmemente e foi na direção dela. A asa reagiu e saiu da corrente térmica. Recuperando o controle ao cair, Finn conseguiu manter a asa equilibrada e desceu.

Delta o viu cair perto de trinta nanômetros dela antes que ele parasse a queda e estranhamente se equilibrasse. Ele estava pegando o jeito. Ela voou em círculos abaixo dele, acompanhando-o. Trazendo-o para perto de si. Depois ouviu o barulho familiar de uma turbina e, pelo canto do olho, viu uma chama.

Abaixo, o jipe de brinquedo corria pelo caminho no jardim, lançando uma chama contínua pelo escapamento.

Stubbs... indo diretamente na direção de Kane.

A asa de isopor não era o Raptor de cento e cinquenta milhões de dólares, mas Delta abaixou o ombro e entrou num mergulho perfeito.

Kane se afastou da casa em chamas, sem querer arriscar, observando os peitoris das janelas com aparelhos digitais.

Dois pedaços de isopor voando para longe da fumaça e das cinzas passaram despercebidos.

Um jipe de brinquedo barulhento e em chamas não.

— Siga em frente! — gritou Kelly enquanto Stubbs os guiava pelo caminho. — Ele nos viu!

Stubbs interrompeu o combustível de modo que eles pudessem ir aonde queriam.

— NÃO SE ASSUSTE, MEU JOVEM! — Kelly começara a gritar, saindo da cabine.

Mas, antes que eles chegassem até Kane, um pedaço de isopor branco bloqueou a vista deles e Delta desceu com um estrondo e rolou pelo capô, a asa se quebrando na queda.

— PAREM! — gritou ela.

— FREIOS! — gritou Stubbs. Kelly bateu no pau certo.

Delta olhou para cima. Centenas de nanômetros acima deles, Kane ergueu seu pé gigantesco. Delta correu de volta para cima do jipe e se jogou por sobre o capô.

— VAMOS! INIMIGO! VAMOS!

Stubbs acionou o acelerador — *WHOOSHSHSH!* — e o jipe saiu correndo, a força G quase fazendo com que os braços de Delta se desprendessem de seu corpo.

PUM! O pé de Kane não os acertou por milímetros.

Stubbs manteve o acelerador apertado até que eles deram a volta na casa e rumaram para a estrada.

— NÃO! — gritou Delta. — Finn... temos que voltar!

Stubbs freou. Sem cerimônia, Delta entrou no jipe pelo para-brisa aberto, empurrou Stubbs no assento de plástico e assumiu os controles.

— Seja bem-vinda — disse Kelly. — Onde está o menino?

— Na casa — disse Delta.

Ela virou o jipe 180 graus na calçada de pedregulhos e, vendo Kane se aproximar, acelerou diretamente para ele, Kelly aparecendo num buraco no teto onde eles instalaram a Minimi.

DRRRRRRT! DRRRRRRRT! DRRRRRT!

As minúsculas balas não conseguiam penetrar a pele de Kane, mas podiam surpreender e doer.

Eles atiraram no rosto dele, e ele se abanava desesperadamente e atingia o ar enquanto o jipe passava por ele.

Finn estava à deriva. Delta desaparecera. Assim como o jipe.

Que inferno!

Ele tentara segui-la na queda, mas fora atingido por uma lufada de vento e novamente havia pegado uma corrente térmica do incêndio.

Ele endireitara o voo. Mas o que fazer? Aterrissar? Esconder-se?

A brisa o levou para a esquerda. Se ele não descesse o bastante, voaria sobre o muro do jardim e cairia no campo depois do muro.

Aterrisse, pensou Finn. Deixe a asa no chão como sinal e fuja.

Ele tentou apontar para baixo quando, de repente, ouviu o jipe de novo — assim que o vento mudou de direção. Ele exagerou no movimento e virou de cabeça para baixo. O muro agora estava vindo em sua direção.

O jipe, o muro, o vento disputavam quem conseguiria destruí-lo.

O muro ganharia.

Lute com a asa. Resista.

Ele puxou as tiras e virou o corpo. Por um instante, sentiu a desaceleração e voltou a subir. Mas ele estava indo tão rápido que o impacto ainda assim o mataria. Puxou as tiras com mais força e virou para a direita. O bastante para não morrer. Então caiu — *PUM* — bem em cima do muro.

O impacto rasgou as tiras de sua mochila e o frágil isopor, deixando-o livre. Ele ficou deitado. Tonto. Resmungando.

O jipe estava correndo pelo jardim abaixo dele. Kane estava correndo e recebendo tiros...

Mas não ainda. Resistir... pelo enxame, ela tinha de resistir.



TRINTA E SETE

Finn despertou e sentiu um desesperado e inacreditável desejo de respirar.

Ele sentiu uma escuridão, umidade e calor... algo se contorcendo e bombeando... sentiu um coração pulsando *ratá-tatá-tatá-tatá*... ele se sentiu desmaiando e vomitando ao mesmo tempo e, enquanto isso, a umidade o pressionava como pedra e o atacava, deixando-o molhado e de repente recém-nascido para a... luz! Ar!

Seus pulmões se abriram e ele caiu de cabeça num som extraordinário.

*()()()!!!0000000000000000!!()()()!!!0000!()()
()!!!00000!!!()()()!!!000000!!!!*

Vermelho.

Algo vermelho que gritava.

Caindo de um túnel úmido para outro.

Para dentro da boca de um passarinho.

Regurgitado — juntamente com um balde de sucos digestivos e uma massa grudenta.

No segundo em que o oxigênio atingiu seu cérebro e ele compreendeu tudo isso, Finn sentiu o bico do passarinho se fechar e algo vermelho e preto o envolver novamente, puxando-o e o sugando de novo.

Ele se afogaria nas entranhas do pássaro, se dissolveria no ácido estomacal.

Não não não não... Ele chutou e arranhou e se remexeu e nadou e lutou contra o órgão que o pressionava... e deve ter atingido um nervo ou acionado um movimento reflexo, porque sentiu o mundo apertá-lo ainda mais enquanto ele era vomitado.

— *ARRRRGGGH!*

Ele saiu de um amontoado de bicos afiados e inferno sonoro.

*()()()!!!0000000000000000!!()()()!!!0000!()()
()!!!00000!!!()()()!!!00000!!!!*

Ele se esquivou dos pássaros e se afundou no calor e umidade e fofura do ninho. Em meio ao lodo. Em meio aos galhos, gravetos e ramos.

*()()()!!!0000000000000000!!()()()!!!0000!()()
()!!!00000!!!()()()!!!0000!!!*

E ele estava quase gritando quando finalmente abriu caminho entre os gravetos, para longe, onde moscas e pulgas escapavam dos bicos, nas entranhas do ninho.

A mãe pássaro voltou com outra carga de proteína para os filhotes, que aumentaram seus piados enlouquecidos.

*()()()!!!0000000000000000!!()()()!!!0000!()()
()!!!00000!!!()()()!!!!()()()!!!*

E Finn viu que a mãe pássaro era um estorninho e, ao olhar ao redor, percebeu que ela o havia levado para o alto de uma árvore nos limites do bosque. O telhado esfumaçado da casa não estava distante, a alguns segundos de voo do estorninho, mas, para Finn... tão longe quanto a um milhão de quilômetros.

Fim de jogo.

Al olhou para as nuvens que brincavam de pega-pega no céu.

Era lindo. Mas ele sabia que a sensação breve de maravilhamento logo passaria, que o céu era apenas um truque da física e que o que estava além era uma infinita esperança de que Finn o estivesse esperando em algum lugar, sorrindo ali perto.

O que, claro, jamais aconteceria.

Crianças eram crianças. Ele deveria apenas tê-lo envolvido em dezesseis tons de lã, como sua mãe faria. A ansiedade que ela emitia era real, não algo louco. Ela sabia que crianças eram pequenas, delicadas, tolas... amadas demais. Eram crianças.

Ele tinha tudo e agora não tinha nada além de nuvens. Sua irmã estava lá em algum lugar.

— Sinto muito... — ele lhe disse.

E para o marido havia muito perdido dela:

— Ethan, onde quer que você esteja, preciso de você agora.

Finn se remexeu no ninho e contemplou seu fim.

Ele podia disputar com os filhotes a comida regurgitada que a mamãe pássaro trazia, mas não gostava dessa ideia. Ele podia simplesmente cair na floresta e se arriscar a quebrar as costas e as pernas, mas para quê? Uma jornada infinita no desconhecido?

O rosto preto de um pequeno besouro apareceu para estudá-lo.

Uma parada completa.

Ele perdera tudo agora. Tinha pontos de experiência demais. Estava cansado disso. Sempre tendo de estar um passo à frente de... do quê? Luto? Ou talvez medo. Mas não mais. Não agora, quando ele chegara ao fim de alguma coisa. Se o que ele podia fazer era ser quem era, então ele chegara ao fim. Tudo o que precisava

fazer era avançar um pouco mais em meio à confusão de ramos e capim, fechar os olhos e se deixar ser consumido.

Para fazer uma experiência, ele se remexeu. Suas mãos sentiram o ar fresco. A queda livre...

Confie em si mesmo.

No fim da queda talvez Finn encontrasse seus pais. Ela. Ele. Eles. O que significava que, apesar de ele não ser um mestre da morte como Kelly e nem que pudesse ignorá-la como Delta, Finn não tinha medo dela.

Foi um pensamento que o surpreendeu. Atingiu-o como uma revelação.

— Não tenho medo da morte — disse ele em voz alta.

Ele sorriu. Sentiu-se animado. Seu corpo relaxou e ele avançou ainda mais pelo ninho até que estivesse pendurado, os braços estendidos no ar fresco do alto da árvore, os sentidos abertos, embriagando-se até a última gota de vida.

Au.

Não tenho medo da morte, então nunca temerei a vida, pensou ele. Ele estava com dor. Estava morrendo de fome. Com sede. Exausto. Mas... *Não tenho medo da vida.* Era algo que ele havia aprendido... era algo que tinha a ver com quem ele era ou seria.

Seja você mesmo.

E uma sensação de alegria, de vida a ser apreciada, ser conquistada, saboreada, tomou conta dele. O som dos pássaros e os fragmentos de céu, o cheiro de bálsamo de limão em algum lugar no ninho — tudo parecia fantástico. Uma jornada infinita no desconhecido. Um milagre. Todos os seus instintos e terminações nervosas gritando... *VIDA!*

VIDA!, gritou Al; *VIDA!*, berrou a vovó; *VIDA!*, disse sua mãe; *VIDA!*, disse seu pai.

Vida, pensou Finn.

Apenas siga em frente.

Au.



TRINTA E OITO

AU!

Finn ouviu o barulho e tudo o que ele havia acabado de pensar, tudo o que havia acabado de sentir, resumiu-se a um essencial e primitivo...

— *YO-YO!*

Seus olhos se arregalaram e sua cabeça se esticou para olhar para baixo...

... onde, ao longe, a mente de Yo-yo girava, seguida de perto por seu corpo.

Primeiro ele pensou que se lembrava de Finn, depois pensou que estava sentindo o cheiro de Finn, em algum lugar na extremidade do bosque, depois ele com certeza sentia o cheiro de Finn e agora o ouvia.

— *YO-YOOOOO!!*

FinnFinnFinnFinn!!

AUAUAUAU AU AU!

*()()()!!!0000000000000000!!()()()!!!0000!()()
()!!!00000!!!()()()!!!0000!!*, fizeram os pássaros em resposta.

— Ah, seu idiota, seu lindo idiota... — disse Finn. — QUIETO, YO-YO!

Fiiin!!!!Finn!Finn!!!Finn!

AU AU AU AU AU AU!

— QUIETO! BOM CACHORRO!

Finn se arrastou pelo ninho até que a maior parte do seu peito pendesse sob ele. Dobrando as costas, ele podia ver um caminho perigoso ao longo dos gravetos, até os galhos — e até o tronco da árvore. Mas isso levaria muitas horas, consumiria muito mais energia do que ele tinha e o deixaria vulnerável a um ataque de pássaro ou inseto.

Ou ele podia cair. Ele olhou para baixo novamente.

AU AU AU

Somente para ver Yo-yo desaparecer depois de ver um esquilo cinza peludo.

— NÃO! YO-YO!

A voz minúscula dividiu os instintos de Yo-yo em dois e o fez parar, confuso.

— VOLTE, YO-YO! — gritou Finn, arranhando sua garganta. — VOLTE AQUI AGORA MESMO!

Yo-yo abandonou o esquilo e voltou.

— DEITADO, YO-YO! DEITADO!

O cachorro se deitou. Finn saiu ainda mais do ninho, até que estivesse pendurado. Aquilo era loucura, ele disse a si mesmo. Era uma loucura total.

Ele andou pelo ninho até estar no nível de um ramo recém-crescido com três folhas verdes, cada qual do tamanho de um

guarda-chuva. Se ele conseguisse quebrar o talo, as folhas diminuiriam a velocidade de descida e, se ele tivesse muita sorte, talvez atingisse o chão da floresta com uma força que não o matasse. Se ele tivesse ainda mais sorte do que isso...

Simplesmente siga em frente.

Com uma última olhada para baixo e um "SENTADO!", ele se balançou e agarrou o talo verde macio com as duas mãos. Ele se dobrou... e então, depois de uma eternidade, sentiu a base se romper e de repente Finn estava rapidamente caindo.

— *ARRRRGGGGHHHHHHHHH!!*

As folhas se dobraram, mas geraram pouco atrito. Apenas uma coisa podia salvá-lo agora.

— *AQUI, GAROTO! AQUI, GAROTO!*

Yo-yo *apenas* teve tempo para se levantar rapidamente e correr para o som. Finn atingiu o pelo quente e sentiu a carne firme o envolver — *WHUMP* —, tirando-lhe o fôlego e o lançando no ar numa cambalhota novamente... antes de pousar de novo e parar, se agarrando ao pelo mais comprido da juba de Yo-yo.

Yo-yo girou, latindo loucamente — *AUAUAUAUAUA!* — querendo encontrar Finn e amá-lo e rolar no chão e *AUAUAUAUAUAU!*

Finn teve de se segurar para sobreviver.

— *SENTADO! Yo-yo, SENTADO! Calma, garoto! Calma agora...*

Os poucos neurônios coerentes na mente de Yo-yo galopavam com uma sequência de raciocínios caninos: Finn. Onde está Finn? Em nenhum lugar. Em algum lugar. Algum som. Algum cheiro. Algum Finn. Algum Finn é a essência de Finn? Sim. *Finn! AUAUAUAU!*

— *SENTADO!* — Finn praticamente implorou.

Yo-yo se sentou. Completamente imóvel. Um feliz idiota.

Vovó vagava e urrava pelas ruas auxiliares de Berkshire. Urrava porque o câmbio automático da Honda era repetidamente acionado e desacionado, de acordo com remendos na caixa de câmbio, causando solavancos repentinos de giros muito altos do motor.

Ela não podia admitir que perdera Al e Finn, porque isso seria Admitir a Derrota.

E o amor de uma mãe nunca falhava.

Era o que estava nas entrelinhas.

Mesmo que você se percebesse chorando de nervoso no capacete a cada dez minutos.

Então, quando ela finalmente encontrou um abandonado De Tomaso Mangusta (não que ela soubesse ou se importasse com o nome do carro), foi com uma sensação de alívio e muita autojustificação.

Não demorou muito para ela o encontrar.

Quando Al era pequeno e durante sua adolescência turbulenta (nunca um menino se envolveu tanto em casos de amor imaginários), ele se deitava no milharal atrás da casa (assustando-a ao imaginar acidentes com colheitadeiras). Ela se aproximava e se deitava ao lado dele para animá-lo ou apenas para ouvi-lo, como se ficar deitado no campo sentindo pena de si mesmo fosse uma coisa romântica pela qual todos devessem passar na infância. Quanto mais aos trinta e dois anos.

Ela se aproximou dele no campo.

— Ora, ora, que dia lindo. Um pouco frio, mas lindo. Ah, é bom estar de volta.

— Eu o perdi — disse Al. — Perdi mais um.

— Não seja tolo! — disse a vovó, e, com a dificuldade de uma velhinha, conseguiu se abaixar ao lado dele. Ambos ficaram olhando para o céu. — Você acha que um dia vai encontrar uma bela e jovem mu...

— Você tem mesmo de perguntar isso agora?

— Ora, eu só conheci seu pai quando tinha vinte e sete anos, e isso era considerado muito tarde naquela época. Aquela espiga de milho azul não é mágica? Christabel e aquele homem, King Ratoou, como quer que o chamem, me deram a pista. Finn fugiu e você está procurando por ele com Yo-yo, na esperança de captar o cheiro, sem dúvida. Ora, isso é admirável. Mas você não tem com que se preocupar. O que quer que você pense de Finn, ele é na verdade mais inteligente, forte...

— Mamãe, não é tão simples assim.

— Estou falando! Ele é o menino mais brilhante do mundo e vence as dificuldades... E é sensível, já falei que ele é sensível?

— Mamãe...

— E devo lembrá-lo que nesta família manda a tradição que não fiquemos deitados aqui sem fazer nada, e sim que tentemos e tentemos de novo, para alcançar as estrelas todos os dias, não importa o quê! Nós não saímos da nossa lama primordial para apenas ficar rolando na sujeira. Não. Nós amamos e temos esperança e agimos.

Há muito tempo acostumado a estes discursos, Al havia amolecido.

— Até perdi o maldito cachorro...

— Besteira.

Ela se levantou e, querendo algo melhor para fazer, Al se levantou com ela. Quando ela se endireitou, pegou o apito de cachorro no pescoço e assoprou com força. Eles olharam para o campo. Nada parecia se mexer.

— Não acho que...

— Ora, claro que não. Você não é um cachorro. Vamos tentar lá embaixo da colina.

— Não é simples assim, mamãe...

— Venha, você pode me contar tudo pelo caminho.

E ela disparou pelo capim alto como uma espécie de míssil guiado louco, colocando o apito de cachorro na boca.

WHEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEE.



TRINTA E NOVE

Finn se abraçou à juba quente e fedida e sentiu o coração do cachorro batendo sob seus pés.

Ele olhou para a árvore de onde acabara de cair. Inacreditável.

Tentou avaliar o tamanho de Yo-yo. Seu enorme rabo batia no chão atrás deles. Ele era como um dinossauro de rodeio. Uma montanha de tapete mágico precisando de um banho. Se Finn conseguisse se segurar, poderia entrar na briga novamente. Ele poderia encontrar seus amigos. Ele poderia lutar.

Para conseguir maior apoio, ele prendeu suas pernas sob a coleira de couro de Yo-yo. Automaticamente a perna traseira do cachorro começou a coçá-lo.

— PARE! NÃO SE COCE, YO-YO!

A perna de trás de Yo-yo ficou paralisada no ar. Finn se sentou na beirada gasta da coleira, segurando-se no pelo como se fossem arreios. O cachorro voltou a pousar a perna de trás no chão.

Finn tentou.

— Certo, vamos passear.

Ele se segurou enquanto eles começavam a andar.

— Bom cachorro! De volta à estrada, garoto! De volta para casa!

Yo-yo latiu, feliz, mas apenas andou em círculos. Depois se sentou novamente. Finn percebeu que o cachorro não tinha ideia de onde estava.

Como ele o guiaria? Cachorros não seguem direções. Eles seguem coisas — cheiros, proprietários, carros. Finn tinha de esperar que alguma coisa ou alguém passasse, mas não havia carros — eles estavam no meio de um deserto abandonado. Como eles conseguiriam...?

VROOOOOOOOOOOOOOM!

O jipe passou correndo na estrada escondida acima deles no limite do bosque — a turbina gritando e viajando a quarenta macroquilômetros por hora — alto e claro.

O *Apache?*, pensou Finn. *Mas isso é imposs...* Antes que ele conseguisse concluir o pensamento, Yo-yo saiu correndo atrás do jipe.

Finn se segurou.

De volta à garagem da casa em chamas, Kane encontrou o que estava procurando.

Ele subiu no quadriciclo da família — gordo, divertido e com quatrocentas cilindradas —, colocou a Chave de Ativação Veicular na ignição (a CAV era a peça preferida dos Tyros e funcionava em tudo, de cadeados de bicicleta a Ferraris) e o ligou.

O quadriciclo ganhou vida. Kane se levantou nos apoios para os pés e acelerou. O quadriciclo saiu da garagem e avançou pela calçada de pedregulhos.

Na estrada, o jipe avançava a uma velocidade incrível.

Kelly olhou por fora da cabine. O quadriciclo com o Ciclope a bordo avançava na estrada na direção deles.

— Ele está se aproximando! — gritou ele sobre o barulho da turbina, e se levantou para atirar com a Minimi.

O quadriciclo se posicionou ao lado deles e Kane ergueu uma bota. Kelly mirou na cabeça sem capacete.

DRTRTRTRRTTRTRTRT!

Kane xingou quando as balas minúsculas atingiram seu couro cabeludo. Ele caiu para trás e alinhou o quadriciclo para atropelá-los. Depois acionou o acelerador. Ao fazer isso, Delta acionou o freio — *SCREEEEEEEECH!* — e, por um instante, a tripulação percebeu que eles e o jipe estavam sob os quatro pneus de borracha do quadriciclo — *WHOOM!* —, mas o jipe parou primeiro e o quadriciclo seguiu adiante, Kane freando, derrapando e cantando os pneus até parar completamente.

Delta acelerou de novo antes que ele pudesse se endireitar na estrada e o jipe passou por ele, saltando no ar brevemente ao atingir uma elevação na estrada.

— Pega!

Correndo paralelamente aos veículos que passavam na estrada acima, Yo-yo alongava seu corpo numa perseguição alegre e impossível, Finn se segurando às costas do cachorro, que se expandiam, se contraíam e galopavam.

— Bom garoto, Yo-yo. Pegue o jipe...

— Temos de nos livrar deste perdedor! — disse Delta, Kane os perseguindo novamente.

À frente deles, uma trilha saía da estrada e levava às árvores. Ela pegou a trilha.

Ao avançarem, Kelly notou um sinal — MBTrilha. Ele mal teve tempo para processar mentalmente a abreviação de "Trilha de Mountain Bike" antes que eles atingissem um morrinho...

... descrevendo um arco perfeito sobre o primeiro buraco com um tranco de quebrar a coluna até uma rampa.

Stubbs olhou para trás para verificar se a turbina ainda estava no lugar.

— Ele não foi criado pra isso!

— Não se preocupe. Eu fui — disse Delta.

— WAAAAAAAAAAAH! — gritou Stubbs, descobrindo emoções ocultas, enquanto Delta fazia com que o jipe virasse noventa graus numa seção de alta velocidade antes de se alinhar para subir numa rampa — *WHUMP* — que os fez voar sobre um cânion aberto de terra — *WHAM* —, pousando ao longe.

— Demais... — disse Delta em meio aos dentes cerrados, adorando cada segundo.

Kelly simplesmente vomitou.

Eles olharam para trás para ver Kane, alguns macrometros atrás deles no quadriciclo, correndo rumo à rampa.

Kane acelerou ao máximo e estava se aproximando no ângulo certo...

... bem quando Yo-yo apareceu.

AU AU AU AU AU AU!

Kane perdeu o equilíbrio (ele ODIAVA cachorros) e o quadriciclo saltou na rampa com um desvio de 0,68 grau, atingindo o chão do jeito errado e o fazendo — *SMACK!* — dar uma cambalhota sobre o próprio eixo e atingir um olmo centenário.

Enquanto a tripulação se perguntava o que acabara de acontecer, Stubbs viu a trilha fazer uma curva à frente.

— Há uma falha na inclinação lateral! Podemos sair por ali!

A turbina do jipe cantou quando eles atingiram a falha e as rodas perderam contato com o terreno...

... saltando sobre o buraco, pousando em duas rodas em vez das quatro, antes de — *SLAM* — endireitar-se em segurança.

— De onde é que veio este cachorro? — disse Kelly.

— O melhor amigo do homem — disse Delta—, ou talvez não... — quando, ao olhar para trás, ela o viu avançando sobre eles.

— Atire — disse Stubbs. — Ele provavelmente quer nos comer.

— AQUI! — gritou Finn da coleira de Yo-yo. — CARAS! SOU EU!

Ele viu a Minimi girar.

— Espere, Yo-yo! Pare!

DRDRRTT!

Yo-yo parou e se afastou quando as balas minúsculas atingiram seu peito.

— PAREM DE ATIRAR! — disse Finn, o que era inútil agora que o jipe acelerava. — VOLTEM!

DIA TRÊS, 7h52 (horário de verão). Hook Hall, Surrey

Os bombeiros que entraram na cozinha da casa em Lanyard para conter as chamas imediatamente notaram o material acumulado como uma fogueira contra o fogão.

Eles relataram sinais de incêndio criminoso para as autoridades, que, por sua vez, narraram suas suspeitas para Hook Hall, como ordenado.

Era quase certeza de que não era nada. Assaltantes, provavelmente. *Mas, pensou King, tenho de colocar todos os pontos nos is. Cruzar todos os tês.*

O tempo era escasso. Outras discussões em Hook Hall e numa sessão secreta nas Nações Unidas em Nova York determinaram que,

se os temores fossem verdadeiros e Kaparis não cumprisse sua parte na barganha e não desse a localização do ninho, então a explosão nuclear, por mais terrível que fosse, teria de ser uma ação conjunta entre todas as nações. Uma reunião seria realizada às nove horas para preparar todos os envolvidos para essa possibilidade. Então, com as preparações realizadas, se a localização do ninho não fosse descoberta ou divulgada até o meio-dia, o primeiro-ministro do Reino Unido pediria ao chefe de Estado Maior que cumprisse a ordem.

Uma série de bombas de hidrogênio de cinco megatons seria detonada num raio de quinze quilômetros ao redor do local de soltura inicial, gerando cinquenta megatons de força explosiva, criando setenta quilômetros quadrados de "destruição total" e uma área ainda maior de "dano sério". As explosões seriam sentidas no continente.

— Levem os homens para lá. Vasculhem toda a região — disse King.

Havia onze ninfas. Sete já estavam começando sua muda final. O restante estava próximo disso.

A Beta cumprira sua missão para com o enxame e a energia do sol nascente logo faria o restante.

O cheiro do perigo era forte demais para que ela resistisse agora. Seu instinto, sua fúria, eram fortes demais.

MATAR...

Ela se flexionou e rumou para o perigo, em direção a um caos de som no extremo norte do bosque.

Wkwkwkzzzwkzzkzkwkwwkzzz kzkwkwwkzzz...



QUARENTA

O Sandy Dale Golf Club foi fundado em 1900 como um clube de golfe privado para “duzentos cavalheiros” que pagavam uma assinatura anual de cinco guinéus. Ao longo dos cento e quatorze anos seguintes, ele se tornou um dos campos de golfe mais prestigiados e belos do mundo. Financiado por campeões jogadores, celebridades e bilionários, era famoso por sua sede antiga e luxuosa e seus campos verdejantes.

O jipe saiu do bosque e pousou no elegante buraco dezessete à velocidade nano equivalente a cento e setenta quilômetros por hora.

Sem esperar pela mudança repentina de terreno — e certamente sem esperar que os irrigadores automáticos noturnos tivessem deixado uma camada de água por todo o campo —, Delta pisou forte no freio. A água se acumulava numa camada perfeitamente azul enquanto Delta deslizava rumo ao infame Long Bunker.

Imediatamente atrás, sem se deixar desanimar pelas balas e atizado por Finn, vinha Yo-yo, ainda os perseguindo alegremente e depois se esquecendo de tudo por um instante para parar e morder a ponta de um irrigador, ensopando seu nanopassageiro.

— Não, Yo-yo! Vá pegar o carro!

Eles saíram correndo novamente com um *Au!* para perseguir o jipe, que tocara o Long Bunker e estava produzindo arco-íris pelo caminho, serpenteando pelo campo molhado e subindo até o buraco dezoito, a névoa pairando ao nascer do sol.

A passagem dezoito terminava no último buraco e nas colunas da grandiosa sede.

O jipe deu um salto ao atingir a borda do buraco e pousou ao lado da última bandeira, girando ao alcançar o terraço da sede.

Yo-yo, já se cansando, cercou o jipe, com a língua para fora.

O jipe chiou e circulou o terraço da sede, procurando por uma entrada. Atrás do prédio, Delta viu uma porta de serviço com uma entrada para gatos. Ela calculou rapidamente a altura comparada com a distância do terraço e do ladrilho.

— O que você está fazendo? — perguntou Stubbs.

Ela se virou para a porta e pisou no acelerador.

— Ah, que maravilha... — murmurou Kelly.

O jipe atingiu a borda do terraço e saltou mais ou menos os quinze centímetros necessários para acertar a entrada de gato — *WHACK!* —, com força suficiente para erguer a tampa e entrar, pousando em segurança do outro lado e...

... ficando cara a casa com várias portas duplas.

— Ótimo. E agora? — perguntou Stubbs.

Na mesma hora, Yo-yo se espremeu e latiu e forçou seus membros caóticos pela entrada de gatos, correndo atrás deles.

— Ah, que maravilha... O melhor amigo do homem está de volta.
— Stubbs subiu para disparar a Minimi.

— Não desperdice a munição e não o machuque! — gritou Delta.
— Simplesmente grite, mande-o embora!

Eles se viraram para o cachorro do tamanho de uma catedral, sentado e ofegante diante deles.

— CAIA FORA DAQUI! FORA! — gritou Kelly, e os demais o acompanharam.

— NÃO! SOU EU! — eles ouviram uma voz baixinha responder.

Delta não acreditava no que estava ouvindo. Ela — ela olhou para o cachorro colossal:

— Finn? FINN!

— AQUI! ESTOU AQUI! — Finn começou a gritar para baixo, acenando loucamente da coleira.

Delta urrou. Urrou mesmo.

— Não acredito! FINN?! — gritou Kelly.

— KELLY?! — Finn deu uma risadinha e viu o soldado rir para ele também. — VOCÊ ESTÁ VIVO??!

— COM CERTEZA! ONDE FOI QUE VOCÊ ARRANJOU ESSA COISA?
— gritou Kelly.

— É O MEU CACHORRO! CHRISTABEL DEVE TER...

Mas o alívio deles por fazer contato foi interrompido quando, do lado de fora, ouviram o quadriciclo se aproximando. Finn viu as portas duplas e percebeu o problema.

— Vamos, Yo-yo! Pela porta! O que tem ali, garoto? O que tem ali? — Ele sentiu Yo-yo se levantar e, obedientemente, forçar a passagem pelas portas, o jipe os acompanhando.

Os dois emergiram num enorme salão de baile vazio, as garras de Yo-yo deslizando pelo piso de dança de madeira.

— Olhe, um telefone! — gritou Delta, apontando para um aparelho na parede, do outro lado do salão.

O quadriciclo chegou ao buraco dezoito e levantou voo ao atingir a borda do terraço com colunas, Kane acelerando diretamente para as enormes janelas francesas do bar — *SMASH!*

Um cartaz sobre a porta do bar advertia: "Somente Membros".

Na Sibéria, Li Jun já havia descoberto as plantas arquitetônicas da sede do clube no servidor de uma construtora.

— As linhas de telecomunicação correm sob o teto falso no corredor principal.

— Consegui! — respondeu Kane, já ali, abrindo caminho por uma telha e entrando na central telefônica.

No salão de baile, eles ouviram o som de vidros se quebrando e um tiro, e viram a luz LED na extensão telefônica se desligar quando eles a alcançaram.

— Ele desligou a luz — disse Kelly.

Kane passou correndo pelas portas duplas, sangrando por causa dos cacos de vidro. Ele os viu e sua boca se contorceu num sorriso. Ele trancou as portas duplas.

— Ah, estamos presos — disse Stubbs, útil como sempre, enquanto eles analisavam o adolescente mau.

Kane pegou uma cadeira e andou até o centro da pista de dança.

Só havia uma saída, do outro lado do salão de baile, uma saída que eles conseguiam ver pelos painéis de vidro que levavam à enorme cozinha central.

— Vocês foram pegos!— gritou Kane, a voz ricocheteando ao redor do salão de baile vazio.

— O que fazemos? Corremos na direção dele? — perguntou Delta.

— Estou pensando... — disse Kelly, as opções girando em sua mente.

Yo-yo começou a rosnar e terminou uivando.

— Não tenha medo, Yo-yo — disse Finn.

Então Kane ouviu batidas na janela. Ele se virou. Ele a viu. Ele sorriu. Ele foi até a janela e a deixou voar.

**... kzzwkzzkzkwkwkzzzwwkwwkzzwkzzkzkwkkw
WKKKKZZZZZ...**

Matar.

— OK. Agora tenha medo — disse Finn.



QUARENTA E UM

Pequenas equipes do Serviço de Segurança se dispersaram pela região que cercava a casa de Lanyard depois que profundas marcas de pneus foram encontradas na calçada de pedregulhos, mas até agora não havia sido encontrado nenhum sinal de um veículo off-road e na verdade nenhum sinal de vida.

Uma equipe formada por dois homens avançou rapidamente pelo próspero bairro de Sandy Heath rumo a Wellington quando se aproximou do grandioso cartaz do Sandy Dale Golf Club: "Somente Membros".

— Lá?

— Certo, mas não vamos ficar pra jogar uma partida.

O carro se virou numa curva fechada à direita, entrando no clube com um toque leve nos freios a noventa por hora, levantando rapidamente duas rodas do chão.

À frente eles conseguiam ver a sede do clube se erguendo em meio aos arbustos. Eles a alcançariam em nove segundos e teriam uma visão clara das janelas quebradas do bar e do quadriciclo estacionado ao lado. Mais três segundos e eles veriam a bagunça

feita no buraco dezoito e o drama que se desenrolava no salão de baile.

Mas justamente quando eles estavam se aproximando do campo de golfe...

— *Todos os carros — motocicleta e carro na câmara de tráfego na intersecção B237 e A38 há três minutos.*

O motorista pisou no freio e deu meia-volta.

A armadilha estava montada.

Wkzzwkzzkzkwkkwkzzzwwkwwkzzwkzzkzkwkkwkw...

A Scarlatti circulava no teto do salão de baile, captando o perigo, sentindo o cheiro de cada indivíduo.

Yo-yo e o jipe corriam nervosamente pelo piso do salão, preparados para agir, os olhos e a Minimi mirados no monstro acima.

Kane recuou para bloquear as portas da cozinha e saborear o espetáculo de longe, como um imperador assistindo ao auge de seus jogos.

A Scarlatti circulou pelo teto uma última vez antes de mergulhar do globo espelhado em rota de colisão mortal, a cauda curvada, os ferrões flexionados e apontados.

Wkzzwkzzkzkwkkwkzzzwwkwwkzzwkzzkzkwkkwkw!

— ACELERAÇÃO! — gritou Delta. A turbina tremeu e o jipe se lançou à frente. A Scarlatti os errou por milímetros. O jipe parou do outro lado do piso encerado. A Scarlatti se reequilibrou na caça.

Kelly se apoiou contra a Minimi no telhado do jipe.

DTRTRTRTRTRTRTRTRTRTRTRTRTRTRTRTR!

A Scarlatti sentiu os primeiros impactos e se afastou. Adaptando-se. Ela aprendera que não poderia receber muitos tiros nas suas asas já feridas.

DRRRRT! DRRRRT! DRRRRT!

Kelly errou, enquanto a Scarlatti se desviava e voava para frente e para trás ao redor do jipe em movimento, convidando a novas rajadas, tentando avaliar o ângulo do ferrão do inimigo.

Cantando pneu, Delta colocou o jipe de volta no caminho de onde veio. A Scarlatti o seguiu com um arco, perseguindo-o pelo salão de baile numa dança da morte.

Yo-yo andava de um lado para o outro, seguro por Finn, desesperado por matar a coisa voadora, por atacá-la no ar como se ela fosse uma bolinha.

Wkzzwkzzkzkwkkwkzzzwwkwwwkzzwkzzkzkwkkw!

— Nível de combustível baixo. Pouca munição — relatou Stubbs para Delta.

— Onde é que ouvi a mesma coisa antes?

Matar matar matar...

Os bailarinos retornam.

A turbina minúscula ruge.

A Scarlatti, frustrada pelas fugas do jipe, percebeu uma presa mais fácil.

Finn viu o monstrengo voar numa longa rota elíptica e se aproximar deles. Ele segurou dois punhados de pelos do cachorro. A Scarlatti planava pelo salão velozmente, crescendo de tamanho e ganhando impulso. Finn sentiu seu coração bater mais rápido, mais rápido, mais rápido...

Mas Finn não estava com medo. Finn conhecia esse jogo. Era um jogo de pega-pega com outro nome.

No último instante possível, ele gritou:

— Corra, Yo-yo! Pegue o jipe! Fuja!

Yo-yo latiu em protesto, mas se pôs a correr, desviando-se da vespa venenosa como um toureiro.

A Scarlatti errou o alvo e — *WHACK!* — bateu na parede oposta antes que pudesse virar. Ela se recuperou num frenesi de pura fúria sanguinolenta por alguns segundos, zunindo como uma fada letal na pista de dança.

Foi enquanto Yo-yo se lançava pelo salão de baile atrás do jipe — que havia virado também, indo na direção de Kane e da cozinha — que Finn viu.

À esquerda das portas duplas até a cozinha que Kane guardava havia uma janela de serviço. Como em casa. As portas estavam fechadas. Mas com certeza não estariam trancadas.

Só havia uma forma de descobrir.

— Vamos, Yo-yo! Vamos! — disse Finn. — O que tem na janela de serviço? JANTAR!

Uma sinapse apressada disparou no cérebro de Yo-yo — ele via apenas a janela de serviço da casa da vovó, e tudo se transformou em comida de cachorro.

— Pule, garoto! Pule!

Diferente de qualquer jóquei cavalgando um cavalo no Grande Prêmio Nacional, Finn se segurou ao pescoço do cachorro e o impulsionou à frente. E, diferente de todos os cavalos que saltavam aqueles famosos obstáculos, Yo-yo correu como Pégaso até a janela de serviço.

E, sem que Kane acreditasse no que estava vendo, eles passaram por ele, abrindo as portas da janela de serviço e caindo dentro da cozinha, espalhando a louça como uma espécie de bomba canina.

Kane chutou as portas duplas e pegou uma faca do faqueiro, todo espalhado.

—YO-YO! — gritou Finn.

Das profundezas de seu passado de lobo, Yo-yo reagiu, correndo e ignorando a lâmina brilhante e enfiando seus dentes afiados na axila de Kane, um dente canino penetrando no músculo o suficiente para atingir o nervo mediano de Kane.

Kane caiu de costas contra as portas duplas. Sua mão se abriu. A faca caiu no chão. Assim como Finn — soltando-se da coleira de Yo-yo e ricocheteando na barriga de Kane para pousar no piso da cozinha enquanto Kane e Yo-yo lutavam, um pesadelo barulhento de rosnados e gritos e membros do tamanho de um ônibus, cujo impacto poderia matar Finn instantaneamente. Ele correu para se proteger, para encontrar qualquer tipo de proteção, mas — *WHAM!* — caiu uma pata e — *WHACK!* — caiu um braço.

Enquanto homem e cachorro lutavam no chão, a porta do salão de baile se abriu repentinamente. Delta correu para ela.

O jipe avançou — atingindo a mão de Kane, que funcionou como uma rampa e os fez saltar sobre as duas criaturas que brigavam antes que as portas se fechassem novamente. Eles quase acertaram Finn ao pousarem.

— Freio! — gritou Delta, virando o jipe, executando um oito a fim de pegar Finn, com Kelly pendurado para fora da cabine com um braço de aço para levantá-lo do chão, e dando meia-volta novamente, afastando-se da briga.

— CORRA, YO-YO! PEGUE O JIPE! — gritou Finn para o cachorro.

Yo-yo se soltou de Kane imediatamente e correu pelas portas da cozinha atrás deles, perseguindo-os por cânions de aço inoxidável enquanto eles abriam caminho pelas portas duplas do bar, quebradas e abertas por Kane.

Kane ainda estava caído no piso da cozinha... eles estavam fugindo... eles estavam escapando...

A Scarlatti sentiu a dor dele. Um ataque ao enxame.

Ela zumbiu e se lançou contra as portas da cozinha num frenesi novamente, até que Kane a abrisse com um chute para deixá-la

passar.

Wkzzwkzzkzkwkkwkzzzwwkwwkzzwkzzkzkwkkwkw...

Matar...

A Scarlatti voou em linha reta atrás deles, passando pela cozinha, pelo bar e pelas portas francesas quebradas. Aproximando-se enquanto eles corriam pelo terraço.

Yo-yo viu e latiu. O monstro reagiu e foi direto para o cachorro.

Finn gritou:

— NÃO, YO-YO! CORRA!

Mas Yo-yo não podia ouvir. Ele não queria ouvir.

SNAP!

Ele saltou e suas mandíbulas tentaram morder a vespa no ar.

— NÃÃÃÃO! — gritou Finn.

Os dois monstros giraram, Yo-yo rosnando e atacando a Scarlatti, ao mesmo tempo fugindo dela rumo ao bosque, a Scarlatti o perseguindo, aproximando-se em trajetórias loucas, tentando encontrar um ângulo de mergulho, Yo-yo num mundo próprio, num conflito confuso que Finn só podia ver e sofrer enquanto eles desapareciam em meio aos arbustos e para dentro do bosque e fora da vista.

— Temos de detê-los! — gritou Finn. Ele sentiu o sangue se esvaír de si e o pânico inundá-lo.

— YO-YO! — chamou ele. — YO-YO!

No bosque, Yo-yo tentou e tentou morder a vespa, ainda se desviando dos ferrões, mas não lhe restava muita energia... ele teria de descansar em breve... ele teria de se render e dormir... deixar a coisa aferroá-lo... com certeza eles lhe dariam um biscoitinho hoje... biscoitos, pensou ele... biscoitos...

... então ele ouviu uma coisa, sentiu uma coisa entrando em sua alma.

Casa, pensou ele. *Casa...*



QUARENTA E DOIS

Finn olhou desesperadamente para o bosque enquanto eles circundavam o perímetro do buraco dezoito.

— Onde ele está? Para onde ele foi?

Não havia sinal. Finn de repente percebeu que não suportava mais nada, e sua mente se encheu de lágrimas. Não Yo-yo. De repente ele quis ir para casa, ele queria mesmo voltar para casa. Foi divertido e extraordinário, foi radical, mas não Yo-yo, não valia a pena perder Yo-yo. Por nada.

Kelly disse:

— Ele a está perseguindo. Ele está se desgastando por nós. Vamos lá, menino. Ele vai ficar bem.

Delta segurou Finn pelo ombro.

— Ei! Ele é um guerreiro! Ele vai voltar! O que foi que eu lhe disse sobre o Kelly? — perguntou ela.

— Você disse que ele voltaria... — disse Finn, decidindo se apegar àquilo, nem que fosse apenas para impedi-lo de chorar. — Você disse que ele voltaria... e ele voltou.

— É isso aí — disse Delta.

— Quanto combustível ainda temos? — perguntou Kelly a Stubbs.

Stubbs verificou a garrafa plástica de combustível que Kelly havia enchido à noite.

— Cinco minutos, no máximo.

— Para onde? — disse Delta.

— Há uma cidade no horizonte, no fim do campo de golfe — disse Kelly, apontando para o caminho que levava ao buraco dezoito.

— Wellington... Acho que é Wellington — disse Finn. — Reconheço as torres.

Ainda não havia nenhum sinal da Scarlatti ou de Yo-yo.

— E se fomos para lá e ficarmos sem combustível antes de chegarmos à estrada...? — começou Stubbs.

— Se ficarmos sem combustível, estaremos ferrados do mesmo jeito — disse Kelly.

Delta usou o restante do combustível.

Kane pôde apenas ouvir o jipe se afastando quando finalmente pegou o quadriciclo e o religou. O motor foi acionado de imediato — o que, juntamente com a fuga do jipe e as mordidas do cachorro, o deixou ainda mais psicótico.

Ele deu a volta com o quadriciclo, espalhando cacos de vidro, e voltou para o terraço. Ao acionar as alavancas de ignição para conseguir que o motor do quadriciclo reagisse, a Scarlatti emergiu do chão ao lado do buraco dezoito e voou erraticamente na direção de Kane.

Ela voou até seu colo — um rato preto e vermelho, em dificuldade, desorientado e fatigado. Kane a pegou cuidadosamente, deixou que ela o saboreasse. Ele podia ver que a vespa estava fraca. Sua fraqueza e necessidade o acalmaram. Verdadeiro e fiel, Kane abriu sua camisa e a colocou em seu peito. Deixou-a afundar suas

presas em sua pele. Deixou-a se prender e se alimentar do sangue dele. De sua força vital negra.

A voz de Li Jun soou em seu ouvido:

— *Alvo indo para nordeste rumo à B237.*

Kane religou o quadriciclo.



QUARENTA E TRÊS

O navio-fantasma *Oceania Express* viajara a velocidade total a nordeste de Felixstowe e chegou até um ponto a noventa milhas náuticas no interior do Mar do Norte. Era um ponto mais próximo da Holanda do que do Reino Unido, um ponto quase morto no centro da rede de formações militares que estavam prontas para abordá-lo ou atacar quem quer que chegasse perto.

Agora ele diminuiu a velocidade. Por quê? *Para impressionar*, pensou King.

Teatro puro.

Kaparis devia saber que eles tinham deduzido que a coisa toda era um alarme falso e que o que ele queria mesmo eram os códigos sequenciais. Então por que tudo isso? Por que se preocupar com essa charada toda?

A demonstração de poder: o primeiro instinto dos inseguros e idiotas ao longo das eras.

Ele estava se mostrando, feliz consigo mesmo enquanto o mundo dançava no seu ritmo.

Que deprimente descer tanto por causa de uma pessoa assim, pensou King. Raramente se sentira tão impotente. No centro de

Londres, uma sala cheia de “criptógrafos com uma inclinação romântica” esperava para ouvir a chave mnemônica de Al. Deveria King informá-los sobre aquele pedaço secreto de poesia?

A incerteza era tudo. Incerteza e medo.

E, enquanto todos os demais esperavam e até exigiam ação, King concluiu que não estava pronto para ceder. Não agora. Não ainda.

Não para ele.

Na Sibéria, Kaparis assistia a imagens semelhantes do navio cargueiro e examinava mapas parecidos, mostrando a incrível disposição das forças. Ele raramente se sentia tão satisfeito.

Ele até conseguiu rir. O que deixou Heywood assustado.

— Li Jun, você seria boa o suficiente pra conseguir uma linha segura entre mim e o Comandante King?

— Sim, Mestre.

SPPPS SSH CHUKCHUKCHUK... SCHHHHUP... UPH...

— Vamos lá... Vamos lá... — disse Finn.

O jipe ia mais devagar.

SSH CHUKCHUKCHUK SSSSF UPH...

Eles ainda não haviam chegado à estrada.

Kelly e Finn estavam ao lado da garrafa plástica de combustível, tremendo ao ver cada gota do líquido entrar no cano de combustível.

— Ele está morrendo — lamentou Stubbs.

— Vamos, menina! Vamos! — disse Delta, movendo a alavanca de força para a frente e para trás.

A turbina estava ficando seca.

O último *CHSSSSS* lançou o jipe sobre a última colina antes de ele parar completamente.

Silêncio. Eles chegaram ao topo da colina e a inércia os fez descer o monte — rumo à estrada.

— Aqui estamos! — gritou Delta.

— Vamos vamos vamos vamos... — repetiu Finn enquanto os quatro inclinavam o corpo para gerar mais velocidade.

Pelo morrinho eles desceram — sob uma cerca de madeira e para cima, somente o bastante para passar sobre o montinho de terra que margeava a estrada, chegando até o asfalto da B237.

Lentamente, ah, bem devagar, eles avançaram por alguns centímetros até parar numa linha branca no meio da estrada.

A estrada não podia estar mais vazia. As casas que eles conseguiam ver estavam distantes, enormes construções à margem da estrada. Eles podiam muito bem estar no lado oculto da lua.

Eles não iam conseguir. Não no jipe. Talvez não durante horas. Talvez de jeito nenhum. Ao longe, eles ouviram o quadriciclo avançando pelo campo de golfe atrás deles.

— Temos de sair daqui — disse Delta.

— É melhor abandonarmos o navio — disse Kelly.

Os quatro pegaram o que podiam e desceram na linha branca.

— Uau!

— Argh...

— Ah, que horrível...

Em meio aos gritos de dor, Finn percebeu que era a única pessoa da tripulação que não estava machucada ou não tinha mais de sessenta anos. Ele estava olhando ao redor para ver se havia algum lugar onde pudessem se esconder quando...

— O quê...?

Vindo pela estrada na direção deles numa velha BMX, mochila nas costas, estava um menino.

— É um menino!

— Sozinho?

— É um MENINO! — disse Kelly, o coração batendo forte.

— Não... não é... — disse Finn, reconhecendo os cabelos castanhos, os óculos grossos, o corpo estranhamente encolhido e os membros grandes demais.

— É o maldito Hudson!

DIA TRÊS, 8h47 (horário de verão). Hook Hall, Surrey

Ao falar com Kaparis, King ouviu o som de um coro cantando um trecho sentimental.

"Vamos para a cama sem sonhos, onde o luto repousa O livro de trabalhos é lido. O longo dia termina..."

— Ah, "O Longo Dia Termina", Comandante King. Sabia? É uma das minhas músicas preferidas. Os códigos sequenciais, por favor, segundo o nosso acordo — disse Kaparis.

— Não me lembro de nenhum acordo. Eu me lembro de uma ameaça — disse King.

— *Se você quiser assim de acordo com a nossa ameaça.*

Das telas ao redor do CCAC, King podia sentir os olhos do mundo sobre ele.

Se ele fracassasse, estaria exposto a um ataque nuclear de aliados históricos como uma alternativa ao início do Armagedom na forma de um inseto. Se cedesse, entregaria uma tecnologia com um potencial inimaginável a um terrorista trilionário lunático.

Apenas mais um dia no escritório. King meneou a cabeça para um subalterno.

— O código está sendo enviado para o local indicado agora. A raiz irá em breve — disse King.

Enquanto Kaparis esperava que Li Jun confirmasse a chegada em segurança, ele resolveu conversar trivialidades.

— *Você admira a obra de Gilbert e Sullivan, comandante? Acho que as operetas são insuportáveis, mas a estrutura melódica das músicas anuncia boa parte da chamada "música pop" moderna.*

— Não sou musicólogo.

— *Ah, relaxe* — disse o maior psicopata do mundo.

Li Jun confirmou a transferência dos dados.

— *Temos a maior parte do código, muito obrigado* — disse Kaparis. — *Tudo o que falta agora é a equação principal.*

— É o que falta? — perguntou King. — O que é que você quer *de verdade*? Fama? Amor? Mais alguns bilhões? Há outras formas de gastar sua enorme fortuna. Acabar com a pobreza mundial, eliminar a Aids, a malária... até mesmo as guerras.

— *Ah, eu gosto bastante da guerra. A equação, por favor. E onde está o Doutor Allenby no momento?*

— O Doutor Allenby está preso. Acabamos de conseguir extrair a equação perdida; ela está contida no código mnemônico dele. Eu o liberarei assim que tivermos tempo para decodificá-lo.

— *A frase mnemônica, comandante. Não é hora para brincadeiras. Logo saberemos se ele é real. Suspeito que meu pessoal seja bem melhor do que seus mal pagos "funcionários públicos". Se não, temo que as coisas vão ficar como estão... ad infinitum. O longo dia termina, comandante. E este é o último tique do relógio...*



QUARENTA E QUATRO

Hudson parou de pedalar.

Ele viu o jipe de brinquedo na estrada ao descer a ladeira. *Curioso*, pensou ele, parando para olhar. Ele podia ouvir um motor em algum lugar. Se fosse a polícia, ele deveria pelo menos tentar escapar.

Hudson fazia tudo para se exhibir. Ele não tinha problemas intestinais ou dificuldade para fazer amigos, nem enxaquecas. Ele conseguia fazer cocô em qualquer banheiro que quisesse. Mas sua mãe e seu pai estavam envolvidos num divórcio brutal, e agir assim era sua forma de se vingar deles.

Alguma esperança, pensou ele, pedalando rumo ao...

Whisshsshshshshshshshshsh!

Uma faixa de luz azul e fumaça surgiu do jipe de brinquedo e o atingiu quase no meio do peito. Assustado, ele recuou e bateu na fagulha e na fumaça, que quase abriram um buraco no seu macacão, a bicicleta caindo com um estrondo.

Ele achou ter ouvido alguma coisa. Olhou para o brinquedo. Ele *ouvia* alguma coisa. Ele ouvia seu próprio nome...

— HUDSON! HUDSON! HUDSON, NÃO SE ASSUSTE! — gritou Finn enquanto o rosto de Hudson se retorcia, aterrorizado. — HUDSON, SOU EU! FINN! INFINITY DRAKE! FINN!

— Ähn??! — disse Hudson.

— *NÃO SE ASSUSTE. É UMA LONGA HISTÓRIA. POSSO EXPLICAR, MAS NÃO AGORA! AGORA VOCÊ TEM QUE NOS PEGAR E NOS TIRAR DAQUI!*

Parecia que Hudson estava prestes a chorar.

DIA TRÊS, 8h52 (horário de verão). Hook Hall,
Surrey

— *O que vai ser, comandante?*

King ficou paralisado.

— Mesmo com estes códigos, os desafios de engenharia são tamanhos que é muito improvável que você seja capaz de repetir o experimento, e muito mais improvável que você tenha tempo para fazer isso antes que o encontremos...

— *Posso ir para um milhão de lugares, fora do alcance de alguns governos ocidentais. Tenho empregados em todos os lugares, mesmo que eles não saibam disso ainda. Tudo o que preciso fazer é pagar. O mundo é minha ostra, o seu mundo é uma concha, cheia de regras para serem obedecidas e princípios para não serem seguidos.*

Fez-se uma pausa. Os dois homens ficaram olhando para as telas. Deuses no Olimpo.

King sentiu que os presidentes, generais e comandantes das forças armadas observavam. Prontos para tomar decisões letais sozinhos.

Kaparis se preparara meticulosamente. Ele jogava com perfeição.

Aquilo significava que eles foram vencidos? Não. *Não ainda.*
Feridos? Sim.

Haveria outras batalhas, pensou King. Outros dias. Kaparis fora identificado, e sua vaidade era tão grande que demoraria pouco para que ele fosse localizado e destruído. King provavelmente estaria desempregado, mas ele o caçaria pessoalmente de qualquer forma.

Convencido de que tinha um problema sério e que de alguma forma conseguira contrair uma grave doença mental, Hudson pedalou para casa. Ele entrou na calçada da sua casa.

Rezou repetida e continuamente e, em silêncio, pediu que nada disso estivesse mesmo acontecendo, que ele estivesse bem, e prometeu em silêncio para Deus que jamais fingiria uma doença ou um comportamento estranho novamente, que ele voltaria a ser normal, o menino mais normal e mediano, o menino de classe média menos notável de Berkshire (e para isso ele enfrentaria uma concorrência bem dura).

Ele destrancou a porta. O telefone de casa estava tocando quando eles entraram no corredor. Ele sabia que eram seus pais. O que ele deveria fazer?

Com as mãos trêmulas, ele abriu a mochila. As pessoas minúsculas ainda estavam ali. O pequeno Finn Drake ainda estava ali.

— *NÃO ATENDA!* — gritou Finn, olhando em olhos assustados do tamanho de piscinas.

Hudson fez um involuntário barulho fino.

— *DESLIGUE! LIGUE 999! DIGA QUE VOCÊ PRECISA FALAR COM O COMANDANTE KING! DIGA QUE É UMA EMERGÊNCIA! E DIGA A PALAVRA SCARLATTI!*

— Sca...?

— OU BOLDKLUB! E DEPOIS NOS ERGUA E NOS COLOQUE NO SEU OMBRO PARA QUE POSSAMOS FALAR!

Hudson atendeu o telefone por tempo suficiente para ouvir sua mãe reclamar quando ele desligou. Ele amava seus pais, e eles não mereciam passar por aquilo tudo, nem um pouco. Ele quis chorar.

— VOCÊ VAI NOS SALVAR, HUDSON, VOCÊ VAI SALVAR O MUNDO!

Ele discou 999.



QUARENTA E CINCO

DIA TRÊS, 8h54 (horário de verão). Hook Hall,
Surrey

Enquanto o presidente dos Estados Unidos se ajeitava na sua poltrona, prestes a ordenar que seus subordinados assumissem o comando, King finalmente falou.

— A frase mnemônica para a equação é a seguinte:

“Mas às minhas costas eu sempre ouço

A carruagem alada do tempo se aproximando...”

Kaparis resplandecia. *Bravo, Allenby*. Ele adorava um enigma. E ADORAVA literatura do século XVII.

Ele disse a si mesmo que resolveria o enigma em poucos segundos, repetindo as palavras.

— “E para além de todos nós estão...”

— “*E para além de todos nós estão...*”

— “Desertos de vasta eternidade.”

— “*Desertos de vasta eternidade...*” Ah, você não adora os poetas metafísicos?

— A chave para a qual é... — disse King, engolindo sua vontade de verbalmente estourar — ... onde B é aceleração e E abre...

— SENHOR! — Um técnico o interrompeu brutalmente. King arqueou a sobancelha. Era melhor ser algo bom.

— É ele.

— Allenby? — Por um segundo King se perguntou, ousou esperar, que Al de alguma forma...

— Não. Drake, senhor. Infinity Drake — sussurrou o técnico.

A mente de King se pôs a rodar. Ele estava louco? A tensão tomou conta dele?

— Onde B é a aceleração e E abre... O quê, comandante? — perguntou Kaparis.

— Um momento, por favor... — disse King, interrompendo a ligação.

Isso tinha de ser *muito* bom.

— Drake?

— Comandante King? — disse uma voz minúscula.

— O quê...?

King estava tão fixado na linguagem e nos raciocínios de comando que ele não conseguia...

— Estamos na casa do Hudson! RÁPIDO! Temos a localização do ninho e temos uma delas! Mas...

— *Infinity Drake?* — repetiu King, sem acreditar direito.

— Sim, eu fui encolhido com a tripulação, Spiro...

— *Nós sabemos...*

Nas profundezas do permafrost siberiano, Kaparis ouvia, apalermado, a "música de espera" de Hook Hall.

Vangelis.

Um insulto.

Não só era uma péssima gravação como também acelerava e desacelerava de acordo com a oscilação do sinal ao redor do planeta, dando a impressão de que a música estava sendo tocada por uma orquestra de bêbados.

A equipe estava enlouquecida ao redor dele.

Li Jun captou um surto de atividade do canal de emergência ao qual ela ainda tinha acesso. Uma ligação para o 999 foi acompanhada por um pedido em canal aberto para a resposta rápida de uma equipe do projeto Boldklub.

Kaparis já havia ordenado a evacuação do abrigo.

As telas sobre e ao redor dele estavam piscando. A câmera estava ficando escura.

Tanto esforço por uma única equação.

Uma recompensa tão pequena.

Vangelis.

— Tranque! Tranque a porta, Hudson!

Hudson colocou a tranca na porta e começou a recuar, descendo a escada que levava ao porão. Uma vizinha falava em seu ouvido o tempo todo.

— Faça uma barricada! Não a tranque apenas. Eles estão vindo, só precisamos resistir. Ele já está machucado, ele não vai entrar facilmente. Encontre uma arma ou...

— Cale a boca! — disse Hudson. — Isso não é... natural — foi o que ele conseguiu dizer.

— Desculpe, Hudson. Foi mau. Sei que parece loucura. Posso explicar. Mas não agora — disse a voz.

O porão era velho e úmido e iluminado por uma única lâmpada fraca. Havia uma mesa coberta por lixo e garrafas vazias de vinho.

Acima, eles conseguiam ouvir Kane procurando. Descendo a escada. Ele encontrou a porta do porão — trancada. Ele a chutou.

BANG!

DIA TRÊS, 8h58 (horário de verão). Hook Hall, Surrey

King voltou à linha.

— Desculpe pela interrupção... — começou a falar King.

Kaparis sentia que mil anos de uma linhagem superior e de um julgamento severo haviam voltado. A bile tomou conta de suas entranhas. Uma das poucas funções corpóreas que lhe restavam.

— A chave é: onde B é a aceleração e E abre... — King inventou qualquer coisa na hora — ... *à pressão de três atmosferas por...*

— *Haverá outros dias, comandante* — Kaparis o interrompeu imediatamente.

King decidiu permanecer em silêncio.

— *Isso nem começou direito.*

Kaparis desligou.

BANG!

Hudson viu a porta se quebrar no alto da escada.

Ele olhou ao redor, apavorado. Parecia haver bastante lixo na bancada, mas não ferramentas óbvias que pudessem ser usadas em autodefesa.

— Garrafas, você pode usar as garrafas — sugeriu Finn bem baixinho enquanto Hudson se encolhia, aterrorizado, num canto.

— *Há uma saída pela passagem de carvão...* podemos nos esconder ali — sussurrou Hudson.

SMASH!

Kane abriu um enorme buraco num dos painéis do alto da porta. Ainda que conseguisse ver apenas a expressão amedrontada de Hudson iluminada por uma única lâmpada. Colocou a mão dentro da camisa e pegou a semidormente Scarlatti do seu peito. Puxando-a com força para abrir as presas peludas. O sangue verteu da ferida enquanto a Scarlatti Beta cedia.

Ela ficou furiosa por despertar dessa forma e abriu as asas.

WKKKDSKDDWKKK!



QUARENTA E SEIS

Finn ouviu o barulho e seu sangue pareceu congelar. E de repente ele soube o que Kane faria.

— Coloque-me na mesa! Vá até o armazém de carvão e corra, Hudson! — disse ele no ouvido de Hudson.

O monstro estava entrando pelo buraco na porta do porão. Ainda tonta, ela caiu no chão primeiro, como um rato, no degrau mais alto. Mas reenergizada pelo sangue de Kane e com o ar impregnado pelo cheiro de Finn, em pouco tempo ela esticou as asas e alçou voo.

Wkzzwkzzkzkwkwkwkzzzwwkwwk...

Hudson correu até a janela de fornecimento de carvão. Mas, herói improvável — ser humano improvável — que era, ele não era alto o bastante para esticar o braço e acionar os ferrolhos que a trancavam.

— CADEIRA! — gritou Finn para ele da bancada.

Ouvindo ou não, Hudson agarrou uma velha ferramenta.

Wkzzwkzzkzkwkwkwkzzzwwkwwk...

Hudson congelou ao ver a vespa na semiluz. Finn o vira fazer isso antes na escola. O próprio Finn fizera o mesmo no dia anterior, no

bosque.

Wkzzwkzzkzkwkwkzzzwwkwwk...

— CORRA, HUDSON! SAIA JÁ DAQUI! — gritou Finn.

Hudson reagiu. Saltou para pegar a ferramenta. Puxou os ferrolhos da entrada de carvão e os acionou.

Finn viu o céu azul. Sentiu o ar fresco. Por um segundo.

Hudson saltou e virou rapidamente na abertura ao tentar subir e sair.

A Scarlatti deu a volta na única lâmpada, dando uma boa olhada em Finn.

O que eu faço?, pensou Finn.

Ele não sabia.

Mas eu não tenho medo da vida, pensou. Não tenho medo da morte.

Viu o monstro se encolher ao se preparar para o mergulho. Ele correu para se proteger, arranjar qualquer cobertura, enquanto ela esticava as asas e mirava nele.

Entre torres de revistas velhas, ferramentas ao acaso e uma maquete de avião não terminada, estava a boca de um vaso de porcelana deitado de lado, o gargalo quebrado, esperando pelo reparo ao lado de um tubo vazio de supercola.

Finn sentiu o hálito da Scarlatti no seu pescoço e se jogou de cabeça no vaso. Ao atingir o interior da caverna branca, a coisa toda girou 180 graus, enquanto o monstro batia nele, frustrado. Finn se levantou, pensando, esperando, calculando que a Scarlatti *não poderia entrar pela mesma abertura que ele entrou.*

Mas, em vez de um santuário, ele havia mergulhado numa armadilha.

A entrada era estreita, mas a Scarlatti *já havia colocado sua cabeça dentro do gargalo quebrado do vaso e estava forçando a*

passagem, bloqueando a luz, as asas batendo ainda mais alto ao ecoar pela tumba esmaltada.

WKKKDSKDDWKKK!

Finn viu a cabeça, duas vezes maior do que ele, se remexer e forçar a passagem, as presas ainda úmidas do sangue de Kane, se prolongando em direção a ele. Finn era um alvo fácil.

Mas a vespa também era um alvo fácil, percebeu Finn, e ela não estava se aproximando. A raiva estava no seu caminho. Quanto mais ela se mexia, mais agitava e flexionava suas asas grandes demais, de modo que cada milímetro de progresso era contrabalançado, quanto mais furiosa ela ficava. Se a vespa relaxasse por um instante, ela entraria... mas a raiva a estava impedindo.

Continue enlouquecida, foi o que Finn pensou. *Só continue enlouquecida.*

Num átimo, Finn correu direto para a cabeça da vespa e — segurando com força numa de suas mandíbulas — girou a cara horrível da criatura, segurando uma das antenas dela bem onde ela, como uma raiz grossa, se encaixava no alto de seu crânio de ferro.

O monstro se agitou e suas asas bateram — **WKKKDSKDD WKKK!**

Finn segurou firme. O monstro instintivamente recuou, criando uma lacuna entre sua cabeça e o alto do vaso quebrado. *Saia*, pensou Finn — e nada mais. *Saia! Saia!!*

Ele soltou a antena e abriu caminho pelas costas do pescoço do monstro, sua enorme cabeça dando lugar a uma cobertura flexível de pelos grossos como arame farpado no alto das costas. Mas, ao avançar, ele se percebeu preso mais uma vez — desta vez surdo e cego —, paralisado diretamente entre as asas barulhentas da criatura.

WKKKDSKDDWKKK!

Antes que Finn pudesse se livrar, ele foi envolvido pela luz repentina e depois teve a sensação de cair primeiro e subir depois.

WKKKDSKDDWKKK!

Demorou uma fração de segundo até que ele percebesse o que estava acontecendo — eles estavam voando.

Finn observou os itens na mesa de trabalho que passava rapidamente sob eles... depois tudo se tornou um borrão quando a Scarlatti voou enlouquecida pelo porão, levando Finn para um passeio assustador de montanha-russa.

O barulho era incrível. As asas eram incríveis. A sensação de liberar um poder insuperável era avassaladora. Ele estava dentro de um redemoinho.

A vespa girou e se contorceu e rodopiou loucamente para tentar pegá-lo, tentar jogá-lo longe. Finn se segurou, ainda olhando para trás. Ele deu a volta com o braço para pegar outro punhado de pelo, tão logo a gravidade e a inércia permitiram, de modo que ele pudesse dar a volta e se deitar todo em torno das costas da criatura, finalmente olhando para a frente.

WKKKDSKDDWKKK!

O que era pior. Muito pior. Ele sofreu onda após onda de terror puro enquanto eles quase batiam nas coisas: parede, porta, teto, chão. Ele sabia que o rodeio tinha de terminar, inevitavelmente eles bateriam em alguma coisa e a esta velocidade incrível ele não sobreviveria.

WKKKDSKDDWKKK!

Era certamente uma questão de instantes. Eles só estavam voando há alguns segundos, mas parecia toda uma vida. Aquilo tinha de acabar. Finn se levantou na fuselagem da criatura até que novamente estivesse no pescoço dela. Aquilo tinha de acabar.

WKKKDSKDDWKKK!

Ele segurou e agarrou a antena esquerda da Scarlatti. Sua fúria atingiu o auge e ela investiu, girou, zumbiu...

WKKKDSKDDWKKKWKKKDSKDDWKKK!

... desviando abruptamente. Era isso, pensou Finn ao fechar os olhos e girar e se segurar. Ele estava no limite da vida. E então, a uma velocidade tremenda...

POP!

... eles atingiram a única lâmpada.

Poeira, vidro e som preencheram o tempo, o espaço e os pulmões de Finn no mesmo instante em que a lâmpada explodiu.

Ele teve a sensação de cair, ainda se segurando no monstro, e então — *BOOOOF!* — a sensação de ser lançado para longe, enquanto eles ricocheteavam numa pilha de revistas na bancada de trabalho, o corpo da Scarlatti e a direção da pilha de revistas amortecendo a queda de Finn até que ele parou ao pé do monte.

Então viu a Scarlatti. Lá estava ela. A centímetros. Retorcendo-se em choque. Um conjunto de asas cortado pela lâmpada quebrada agora pendendo do corpo da vespa por um fio gangrenoso.

Mil células óticas se concentraram em Finn.

Finn pensou: *Matar.*

E, num instante — usando a asa boa como muleta —, a Scarlatti avançou.

SLAM!

Finn voou na escuridão, por um instante inconsciente — tanto por causa do cansaço quanto por causa do impacto, e ainda pelo desafio que de alguma forma estava sempre presente. Por que ele?, pensou Finn quando sua mãe havia morrido. Por que estas coisas tinham de acontecer a ele? Tudo o que ele sabia era que tinha de ser forte o bastante para sobreviver. Ele voltou à consciência.

A cabeça da Scarlatti novamente preencheu seu campo de visão. Preta, as antenas primeiro, direcionadas a ele, sentindo seu sabor, saboreando o momento. Ela estava em frente a Finn. Ela se lançou contra ele girando, e Finn sentiu o golpe dos pelos de arame farpado que a cobriam.

Mas nas costas ele também sentiu... uma vara. Ele se virou quando o monstro girou para preparar os ferrões e segurou a vara. Era um preguinho fino. Uma tachinha, derrubada por dedos frios meses antes, durante a produção caseira de um presente de Natal malfeito... um elogio à estação.

Para Finn era uma lança com um metro de comprimento. Excalibur.

Ele apontou a lança para a gigantesca e agitada Scarlatti, bem em cima dele agora e tão perto que Finn era capaz de sentir as placas de seu tórax. Quando ela aproximou os três ferrões brilhantes para matá-lo, Finn enfiou a lança no espaço minúsculo entre as placas — com força.

A Scarlatti, num reflexo, tentou expelir a lança com suas placas peitorais — mas ela permaneceu no lugar. As placas doíam demais e os ligamentos se entortaram. A vespa ficou rígida.

Medo...

E Finn — com todo o poder e raiva e tristeza e coragem à sua disposição — *arremessou* a lança para cima e a enfiou no fundo do inseto, com toda a força que tinha... até os órgãos vitais da Scarlatti, até sentir o último movimento, no coração da própria morte.

As entranhas do inseto explodiram sob sua armadura e sua boca se abriu numa agonia infinita e silenciosa.

E então... nada.

Uma terrível imobilidade.

E Finn. O barulho de seus pulmões e o estampido de seu coração. Apenas Finn.

Lá fora, Kane — em sintonia com a Scarlatti em todas as células do seu ser — inalou alguns microns do muco da morte da Beta... sentiu o cheiro da morte... sentiu o fim do enxame.

Sentindo dor. Sentindo a perda. Ele caiu no corredor e vomitou.

No compartimento de carvão, Hudson ainda tentava se livrar, mas sua cabeça e ombros já estavam para fora. Ele agarrou sua perna direita e se preparou para o movimento final, lançando-se por sobre a amurada.

Ao fazer isso, Kane surgiu fora da casa e apareceu sobre Hudson. Um pesadelo de pele queimada e raiva. Um cassetete de metal apareceu na sua mão. *THUK*.

— CUIDADO! — gritou Finn, sem esperança.

Kane ergueu o braço para bater com o cassetete com força na cabeça macia do menino. Hudson não conseguia se mover, não conseguia erguer a mão para amenizar o impacto.

Kane o deixaria inconsciente, ou melhor... Matar... Matar... Ele saboreou o momento.

Ele não deveria.

Yo-yo chegou.

Yo-yo ouviu pela primeira vez o apito de alta frequência quando estava atacando a Scarlatti. Embora distante, ele acendeu uma parte de seu pequeno cérebro carregado com ainda mais importância do que "Finn" ou até mesmo "comida" — *vovó!* Seis minutos mais tarde, ele a vira na moto e mordera seus pneus com alegria. Ela quase batera a moto. Ele fora instruído.

— Encontre Finn. Onde está o Finn?

O que era a coisa mais fácil do mundo. Ele simplesmente seguiu seu olfato.

Na hora certa, ele afundou seus dentes no braço erguido de Kane, mordendo-o no mesmo ponto que antes, no ponto já ferido,

infectado e inflamado, provocando uma dor inimaginável.

— ARRRRRRRRRRRRGHHHHHHH!

Kane caiu para trás. Hudson saiu pela entrada da garagem — quase no caminho da moto que se desviava dele.

A vovó, chegando a exatamente trinta e dois quilômetros por hora, pendendo o controle dos 106,4 quilos de metal e inércia — *BEEEEEEEEEEEEEP!* —, por pouco não batendo em Hudson, mas batendo com força — *WHUMP!* — em Kane.

— AH!— gritou ela ao se levantar lentamente na calçada. — Ah, meu querido! Sinto muito! Ah, a culpa foi minha! Pare, Yo-yo! O que é que você está fazendo? Ah, tadinho! VOCÊ ESTÁ BEM? Pare de morder, Yo-yo! Cachorro mau!

Helicópteros pousavam por perto, e os homens de King finalmente chegavam.

— *Não fique deitado aí* — implorou ela para Hudson. — Acho que ele está inconsciente! Ai! Ajuda! Atropelei um jovem!

Al respirou fundo no Mangusta.

— O QUE É QUE ACONTECEU COM SEU ROSTO? — perguntou a vovó para Kane.

— Ele é surdo? Pare de gritar — disse Al, saindo do carro.

Hudson se levantou e olhou para o homem que saiu do carro incrível para se agachar perto de Kane. Ele o tocou e segurou seu braço. Al se virou. Viu o medo nos olhos arregalados de Hudson. Viu que ele estava apontando, sem dizer nada e desesperado, para dentro da casa.

— Eles... Havia umas pessoas minús... — ele conseguiu dizer.

Al seguiu para onde seu braço apontava, até o porão aberto. Ele fez um pedido.

— VOCÊ SABE SEU TIPO SANGUÍNEO? BALANCE A CABEÇA UMA VEZ PARA A, DUAS VEZES PARA B, TRÊS VEZES PARA...



QUARENTA E SETE

THUMP. THUMP. THUMP.

Três enormes explosões no casco abriram as entranhas do *Oceania Express* e o fizeram tremer com um imponente rasgo no metal. Ele imediatamente caiu para um dos lados.

Em dois minutos, cento e dez mil toneladas de aço e óleo afundaram, sugando hectares de oceano atrás de si, revoltando a superfície da água.

Os dois contêineres flutuaram brevemente antes de afundar.

As cargas explosivas foram plantadas sob a linha da água três meses antes. Era um ato de desprezo e fúria. Mas também uma demonstração para quem quer que duvidasse dele, pensou Kaparis.

Ele chegara. Ele não descansaria. Ele voltaria. E ele foi capaz de pegar ao menos parte do sequenciamento do projeto Boldklub, ele estava convencido disso.

Até mesmo ao ser levado de seu abrigo dormente, Kaparis ordenou:

— *Vamos começar a trabalhar naquela frase mnemônica. Procurem em tudo o que Allenby já produziu e procurem pistas, umas palavras cruzadas que ele preencheu numa revista da escola, qualquer coisa. Vamos ver como a mente dele funciona e desvendá-lo. E vamos pedir à Suíça que dobre o trabalho no acelerador e descubra o restante da equação. Podemos ajustar os alinhamentos para combinar...*

Sua voz desapareceu enquanto Heywood o empurrava pelo corredor de concreto até um veículo de fuga totalmente equipado.

Superorganismo: organismo que consiste em vários organismos cujo comportamento é abnegado e a divisão de trabalho é especializada; muitos agem em conjunto para alcançar um objetivo coletivo que está além das capacidades individuais, por exemplo, formigueiros, recifes de coral e a sociedade humana.

Tudo começou com uma pergunta inócua — por que a grama cresce em moitas? Há muitas explicações entediadas, mas o brilhante e jovem David Kaparis se deparou com uma nova explicação incrível.

Moitas de grama são superorganismos formados para servir aos instintos egoístas de umas poucas folhas de grama. Esses poucos indivíduos privilegiados sugam os melhores nutrientes dos indivíduos mais fracos, secando a grama ao redor, constantemente reforçando sua própria posição.

A implicação era a de que todos os superorganismos faziam o mesmo — formigueiros, recifes de coral e a sociedade humana. Eles eram apenas estruturas de apoio para os superindivíduos. Além disso, superorganismos podiam se tornar mais eficientes se esses indivíduos privilegiados fossem identificados e bem servidos.

Ele ficou irritado quando a universidade e seus colegas atacaram sua teoria. Então se dispôs a prová-la. Ao longo de nove meses, ele cultivou e mediu milhões de talos de grama para identificar aqueles que excediam o consumo normal de gel hidropônico.

A pesquisa era entediante, mas, à medida que os dados começaram a surgir, ficou claro que 0,06 por cento da grama era mais ambiciosa e mais realizada do que o restante. Não havia dúvida.

Por Que a Grama Cresce em Moitas?

Uma Teoria Geral do Desenvolvimento de Superorganismos

Uma palestra de D.A.P. Kaparis

St, Stephen's Hall, 4 de maio de 1993, quarta-feira, 10h

O salão estava cheio. Sua voz era verdade, sua teoria era simples e elegante. Ele imaginou que Maria Allenby, a estudante mais linda e talentosa de sua geração, imediatamente se juntaria a ele, não apenas em seu futuro trabalho, mas também na vida.

No auge da palestra, fez-se silêncio...

... e então ouviu-se uma mordida numa maçã. E a primeira pergunta. De Ethan Drake, um jovem despenteado com olhos redondos sentado ao lado de — entre todas as pessoas — Maria Allenby. Ele disse com sua boca cheia de maçã que achava que havia "um erro na matemática".

Apontando para o quadro-negro, ele explicou:

— Sua equação não se equilibra. Você tem $X^2Y+3Xyz$, quando deveria ter $X^2Y+3xyZ$. Não? O que aumentaria a curva em sino e colocaria seus 0,06 por cento dentro da variação normal. Então nada súper, somente um bando de nadas tentando sobreviver, felizes ou tristes, sujeitos ao acaso e às vezes se deparando um com o outro.

Silêncio.

— A não ser que eu tenha entendido errado — acrescentou ele antes de abandonar sua maçã e sair do salão, encontrando algo mais interessante para fazer.

Maria Allenby o viu ir embora, sua expressão maravilhada e cheia de admiração. Eles haviam se sentado lado a lado pela primeira vez naquele dia... por acaso.

Aquilo foi importante. Aquilo. Por algum tempo.

Até que, num Natal solitário numa cela de prisão, Kaparis de repente percebeu. Se não havia "mágica" nos dados, então a mágica devia estar dentro dele mesmo. Ele provara que era um dos poucos seres superiores só por ter sugerido a teoria.

O restante da sua vida foi um experimento mais bem-sucedido.

Em Hook Hall não houve aplauso imediato.

Nenhuma liberação repentina de tensão ou momento de alegria daqueles que estavam diante de seus monitores no CCAC ou conectados ao redor do mundo.

Somente uma verificação e reavaliação dos fatos e das informações conforme elas chegavam. E uma sensação crescente de cansaço porque, à medida que a tensão se dissipava, King e os demais tiveram consciência do sono que lhes faltava, da comida, da necessidade de caírem inconscientes.

King lutou contra isso, claro. Ele não iria perder aquilo.

Lenta, mas seguramente, suas apostas estavam prevalecendo.

O soldado de Kaparis capturado na casa de Hudson por Violet Allenby morreu em decorrência de uma hemorragia cerebral — assim como o outro adolescente de Kaparis, Stefan. (Sua morte foi ocultada da Sra. Allenby).

Depois de alguma confusão, a notável sobrevivência da tripulação e de Infinity Drake foi confirmada.

Logo veio a notícia de que o local do ninho em Willard's Copse fora localizado — comprovando a narrativa de Infinity Drake — e totalmente destruído pelo time de perigo biológico. O bosque inteiro foi destruído pelo fogo nas quatro horas seguintes. Talvez

infelizmente, a casa de Hudson, onde o corpo da Scarlatti Beta foi descoberto, foi desinfetada — tornando-a inabitável e inutilizável por pelo menos seis meses.

A tensão no CCAC só cedeu finalmente quando o Dr. Allenby entrou carregando uma caixa de vinho do porão de Hudson, seguido por sua mãe confusa, por Hudson e por um oficial do Serviço de Segurança carregando um modelo não terminado de um Heinkel He 111 numa almofada. Ele continha Infinity Drake e os membros da tripulação em vários estados de exaustão.

O Heinkel foi colocado na almofada no centro da sala de comando e Finn, Delta, Kelly e Stubbs saíram da fuselagem de plástico para que todos vissem.

— Pelo amor de Deus, não tente abatê-lo — Al advertiu o oficial da RAF.

As gargalhadas, como uma onda, irromperam na sala de controle. Risadas que se transformaram em aplausos ao redor do mundo. Um apoio nada britânico à estratégia, ações e decisões do Dr. Al Allenby e do Comandante James Clayton-King.

King ignorou, apoiando-se nos nós dos dedos e se recusando a ser carregado. Pensando adiante.

Eles estiveram na beirada. Eles olharam pelo abismo. Eles voltaram. Quanto do código sequencial fora entregue? Que consequências possíveis isso teria? Os mergulhadores seriam capazes de localizar os contêineres com o acelerador? Qual seria o dano provocado pela água salgada nos componentes? Eles não pegaram nem detiveram o perpetrador. Nem mesmo começaram a compreendê-lo.

Um anúncio oficial foi feito, dizendo que a “crise do gás venenoso” havia acabado e que a evacuação estava oficialmente encerrada. A população poderia voltar para suas casas nas próximas quarenta e oito horas, de forma ordeira.

Onze dias de comentários, críticas, sátiras e vergonha geral se seguiram antes que o caso desaparecesse das primeiras páginas e fosse substituído por um romance entre uma princesa e um jogador de futebol.

Quando o nódulo central de todas as comunicações de Kaparis foi finalmente identificado, três dias mais tarde, forças de elite da Spetsnaz avançaram para o abrigo siberiano.

Não encontraram nada além de ruínas em chamas.

Quatorze metros acima, uma raposa do ártico ferida, assustada com as explosões e atizada pelo cheiro de coisa queimada, arrastou-se para fora do covil no dia das explosões.

A meio quilômetro dali, a raposa macho encontrou outro indivíduo, um macho jovem. Filhote dele de dois verões atrás, preparado agora para exigir o território como seu.

O instinto mandava que a jovem raposa matasse seu pai. Mas seu coração queria lambe suas feridas e cuidar dele. O jovem macho não conseguia decidir. O velho macho não podia dizer ao filhote que o amaria de qualquer forma.

Eles ficaram se encarando no gelo.



QUARENTA E OITO

— “Ver o mundo num grão de areia
E um paraíso numa flor silvestre
Segurar o infinito na palma da sua mão
E a eternidade numa hora...”

— Segurar o infinito na palma da sua mão. — *Pelo menos alguém tem senso de humor*, pensou Finn.

A pior coisa era a poesia. Era a aula de inglês da Srta. Jones e ela sempre fazia vozes e interpretava. Era mentalmente vergonhoso.

— Um *Pintarrrrrrroxo* numa Gaiola

Deixa o Paraíso Todo *Furrrrrrioso*... — disse ela, emocionada.

Era um dia quente perto do fim do verão. Parte do acordo com a vovó sobre ficar no CCAC com os outros era que ele tinha de frequentar as aulas e ter a vida mais normal possível — uma decisão difícil, já que ele tinha nove milímetros de altura. Então ele frequentava as aulas a distância, assistindo-as por meio de uma câmera escondida na lapela de Hudson.

Inacreditável. Aqui estava ele num dos laboratórios mais avançados do mundo, cercado pelas principais mentes científicas do mundo e por vários equipamentos, e estava tendo de enfrentar poesia. Poesia!

— “Ele que machucará a cambaxirra
Nunca será amado pelos Homens”.

Pelo menos essa poesia era zoológica. Ele se pôs a pensar no que faria naquela tarde (ele podia jogar).

Ele podia recorrer à coleção. “A Coleção: Ao Vivo!”, como ele gostava de chamar — seu próprio bestiário num aquário adaptado onde ele passava muito tempo livre brincando com, e só às vezes lutando contra, alguns de seus insetos preferidos. Ele estava até mesmo tentando ensinar os insetos a realizar truques.

Ele se perguntava o que os demais estavam fazendo e olhou para fora da janela da “sala de aula”. Delta estava voando num dos nanoaviões que a Força Aérea dos Estados Unidos construiu especialmente para ela. Kelly estava fazendo flexões de braço. Stubbs devia estar no CCAC com Al e a equipe, ajudando-os a reconstruir a Rosquinha com o que foi lentamente enxugado e remontado. A última estimativa de conclusão era de doze dias, mas Al recentemente a revisara para algo menos preciso.

— *É*, mais ou menos doze...

Talvez Finn fizesse um passeio para ver como as coisas estavam indo. Ele pegaria o trem. Uma minirrede de quatro trilhos corria por todo o CCAC, e todos os membros da tripulação tinham uma locomotiva própria sobre a qual andar (a escala era de 1:220). Delta e Kelly só tinham locomotivas para ir de A a B, mas Finn acrescentara um vagão para carregar coisas e alguns vagões incomuns para mostrar. Stubbs foi até a cidade e comprou um Flying Scotsman Express com quatorze vagões de luxo, um carro-restaurante, uma maria-fumaça falsa, mas realista, e sua própria estação das terras altas com “neve”, onde ele geralmente passava o

tempo conversando com passageiros de plástico esperando na plataforma. *Sobre o que eles conversavam?*, perguntava-se Finn.

Ele bocejou e deve ter até cochilado, mas os próximos versos o tiraram da distração.

— “O Menino Maldoso que mata a Mosca
Vai sentir a Maldade da Aranha”.

Um arrepio percorreu sua coluna numa lembrança infeliz — mas depois o sino tocou.

— Ainda bem que acabou — disse Finn, acordando um pouco.

Hudson, que foi acusado várias vezes de conversar consigo mesmo “como um louco”, esperou até que estivesse em segurança fora da sala de aula antes de responder.

— Eu a odeio. Ela é tão ruim. Vou comer alguma coisa. Câmbio desligo.

Hudson costumava estar ocupado durante o almoço agora que se tornara “normal” de novo. Ele visitava Finn algumas noites e nos fins de semana para conversar também, mas os amigos mais próximos de Finn, agora — gostando ele ou não —, eram Stubbs, Kelly e Delta.

Todos eles ficavam num cubo de vidro de dois macrometros quadrados no Laboratório Um. Era na verdade uma unidade de isolamento da Defesa de Armas Biológicas, mas servia também como ambiente controlado para quatro mosqueteiros em miniatura. A princípio lhes deram uma casa de bonecas para viver. Parecia absolutamente perfeita, mas estava cheia de arestas, plástico duro e eletricidade estática — além de ser muito, muito fria para Delta.

Tentaram outras habitações, principalmente variações de uma caixa de papelão, mas foi a vovó quem pensou na solução numa tarde de domingo em sua estufa de jardinagem. Sementeiras: uma rede de quarenta células de cinco centímetros quadrados dispostas em fileiras de oito por cinco com uma cobertura plástica

transparente. Duas foram fixadas para formar uma espécie de torre. Cada membro da tripulação tinha um apartamento de cinco células para si mesmo, com células comuns maiores nos níveis mais baixos. A fibra de que eram feitas as células permitia que eles subissem facilmente, era macia ao toque e fácil de remodelar — com fios e encanamento etc., especialmente fáceis de instalar.

Num cartaz pintado a mão lia-se “Filhos da Scarlatti”, porque foi assim que eles se chamaram nos dias depois do resgate, quando descobriram que ficariam presos uns aos outros por algum tempo ainda.

No jantar, certa noite (eles viviam principalmente de água açucarada e uma polpa de soja refinada de que conseguiam absorver cerca de trinta por cento), eles perceberam que eram todos, de um jeito ou de outro, órfãos, então Kelly propôs:

— O monstro nos uniu, a luta nos fez. Vamos nos chamar de “Filhos da Scarlatti”.

Naturalmente isso deu início a uma discussão, mas Delta mais tarde aceitou, acrescentando um segundo cartaz, que dizia: “Incluindo a Única *Filha* da Scarlatti”. Aquilo tudo até que fazia sentido — mas Al e a equipe os chamavam de “Branca de Neve e os Três Anões”.

Talvez ele fizesse um passeio para ficar com Al. Talvez assistisse a um filme. Mas uma das coisas preferidas de Finn durante o almoço — se ela estivesse acordada ainda e não muito frustrada com uma prova ou coisa parecida — era jogar Rummikub com Carla, o jogo raivoso e viciante que ela e Delta apresentaram a ele da primeira vez em que se encontraram.

Como Delta regularmente enviava mensagens de texto, ligava ou falava via Skype com sua irmã, uma sala-alojamento foi construída por fazedores de maquete para enganar Carla, que acreditava ver sua irmã em tamanho natural na tela. Assim, Delta entrava normalmente em contato com Carla, dizendo estar numa longa e

entediante missão na Europa. Finn foi apresentado “de passagem” como “um menino inglês qualquer da base”.

— Um inglês qualquer? — Finn reclamou. — *Não “coguerreiro” ou “Agente Especial Ultrassegredo”, nem mesmo “meu amigo”?*

— Vamos simplificar as coisas — disse Delta. — Se ela começasse a nos interrogar, estaríamos fritos.

Carla, feliz por sua irmã mais velha ter feito um amigo, perguntou:

— E ele joga, o seu jovem amigo?

— Joga o quê? — perguntou Finn.

Aquilo se tornou um vício, e suas sessões de jogo podiam durar, às vezes, horas.

Ele gostava de Carla. Eles se davam bem. Ela era irritadiça como sua irmã mais velha, ria bem mais e se interessava por arte e pela vida, enquanto Finn se interessava por ciência e tecnologia. Ele não entendia o que ela falava na maior parte do tempo, mas gostava de tentar compreender — e ele esperava lhe ensinar uma ou outra coisa sobre o mundo da física.

Ele entrou na “sala-alojamento” montada e andou pelo *touch pad* embutido para ver se ela estava online. A tela do tamanho de uma parede se acendeu diante dele (cinco centímetros quadrados) e Carla estava, sim, online, correndo pelo quarto e se aprontando para a escola.

— Ei — disse Finn.

— Ei, você tem um tempo livre? — perguntou ela.

— Quer jogar?

— *Não tenho tempo.* Perdi o ônibus ontem e tenho uma prova. Você sabe muita coisa sobre o Brasil?

— Ótimos jogadores de futebol.

— Ah, maravilha, isso vai me ajudar.

— Tivemos aula de *poesia...*

— Qual?

— *Não sei. Mas era mais ou menos sobre mim, sobre "o infinito alguma coisa alguma coisa".*

— Ver o mundo num grão de areia/ E um paraíso numa flor silvestre/ Segurar o infinito na palma da sua mão/ E a eternidade numa hora...”?

— Isso mesmo. Como você sabia?

— Meu Deus! Como você pode não conhecer? William Blake! Como você pode se dizer um inglês e não conhecer William Blake? Na verdade, como você ousa?! Ele foi um gênio. Vocês nem merecem falar inglês... — Ela parou de falar, procurando uma calculadora, quando Al entrou no Laboratório Um e o chamou.

— Tenho que ir. Meu tio está aqui — disse Finn.

— Quando vou conhecê-lo? Sabia que Delta fala *muito* sobre ele?
— Ela revirou os olhos de um jeito irritado.

— Eca — concordou Finn.

— Tenho que ir! — disse Carla, saindo com sua mochila.

Finn saiu do bloco para ver Al se aproximando da unidade de isolamento, carregando um equipamento complicado de metal com microeletrônicos.

— Ei. O que é isso? — perguntou Finn.

— Chamo de “a sorveteira”, mas isso não é importante agora. O importante é que a vovó está vindo esta tarde. Esqueci de lhe dizer — temos de ir à ópera.

— *O quê?*

— É uma produção local no salão da vila, você vai *amar*.

— De jeito nenhum!

— Com certeza. Se eu tenho de ir, você tem de ir — disse Al, saindo com a tal sorveteira.

Kelly riu da prancha de exercícios na sua sala de ginástica ao ar livre.

Bem o que eu precisava, pensou Finn, algumas horas no ombro da vovó ouvindo ópera entremeada por uma conversa ensurdecadora com outras senhoras falando de peculiaridades médicas de pessoas que elas conheceram, conhecem ou que eram parentes distantes de pessoas que elas não conheciam muito bem, ou do príncipe Philip.

E ele que achava que poesia era ruim. Finn tinha de admitir que às vezes... ele se arrependia de ter salvado o mundo.

Ainda assim, ele não podia viver no passado. *Simplesmente siga em frente*. Semana que vem era o fim do ano letivo. Carla sairia em turnê com sua orquestra, mas, quando voltasse, Delta e Finn se juntariam a ela na cabana na floresta (depois de um jantar na Casa Branca com todos, incluindo a vovó, ao qual eles levariam Carla, como uma surpresa para ela), depois haveria todo o período de férias com o que se preocupar.

Ele viu Delta voar acima. Ele viu o corpo gigantesco de Al saindo do laboratório. Talvez ele apenas se deitasse e pensasse na maravilha de tudo até que a vovó chegasse.

Apenas mais doze dias. Depois a vida inteira diante de si.

Ele mal podia esperar para ser grande.

Após passar algum tempo numa prisão francesa e depois numa instituição psiquiátrica e depois em terapia intensiva, Spiro apareceu no deserto ao norte do Níger, no ponto 10°40'24" leste e 23°49'82" norte.

Ele não conseguia ver nada além de areia.

Em algum lugar sob seus pés e em quatro outros pontos ao redor do mundo, as melhores mentes que o dinheiro podia comprar

*trabalhavam sobre o trecho de poesia escrito por Andrew Marvell há
cerca de quatrocentos anos.*

E um pulmão inspirava...

E expirava...



**INFINITAMENTE
MAIS...**

NOTAS

- [1] Os outros ficam em Shenyang, China, e Brookhaven, Estados Unidos.
- [2] Depois dos incidentes do desastre nuclear no Japão, das ameaças de armas químicas no Iraque e do terrorismo a bordo da Estação Espacial Internacional.
- [3] Do grego: novato ou aprendiz. (N.E.)
- [4] Um ventilador de pressão negativa que permite expandir e contrair a caixa torácica em casos de paralisia dos músculos da respiração. (N.E.)
- [5] Blasfêmia em francês que pode ser traduzida literalmente como “azul sagrado”, nunca usada realmente por franceses. (N.T.)
- [6] Programa criado para resolver problemas ou atualizar outro programa e seus dados de apoio. (N.E.)
- [7] Também conhecido como M249 — a metralhadora preferida no mundo, com disparos e confiabilidade de primeira. (N.E.)
- [8] Novo armamento norte-americano, mistura de submetralhadora e metralhadora leve. (N.E.)
- [9] Apesar de nano-humanos teoricamente serem capazes de consumir comida e água normais, seus sistemas digestivos seriam capazes de processar e absorver menos de dez por cento dos alimentos e água. (N.E.)
- [10] Estudos modernos indicam que o olfato funciona por meio da detecção de “vibrações quânticas” em vez da interação molecular direta, então nanocheiros podem ser sentidos no nível macro e vice-versa.
- [11] Um procedimento de manutenção descarbonizador para ser usado APENAS quando o motor está desligado, senão ele queima combustível nas turbinas de trás, provocando um turbo-efeito instável.

[12] Um minúsculo radiotransmissor — em escala macro — foi preso ao helicóptero miniaturizado a fim de que ele se comunicasse por meio de ondas de rádio normais com uma aeronave de busca voando sobre eles. Seu raio de transmissão era bastante limitado.

[13] Magnum .357

[14] Programa Neurorretinal — um processo de controle de personalidade e aprendizado acelerado no qual uma agulha, inserida diretamente no olho, se conecta ao nervo óptico e fornece informações (conhecimento especializado, associação emocional, ideologia etc.) diretamente para o córtex cerebral e, portanto, para o inconsciente.

[15] Na gíria dos jogos, um jogador novo, ingênuo e fácil de matar.

[16] A aranha-caranguejeira não faz teia, mas produz seda para imobilizar a presa ou para funcionar como corda de segurança. Ela é uma caçadora, e conta com a imprevisibilidade, a camuflagem e, acima de tudo, com a sua capacidade de emboscar. As duas pernas dianteiras são superdesenvolvidas e ficam no alto, do lado da cabeça, preparadas para atacar a presa. Dentes venenosos então mordem, antes que cânulas suguem o sangue da presa. Há tantas subespécies e variações de aranhas-caranguejeiras quanto há cores na natureza. A *Philodromidae* é uma variação que muda de cor para se confundir com o ambiente: neste caso, a casca do carvalho.

[17] Beretta nove milímetros.

[18] Uma estrutura semelhante a um cone, raramente com mais de vinte e cinco milímetros de diâmetro, que funciona como incubadora e berçário para mais ou menos duzentas aranhas recém-nascidas.

[19] Unidade de Força Auxiliar.

[20] *Lepisma saccharina*, um inseto pequeno e sem asas da ordem *Thysanura*.

[21] Ciclotetrametilentanitramina plástica.

[22] Tradução de: ФСБ, Федеральная служба безопасности Российской Федерации.

[23] Um exame pós-morte revelou um minúsculo frasco de ar comprimido plantado no cérebro que fora acionado por meio de sensores em seu couro cabeludo. Tudo o que ele precisava fazer para se matar era coçar a cabeça.

[24] Forças especiais russas.

[25] Boeing CH-47 Chinook, duas turbinas, rotor duplo, helicóptero de cargas pesadas.